

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Programa de Pós-Graduação em Educação



*Ideais Formativos de Homem da Emíssora de
Educação Rural de Caicó (Rio Grande do Norte,
1963-1978)*

Mário Lourenço de Medeiros

Natal – RN

2008

Mário Lourenço de Medeiros

*Ideais Formativos de Homem da Emíssora de
Educação Rural de Caicó (Rio Grande do Norte,
1963-1978)*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal do Rio
Grande do Norte, como requisito para obtenção
do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marta Maria de Araújo

Natal – RN

2008

Divisão de Serviços Técnicos

Catálogo da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Medeiros, Mario Lourenço de.

Ideais formativos de homem da emissora de educação rural de Caicó (Rio Grande do Norte, 1963-1970)
Mario Lourenço de Medeiros. – Natal [RN], 2008.
315 f.

Orientador: Marta Maria de Araújo.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Programa de Pós-graduação em Educação.

1. Educação - Tese. 2. História da emissora – Caicó-RN – Tese. 3. Emissora educativa - Tese. 4. Emissora
católica - Tese. I. Araújo, Marta Maria de. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/UF/BCZM

CDU 37(043.2)

Mário Lourenço de Medeiros

*Ideais Formativos de Homem da Emissora de Educação
Rural de Caicó (Rio Grande do Norte, 1963-1978)*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal do Rio
Grande do Norte, como requisito para obtenção
do título de Doutor em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Marta Maria de Araújo (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof.^a Dr.^a Vanilda Paiva (Titular)
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Marcos Cezar de Freitas (Titular)
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Vicente Vitoriano Marques Carvalho (Titular)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof.^a Dr.^a Marlúcia Menezes de Paiva (Titular)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Alceu Ravanello Ferraro (Suplente)
Centro Universitário La Salle

Prof. Dr. José Willington Germano (Suplente)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natal – RN

2008

A *Vivi*, esposa e companheira,
às filhas *Raquel* e *Ana Luísa*
e ao filho *Gabriel Marcel*,
dedico.

Agradecimentos

À Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em especial, ao Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), Campus de Currais Novos, por apostar, incentivar e apoiar a qualificação de seus docentes.

Ao CNPq que forneceu aporte financeiro para o desenvolvimento desse trabalho de doutorado.

À Prof.^a Dr.^a Marta Maria de Araújo, por sua orientação criteriosa e competente.

Aos colegas da Base de Pesquisa Estudos Histórico-Educacionais que, além do companheirismo, deram nas discussões coletivas relevantes sugestões para o aperfeiçoamento da escrita.

Ao Movimento de Educação de Base (MEB) que, através de Gláucia Melasso, abriu para nós os seus arquivos em Brasília e nos deu total apoio, inclusive logístico.

Ao Laboratório de Documentação (LABORDOC) do CERES Caicó, guardião de boa parte da documentação referente ao MEB Sistema de Caicó, também por nos disponibilizar seus arquivos.

À Rádio Rural de Caicó na pessoa de seu diretor, Mons. Ausônio Tércio de Araújo e de seus funcionários, pelo acesso à documentação e informações imprescindíveis.

A todos aqueles homens e mulheres que, tendo participado de algum modo da história da Rádio Rural de Caicó e do MEB dessa cidade, contribuíram com suas indispensáveis interlocuções, com depoimentos, avaliações e disponibilização de materiais fotográficos, pois, sem eles, o presente trabalho apresentaria lacuna insanável.

À minha esposa, Maria das Vitórias Nunes Silva Lourenço, que conosco compartilhou as agruras e ausências várias atinentes a um trabalho dessa natureza.

Enfim, agradeço a Deus que, além de me ter dado as energias necessárias para levar a bom termo essa pesquisa acadêmica, ainda me concedeu a dádiva de gerar Gabriel Marcel, uma das minhas grandes alegrias nesse percurso laborativo.

Resumo

Sob a égide do terceiro bispo diocesano de Caicó, Dom Manuel Tavares de Araújo, foi fundada a Emissora de Educação Rural dessa cidade, em 1º de maio do ano de 1963 com o ideal de ser uma cidadela educativa, preferencialmente para jovens e adultos, homens e mulheres rurais da então região do Seridó norte-rio-grandense. No ano do seu 40º aniversário (2003), iniciamos a investigação dessa rádio elegendo como objeto de estudo a sua programação educativa e formativa, na abrangência dos quinze primeiros anos de sua existência (1963-1978), período que compreende a inauguração oficial da Rádio e o término do episcopado de seu fundador como bispo de Caicó. Elucidar e explicitar os ideais formativos de Homem almejados por essa Emissora educativa católica, subjacentes à sua programação radiofônica, bem assim, a idealização por ela atingida, constituiu-se o objetivo desse trabalho de doutorado. Considerou-se pertinente averiguar as diretrizes que historicamente perpassaram a Doutrina Social da Igreja Católica direcionando seu *aggiornamento*, notadamente no que concerne ao emprego dos meios modernos de comunicação a distância com fins de evangelizar e educar. Para entender os ideais da Rádio educativa investigada, delimitamos a pesquisa na temática Igreja Católica, meios de comunicação social e educação de base. Em face do objeto de estudo e objetivo a alcançar recorreu-se, metodologicamente, à noção de ação cultural presente em Certeau (1995), e ao entendimento de formação educativa respaldado precipuamente nos pensadores modernos que a discutem. Tais referenciais nos permitiram analisar em um espectro mais amplo a programação levada ao ar pelas ondas sonoras dessa Rádio educativa católica, bem como os próprios atos de idealizações culturais que a nortearam em seus fundamentos. A tese aqui defendida é a de que essa Rádio, ao proclamar-se como uma Emissora de Educação Rural destinada prioritariamente aos camponeses sertanejos, sem negligenciar seus fins confessados, os transbordou em sua globalidade. Identificou-se uma articulada aproximação de seus módulos programáticos com as diretrizes emanadas do Magistério Católico sobre o uso dos meios de comunicação social. Ao conceber, estabelecer e executar uma grade programática eclética e diversificada, a Rádio Rural de Caicó transcendeu a uma estrita formação humano-cristã a requerer o desenvolvimento das dimensões humanas, espiritual e corporal, conjuntamente. Com tal programação, dirigia-se ela aos seridoenses como homens e mulheres reais inseridos na ambiência sertaneja com efetivos problemas estruturais e existenciais de toda espécie, incluindo a fome, a sede, a organização sindical, o cooperativismo, o trabalho moderno coletivo e a ausência de

educação escolar universalizante. Suas transmissões radiofônicas, pautadas nas exigências de uma comunicação ampliada, aberta, dialógica e responsável, ao abranger módulos dedicados: a emissões religiosas e catequéticas, ao entretenimento, ao radiojornalismo, à cultura sertaneja de raiz, e à educação escolar de base pela modalidade da Escola e das aulas radiofônicas, subsumiam-se a ideais que almejavam a formação de um Homem sertanejo multifacetado e pluridimensional; de homens e mulheres que, sem abjurar o catolicismo, entendessem, dialogassem e convivessem com as exigências gerais de uma sociedade em progressiva mutação, cujas demandas econômicas, sociais, culturais e educacionais se faziam sentir no sertão potiguar do Seridó, igual maneira do mundo internacionalizado.

Abstract

Under the aegis of the third diocese bishop of Caicó, Dom Manuel Tavares de Araújo, the Broadcasting Station of Rural Education of that city was founded, in May 1st, 1963 with the ideal of being then an educational city, preferentially for youths and adults, rural men and women of the area of Seridó in Rio Grande do Norte state. In the year of its 40th birthday (2003), we began the investigation of that radio station choosing as study object its educational and formative programming, in the inclusion of the first fifteen years of its existence (1963-1978), period that reaches the official inauguration of the Radio Station and the end of the bishopric of its founder as Bishop of Caicó. Elucidating and showing Man's formative ideals longed by that Catholic educational broadcasting station, underlying to its radiophonic programming, such as the idealization for it reached, is the objective of this Doctorate work. It was considered pertinent to discover the guidelines that historically have permeated the Social Doctrine of the Catholic Church addressing its *aggiornamento*, especially in what concerns to the employment of the modern ways of communication for the distance with the aim of evangelizing and educating. In order to understand the ideals of the investigated educational Radio, we have delimited the research to the thematic Catholic Church, means of social communication and base education. In face of the study object and the aim to be reached it was appealed, methodologically, to the notion of cultural action present in Certeau (1995), and to the understanding of educational formation backgrounded from the modern thinkers that discuss it. Such frame references have allowed us to analyze in a wider spectrum the programming broadcasted on the air by the sound waves of that educational Catholic Radio, as well as, the very acts of cultural idealizations that has orientated it in its foundations. The thesis here defended is that the Radio, at proclaiming itself as a broadcasting station of rural education directed preferably to the rural *sertanejo* countrymen, without neglecting its admitted ends, has surpassed them in its overall range. It was identified an articulate approach of its programmatic modules with the guidelines emanated from the Catholic Teaching about the use of the means of social communication. At conceiving, establishing and executing an eclectic programmatic and diversified grating, the Rural Radio of Caicó has transcended to a strict human-Christian formation to request the development of the human, spiritual and corporal dimensions, jointly. With such programming, it addressed to the *seridoenses* as real men and women inserted in the “sertanejo” environment with effective structural and

existential problems of all types, including the hunger, the thirst, the syndical organization, the cooperativism, the collective modern work and the absence of universalizing school education. Its radiophonic transmissions, ruled by the demands of an enlarged, open, dialogic and responsible communication, when embracing dedicated modules to religious and catechetical emissions, to the entertainment, to the radiojournalism, to the country root culture, and to the school education of base for the modality of the School and of the radiophonic classes, subsumed to ideals that longed for the formation of a multifaceted and pluridimensional sertanejo Man; of men and women that, without abjuring the Catholicism, were able to understand, to dialogued and to live together with the general demands of a society in progressive mutation, whose economical, social, cultural and educational demands it made themselves to be felt through the *sertão potiguar* of the Serido region, equal way of the internationalized world.

Lista de ilustrações

Figura 01. Dom Manuel Tavares de Araújo, bispo fundador da Rádio Rural.....	94
Figura 02. Monsenhor Ausônio Tércio de Araújo, 2º diretor da Rádio Rural.....	119
Figura 03. Dom Manuel Tavares de Araújo acolitado pelo padre Deoclides de Brito Diniz abençoa as instalações da Rádio Rural.....	122
Figura 04. Prefeito de Caicó José Josias Fernandes, autoridades e populares presentes ao ato inaugural da Rádio Rural de Caicó.....	123
Figura 05. Equipe pioneira de instalação da Rádio Rural ao lado do padre Itan Pereira, seu primeiro diretor.....	146
Figura 06. Alcimar de Almeida e colegas nos estúdios da Rádio Rural de Caicó.....	157
Figura 07. Locutor Manoel Félix apresentando programa nos estúdios da Rádio.....	158
Figura 08. Apresentação do <i>Forró pela Rural</i>	164
Figura 09. Ozede Nóbrega e Salatiel da Costa, idealizadores da <i>Quadrilha da Rural</i>	165
Figura 10. Realização da <i>Quadrilha da Rural</i>	166
Figura 11. Marcelo Coelho, locutor da Rádio Rural.....	169
Figura 12. Dupla de violeiros: Chico Mota e Cícero Nascimento, nos estúdios da Rádio Rural de Caicó.....	193
Figura 13. Alguns partícipes da história da Rádio em evento comemorativo.....	197
Figura 14. Padre João Medeiros filho com funcionários do MEB de Caicó e comunitários desse Sistema radioeducativo.....	215
Figura 15. Alunos das Escolas Radiofônicas exibem faixa em festa na paróquia de Cruzeta.....	217
Figura 16. Treinamento de monitores do MEB Caicó na fazenda Soledade.....	220
Figura 17. Adeilce Gomes e Liquinha da Equipe do MEB Caicó.....	221
Figura 18. Treinamento em Natal com presença da Equipe Nacional do MEB.....	223
Figura 19. Presença do rádio em bodega do meio rural no Seridó.....	229
Figura 20. Capa da cartilha <i>Viver é Lutar</i>	251
Figura 21. Capa da cartilha <i>Mutirão I</i>	254
Figura 22. Capa da cartilha <i>Vivendo e Aprendendo</i>	261

Figura 23. Capa do folheto resumo do curso de Higiene e Saúde.....	266
Figura 24. Curso de Alimentação ministrado por ANCAR e MEB Caicó.....	269
Figura 25. Capa do folheto resumo do curso de Cooperativismo.....	277
Figura 26. Programa <i>Encontro com as Comunidades</i> do MEB Caicó nos estúdios da Rádio Rural.....	279

Sumário

Capítulo um

Uma investigação dirigida pela idéia de formação educativa de homem.....	13
---	-----------

Capítulo dois

Sustentáculos doutrinários, sociais e humanos da Emissora Rural de Caicó.....	52
2.1 Província Eclesiástica do Rio Grande do Norte com suas emissoras educativas.....	62
2.2 A Igreja Católica, o <i>Inter Mirifica</i> e suas encíclicas sociais.....	70
2.3 O magistério pastoral da Igreja Católica no Rio Grande do Norte através da tecnologia midiática.....	79
2.4 Dom Manuel Tavares, o idealizador da Emissora Rural de Caicó.....	90

Capítulo três

A auto-destinação da Rádio Rural: por uma paidéia formativa moderna.....	106
---	------------

Capítulo quatro

É a Emissora Rural de Caicó uma mídia de formação renovadora espiritual e educativa?.....	135
4.1 Módulo I — programação religiosa e catequética.....	149
4.2 Módulo II — entretenimento.....	156
4.3 Módulo III — programação radiojornalística.....	174
4.4 Módulo IV — cultura sertaneja de raiz.....	188

Capítulo cinco

A cidadela educativa da Rádio-Escola Rural de Caicó (1963-1978).....	201
5.1 Materialização do Movimento de Educação de Base pela mediação da Escola Radiofônica da Emissora Rural de Caicó.....	214

5.2 A Escola Radiofônica e o exercício da escolarização ampliada.....	225
5.3 Professores radiofônicos dos estúdios da Emissora de Educação Rural de Caicó.....	233
5.4 Aulas radiofônicas, seus monitores e alunos-ouvintes.....	243
5.5 Educação de base intermediada pelas lições das cartilhas <i>Viver é Lutar</i> e <i>Mutirão</i>	250
5.6 Decodificando saberes culturais em aprendizagens escolares.....	262
5.7 MEB, Igreja Católica e Emissora Rural.....	264
5.8 O tempo escolar e o tempo cultural da educação de base do MEB.....	268
5.9 Tempo findo da Escola Radiofônica da Emissora de Educação Rural de Caicó.....	272
5.10 Cursos radiofônicos e lições de deveres estudantis e de vida saudável.....	276
Considerações finais.....	287
Referências.....	293
Anexos.....	312

Capítulo um

Uma investigação dirigida pela idéia de formação educativa de homem

Para mim, foi a maior coisa da minha vida que eu já fiz, foi a fundação da Rádio Rural. [...] Foi um ponto muito interessante de formação. Não era somente religião, era também a educação do povo. Eu deixo a mensagem que ela continue, de tal modo que eu desejo que seja a fonte de educação religiosa e civil do povo do Seridó, porque o povo precisa de uma educação a toda prova. (ARAÚJO, DOM MANUEL..., 2003).

Conforme infere-se da epígrafe, a iniciativa de instalar uma Emissora Rural em Caicó (RN), por parte do terceiro bispo diocesano dessa cidade, Dom Manuel Tavares de Araújo, revela uma aspiração de formação educativa. É patente a relevância que se confere, especialmente na tradição ocidental, à idéia de "formação humana" desde tempos remotos como na antiga Grécia.

Historicamente, os filósofos foram os primeiros pensadores a especular acerca dos laços entre formação humana e ação educativa. Portanto, não podemos deixar de lembrar que a Filosofia, na história do conhecimento, aparece como a "mãe das ciências", posto que sua perspectiva generalista avocava para si a tarefa de investigar e de especular acerca dos mais diferentes problemas que permeavam e permeiam a inquieta especulação filosófica humana.

Atentando para isso, no meu percurso acadêmico universitário, a Filosofia colocase para mim como experiência fundante, posto ter sido minha primeira graduação, a qual concluí na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Posteriormente, vieram os cursos de Teologia, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) e de Direito na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Fazendo o Mestrado em Ciências Sociais, nesta mesma Universidade, tive a oportunidade de aprofundar muitas das discussões de cunho filosófico tantas vezes travadas durante o curso de Filosofia na UFRJ, atitude que me fez ver, a um só tempo, a riqueza do diálogo entre os saberes e a dificuldade de se pôr limites precisos, entre as diversas ciências e os múltiplos saberes científicos, incluindo-se a História e a História da Educação.

De que modo, então, interagiram a História e a História da Educação na minha atuação de professor universitário, no Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES/UFRN), Campus de Currais Novos (RN)? O ponto de partida foi o ano de 2002, quando juntamente com outros colegas professores desse Campus Universitário nos envolvemos na organização de uma Base de Pesquisa denominada “Cultura e Educação no Seridó Norte-rio-grandense,” cuja coordenação coube à Prof.^a Dr.^a Eva Cristini Arruda Câmara. As investigações e estudos desenvolvidos no âmbito dessa Base de Pesquisa contribuíram para que eu começasse a pensar em fazer meu Doutorado em Educação, especialmente na linha de Cultura e História da Educação.

Através da colega Eva Cristini tornei-me ciente das investigações procedidas pelos pesquisadores vinculados à Base de Pesquisa “Estudos Histórico-Educacionais,” coordenada pela Dr.^a Marta Maria de Araújo, professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN.

No ano seguinte de 2003, comecei a participar das reuniões de estudos e seminários com os integrantes da referida Base de Pesquisa. Um acontecimento naquele ano estava em evidência na microrregião do Seridó do Estado do Rio Grande do Norte: a Emissora de Educação Rural de Caicó, de propriedade da Igreja Católica, estava completando 40 anos de fundação. O povo caicoense comemorou aquele aniversário intensamente, fato esse que despertou a nossa atenção para a sua história e alcances educativos. Em meio às festividades comemorativas decidimos investigar no nosso trabalho de Doutorado a Emissora de Educação Rural de Caicó, haja vista que esta se apresenta e se identifica como sendo uma “emissora de educação”.

A par dessa decisão de estudar a Emissora de Educação Rural de Caicó, como trabalho de Doutorado, traçamos um “plano evolutivo” de investigação para a compreensão dos ideais formativos de Homem dessa “Emissora de Educação.” Para Schmitt (1995, p. 262), na história da Igreja e dos clérigos, dentre outras histórias, o entendimento “[...] brota da diferença: é preciso, para tanto, que se cruzem múltiplos pontos de vista que revelam do objeto — considerado, dessa vez, a partir de suas margens ou do exterior — múltiplas faces diferentes, reciprocamente ocultas.”

Assim sendo, a compreensão do ideal formativo de Homem que perpassa os programas da Emissora de Educação Rural de Caicó emana, de alguma maneira, dos múltiplos pontos de vista historicamente pensados, a partir dos vínculos mediatos ou imediatos do indivíduo com a *polis* ou a sociedade. Para a consecução dessa compreensão

inerente ao nosso trabalho de Doutorado foi imprescindível buscá-la em primeiro plano no exame de pensadores e pedagogos clássicos como Sócrates, Platão (1999), Santo Agostinho (1997), Tomás de Aquino (2004), Erasmo (1966), Michel Montaigne (1980), Comenius (2002), Rousseau (2004), Pestalozzi (1997), Dewey (1979) e Jacques Maritain (1968), dentre outros. Por um lado, a minha formação filosófica exigiu-me perscrutar essa literatura clássica; por outro, entendíamos ser possível estabelecer as “pontes” pedagógicas entre ideal formativo de Homem em diferentes períodos da História e os ideais educativos almejados pela Emissora de Educação Rural de Caicó.

Praticamente, desde os seus primórdios, a civilização helênica almejava formar determinados cidadãos à luz de um modelo ideal de homem virtuoso, excelente, que, cultivando a *arete*, fosse capaz de governar a si e à *polis*. Inicialmente, porém, tal formação ficava restrita àqueles de origem afortunada. Mudanças expressivas ocorridas naquela sociedade a partir do século IV a.C, no entanto, já não permitiam invocar como fundamento da *arete*, da virtude ou excelência, a nobreza sanguínea ou a estirpe familiar. De que maneira, então, o homem simples, carente materialmente, desprovido de linhagem nobre poderia se propor ao cultivo daquela *arete*? A educação é desde então compreendida, no berço da civilização ocidental, como a nova força espiritual apta a formar o homem integrando-o como cidadão à *polis*.

Os Sofistas, educadores profissionais, compreendendo a *paidéia* como instrumento pedagógico eminentemente pragmático, se apresentam nesse estágio da civilização grega como capazes de, pela instrução, formar o homem para um ideal por ele almejado e que, a um só tempo, fosse útil à coletividade. O domínio de certas habilidades específicas desejadas por cada homem em particular poderia, de acordo com aqueles filósofos, ser adquirido pelo cultivo de uma educação dirigida àqueles fins específicos e apta a capacitá-lo para ocupar o seu lugar na *polis*. Conforme alerta Jaeger (2001, p. 335), foi com os Sofistas que, na Grécia Antiga, a idéia de *paidéia* no sentido estrito do ato de educar englobou “[...] o conjunto de todas as exigências ideais, físicas e espirituais que formam a *kalokagathia*, no sentido de uma formação espiritual consciente.”

Vê-se, então, que na Grécia Antiga, especialmente atentando para as proposições filosóficas dos Sofistas, o ideal de uma formação educativa basicamente tornou-se a “coluna vertebral” do pensamento pedagógico de Sócrates (470-399 a.C.) e de Platão (427-347 a.C.), pelo menos. A formação do cidadão grego, a *paidéia*, consistiu num dado ideal de unidade ou entrelaçamento entre cultura, arte e educação, moldada pela atmosfera da

vida comunitária e do estágio de desenvolvimento histórico. Nos termos de Jaeger (2001, p. 24), a formação humana para esses filósofos envolvia as dimensões tidas por integrais “[...] na sua conduta e comportamento exterior e na sua atitude interior.” Para esses pedagogos gregos, a educação aparece como desígnio essencial a moldar cada um para o seu aperfeiçoamento geral, abrangendo todas as faculdades (intelectuais, físicas e espirituais), atributos de virtudes (coragem, piedade, justiça, sabedoria e temperança) e competências (aprendizagens morais e destreza) sempre em conformidade com o pertencimento à camada ou ao grupo social.

O filósofo Sócrates, cidadão atuante no Estado ateniense, patriótico, piedoso e justo, não quis, porém, deixar à posteridade a sua palavra escrita, o que já mostra a força da oralidade no mundo antigo. Em contrapartida, o “*corpus*” do pensamento filosófico de Sócrates ficou conhecido através dos seus eminentes discípulos a exemplo de Platão, Aristóteles e Xenofonte. Concebe Sócrates a si mesmo como educador que dialoga com os seus discípulos sob a forma de perguntas e respostas. Tal procedimento dialógico, conhecido por *maîeutica*, era a possibilidade de melhor entendimento de uns com os outros e este era o fim último prático que Sócrates almejava.

É importante ressaltar que — como salienta Jaeger (2001) — Sócrates tornou-se um “guia” do Iluminismo, assim como da filosofia moderna especulativa. Para ele, a formação humana era resultado, não da graça divina, mas do incessante aperfeiçoamento dos talentos e do seu bem-estar concreto. Para isto, era preciso “cuidar” da alma em conjunto com o corpo. Segundo Jaeger (2001, p. 535) a “[...] formação da alma neste ethos é precisamente o caminho natural do Homem, o caminho pelo qual este pode chegar a uma venturosa harmonia [...].” Assim, pela formação do espírito (intelectual e moral) pode-se chegar a um novo ideal de vida coletiva e nisto reside a força da *paidéia* ou ideal de formação educativa socrática.

O filósofo Platão, o mais ilustre discípulo de Sócrates, conselheiro político, empreendedor obstinado, funda no século IV a.C. uma Academia com o objetivo de dar seqüência àquele desiderato educativo que seu mestre preconizara: a formação do homem em consonância com os interesses coletivos e os fins da *polis*. Desse modo, a Academia constituiu-se em *locus* privilegiado no qual Platão discute com seus discípulos, dentre outras preocupações, a essência da filosofia e da formação educativa conglobando o fim último do Homem.

Assumindo-se como reformador da educação grega, Platão empenha-se em continuar a missão educativa socrática objetivando “[...] realizar a verdadeira comunidade, como o espaço dentro do qual se deve consumir a suprema virtude do Homem.” (JAEGER, 2001, p. 590). Para tanto, almeja ele que o sentimento moral se constitua a base do agir humano, pois somente a partir do domínio das paixões será possível à razão, instância espiritual, chegar ao Bem. Se Sócrates preocupava-se em apontar, na vivência coletiva, o conhecimento do Bem como proposta de formação afeta à *paidéia*, a filosofia platônica, por sua vez, empenha-se em encontrar o caminho que conduz àquele ideal de educação “integral” do Homem vendo nesse alcance o vínculo comum que assegura a coesão da *polis*.

Reformar aquela concepção de *paidéia* anteriormente preconizada pela sofística e, por conseqüência, reorientar a educação do cidadão grego, constitui-se o cerne do desafio platônico. Tendo presente tal missão, Platão contrapõe à “filosofia do poder”, violenta por essência, a “filosofia da educação” única capaz de constituir uma cultura ética e atingir o fim último do Homem. Insere-se nesse nicho epistemológico e apresenta-se progressiva a formação defendida por Platão, considerando desde cedo as tendências individuais dos educandos.

Centrado nesse entendimento, Platão utilizar-se-á didaticamente do método dialógico para atingir seu fim almejado: o aperfeiçoamento do homem livre, justo e temperante, que pauta sua conduta nas leis institucionalmente estabelecidas tornando-se útil à *polis* e a si próprio. Além de propor tal ideal, sugere o autor de *A República*, que o processo de formação tenha início já na infância cuidando, entretanto, não causar constrangimento às crianças, as quais devem ser moldadas como seres livres e não como escravos. Adverte Platão (1999, p. 251), “[...] Não uses de violência para educar as crianças, mas age de modo que aprendam brincando, pois assim poderás perceber mais facilmente as tendências naturais de cada uma.” Na *paidéia* propugnada por Platão, o respeito às aptidões individuais de cada educando faz-se indispensável ao desenvolvimento de suas qualidades, à formação de um verdadeiro cidadão grego virtuoso, saudável e integrado às aspirações comuns da *polis*.

Assim, caberá à *paidéia* conduzir e manter o homem saudável em sua integralidade de alma e corpo, pelas artes da legislação e da ginástica, respectivamente. Caso uma daquelas dimensões venha a ser acometida por uma enfermidade, deve ser tratada pela administração prática da justiça e pela medicina, nesta ordem. Ainda que

afirme a imortalidade da alma e a reconheça superior ao corpo, a *paidéia* platônica almejando a formação de um homem ideal e forjado por meio da educação, propõe a um só tempo preservar a alma e o corpo íntegros pela música, pela brincadeira e pela ginástica.

A música é para a alma o que a ginástica é para o corpo posto que “[...] a simplicidade na música torna a alma moderada e na ginástica, o corpo saudável.” (PLATÃO, 1999, p. 99). Enxerga Platão ser este o caminho educativo adequado ao cultivo da *arete*, da excelência ou virtude. Segundo ele “A boa educação se revela na capacidade de proporcionar ao corpo e à alma toda a beleza e excelências possíveis” (PLATÃO, 1980, p. 203), daquela dependendo, em última instância, o êxito da cidade. Esse domínio virtuoso ou excelente, todavia, para o fundador da Academia, conforme lembra Jaeger (2001, p. 678), não se atinge por acaso “[...] mas apenas à força de se seguir uma ordem reta e uma ordem ajustada a um objetivo.” Em Platão, tal objetivo é a essência mesma da *paidéia*, a saber, a luta incessante do homem durante toda a vida para libertar-se da ignorância — *apaidousia* — acerca dos bens supremos, do seu próprio fim.

Assim, apenas pela educação, esse ser, no qual se explicitam as dimensões espiritual, intelectual, religiosa, afetiva, lúdica, poderá ser formado como Homem para a vida da *polis*. Caberá à *paidéia* enquanto síntese e expressão de uma cultura educativa desenvolver de modo harmônico e concomitante em cada um, nos termos da metáfora proposta por Jaeger, dimensões tão distintas.

A lira é um instrumento de várias cordas e altamente refinado. É mudo para quem não o sabe tocar e gera uma insuportável monotonia, quando se toca uma só das suas cordas. É em saber tocar várias cordas ao mesmo tempo, produzindo não uma estridente desarmonia, mas uma bela harmonia, que efetivamente consiste a difícil arte da autêntica *paidéia*. (JAEGER, 2001, p. 800-801).

Segundo Platão, formar especialista não seria tarefa da *paidéia*, mas articular os fins de cada homem com o interesse do Estado visando a instilar neste um determinado *ethos*, um espírito coletivo e, nos que o compõem, o desejo de vir a ser um cidadão perfeito, apto a mandar e a obedecer sempre de acordo com o que é justo. O homem excelente, voltado para o Bem, formado na *arete total*, esclarecido sobre seu fim, distinto e livre porque tendo o domínio de si, é capaz de refrear a vida instintiva por meio do *logos* e, pelo cultivo da música e da ginástica, harmonizar razão e hábito, racionalidade e apetites. Eis o modelo de Homem almejado por Platão, de um verdadeiro cidadão da *polis*.

O ideal de formação educativa de homem dos gregos, especialmente de Platão, terá suas repercussões e desdobramentos na *paidéia christiana*, da qual Cristo é o

paradigma antropológico e sua imitação, o novo ideal de vida. Igualdade, solidariedade, fraternidade, despojamento, castidade, ascese pessoal são alguns dos postulados que permeiam uma mudança de mentalidade no mundo ocidental desde o surgimento do cristianismo. Inobstante pautar-se a *paidéia christiana* por seus princípios, ainda assim a *paidéia clássica* grega continuará mantendo a função de suporte cultural a nortear a idéia de formação humana, especialmente pelo *ethos* disciplinar e pelo ascético caros à civilização grega.

No início da Idade Média, um esforço de diálogo entre cristianismo e cultura clássica, foi desenvolvido pelos chamados “Padres da Igreja” ou Patrística, com destaque para Santo Agostinho (354-430), especialmente quando aborda em suas “Confissões” o valor da formação humanístico-cristã do indivíduo. Conforme Santo Agostinho, inicialmente educado sob a égide dos mais altos valores da cultura greco-romana, a doutrina cristã exigia uma alargada compreensão axiológica e antropológica da parte de seus adeptos, sem abdicar daqueles pressupostos culturais e educativos.

Nascido em Tagaste (África), professor de retórica, intelectual inquieto, após tortuoso percurso filosófico do maniqueísmo ao platonismo, passando antes pelo ceticismo, torna-se cristão em 386 e Bispo de Hipona em 395, quatro anos depois de ter sido ordenado sacerdote. À luz dos postulados da fé cristã, tendo presente as idéias de ascese e de devir espiritual caras ao platonismo, Santo Agostinho propõe como direção do processo formativo orientar o homem para Deus reconhecendo nele seu fim último e razão da existência. A educação integral propugnada pelos pedagogos gregos e por ele recebida está assim expressa naquelas Confissões.

Tu sabes, Senhor meu Deus, quantas noções de arte e dialética, de geometria, música e aritmética eu aprendi sem grande dificuldade e sem auxílio humano, já que a agilidade da inteligência e a perspicácia crítica são dons teus [...]. Mas, de que me serviam tão preciosos dons, se deles não fazia bom uso? Eu não percebia que essas doutrinas eram de difícil compreensão até a homens de gênio e estudo: só percebia quando as tentava explicar [...]. Que me adiantava então possuir talento tão ágil para entender as Ciências Humanas, e deslindar, sem ajuda de ensino humano, tantos livros intrincados, se depois errava de modo tão monstruoso e sacrílego na doutrina religiosa? (SANTO AGOSTINHO, 1997, p. 112-113).

Os talentos humanos são assim compreendidos pela *paidéia christiana* de Agostinho como dádivas de Deus, constituindo-se desafio da tarefa educativa, confiada ao cristão de um modo geral e aos bispos e padres em particular, reorientar corretamente aqueles dons para ele, causa primeira e fim último de todas as coisas. A formação moral de

cunho ascético assume fundamental relevo para se chegar à *civitas Dei*. Esta é, para Santo Agostinho, a meta de todo cristão. Uma tensão dicotômica entre corpo e espírito parece atravessar a leitura da antropologia platônica realizada por Santo Agostinho à luz dos princípios cristãos. Assim como em Platão, a dimensão espiritual e racional do ser humano parece assumir primazia em detrimento do corpo. Uma correta hermenêutica da antropologia agostiniana, entretanto, jamais repudiará a dimensão corpórea, pois compreende que sem o corpo o homem nada seria.

Conforme Santo Agostinho este corpo mortal só encontrará sentido quando for, pela ascese individual, pela disciplina e pela vivência do amor *ágape* retamente orientado para a *civitas Dei* dando lugar a um corpo incorruptível. Tal entendimento constitui-se razão suficiente para a *paidéia christiana* reafirmar em sua tríade amorosa (amor a Deus, ao próximo e a si) especial cuidado da Educação com o corpo e com a alma na marcha do homem rumo à beatitude, à realização de seu fim último. Agostinho enfatizará: na formação humana,

É preciso, pois, ensinar ao homem a medida de seu amor, isto é, a maneira como deve amar-se a si próprio, para que este amor lhe seja proveitoso. Duvidar de que ele se ama e deseja o próprio bem é pura demência. É preciso também ensinar ao homem como deve amar seu corpo, para que tome cuidado dele, com ordem e prudência. Porque o fato de o homem usar seu corpo e desejar conservá-lo sadio e intacto é verdade bem manifesta. (SANTO AGOSTINHO, 2002, p. 63).

A compreensão dos fins educativos em consonância com os desígnios da ordem, da prudência, do discernimento, enfim, de um aprendizado do Homem como medida de amor e razão, de interioridade e exterioridade, conjuntamente inscritos por Deus informam a *paideia christiana* proposta por Santo Agostinho. À medida, porém, que a civilização feudal e agrária da alta Idade Média se distancia da cultura clássica, constrói um ideal antropológico marcadamente religioso cuja aspiração maior volta-se à superação das realidades mundanas.

As prédicas sacerdotais assumem basicamente, nesse período histórico, o papel de uma formação moral do Homem. Ascetismo, solidão, silêncio, amor de Deus, desprezo ao mundo, humildade, oração são enfatizados como caminho para a regeneração interior e os mosteiros, como *lócus* propício para a vivência cristã exemplar. Na expressão de Cambi trata-se de um

[...] modelo de formação que desenvolve os aspectos de interioridade e de sublimação, que invoca uma atitude de fuga da realidade para convergir para o crescimento de uma consciência que se mede na abertura para a

transcendência [...] marcada por um conflito constantemente reaberto (entre Deus e o mundo, entre pecado e salvação etc.) na interioridade do sujeito. (CAMBI, 1999, p. 163).

Embora a *paidéia christiana* medieval mantenha ainda como referência o magistério agostiniano, deste inegavelmente se distancia paulatinamente ao assumir uma postura predominantemente fideísta, afastando-se da cultura clássica por enfatizar, dentre outras proposições, a necessidade de uma vivência espiritual orientada para a superação das realidades mundanas.

O debate em torno de uma formação consentânea aos fins últimos do Homem e de acordo com os desígnios do Deus cristão polarizou as discussões filosófica e pedagógica medievais. A Escolástica, símbolo de uma sofisticada cultura religiosa, colocou em campos opostos pensadores cristãos. Privilegiar a fé em detrimento relativo da razão ou explicar a fé a partir de categorias racionais sintetiza a polêmica que ganhou força a partir do ano mil e atingiu seu auge no fim da chamada Baixa Idade Média. Os místicos, inspirados no platonismo agostiniano, defendem a primazia da fé sobre a razão. Já os racionalistas ancorados nas premissas aristotélicas reafirmam a necessidade de ser a fé iluminada e explicada pela razão.

Intentando viabilizar o diálogo aparentemente incompatível entre fé e razão, binômio metafísico que ilumina, no medievo, o debate filosófico da formação educativa de Homem, o monge dominicano Tomás de Aquino (1224-1274) vale-se da *quaestio disputata* (objeções - contra-objeções - resposta) essência do método educativo escolástico e inspira-se nos princípios do racionalismo e do naturalismo aristotélicos. Pretende com eles conciliar pares aparentemente situados em pólos opostos, tais como indivíduo e liberdade, amor a si e amor a Deus, corpo e alma. Para o *Doutor Angélico*, a formação desejada e apta a realizar o homem enquanto tal somente poderá ser aquela cujos postulados da fé se deixem iluminar pela razão, pois apenas pela racionalidade é possível àquele vislumbrar o bem como fim último e determinar-se na sua busca incessante. O caráter volitivo dessa determinação constitui-se dimensão específica das vivências propriamente *humanas* diferenciando-as daquelas desprovidas de racionalidade, tidas por meras atividades do *homem*.

Formar este ser singular na sua unidade inseparável de alma e corpo, de espírito e matéria (*sinolon*) constitui-se o cerne do ideal pedagógico Tomista. De acordo com Tomás de Aquino (2005, p. 54 e 56) “[...] as ações do homem são comuns à alma e ao corpo [...] pertencendo toda ação do homem, de certo modo, ao conjunto, como diz o Filósofo,

nenhum hábito pertence só à alma, senão ao conjunto.” Irracional e inadequada aos fins da natureza humana mostrar-se-ia uma formação reducionista preocupada apenas em adestrar o homem para a vida cristã fazendo-o eximir-se de certas práticas, posto que

Vemos animais ferocíssimos absterem-se dos maiores prazeres, por meio do sofrimento. E como isso se torna para eles um hábito, chamam-se domesticados e mansos. Falta-lhes, porém, a razão do hábito quanto ao uso da vontade, porque não têm o poder de usar ou não usar, o que parece pertencer à razão do hábito. (AQUINO, 2005, p. 54).

O homem, no entanto, não se trata de um animal qualquer. Ultrapassar a pura animalidade, transformar as ações irrefletidas em atos propriamente humanos, pensados e livremente desejados constituem dimensões do ideal educativo discutido por Tomás de Aquino. Trata-se, pois, para este filósofo, de educar segundo a razão do hábito de agir humanamente enquanto esforço do intelecto e dos ensinamentos metódicos de um professor. Nos termos de São Tomás de Aquino, o professor recebe de Deus o privilégio, no processo formativo, de também ser causa de conhecimento no educando, pois

A Primeira Causa (Deus) pela excelência de sua bondade confere às outras realidades não só o ser, mas também que possa ser causa. [...] O conhecimento preexiste no educando como potência não puramente passiva, mas ativa, senão o homem não poderia adquirir conhecimento por si mesmo. [...] O professor ensina o aluno porque este processo da razão [...] é posto de fora pelo professor por meio de sinais, e assim a razão do aluno — por meio do que lhe é proposto como certos instrumentos de ajuda — atinge o conhecimento do que ignorava. E do mesmo modo que se diz que o médico causa a saúde no doente pela atuação da natureza, também se diz que o professor causa o conhecimento no aluno com a atividade da razão natural do aluno. (AQUINO, 2004, p. 30, 31, 32).

A educação escolar, conduzida por um professor, haveria de tomar metodologicamente como ponto de partida o conhecimento mesmo do homem, das potencialidades ativas e a este intrínsecas. Assim sendo, a sua formação educativa seria a maneira mais plena de adquirir o conhecimento de si mesmo, o conhecimento racional em sistematização. Nesse sentido, corpo e alma do aprendiz harmonizam-se pela conjunção do conhecimento como atividade racional, como atividade do espírito.

No ocaso da Idade Média, assiste-se, no ocidente, a mudanças econômicas, sociais e culturais significativas, especialmente pela superação do modelo feudal e suas relações de vassalagem. O incremento do comércio, da vida urbana, os deslocamentos frequentes das pessoas, as relações mercantilistas requerem novos aprendizados e formas de sociabilidade diversas daquelas compatíveis com o mundo agrário. A educação plena do Homem enfatizada por Tomás de Aquino, sem renunciar à fé em Deus, constitui-se

conquista que, neste período histórico, integrará o projeto de um novo ideal, o qual, relativizando o valor da transcendência religiosa acentuará uma ética da imanência. Trata-se de formar o homem para inserir-se nas realidades do mundo, deste se apropriar e aí realizar o potencial criativo da *humanitas*.

Tal concepção emerge, dentre outros pensadores, nas reflexões pedagógicas de Desidério Erasmo (1466-1536), nascido em fins do século XV, na cidade de Roterdã (Holanda). Padre, professor universitário cosmopolita, foi educado em estabelecimentos católicos, dentre os quais a escola monástica dos Irmãos da Vida Comum em Bois-le-Duc. O “Príncipe do Humanismo” formado sob a égide da Renascença e também de um pensar cristão discute, em seu “*De pueris instituendis*” (ensino dos meninos), a educação no sentido mais amplo, como meio de iniciação nas boas letras, nas disciplinas escolares específicas (segundo as propensões individuais), nas boas virtudes e costumes.

Em Erasmo revela-se a necessidade de ser o homem formado em sua unidade. Sob o tripé corpo, mente e espírito à criança, desde a tenra idade, cabia ser educada por um preceptor — dotado de conhecimentos invulgares — pela senda da devolução das competências gerais e específicas, da afetividade, da corporeidade e do lúdico, dos jogos. E ainda mais: aprender “[...] coisas úteis para o dia a dia, uma vez que, desde velha data o gênero humano tem sido maturado [...] em muitas práticas vantajosas.” (ERASMO, 1966, p. 21).

Retomando a leitura dos autores clássicos como fonte de valores universais, Erasmo entende que a formação educativa plena depende essencialmente de aprendizagens orientadas e aperfeiçoadas pela razão como instância que adverte e preceitua os atos humanos. No parecer de Erasmo, o mais eminentemente singular nos humanos era viver plenamente, segundo o uso da razão, coadjuvada pelas experiências inteligentes, costumes corretos, atitudes elevadas, exercícios corporais e pela afetividade.

Em Erasmo de Roterdã, uma educação escolar renovada caberá num primeiro plano ser a condutora da formação gradativa do homem livre e talentoso. A perfeição espiritual, moral e intelectual, contudo, seria a forma plena a ser alcançada, por meio de suas aprendizagens formais e informais.

Na era moderna, percebe-se que, desde o Renascimento, a guinada antropológica enfatizando a autonomia da razão, da liberdade e da justiça social, em conexão com novos modos de produção e de competitividade que começam a ser experimentados, requerem um homem independente, decidido, porém leal. A formação educativa deverá envolver a

integralidade do ser humano, primordialmente relacionado com as diferentes fases de desenvolvimento mental, psicológico, físico, e moral. A tríade mente, afetividade e desenvolvimento motor firma-se como ponto de partida da formação integral do homem moderno.

De tal modo, no século XVI, é cada vez mais intensa a preocupação educativa direcionada a um ideal formativo compreendido à luz de uma educação integral renovada. As ponderações humanistas de Erasmo adentram esse século de renascimento pedagógico, obstinado em romper com o paradigma educativo da tradição escolástica, considerado formalista, abstrato e retórico. Nesse contexto de inquietações renascentistas o polêmico pensador Michel Montaigne (1553-1592) malgrado em sua obra a inexistência de uma elaboração sistemática acerca da educação escolar, em *Ensaaios* (1572-1588), faz emergir o seu ideal educativo de homem.

Nascido nas proximidades de Bordeaux, quando a França vivia acirrado conflito religioso entre católicos e protestantes, formado em Direito, assumiu alguns cargos públicos (prefeito de Bordeaux) e, após perder seu pai, o “Conde de Montaigne” retira-se da vida política e dedica-se a cuidar do “Castelo de Montaigne”, onde produz seus *Ensaaios* e reflete uma educação renovada ao mesmo tempo que constrói uma crítica à educação de seu tempo.

Em Montaigne, formar um homem livre, empreendedor e corajoso, capaz de investigar a verdade com acurada disposição crítica e de conviver honestamente com seus semelhantes tratava-se de um novo desafio educativo. Os antigos procedimentos escolásticos de uma educação mnemônica, acrítica e repetitiva encontravam-se, para Montaigne, superados. Os novos tempos das descobertas, das invenções e das trocas comerciais de ordem monetária exigiam o abandono do ideal de homem sustentado pela fé cristã, pela escolástica e pelos ensinamentos de línguas antigas, de gramática e de retórica tirados de ontem. Contrapondo-se à instrução em que se privilegiava uma aprendizagem memorizadora, Montaigne irá propor, como utilmente necessário, um ensino reflexivo que forjasse no educando uma inteligência que o levasse a pensar com sua própria cabeça, e assim se conduzisse com autonomia e independência em todas as situações da vida em sociedade.

Enfim, que todo o processo de ensino, (com um preceptor de cabeça bem formada) e aprender (desde bem cedo) confluísse para aguçar no futuro homem o espírito criativo para observação da realidade imediata, para o desenvolvimento da razão, da

imaginação, do caráter e da conduta. Numa síntese harmônica entre cultura das forças produtivas e cultura escolar renovada, Montaigne irá postular preceitos educacionais em favor de um ideal de homem ativo, virtuoso, empreendedor e pacífico. Nessa direção alude aos contornos de suas atividades.

Os exercícios e até os jogos, as corridas, a luta, a música, a dança, a caça, a equitação, a esgrima constituirão boa parte do estudo. Quero que a delicadeza, a civilidade, as boas maneiras se modelem ao mesmo tempo que o espírito, pois não é uma alma somente que se educa, nem um corpo, é um homem: cabe não separar as duas parcelas do todo. Como diz Platão, é preciso não educar uma sem a outra e sim conduzi-las de par [...]. (MONTAIGNE, 1980, p. 84).

O ideal educativo de Montaigne atento às dimensões da inteligência, dos sentimentos, do devotamento civil, está em consonância com um ideal de homem dotado de uma consciência individual e de uma imaginação social.

No rumo da *paidéia* grega de uma educação inovadora, João Amós Comênio (1592-1670) pertencente à Igreja da Unidade dos Irmãos Boêmios, na qual a educação escolar, sob as bases da solidez moral e da igualdade social, consistia numa de suas tradições mais conservada e propagada. (GASPARIN, 1994).

O pedagogo Comênio viveu no século XVII em que emergia com toda a força a civilização industrial e o trabalho cooperativo ao lado das descobertas técnicas (a exemplo da imprensa e tipografia), do avanço das ciências e dos movimentos reformista e contra-reformista. Naquele século, o incremento da civilização industrial enquanto conquista do conhecimento científico, a larga utilização do trabalho técnico, ao lado de sua valorização reclama uma nova compreensão educativa escolar com esteio na cientificidade. As bases de uma educação popular formal, porque destinada a todos, serão particularmente discutidas por Comênio em sua clássica *Didática Magna* (1638).

Nessa obra subsume-se toda uma preocupação com a formação integral do indivíduo, a ser alcançada progressivamente, pela educação formal. Baseando-se no princípio que ao homem é inerente o desejo de aprender e de ser formado, integralmente, para uma vida harmônica e social, assume com mais clareza a necessidade de uma formação voltada para suprir as necessidades vitais do cotidiano. Com o moderno sentimento de infância escolar, a escola é cada vez reafirmada como o lugar institucional daquela formação devida.

[...] Ao formarem um homem, **formem-no de maneira completa**, para torná-lo apto aos compromissos desta vida e à eternidade para a qual tendem todas as coisas deste mundo. Por isso, nas escolas deverão ser

ensinadas não só as letras, mas também a moral e a piedade. (COMENIUS, 2002, p. 186, grifo nosso).

Assim, o processo formativo educacional integral que tem doravante, na instituição escolar o seu *locus* preferencial, abrange o saber cultural, a moral e uma ética religiosa, “[...] refina o intelecto, a língua, e a mão do homem, para que ele possa contemplar, falar e obrar de modo racional em todas as coisas úteis.” (COMENIUS, 2002, p. 186).

É pertinente lembrar que Comênio acentuava a necessidade da ilustração para a leitura e a interpretação dos textos sagrados. Talvez por isso, a comunicação, a compreensão dos valores culturais antigos e modernos, sem negligenciar a capacidade argumentativa, constituíam-se elementos que, de acordo com Comênio, deveriam fundamentar uma metodologia que transformasse o estudo das línguas numa verdadeira experiência comunicativa.

Para esse pensador educacional, a devolução daquelas dimensões humanas é que infirma a solidez da formação educativa, pois nada pode ser sólido se não estiver coerente com as dimensões totais. O ideal de homem social e individual será capital com sua educação formal. Portanto, a perfectibilidade humana estava na razão direta com a educação escolar progressivamente concebida e recebida.

No século das Luzes, por seu turno, sobreleva-se um debate intelectual acompanhado de uma quase simultânea discussão por parte de filósofos, pensadores e pedagogos, especialmente aqueles do Movimento Iluminista francês, a respeito da integralidade de que se reveste o ato educativo. Rousseau (1712-1778), suíço de nascimento, filósofo e escritor pensa, na França iluminista do século XVIII, a formação integral do indivíduo primordialmente relacionando-a com as diferentes fases do desenvolvimento humano e o presente interesse em adquiri-la.

Formar o homem integralmente pelo primado da educação escolar é para Rousseau, antes de mais nada, deixá-lo inicialmente próximo à sua condição natural guiado pelo desejo de adquirir os saberes realmente úteis para a vida. A integralidade do ser humano, para esse pedagogo, consiste em educar o corpo e o intelecto articuladamente.

Exercitar nossos membros, nossos sentidos, nossos órgãos, que são os instrumentos de nossa inteligência; e, para tirar todo partido possível desses instrumentos, é preciso que o corpo que os abastece seja robusto e são. Assim, longe de a verdadeira razão do homem formar-se independentemente do corpo, é a boa conformação do corpo que torna fáceis e seguras as operações do espírito. (ROUSSEAU, 2004, p. 149).

Um ser humano integralmente saudável, a um só tempo conhecedor de suas potencialidades e de seus limites; um homem que “quer apenas o que pode fazer e faz o que lhe agrada,” cujos sentidos são educados em sintonia e em estreita interação com as forças criadoras da natureza, aí haurindo os princípios da moral enquanto justiça e ordem, trata-se do homem novo, livre, autônomo, equilibrado, bom e feliz idealizado pela pedagogia natural rousseauniana.

As bases de uma educação renovada com vistas a formar o homem respeitando o desenvolvimento natural de cada educando, propugnada por Rousseau, já aponta para uma transgressão dos princípios iluministas exacerbadamente centrados na crítica e na razão como caminho emancipatório.

As idéias educativas rousseaunianas encontrarão de início, no suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), um propagador que, porém, paulatinamente avançará para outras sistematizações. Jovem idealista, politicamente engajado, membro da sociedade helvética em defesa da república, ao transformar seu empreendimento agrícola (Neuhof, 1774) em uma experiência educativa profissional para rapazes órfãos, abraça a missão educativa à qual incondicional e permanentemente dedicar-se-á.

Objetivando formar e desenvolver o homem para que aja como cidadão, de acordo com o “mestre da pedagogia romântica” a tarefa educativa não pode restringir-se ao auto-desenvolvimento da própria natureza. A formação do indivíduo enquanto unidade de “mente”, “coração” e “mão” reclama o implemento de uma educação escolar que seja, a um só tempo, intelectual, afetiva, moral, religiosa e profissional.

Numa linha de pensamento preconizada por Platão, Comenius e Rousseau, dentre outros, Pestalozzi proporá que o desenvolvimento integral do homem seja o fim maior do ato de educar afeto a toda instituição socioeducacional. Nesses termos, a concepção educativa por ele proposta reveste-se, concomitantemente, das dimensões espiritual, sociopolítica e pedagógica. Na relação homem - meio social, aquele pedagogo vê a escola enquanto lugar de desenvolvimento educativo e profissional de cada indivíduo e o seu acolhimento a todos, como fundamentais para que a educação colime seu escopo formativo.

Diante do repugnante flagelo da pauperização que atingia as pessoas do povo, e em particular as crianças órfãs da guerra que assolou seu país, Pestalozzi vê na educação escolar o meio supremo para o soerguimento da humanidade, mesmo das pessoas socialmente mais despossuídas. Essa compreensão perpassa tanto a teoria quanto a prática

de Pestalozzi adquiridas na experiência em Stans, e de outras vivências por anos inteiros junto a crianças pobres da Suíça.

Respeitar o desenvolvimento natural do educando, conforme propusera Rousseau, é para Pestalozzi insuficiente. Partindo do amor pedagógico como fundamento do desenvolvimento integral do homem, atento às necessidades físicas do educando e às suas vivências interiores os procedimentos educativos envolvendo diversidade de jogos e exercícios devem ser aqueles aptos a formarem um homem livre e independente.

La riqueza y la variedad en estímulos y juegos son causa de que los resultados de la necesidad física lleven generalmente em si el sello de la libertad e independência. Obra también de modo que los resultados del arte y de la instrucción , elevados a la necesidad física, lleven inpreso el sello de la libertad e independência mediante la riqueza y variedad em estímulos y juegos. (PESTALOZZI, s.d., p. 113).

Apostando no homem como centro de toda problemática social e política, Pestalozzi ensaia aquela experiência de “educação popular” dirigida para as crianças pobres e órfãs de Stans (Suíça, 1799) sob o patrocínio do governo da República Helvética. Nesta experiência Pestalozzi preconizou o desenvolvimento integral e harmonioso do educando como resultado do amor pedagógico ao aprendiz.

A formação plena do homem é vista como sendo derivada de uma educação escolar que, centrada no amor enquanto imanência comum a todos, prepare a criança para o agir autônomo, para realizar-se como criatura divina. O processo formativo, para tanto, deverá ser dotado de intensidade e direção específicas conforme exijam a experiência e as carências das individualidades.

A educação escolar, portanto, com vistas à autodeterminação do aprendiz ultrapassará nesse pedagogo as fronteiras meramente instrucionais. Refletir, desenvolver domínio técnico, experienciar e abrir-se aos sentimentos, enfim, educar para a vida compõem a inafastável síntese da educação escolar pestalozziana. O fio condutor a harmonizar reflexão, sentimento e vivência encontra-se no germe divino do amor plantado por Deus no coração de todo ser humano.

Embora em Pestalozzi a educação escolar não se restrinja à mera aquisição de uma técnica ou de um ajustamento aos padrões sociais, estava ele atento à necessidade da “formação profissional” compreendida como componente indispensável à moderna capacitação humana. Aliás, esta se trata de uma discussão pedagógica cara ao século XIX, herdeiro do Movimento Iluminista francês, bem como da Declaração dos Direitos do

Homem e do Cidadão datada de 26 de agosto de 1789. Aquele século erige-se como o “século da pedagogia.” (CAMBI, 1999).

O crescimento industrial, o avanço de descobertas científicas, a constituição de novos saberes e campos investigativos alcançados em fins do século XIX e início do século XX, alicerçam reflexões educativas que incorporam ou tentam incorporar as contribuições da ciência. Assim, o pensamento pedagógico de John Dewey (1859-1952) sobressai e insere-se nessa ambiência de expansão industrial e de “progresso social” que a sociedade americana estava vivendo.

Em Dewey para que a educação escolar atinja adequadamente a sua tarefa de formar de maneira integral e unitária o indivíduo subtende-se um ideal social determinado pelo desenvolvimento político e cultural.

Uma sociedade é democrática na proporção em que prepara todos os seus membros para com igualdade aquirirem de seus benefícios e em que assegura o maleável reajustamento de suas instituições por meio da interação das diversas formas da vida associada. (DEWEY, 1979, p. 106).

A participação ativa, dinâmica, cotidiana e não-excludente dos indivíduos nas várias esferas da vida em comum constituem, para aquele filósofo da educação, pressupostos da sociedade democrática. À escola caberá o fortalecimento dessa comunidade pelo fornecimento aos educandos dos ensinamentos que possibilitem a auto-direção, o contínuo desenvolvimento das potencialidades individuais e a integração com a sociedade da indústria, da técnica e da democracia.

Conforme propõe Dewey, o ideal formativo integral está associado a um processo constante de reconstrução e reorganização das experiências de vida de modo a possuir iniciativa individual e adaptabilidade social. À racionalidade que, nesse educador, é compreendida como a fonte capaz de assegurar a formação intelectual e moral de homens e mulheres, caberia a direção daquele processo educativo. Somente ela permite o desenvolvimento de um pensamento crítico e reflexivo, portanto, científico, indispensável a uma sociedade democrática, humana e justa. Assim, para Dewey, democracia, educação e comunicação tratam-se de realidades inseparáveis. Para ele, a comunicação constitui a essência mesma de toda educação, haja vista que a organização e a reorganização das experiências, pressupõem comunicação do indivíduo consigo mesmo e com os outros.

É pela racionalidade que os indivíduos poderão escapar ao apriorismo axiológico mítico ou religioso para, de maneira associada, construir os valores úteis e necessários à sociedade progressiva, tais como, justiça, amor e verdade. A comunicação, de acordo com

Dewey, constitui a essência mesma de toda educação haja vista que a organização e reorganização das experiências pressupõe comunicação do indivíduo consigo mesmo e com os outros. Entende aquele educador que a finalidade última da educação é desenvolver e aperfeiçoar em cada indivíduo os seus estados intelectual, físico, moral, social e técnico.

O pragmático pensamento educacional de Dewey adentra, nesses termos, o dramático, conturbado e conflituoso século XX num esforço reflexivo em torno dos fins e dos meios da educação. Palco de disputas ideológicas com acirrado confronto entre propostas democráticas e modelos totalitários, de embate explícito entre capitalismo imperialista e socialismo ateu, aquele século também propiciou um campo fértil à exacerbação do individualismo e do hedonismo. Sua diversidade ideológica abriu espaço ao pluralismo pedagógico e, numa espécie de revanche ao laico século anterior, emerge o personalismo filosófico e pedagógico propondo um humanismo renovado, evocando o conceito humano-cristão de pessoa, os princípios e os fins cristãos da educação.

Uma educação decidida a formar o homem novo para a vivência e convivência na sociedade democrática, plural e tolerante deverá antes responder à problemática filosófica de fundo: o que é o Homem? Convertido ao catolicismo em 1906, francês de origem protestante, professor universitário e um dos responsáveis pela elaboração da Declaração dos Direitos Universais do Homem em 1948, tendo exercido também a função de embaixador da França junto ao Vaticano, Jacques Maritain (1882-1973) entende que somente uma investigação filosófico-religiosa responderá adequadamente tal formulação. Nos seus termos: “Filosófica porque tem por objeto a natureza ou essência do homem; religiosa por causa do modo de existir da natureza humana em relação a Deus, e por causa dos dons especiais, das provações e da vocação implicados nesse modo de existir.” (MARITAIN, 1968, p. 31).

Formar o homem, para esse pensador cristão, requer ir além da fronteira meramente abstrata ou conceitual para dirigir-se ao indivíduo concreto, a alguém determinado, pertencente a uma nação específica, a um meio social e a um momento histórico dados. Defende Maritain (1968, p. 26), que “[...] a tarefa principal da educação é primeiramente formar o homem, dirigir o desenvolvimento dinâmico pelo qual ele vem a ser homem [...],” sendo a “educação liberal de base” apta a assumir tal mister.

Nesses termos, entende Maritain como inadequada uma prática educativa que partindo de uma base material, dos estímulos sensitivos desenvolva as potencialidades

intelectivas do indivíduo negligenciando, porém, a orientação do educando para Deus, fim último e verdade suprema do Homem.

A filosofia tomista, que insiste no fato de que o homem é tanto corpo como espírito, e que nada está no intelecto sem que primeiro tenha passado pelos sentidos [...] insiste também na importância da educação dos sentidos (percepção e memória ao mesmo tempo) e no contato direto com a experiência do real, com a condição no entanto que tudo seja orientado para o despertar das capacidades intelectuais e desenvolvimento do senso da verdade. (MARITAIN, 1968, p. 191).

A formação integral propugnada por Maritain, destinada a todos, contemplará o homem em sua complexa unidade de instintos e razão, animal histórico e cultural. Tendo a inspiração cristã por base, aquela educação escolar liberal ultrapassará o adestramento, a tentação tecnocrata e pragmática de priorizar os meios sobre os fins, ou mesmo de confundi-los, esquecendo a dimensão divina essencial a cada ser humano. O ato de educar, para Maritain (1968, p. 36), trata-se de um despertar humano a exigir dos “[...] educadores respeitar tanto a alma quanto o corpo do educando, as profundezas de sua essência, suas aptidões; e ter uma atenção reverente à identidade misteriosa, coisa que jamais a técnica pode desvendar.”

O homem criado à imagem de Deus, de acordo com este pensador, não existe apenas como ser físico, como uma base material, uma individualidade. Ele “[...] é uma pessoa que se conhece e se afirma pela inteligência e pela vontade. [...] Possui uma existência mais rica, mais nobre, a supra-existência espiritual própria ao conhecimento e ao amor.” (MARITAIN, 1968, p. 33-34). Uma educação escolar consentânea aos fins totais do homem, além de desenvolver os aspectos utilitários da formação como aprender um ofício, receber capacitação técnica, será aquela apta para

Guiar o homem no desenvolvimento dinâmico no curso do qual se constituirá como pessoa humana, — dotada das armas do conhecimento, do poder de julgar e das virtudes morais — transmitindo-lhe ao mesmo tempo o patrimônio espiritual da nação e da civilização às quais pertence e conservando a herança secular das gerações. O aspecto utilitário da educação, que quer dizer tornar a criança apta a exercer mais tarde um ofício e ganhar sua vida, não deve ser menosprezado, pois, os filhos do homem não foram feitos para o ócio aristocrático. Entretanto, o melhor meio de obter esse resultado prático é desenvolver as capacidades humanas em toda sua plenitude. (MARITAIN, 1968, p. 36-37).

O cultivo das potencialidades intelectivas far-se-á em sintonia com a herança axiológica e a inserção histórico-cultural dos indivíduos. Desse modo, para Maritain, uma educação escolar renovada centrar-se-á nas humanidades ocupando, desde o início, como primou Pestalozzi, as mãos e a mente do educando e, partindo de suas experiências atingir-

lhe-á a razão. Será ela coadjuvada por aquelas esferas extra-educacionais, pois, de acordo com Maritain (1968), todo o campo da atividade humana é educativo incluindo-se fadiga, trabalho, desilusões do amor, costumes, lei, sabedoria popular, arte, poesia, festas religiosas, teatro, cinema e jogos, dentre outros. A finalidade essencial da educação é:

Formar o homem para uma vida normal, útil e devotada na comunidade, ou orientar o desenvolvimento da pessoa humana na esfera social, despertando e fortificando o senso de sua liberdade como o de suas obrigações e responsabilidades, constitui o objetivo essencial da educação. Mas esse não é o fim último, é o segundo de seus fins essenciais. O fim último da educação refere-se à pessoa humana na sua vida pessoal e progresso espiritual, não nas suas relações com o meio social. (MARITAIN, 1968, p. 42).

Educar o homem articulando adequadamente suas potencialidades e direcionando-as para a vivência na sociedade democrática e plural remete para as propostas educativas propugnadas pelos adeptos da educação escolar ativa e progressiva, dentre os quais destaca-se o pensador americano John Dewey. Tais preocupações parecem recepcionadas por Maritain como necessárias e até essenciais, porém, não como fins últimos da educação. Estes se materializam, segundo ele, na formação do homem como pessoa, mistério indizível do amor de Deus a ser libertado interiormente. Esse entendimento inspirou e encorajou educandários e institutos católicos a utilizarem-se de algumas das premissas propostas pela educação progressiva relacionando, por exemplo, a aprendizagem com a práxis do educando e seu meio, porém, sem descuidar, conforme propunha Maritain, aquilo que cada ser humano teria de específico: seu centro espiritual interior.

A novidade propugnada por Maritain, em relação a outros pensadores cristãos e particularmente católicos, constitui-se no respeito àqueles valores que, na sociedade moderna, não acatam ou discordam dos postulados da fé. De acordo com ele, o diálogo sincero e a tolerância, o convívio com os contrários constituiriam, assim como propusera John Dewey, uma sociedade democrática, condição necessária, porém não suficiente, à preservação da sociedade, da fé cristã e ao pleno desenvolvimento da pessoa.

Seja como for, desde fins do século XIX, na Europa e na América do Norte, principalmente, compreende-se que o desafio de formar integralmente um homem dinâmico, tecnicamente habilitado e socialmente adaptável às múltiplas exigências da moderna sociedade industrial em acelerado processo de cientificação, requer uma educação escolar igualmente renovada e progressiva.

Oferecer gratuita e indistintamente, sob a égide do Estado, uma instrução inicial, laica e comum a todos, que contemple os aspectos educativos cognitivos, moral, social e

profissional do indivíduo constituiu-se em tarefa prática dos educadores adeptos da Pedagogia da Escola Nova. Nesse sentido, a educação escolar desponta como instituição social que daria concreção ao postulado mor da Revolução Francesa segundo o qual “todos os homens nascem livres e iguais em direitos” e viabilizaria o soerguimento e a reforma da sociedade. Melhor dizendo, reforma do homem pela reforma da educação.

Aquela torrente otimista compreendendo a educação escolar como fator de reconstrução social que, atingindo obrigatoriamente a todos, dotaria cada indivíduo de uma formação básica e universalizante, compatível com as exigências da sociedade moderna industrial, no Brasil ganha intensidade, toma corpo e se fortalece durante o primeiro terço do século XX. Educadores como Manoel Bergstrom Lourenço Filho (Ceará), José Augusto Bezerra de Medeiros (Rio Grande do Norte), Antônio Carneiro Leão (Pernambuco), Sampaio Dória (São Paulo), Francisco Campos (Minas Gerais), Antônio Prado Júnior e Fernando de Azevedo (Rio de Janeiro) e Anísio Spínola Teixeira (Bahia), dentre outros, congregados em torno da Associação Brasileira de Educação (ABE, 1924), discutem, sistematizam e buscam implementar em seus respectivos Estados reformas educacionais escolares norteadas por aqueles postulados escolanovistas.

Merecem destaque, nesse contexto, as formulações teóricas e o desempenho intelectual de Anísio Teixeira (1900-1971). Baiano da cidade de Caiteté, graduado em Direito, um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), Inspetor Geral do Ensino Público na Bahia (1924-1929) – oportunidade em que reformou o ensino estadual –, Diretor Geral do Departamento de Educação do Distrito Federal (1930-1935), Secretário de Educação da Bahia (1947-1950) e Secretário Geral da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – (CAPES, 1951-1964), esforça-se ele por difundir, quer na funcionalidade desses cargos, quer em sua vasta produção literária, idéias educacionais de pensadores clássicos como Platão, Rousseau, Pestalozzi e, especialmente, do mestre John Dewey do qual fora discípulo e amigo.

Nesse sentido, conforme Anísio Teixeira (1968, p. 15), a história das sociedades contemporâneas é a história do modo como as idéias atuam no desenvolvimento social e educacional. Segundo ele, “[...] as idéias ordenam, dão impulsos e tornam conscientes e articuladas as forças sociais em formação.” Por conseguinte, é função do pesquisador investigar e analisar como as idéias se efetivam quando incorporadas aos projetos de mudanças sociais articuladas com as educacionais.

Assistia-se, em âmbito nacional, nas décadas iniciais daquele século XX, a uma efervescência de idéias em geral que aspiravam por uma sociedade industrial, tecnológica, democrática, socialmente educativa e igualitária. A vivência em uma sociedade assim constituída reclama sejam formados cidadãos capazes de lidar com a complexidade por ela corporificada. Nesse sentido, entende Anísio Teixeira (1968, p. 35) que “[...] a educação será o processo pelo qual o indivíduo se formará para a sociedade plural e múltipla a que irá pertencer.”

Nas palavras de Anísio Teixeira, a educação nova progressista, frente às exigências de formar um cidadão dotado de mentalidade moderna, aberta à colaboração social, científica e intelectual, não poderá permanecer monopólio de uma elite. Somente uma escola popular, laica, acessível a todas as classes sociais, centrada na atividade, na cientificidade e na co-educação dos sexos, fornecendo uma instrução comum e orientada para o trabalho poderia constituir-se como fator efetivo de reformulação da sociedade brasileira.

O direito à educação faz-se um direito de todos, porque a educação já não é um processo de especialização de alguns, [...] mas a formação de cada um e de todos para a sua contribuição à sociedade integrada e nacional, que se está constituindo com a modificação do tipo de trabalho e do tipo de relações humanas. (TEIXEIRA, 1968, p. 48).

Tendo presente as realidades econômica, social, política e educativa do Brasil e, entendendo a educação escolar enquanto processo formativo que pressupõe as múltiplas aprendizagens dos indivíduos para a sua contribuição à sociedade brasileira nacionalmente integrada, Anísio Teixeira destaca o relevante papel que as instituições comunitárias desempenham nas aprendizagens para a vivência e convivência na complexa sociedade industrial. Somente uma educação sistemática ou formal a ser ministrada pela instituição escolar baseada em procedimentos educativos intencionais, em conhecimento de base científica, em métodos específicos e em técnicas avançadas poderia responder às exigências da emergente sociedade brasileira, dotando seus filhos e filhas de uma adequada formação cultural, técnica, científica e democrática.

Aliás, para esse educador, o soerguimento de uma sociedade sobre tais fundamentos requer uma intrínseca e indissolúvel inter-relação entre educação e democracia. Tal entendimento pressupõe que o homem, pela educabilidade, organizando e reorganizando suas experiências, malgrado as diferenças individuais, compreenderá a necessidade de construir uma sociedade integrada nacionalmente, em que cada um e todos partilhem, como iguais, dos benefícios da vida associada, engajando-se em sua

consecução. A democracia é compreendida por Teixeira (1977, p. 206) como “[...] um programa evolutivo da vida humana” e, percebendo ele que “[...] não é qualquer educação que produz democracia, mas, somente, [...] aquela que for intencionalmente e lucidamente planejada para produzir esse regime político e social [...].” Defende, então, a urgente implantação de escolas que viabilizassem, nos trópicos brasileiros, aquela desejada sociedade nacional integrada por seus valores, aspirações e aprendizagens formais mais ou menos uniformes.

Notadamente uma educação nova progressiva, assumindo a tarefa verdadeiramente formativa de cada indivíduo e, graças à educabilidade deste, poderia, de acordo com Anísio Teixeira e, conforme já propusera Comênio, torná-lo “[...] homem na plena significação social da palavra, ou seja, *homem democrático* [...]” (TEIXEIRA, 1977, p. 210, grifo do autor), capaz de conviver, integrar-se, comunicar-se e partilhar com seus pares aspirações e valores, a um só tempo, individuais e coletivos. Daquela escola resultará uma nova cultura de sociabilidade humana, integrativa, participativa e comunicativa, consentânea com os fundamentos da sociedade democrática, na qual,

Toda cultura deve conduzir à maior participação, e neste sentido é que é humana e geral. O saber e o trabalho ensinados como forma de comunicação e de participação do homem em algo de comum, em que todos se associam e por que todos se realizam, não isolam nem segregam, mas aproximam, unem e integram os homens na real fraternidade da vida. (TEIXEIRA, 1977, p. 215-216).

Compreendendo, portanto, os estreitos e inafastáveis vínculos que unem educação e comunicação, alicerces da sociedade democrática, em que “[...] toda a vida do homem se faz em educação e por educação” e sendo a “[...] vida, com efeito, comunicação entre os homens [...]” conclui Anísio Teixeira (2000, p. 111) que “comunicar é educar-se.” As exigências comunicativas da nova cultura requerem, nesses termos, uma educação intencionalmente planejada por uma escola célere, viva, adaptada aos reclamos do novo tempo, capaz de formar indivíduos empreendedores, sociáveis e capacitados para um futuro em devir, incerto tecnologicamente, mas interdependente de idéias e programas globais.

Na “grande sociedade” constituída pela permanente mudança e por sua expansão integrativa, o ideal educativo anisiano a ser impreterivelmente perseguido pela escola progressiva concebe, na vertente da filosofia deweyana e próximo de Maritain, um ser humano bom, corajoso e tolerante, capaz de conviver com situações conflituosas e inusitadas. Portanto, o ideal de homem, de acordo com Anísio Teixeira, a ser formado através da

propugnada Nova Escola, trata-se de um ser humano livre (homem e mulher), tecnicamente competente e moralmente idôneo, apto a conviver na contemporaneidade de uma sociedade democrática, livre, plural e complexa. Tal concepção formativa contrapõe-se à educação entendida como treino e domesticação.

As críticas àquela educação desvinculada de um compromisso humano, social, integrativo e colaborativo, há muito enfatizadas por Anísio Teixeira, serão corroboradas e ampliadas nas reflexões do pernambucano Paulo Freire (1921-1997), desde meados do século XX. Freire compartilhava com as idéias de Anísio Teixeira, a quem se referia como “[...] um dos mais lúcidos educadores brasileiros.” (FREIRE, 2001, p. 12). Educador e pensador social engajado, Paulo Freire, um estudioso de outros teóricos da educação dentre os quais destacam-se Anísio Teixeira, Jonh Dewey, Emmanuel Mounier e, sobretudo, Jacques Maritain, tornou-se igualmente defensor de uma cultura escolar renovada apta a nortear o processo de formação e libertação do homem moderno, por uma educação emancipatória.

As reflexões freireanas inicialmente construídas em articulação com o momento histórico nacional de crescimento industrial e expansão urbanística, compreendem o Brasil como um país em transição e, a década de 1950, como uma fase *sui generis* da vida brasileira, na qual nossa “inexperiência democrática” passa a ser confrontada com o fenômeno de “emersão das massas” populares. O próprio grau de desenvolvimento econômico e existencial alcançado com aquela expansão industrial, com o incremento da vida urbana criara aos brasileiros, segundo Paulo Freire, (2001), as condições materiais de exigir e vivenciar uma nova sociabilidade.

O desiderato de inclusão, de participação efetiva e consciente das massas, de homens e mulheres do povo, especialmente dos habitantes da zona rural, de mocambos e de periferias citadinas, nos destinos de uma sociedade culturalmente diversificada, economicamente desenvolvida e socialmente justa requer, no entanto, segundo aquele pensador pernambucano, um processo educativo emancipador, autêntico e diretivo. Trata-se de uma “[...] educação problematizadora, respondendo à essência do ser da consciência, que é sua *intencionalidade*, [que] nega os comunicados e existencia a comunicação.” (FREIRE, 2005, p. 77, grifo do autor). Comunicação essa que implica diálogos, alteridade, escuta, acatamento, acolhimento, reconhecimento e valorização do semelhante como pessoa; que envolve relacionamento dialógico centrado nos desejos, expectativas e necessidades dos sujeitos de sua educabilidade.

Assim, a tarefa educativa é compreendida, em sua essência, como uma missão dialógica libertadora, amorosa, um ato de coragem objetivando transformar continuamente e permanentemente a realidade dos que, em certa medida, se encontram à margem dos bens materiais, culturais e espirituais da então moderna civilização industrial e tecnológica. No esteio dos educadores escolanovistas, compreende também Freire, serem a democracia e a educação condições *sine quibus non* para a formação e transformação do indivíduo em particular e da sociedade em geral. Democracia que, nesse caso, não se limita a uma categoria nocional, mas se constitui vivência existencial, experiencialmente incorporada pelos educandos.

Fundamentado nessa premissa, Paulo Freire defende como tarefa urgente da educação escolar, dentre outras, dotar o brasileiro de competência técnica, cuidando concomitantemente da “[...] formação de disposições mentais democráticas com as quais se identifique com o clima cultural novo [...]” (FREIRE, 2001, p. 20), da sociedade brasileira em transformação. Para tanto, se faz necessário, superar o modelo escolar que, segundo Freire, no Brasil, tem sido responsável por “[...] uma educação falsamente humanista [...], verbalista, ‘palavrosa’, autoritariamente indiferente ao que nos cerca [...].” (FREIRE, 2001, p. 48, grifo do autor). Pugna assim, compartilhando dos ideais educativos de John Dewey e Anísio Teixeira, pela necessidade de se investir numa educação para a comunidade local, para o trabalho, para a democracia e para o desenvolvimento, o que requer métodos e escolas diferenciadas das até então existentes, no Brasil. Em suas palavras reflexivas:

Somente uma escola centrada democraticamente no seu educando e na sua comunidade local, vivendo as suas circunstâncias, integrada com seus problemas, levará os seus estudantes a uma nova postura diante dos problemas de contexto. À intimidade com eles. A da pesquisa em vez da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida. A do trabalho. A da vitalidade, em vez daquela que insiste na transmissão do que Whitehead chama de ‘inert ideas’. [...] Escola que, plural nas suas atividades, criará circunstâncias as quais provoquem novas disposições mentais no brasileiro, com que se ajustará em condições positivas ao processo de crescente democratização que vivemos, [...] e que, ao invés de escravizar crianças e mestras a programas rígidos e nocionalizados, faça que aquelas aprendam sobretudo a aprender. A enfrentar dificuldades. A resolver questões. A identificar-se com a sua realidade. (FREIRE, 2001, p. 85).

Uma educação problematizadora, dialógica, integrada com as condições de vida existencial em todos os níveis, compatível com as necessidades individuais e coletivas da sociedade brasileira, é tarefa afeta, de acordo com Freire, à escola organizada a partir dos interesses comunitários. Trata-se de uma educação que permita, especialmente ao

camponês e ao pobre analfabetos, tomarem consciência dos seus problemas e, despertando-os para os valores do trabalho, da afabilidade, do respeito às diferenças, das novas tecnologias e da cultura local; que estimule a prática de vivências dialógicas na busca de soluções coletivas para os problemas comuns. Estaríamos assim, diante de uma prática educativa escolar libertadora, por que centrada na “humanização dos sujeitos”. Pelo pensamento freireano, esta humanização constitui-se o ideal formativo precípua, por permitir a cada um reconhecer o valor de sua singular existência e compreender seu papel na contextura social local e nacional.

O ideal educativo, inicialmente propugnado por Freire e dirigido prioritariamente para a massa de trabalhadores em emersão, requer, portanto, formar homens e mulheres, por um processo ininterruptamente dialógico, permitindo-lhes tornarem-se tecnicamente hábeis, abertos a novas experiências, investigativos, questionadores, conscientes de seus direitos e de suas responsabilidades para com a natureza e para com seus semelhantes; e mais, que atingindo a transitividade crítica abram-se à solidariedade e à participação na sociedade brasileira em mudança para a democracia.

Na década de 1950, o Brasil, encontrava-se politicamente sob a égide do populismo remanescente do governo de Getúlio Dornelles Vargas e, no plano econômico, motivado pelo nacional-desenvolvimentismo cuja matriz pensante tinha por base as concepções de alguns dos ideólogos pertencentes ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) — órgão oficialmente fundado em 14 de julho de 1955 por um Decreto do Presidente João Café Filho —, defensores das reformas de base a serem implementadas pela burguesia industrial em ascensão. Cristão, inicialmente integrante da Ação Católica e participante de movimentos progressistas daquela Igreja, Paulo Freire compartilha com essa matriz teórica desenvolvimentista voltada para o incremento da produção industrial nacionalista.

Não se pode esquecer, no entanto, que a ambiência socioeconômica e desenvolvimentista, então em curso na sociedade brasileira e em outros países latino-americanos, já não se tratava de uma novidade no continente europeu e na América do Norte. No Velho Continente e nos Estados Unidos da América, desde a segunda metade do século XIX, assistia-se ao incremento de uma sociedade baseada no avanço da produção industrial tecnológica, a requerer de seus agentes o domínio de múltiplas competências e novas habilidades, outrora inexigidas.

É pertinente ainda lembrar que, subjacente ao conjunto de uma literatura educacional e cultural tem-se, em cada época histórica, um ideal formativo de homem articuladamente com a base material, social e existencial daquela sociedade. Podemos dizer que em tal conjunto, as “fontes” de inspiração e sistematização de um dado ideal interrelacionam-se a um tempo histórico em devir, bem como a um lugar social determinado. Latentes a essas fontes de inspiração, em grande medida, sobressaem reflexões acerca da educação escolar em perfeita sintonia com a formação de vida proporcionada por aquela educação.

Assim, numa síntese didática, condensando o percurso histórico da noção de formação educativa ou simplesmente de *paidéia*, destacamos que as inquietações de Sócrates e de Platão quanto à formação de um ser humano numa unidade vigorosa ou de entrelaçamento entre cultura dominante, arte e educação como desígnio para o aperfeiçoamento integral daquele, abrangendo as faculdades intelectuais, físicas e espirituais, atributos de virtudes como sabedoria, piedade, coragem, determinação, justiça e temperança são, pois, compatíveis com as aspirações da então nascente democracia ateniense. Em última instância, presumia-se uma formação do cidadão grego livre para o êxito da cidade, da *polis*.

Em Santo Agostinho, as virtudes perenes propugnadas por Platão seriam conduzidas, com advento da revelação cristã, pelos auspícios da fé e da graça divina. Nessa direção, uma correta *paidéia christiana* de caráter integral cuidaria da formação humano-cristã pela articulação de aprendizagens cognitivas, moral e física e, sobretudo, de atributos espirituais como amor ao próximo e fé em Deus.

A educação proposta por Santo Tomás de Aquino requeria um exercício racional lógico-reflexivo que, partindo da captação das realidades naturais pelos sentidos, propiciaria ao ser humano o desenvolvimento de suas potencialidades intrínsecas, tornando-o capaz de distinguir o certo do errado, a virtude do vício, e o bem do mal, pressuposto para que cada ser humano pudesse zelar por sua condição indissociável de matéria e forma, de corpo e alma, valorando e decidindo-se por aquelas ações que, respeitando os interesses do semelhante e o bem comum, fossem consentâneas à sua realização integral como pessoa.

Sob a égide da Renascença, de uma *paidéia* humanista e menos uma *paidéia christiana*, Erasmo de Roterdã e Michel Montaigne mantêm a clássica idéia formativa em unidade mental, moral e corporal, seguindo o uso desmedido da razão, da afetividade, da

imaginação e experiências criativas, da observação da realidade imediata e de condutas socialmente aceitáveis no meio em que se inserem.

Já para Comênio, a educação far-se-ia por uma estreita conexão entre os conteúdos escolares e as vivências do dia-a-dia dos aprendizes. Formar integralmente todos os educandos, requeria considerar suas dimensões totais, aliada a uma metodologia viva e ativa, dotando-o de uma sólida formação moral, cultural e religiosa, ao lado de habilidades técnicas compatíveis com o desenvolvimento físico e psicológico do aprendiz.

Deixar aflorar as manifestações naturais do indivíduo no plano do aperfeiçoamento do intelecto e dos sentidos, respeitar o desenvolvimento cronológico, o crescimento do educando, com Rousseau justificam as condições necessárias à formação integral fisicamente saudável, moralmente autônoma e livre de preconceitos religiosos. Enfim, de um cidadão apto a conviver respeitosa e coletivamente com as normas do contrato social.

Sair da mera reflexão especulativa, de uma propalada igualdade, a fim de emprestá-la concreção histórica parece ter sido um dos objetivos das reflexões e da prática pedagógica de Pestalozzi. Formar integralmente o indivíduo pelo direcionamento educativo indispensável requer desenvolver as aptidões físicas, intelectuais, morais e profissionais dos indivíduos, aproveitando as energias e os pendores dos educandos. Dotar a todos de sólida formação moral, afetiva e religiosa para a vivência harmoniosa em sociedade, constitui-se para Pestalozzi, o cerne da tarefa educativa popular.

A avançada moderna sociedade industrial, tecnológica e democrática, almeja, de acordo com John Dewey e Anísio Teixeira, um indivíduo dotado de uma formação integral e unitária, em vista de sua adaptabilidade a uma ambiência de expansão industrial e progresso social. O processo integral formativo e educativo do indivíduo, porém, deve estar em permanente revisão, renovação de estado intelectual, físico, moral, social e técnico de ensinamentos e aprendizagens humanas.

Para pensadores católicos, como Jacques Maritain e também Paulo Freire, a formação integral do homem e da mulher modernos deve contemplar a sua complexa integralidade e unidade de razão, de fé e de aptidões individuais integrada às condições existenciais, materiais e sociais por veículos formativo (a escolarização) e informativo (instituições como a Igreja e os meios de comunicação).

Há ainda que lembrar, contudo, que tanto as reflexões de Maritain, gestadas em ambiência européia, quanto aquelas concebidas em solo nordestino pátrio pelo

pernambucano Paulo Freire, atinentes à formação educativa do homem em conformidade com as exigências da sociedade industrial em expansão e as aspirações humanas, de certo modo encontram-se concordes com os postulados renovadores da Igreja Católica Romana, acerca da educabilidade humana enquanto formação dos fiéis para vivenciar valores cristãos na nova ambiência econômica, social, cultural e religiosa posta pela então sociedade moderna.

Desde fins do século XIX, portanto, com a publicação da Carta Encíclica *Rerum Novarum* (1891) de Leão XIII, aquela instituição eclesiástica principia, na sua história recente, uma fase de abertura e enfrentamento das novas problemáticas advindas com o incremento da moderna sociedade industrial e tecnológica. Os alicerces para a sistematização de uma doutrina social católica serão propostos por aquele documento pontifício. Em certa medida, pois, desde então, as tradicionais imposições da Igreja Católica cedem espaço à exortação e a diálogos mais humanos, fraternos, persuasivos e afáveis entre a hierarquia eclesial e os fiéis leigos.

Almejando, pois, dar efetividade à sua missão, desde tempos remotos, Sagradas Escrituras, Decretos, Constituições, Encíclicas são materiais documentais que a Igreja Católica Romana publica e utiliza para socializar o seu ideário doutrinário, pelos leitos de um programa de renovação educativa e cultural. Efetivamente, tal ideário comportou uma atualização do seu pensamento social quanto à sua auto-compreensão acerca da história e da sua missão evangélica e educativa. Semelhante entendimento englobou a dimensão instrutiva e, de alguma forma integral, relacionada às vivências do indivíduo, na sociedade em transformação, sem abdicar da fé cristã. Enquanto tal, esse ideário renovador de *aggiornamento* da Igreja Católica – sem constituir um corpo teórico homogêneo – está sistematizado em vários documentos pontifícios, dentre os quais, as Cartas Encíclicas *Rerum Novarum* (Papa Leão XIII), *Quadragesimo Anno* (Pio XI), *Mater et Magistra* e *Pacem in Terris* (João XXIII), como expressão valorativa da sua ação cultural eclesiástica e com as quais dialogamos no decorrer desta tese de doutorado.

É, portanto, nesse contexto de *aggiornamento* da Igreja Católica, conforme a expressão italiana usada pelo Papa João XXIII para identificar o processo de atualização, de renovação daquela *ecclesia* que, no sertão da então região do Seridó, do Rio Grande do Norte, será instalada em 1963, a Emissora de Educação Rural de Caicó pertencente à Igreja diocesana, com fins de investir na formação educativa dos fiéis em geral e, na do agricultor, do habitante da zona rural, em especial.

Desde o seu primeiro esboço programático, a Emissora Rural foi lastreada por uma concepção educativa cristã, e isso é óbvio. Não é essa, portanto, a única dimensão que a faz próxima da compreensão maritainiana de formação humana. Firmando uma programação ampliada em sua grade e de conteúdo plural, a Rádio Rural buscou discutir os problemas concretos da época, notadamente os que assolavam a Região. Dirigia-se ela aos seridoenses como homens e mulheres reais e inseridos numa ambiência com seus efetivos problemas estruturais de toda espécie, incluindo a fome, a sede, e a ausência de educação escolar universalizante.

Lembremos que, no Brasil de então, assistia-se à emergência das classes populares desde fins dos anos de 1950, fenômeno que se intensificou no início da década seguinte ensejando ao país vivenciar uma efervescência nunca vista de movimentos populares, especialmente na região Nordeste, produzindo experiências inéditas no âmbito da educação popular. O Movimento de Cultura Popular (MCP), no Recife, foi também laboratório para novas experiências educacionais propostas pelo educador Paulo Freire, aliando o ato de ler a palavra à leitura do mundo. Outras iniciativas similares como o Movimento de Educação de Base (MEB), inspirado na iniciativa pioneira da arquidiocese de Natal, de certo modo encampada pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler da prefeitura de Natal (RN); as 40 Horas de Angicos (RN), a Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR) compunham alguns dos movimentos e experimentos de educação popular da época. As reflexões pedagógicas de Paulo Freire gestadas nesse horizonte brasileiro transbordarão para o mundo e por um mundo em harmonia com a libertação do homem, do homem liberto pela absorção de uma renovada cultura escolar.

Aquele programa de *aggiornamento*, de renovação cultural, então vivenciado pela Igreja Católica Romana, vislumbrando a premente urgência de formar cristãos que se mantendo fiéis à sua fé, estivessem aptos a entender e a praticar os valores e as vivências requeridas pelo então mundo moderno. Aliado sobremaneira aos reclamos educativos do momento histórico nacional e regional, parecem ter despertado a diocese de Caicó, enquanto Igreja Católica particular, e em sintonia com a Sé Apostólica, a responder a tais exigências atentando, especialmente, para o entrelace entre educação, cultura tecnológica e fé cristã renovada, a adentrar com passos mais largos na microrregião do Seridó. Assim, a instalação de uma emissora radiofônica de cunho confessadamente educativo, bem como a programação por ela elaborada, com realce para as chamadas escolas radiofônicas do

Movimento de Educação de Base (MEB), denota o comprometimento daquela Igreja diocesana com a educabilidade dos sertanejos, em consonância com almejados ideais formativos. Tal entendimento ancora-se no suposto que as experiências educativas, quaisquer que sejam elas e, independente de colimar ou não o fim almejado, a este sempre subjaz um dado ideal de Homem, de algum modo vislumbrado pelos sujeitos e instituições envolvidos no compromisso formativo.

Para entender os ideais educativos e formativos de homem cristão sertanejo nas dimensões civil, social e integrativa – no caso específico da Emissora Rural de Caicó – delimitamos a pesquisa acadêmica da Tese na temática Igreja Católica, meios de comunicação social e educação de base. Nisto residiu a eleição do objeto de estudo, a programação educativa e formativa da Emissora de Educação Rural de Caicó, na abrangência dos quinze primeiros anos de sua existência (1963-1978), período de tempo esse que compreende a inauguração da Rádio e o término do episcopado de seu fundador, Dom Manuel Tavares de Araújo, como bispo daquela diocese.

Elucidar e explicitar os ideais formativos de Homem almejados pela Rádio Rural de Caicó, subjacentes à programação radiofônica dessa Emissora educativa católica, bem assim, a idealização por ela de certo modo atingida, naquilo que consubstancia a dimensão humana em sua condição de educar-se, de expressar-se, de conscientizar-se e de integrar-se à sociedade tecnológica que experimentava uma franca expansão constituiu-se o objetivo precípua desse trabalho de doutorado.

Considerou-se ainda pertinente, para tanto, averiguar as diretrizes que, desde a publicação da Carta Encíclica *Rerum Novarum* (1891) de Leão XIII, seqüenciada por *Divini Illius Magistri* (1929) e *Quadragesimo Anno* (1931) de Pio XI, pela radiomensagem *La Solennità della Pentecostes* (1941) e as Encíclicas *Miranda Prorsus* (1957) de Pio XII, *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963) de João XXIII, pelo Decreto *Inter Mirifica* (1963) do Vaticano II e pela Instrução Pastoral *Communio et Progressio* (1971) da Comissão Pontifícia para as Comunicações Sociais, já sob o pontificado do Papa Paulo VI (1963-1978), também nortearam as renovações da Igreja Católica, ao lado de um dado ideal formativo de homem cristão subjacente a tais diretrizes.

Em face do objeto de estudo e objetivo a alcançar nesta tese de doutorado, recorreu-se, para tanto, metodologicamente, à noção de ação cultural presente em Certeau (1995) e ao entendimento de formação educativa respaldado principalmente nos pensadores modernos que a discutem. Essa noção nos propiciou a possibilidade de analisar

em um espectro mais amplo a programação formativa levada pelas ondas sonoras da Rádio Rural de Caicó, bem como os próprios atos de idealizações culturais que a nortearam em seus fundamentos. Considerando, portanto, os estreitos vínculos que historicamente assinalam a relação indissociável entre educação e formação, bem como os desdobramentos dessa dialogia, tem-se que a instalação daquela emissora radiofônica materializa, no sertão seridoense, uma dada “ação cultural” que propicia ser investigada “[...] conforme os registros diferentes [de seu] repertório [...],” (CERTEAU, 1995, p. 249), e de seus fundamentos epistemológicos e procedimentos programáticos.

Dessa noção de ação cultural hauriu-se a compreensão do uso que, no século XX, a hierarquia católica fez dos modernos meios de comunicação de massa, especialmente do rádio, e das intenções cultivadas pela Igreja Católica ao servir-se de tal tecnologia com fins confessadamente educativos. Conforme adverte Certeau (1995, p. 247), não necessariamente a inovação de uma dada ação cultural, na esfera midiática, por exemplo, “[...] diz respeito à modernidade dos meios de comunicação de massa utilizados, ainda que eles multipliquem as possibilidades de criação; ela reside [sobretudo] na utilização que deles se faz...” De tal noção perscruta-se a concepção de veículos de comunicação a distância, segundo o Decreto *Inter Mirifica* (1963), editado pelo Concílio Vaticano II e seu detalhamento pela Instrução pastoral *Communio et Progressio*, sobre a ampliação e a utilização dos meios de comunicação social destinados à formação religiosa, educacional, moral, técnica e artística do ser humano.

Por sua vez, o entendimento cultural e orgânico de formação educativa se fundamenta e tem como pressuposto as idéias pedagógicas dos filósofos e educadores, com os quais se dialogou enquanto “idéias” prévias de um dado ideal de homem historicamente concebido. Tais idéias subjazem como aporte teórico e metodológico para analisar a programação educativa da Emissora de Educação Rural de Caicó, naquilo que consubstancia uma ação instrutiva e formativa deliberada, visando prioritariamente à construção, na região seridoense, de uma mentalidade progressista e cristã alicerçada, sobretudo, nos postulados da Doutrina Social da Igreja Católica e na premência de promover educativa, moral, cultural e tecnicamente os sertanejos do campo, preferencialmente.

Tornou-se indispensável, à luz desse entendimento de formação educativa e da noção de ação cultural, examinar a maneira como a grade programática levada ao ar pela Rádio Rural de Caicó convergia em suas partes social, educacional e religiosa para as

diretrizes traçadas especialmente nas chamadas “Encíclicas sociais”, abalizadoras privilegiadas da práxis eclesial implementada pela hierarquia e pelo laicato católico. Tal exame requer ainda especial atenção aos possíveis relacionamentos daquelas emissões radiofônicas com as premissas enunciadas nos documentos pontifícios e conciliares dedicados aos modernos meios de comunicação social, dentre os quais o rádio. Semelhante procedimento investigativo requereu atentar para a programação daquela Emissora de rádio levando em consideração o formato da grade programática, interstício, temário, agentes, público alvo, tempo de emissão, dentre outras propriedades, perquirindo acerca de sua aspiração em promover a formação “integral” do homem e da mulher sertanejos seridoenses da cidade e do campo, como um valor máximo requerido também pelos tempos modernos.

A investigação assim orientada permitiu explicitar de que modo a programação radiofônica da Emissora Rural de Caicó, componente de uma concebida ação cultural, pretendia atingir prioritariamente um público diferente daquele que, até então, tivera um acesso privilegiado à formal e tradicional educação escolar. Desse modo, aquela ação criaria “[...] as condições de possibilidade de uma cultura nova [...]” (CERTEAU, 1995, p. 157), pela convivência dos sertanejos com artefatos tecnológicos do mundo moderno, pelo emprego de novas técnicas agrícolas, pelas formas diversas de vida associada, bem como, por um novo entendimento e diferenciada apropriação valorativa da cultura remanescente que, até então, permeara o sertão seridoense. É dessa intersecção de formação “integral” e de educação de base que se estava projetando e materializando uma “ação cultural”, no Seridó norte-rio-grandense, sob a inspiração da doutrina social da Igreja Católica, das Cartas Encíclicas dedicadas precipuamente a esse temário, e dos postulados do Decreto conciliar *Inter Mirifica*, posteriormente detalhado pela Instrução Pastoral *Communio et Progressio*, sobre a utilização dos meios de comunicação social.

Por outro lado, a noção de formação educativa como lastro cultural a serviço da atividade educadora de base requer ser pensada *pari passu* com a atmosfera do desenvolvimento histórico nacional e regional dos anos de 1963 a 1978. A educação de base manifesta-se na aspiração de uma formação integral estrita de homem, por meio de aprendizados escolares renovados utilizando-se dos modernos meios de comunicação social como o rádio para, mais rapidamente e de modo abrangente, fazer chegar a todos os sertanejos do Seridó, a homens e mulheres, outros bens culturais inerentes à sociedade industrial e tecnológica em expansão.

Tal entendimento impôs pensar também o formato e as formulações da grade programática da Rádio Rural de Caicó, naquilo que consubstancia “[...] um conjunto mais ou menos coerente de objetivos, de meios e de ações [...]” (CERTEAU, 1995, p. 195). Por uma corrente sonora, oral, auditiva interligava agentes idealizadores, animadores, promotores e destinatários visando à alteração de comportamentos, de vivências e de atitudes no cuidado de si, no trato na vida social, nas relações com a natureza e com as tecnologias da sociedade industrial moderna, em consonância com as aspirações emanadas da organização social, do tempo histórico e dos princípios cristãos.

A problemática que a tecitura textual investe é de ordem, digamos, metodológica. A imersão da análise na articulação entre o entendimento de formação educativa discutido por educadores e filósofos em consonância com a ambiência sócio-cultural e o tempo histórico, segundo a noção de ação cultural concebida, possibilitou trazer à luz os ideais de Homem que a Emissora Rural de Caicó cultivou no sertão seridoense, através de sua programação radiofônica, inclusive com a Escola Radiofônica do Movimento de Educação de Base (MEB).

A princípio, a presente investigação pressupõe a formação educativa como uma moldagem paulatina do aprendiz consoante a concepção de um modelo ideal de Homem. A carcer de explícita sistematização, latentes em cada experiência educativa encontram-se contornos de aportes epistemológicos particulares e diversos, e que se constituem, a um só tempo, seu móvel e seu *télos*. Sendo a Rádio Rural de Caicó erigida como uma Emissora declaradamente educativa, e mais, ao abrigar uma Escola Radiofônica com suas aulas radiadas, pressupôs-se que sua programação, interagindo com o desenvolvimento sócio-econômico, cultural e educacional do Seridó, fundamentava-se em um ideal de Homem a ser formado, e possível de ser metodologicamente explicitado.

A tese aqui defendida é a de que essa Rádio, ao proclamar-se como uma Emissora de Educação Rural prioritariamente voltada aos camponeses sertanejos, sem negligenciar seus fins confessados, transbordou em sua globalidade, e não menos. Assim, transcendeu as exigências de uma formação humano-cristã monolítica que pugna pelo desenvolvimento das dimensões humanas, espiritual e corporal, conjuntamente. À grade programática eclética e diversificada, estabelecida e executada pela Rádio Rural de Caicó, subsumia-se ideais que sinalizavam para a formação de um Homem sertanejo multifacetado e pluridimensional que, se mantendo cristão católico, pudesse entender, dialogar e conviver com as demandas gerais de uma sociedade em progressiva mutação.

Considerando-se o recorte temporal estabelecido, debruçar-se sobre a programação radiofônica da Emissora de Educação Rural de Caicó objetivando investigar seu ideal formativo de homem, requereu, portanto, atentar para o modo como estava organizada a sociedade seridoense inserida no Sertão semi-árido nordestino, no que diz respeito às transformações culturais e de valores ao par da premente urgência de desenvolvimento econômico, social e educacional pela qual, nas décadas de 1960 e de 1970, passavam a sociedade brasileira em geral e o Seridó norte-rio-grandense em especial, particularmente no que se refere a seus valores éticos, religiosos, e aos anelos educativos. Tal prisma investigativo lançou luzes sobre o conjunto de aspirações, de atos e de gestões norteadores que culminaram na instalação da Rádio Rural de Caicó e no estabelecimento de sua programação educativa e formativa.

O exame do *corpus* pesquisado englobou fontes escritas, iconográficas e sonoras dentre as quais documentos oficiais publicados pela Igreja Católica como as Cartas Encíclicas que enfocam prioritariamente a sua Doutrina Social, a exemplo de *Rerum Novarum*, *Quadragesimo Anno*, *Mater et Magistra* e *Pacem in Terris*. O Decreto *Inter Mirifica* do Vaticano II e a Instrução pastoral *Communio et Progressio* sobre os meios de comunicação social, cuja publicação fora prevista no próprio texto daquele Decreto, foram documentos eclesiais indispensáveis à análise. O Decreto presidencial nº 50.370, de 21 de março de 1961, assinado pelo então Presidente da República Jânio Quadros que formalizou o convênio entre o Estado brasileiro e a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), resultando na criação do Movimento de Educação de Base (MEB), além de outros documentos legais e materiais didático-pedagógicos produzidos por este Movimento integraram a análise.

Ainda constituíram-se materiais de análise desta investigação o Livro de Atas dessa Emissora, concebido para registrar a sua história. Igualmente relevante mostrou-se o exame do considerável acervo do MEB Sistema de Caicó, sob a custódia do Laboratório de Documentação (LABORDOC), albergado no Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), Campus de Caicó, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que guarda e conserva dados históricos desse Sistema radioeducativo e de seus integrantes. Incluem-se aí várias correspondências trocadas entre a Equipe do MEB Caicó e a Coordenação Nacional desse Movimento, além de relatórios a este encaminhados, dando conta das atividades educativas e culturais desenvolvidas pelo Sistema local.

Os jornais “A Ordem” e “A Folha” pertencentes, respectivamente, à Arquidiocese de Natal e à Diocese sediada no Seridó norte-rio-grandense constituíram-se igualmente fontes documentais importantes, haja vista que a circulação daqueles periódicos cobre parte da temporalidade abrangida por este trabalho de Tese. Por ocasião do 40º aniversário da Rádio Rural de Caicó (2003) foi produzido um CD-Rom de áudio, contendo depoimentos de personagens historicamente envolvidas com a instalação e o funcionamento daquela Emissora de rádio. Tal documentário forneceu importantes subsídios para a análise e compreensão do nosso objeto de estudo.

Servimo-nos ainda de um considerável acervo iconográfico, especialmente fotografias, que em dado momento registraram parte da história da Emissora Rural e, nela inserido, do Sistema radioeducativo do MEB Caicó. Esse tipo de documentação, associada a outros registros, se transformou para nós em fonte valiosa de informações atestando acontecimentos e corroborando depoimentos. Conforme afirma Eduardo França Paiva, as iconografias podem se constituir

[...] verdadeiras certidões visuais do acontecido, do passado. Essas imagens são, geralmente e não necessariamente de maneira explícita, plenas de representações do vivenciado e do visto e, também, do sentido, do imaginado, do sonhado, do projetado. São, portanto, representações que se produzem nas e sobre as variadas dimensões da vida no tempo e no espaço. (PAIVA, 2006, p. 13-14).

A escritura do presente trabalho de Tese requereu também o exame de fontes orais que se tornaram fontes documentais construídas. Estas foram basicamente constituídas pelos depoimentos colhidos mediante entrevistas com o diretor da Rádio, 02 (dois) funcionários, 06 (seis) ex-funcionários, 06 (seis) ex-colaboradores e ouvintes da Rádio Rural de Caicó. Ouviu-se ainda educadores que integraram a equipe local do MEB, além de ex-monitores e de ex-alunos das suas escolas radiofônicas. No todo realizamos 28 entrevistas com personagens que tiveram suas vidas entrelaçadas, em dado momento, com as histórias da Rádio Rural ou do Movimento de Educação de Base. Com alguns dos entrevistados, o tempo de gravação individual excedeu 01 (uma) hora, totalizando no conjunto cerca de 20 (vinte) horas de depoimentos.

Para Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, entrevista, recurso por ela largamente utilizado em suas pesquisas, é termo de etimologia francesa. Remete à idéia de vislumbrar, ver brevemente, de relance, de modo assistemático, constituindo-se valioso elemento para a investigação científica.

Pode ser vista como uma espécie de gênero intermediário entre o pensamento e a escrita elaborada, como um gênero capaz de apreender a idéia em movimento e, nesse sentido, como algo que pode ser considerado não um substituto, mas sim um complemento aos textos mais estruturados. (PALLARES-BURKE, 2000).

Na qualidade de “idéias em movimentos” as falas dos sujeitos, constitutivas da memória viva têm, não raro, a capacidade de trazer à tona dados complementares, porém relevantes ao entendimento do próprio objeto de estudo, nem sempre explícitos nos documentos escritos.

A Rádio instalou-se em vista de um almejado ideal de Homem a ser formado no solo de um povo, neste caso, o sertanejo do Seridó norte-rio-grandense, então sofrido pela ausência de conhecimentos básicos mais refinados e abrangentes que permitissem transformar a natureza, a sociedade e a si. Viu-se que Dom Manuel Tavares de Araújo ao desenvolver, conjuntamente com o clero diocesano, coadjuvado por membros do laicato local, um programa social e pastoral objetivando a implantação de uma estação radiofônica, na cidade de Caicó, sede diocesana, que alcançasse todos os fiéis católicos e o povo seridoense em geral, erguia os alicerces para uma formação cultural intencionalmente concebida. De acordo com Certeau, “*A ação cultural* [...] designa uma intervenção que liga os agentes a objetivos (ou ‘alvos’) determinados. É também um segmento operacional em que os meios de realização dizem respeito aos objetivos a serem definidos.” (CERTEAU, 1995, p. 195). Os ensinamentos daquele Bispo são claros ao referir-se, em suas reminiscências, à implantação da Rádio — quando do 40º aniversário desta — e, à missão educativa que a ela se destinava: “Foi um ponto muito interessante de formação. Não era somente religião, era também a educação do povo. [...] Eu desejo que [a Rádio Rural] seja a fonte de educação religiosa e civil do povo do Seridó.” (ARAÚJO, DOM MANUEL..., 2003).

As palavras de Dom Manuel Tavares assumem o tom de uma enunciação em que a educação escolar e não-escolar é compreendida para além da mera catequese, da doutrinação, assumindo ares de uma ação abrangente, de uma “cultura” enquanto ideal consciente e princípio de formação humana. Nesses termos, a educação como cultura ou mesmo enquanto formação não intenta agir e interagir em uma individualidade perfeita e independente, mas num homem capaz de elevar-se pelo cultivo dos valores socialmente estabelecidos conforme requerem, de um lado a especificidade da natureza humana e, do outro, as exigências do tempo histórico. Assim concebida, nos termos de Certeau (1995, p. 211), a intencionalidade, o planejamento e os desdobramentos da ação cultural concebida e

executada por seus agentes criam as “[...] estruturas apropriadas a uma nova sociedade.”

O conceber, o instalar e o operacionalizar a Emissora de Educação Rural de Caicó pôs-se, de um lado, em estreita correlação com princípios doutrinários universais e milenares da Igreja Católica relidos à luz de sua recente doutrina social, do *aggiornamento* a que se propôs e de sua conseqüente operacionalização aprendendo inclusive a servir-se dos modernos meios tecnológicos de comunicação e de educação. De outro, inseriu-se na perene discussão sobre a educabilidade humana e seus fins, em estreita correlação com os pressupostos econômicas, sociais, educacionais e culturais historicamente construídos. Intensos projetos no âmbito da sociedade em geral e da Igreja Católica em particular, intensificados em meados do século XX requeriam a formação integral da pessoa humana. No âmbito eclesial tal premissa requeria o desenvolvimento sincronizado das potencialidades materiais e espirituais.

A partir deste enfoque, a Tese constitui-se, além do presente, de mais quatro capítulos. O capítulo dois, **Sustentáculos doutrinários, sociais e humanos da Emissora Rural de Caicó**, apresenta os pilares que lastrearam, impulsionaram e deram suporte ao projeto de fundação da Emissora de Educação Rural de Caicó capitaneado pelo bispo Dom Manuel Tavares de Araújo, conjuntamente com outros idealizadores e colaboradores. A experiência pioneira de alfabetização pelo rádio e de educação de base desenvolvida pela Arquidiocese de Natal, sob a égide de Dom Eugênio de Araújo Sales, com a instalação de sua Rádio Rural, constituiu-se sustentáculo primordial. O capítulo três, **A auto-destinação da Rádio Rural: por uma paidéia formativa moderna**, examina as aspirações da Diocese de Caicó que, acompanhando o *aggiornamento* da Igreja Católica, instalou uma Emissora educativa. Realça os contornos de uma *paideia* moderna destinada a ser veiculada e desenvolvida pelo suporte tecnológico da radiofonia. O capítulo quatro, **É a Emissora Rural de Caicó uma mídia de formação renovadora espiritual e educativa?**, explicita como essa Emissora Rural concebeu, elaborou e executou sua grade programática radiofônica permeada por um ideal formativo de Homem, multifacetado e plural, nessa era da civilização midiática e de uma cultura cristã ativa e renovada. No capítulo cinco, **A cidadela educativa da Rádio-Escola Rural de Caicó (1963-1978)**, aborda o módulo Escola Radiofônica, a evidenciar sua cosmovisão de “sistema escolar” e de “ideal formativo de Homem”, concebido para abranger adolescentes, jovens, homens e mulheres, destinatários preferenciais dessa Emissora educativa. Para tanto, além das “aulas radiadas”,

examinou-se também outras transmissões inseridas nesse módulo programático, sob a coordenação do MEB, Sistema de Caicó, tendo a Rádio por suporte tecnológico e educacional moderno.

Capítulo dois

Sustentáculos doutrinários, sociais e humanos da Emissora Rural de Caicó

Lembro que no século XX,
no ano sessenta e três,
sendo o 1º de maio
lembro ano, dia e mês
na Emissora Rural
Cantei a primeira vez
(MOTA; NASCIMENTO, 2003).

É fato notório que a comunicação entre os homens trata-se de um fenômeno que insere existencialmente e, em certa medida, constitui a natureza específica do ser humano. A partir do século XIX, a comunicação da telegrafia sem fio, telefônica e radialista ganhou formas mais elaboradas e eficazes, coadjuvada por uma absorção de novos componentes tecnológicos. No plano da comunicação radialística as primeiras transmissões por meio de estações de rádio datam de 1919 e aconteceram na Holanda.

O presente capítulo volta-se para os pilares que lastrearam, impulsionaram e deram suporte ao projeto de fundação da Emissora de Educação Rural de Caicó, no ano de 1963, capitaneado pelo bispo Dom Manuel Tavares de Araújo, conjuntamente com outros idealizadores e colaboradores. Parte da experiência pioneira de alfabetização pelo rádio e de educação de base desenvolvida pela Arquidiocese de Natal, sob a égide de Dom Eugênio de Araújo Sales, com a instalação de sua Rádio Rural, como um dos sustentáculos primordiais.

No exame dos propósitos almejados pelo fundador daquela estação radiofônica destaca-se seu entendimento quanto à utilização educativa, na diocese por ele pastoreada, de um veículo de comunicação social para a formação humana e cristã no sertão seridoense. Tal investigação requereu atentar para as possíveis conexões entre um ideal formativo vislumbrado por Dom Manuel Tavares e o entendimento de formação educativa acumulado no ocidente pela contribuição de filósofos e educadores, inclusive de orientação cristã e pelo próprio magistério da Igreja Católica, sem descurar, no entanto, as exigências sócio-econômicas, culturais e educacionais vivenciadas por Caicó e pelo Seridó norte-riograndense de então.

Pensar o ideal formativo de homem em virtude de sua problemática humana e social requer, especialmente, nessa investigação, trazer a lume o conjunto de intervenções

que impulsionaram o bispo Dom Manuel Tavares de Araújo, conjuntamente com outros idealizadores a instalar a Emissora Rural de Caicó.

A Igreja Católica e a escola são instituições sociais que têm como principal centro de atenção o ser educável, ou seja, o indivíduo que se desenvolve da infância à maturidade. Compreendem essas instituições que só pela educação o ser humano poderá desenvolver suas potencialidades rumo a uma desejada perfectibilidade. Tal reconhecimento exigiu *a priori*, refletir sobre os fins da primeira experiência brasileira de educação de base da Arquidiocese de Natal, através de sua Emissora — objetivo das chamadas Escolas Radiofônicas — como um dos balizamentos da Rádio Rural de Caicó.

É oportuno lembrar que a Igreja Católica, desde o advento da imprensa e praticamente até o final do século XIX, mostrou-se bastante refratária aos modernos meios de comunicação, basicamente por entender a alta hierarquia da Igreja, ser ela a única guardiã legítima de seus postulados doutrinários; e, na linguagem eclesiástica, a responsável pelo *depositum fidei*. Aliás, esse tipo de prevenção era compatível ao entendimento da Igreja Católica acerca dos chamados valores da modernidade em vigor, tendo eles merecido, já no século XX, do Papa Pio X (1903-1922) aberta condenação, por meio da Carta Encíclica *Pascendi Dominici Gregis* (1907) e do Motu próprio *Sacrorum Antistitum* (1910).

Nesses documentos pontifícios, e de modo mais incisivo no último, aquele Sumo Pontífice estabelece uma série de interdições aos católicos, dentre as quais, a proibição da leitura e da impressão de livros reconhecidos como difusores de “idéias modernistas.” Torna doravante obrigatório um solene juramento anti-modernista a ser prestado por todos os membros da hierarquia católica, incluindo ainda aqueles que exercessem o ofício do magistério em instituições de ensino da Igreja Católica Romana. Com o passar dos tempos, porém, ainda que muito lentamente e de forma não-linear, a Igreja percebeu que poderia se valer dos meios de comunicação de massa para fazer chegar o mais longe e de modo mais rápido a sua mensagem doutrinária e evangelizadora.

Esclareça-se, porém, que avanços e permanências, aprovações e perplexidades quanto ao uso de meios tecnológicos de difusão do pensamento atravessam a história da Igreja Católica em vários momentos de seu percurso. Com as novas tecnologias comunicacionais não foi diferente. Os pontificados de Gregório XVI (1831-1846) e do seu sucessor Pio IX (1846-1878), por exemplo, assumiram posturas antagônicas para com o telégrafo (1837) de Samuel Morse. O primeiro desses Papas, nas palavras de Lagrée (2002,

p. 405), “[...] banira a invenção de seus Estados, assim como as estradas de ferro, correndo o risco de transformar os Estados Pontifícios em um ponto isolado, cortado da comunicação moderna.” O Papa Pio IX, vislumbrou naqueles inventos uma possibilidade integrativa do Vaticano com todo o orbe urbano, por enquanto.

Por essa razão foi capaz de romper com a anterior política tecnófoba de Gregório XVI lançando um ambicioso programa de integração comunicativa. Desde 1853, Pio IX, valeu-se de vias férreas e do telégrafo para ligar Roma a outras cidades e regiões da Itália. Esse Papa italiano, com tais providências, introduziu o Estado Pontifício na era moderna da integração ferroviária e das transmissões telegráficas.

Sentira o Pontífice Pio IX a necessidade e a possibilidade de, utilizando-se inicialmente do telégrafo, integrar-se, receber e emitir informações, de agilizar a comunicação entre a Sé Apostólica e seus prelados tornando célere a administração da própria Cúria Romana. Seu projeto social o aproximava dos cristãos que recepcionavam o advento das tecnologias integrativas, saudando os meios de comunicação a distância com regozijo e otimismo; como possibilidade de aproximação dos homens entre si e de elevação ao seu Criador.

Vislumbrando, portanto, a urgência de implementar sua missão instrutiva, educativa e evangelizadora, em consonância com a determinação do mestre, “Ensinai às nações a observar tudo que vos prescrevi [...]” (Mt 28, 20), a Igreja Católica antevê, com o surgimento da tecnologia radiofônica, na década de 1920, a possibilidade de mais rapidamente responder ao desiderato messiânico, fazendo chegar a todos a sólida direção do magistério eclesial.

As mais longínquas plagas, com o rádio, poderiam acessar instruções nos mais altos valores humanos e cristãos, adequadas à natureza e aos fins do homem. Uma formação sólida para tanto, advertia Pio XI na Carta Encíclica *Divini illius magistri* (2004, p. 164), depende de uma correta educação. Por isso, é “[...] da máxima importância não errar na educação, como não errar na direção para o fim último com a qual está conexas íntima e necessariamente toda a obra da educação.” A instalação da Rádio Vaticana (1931), que introduziria definitivamente a Igreja Católica na era da moderna comunicação, “[...] um dos aspectos mais importantes da política de comunicação de Pio XI [...]” (LAGRÉE, 2002, p. 432), é também fruto desse projeto de comunicação de massa em articulação com aquele outro projeto social. A voz do Príncipe dos Apóstolos ultrapassaria

os estreitos limites do Vaticano para ressoar no fictício santuário tendo como cúpula o firmamento e como chão o globo terrestre.

O entendimento acerca da preponderância estratégica dos meios de comunicação fez, portanto, alertar aos dirigentes eclesiais a premência de levar adiante aquele projeto audacioso de “comunicação de massa.” Essa orientação estratégica, em certa medida, encontra estímulo também na abertura da Igreja Católica para os diversos domínios humanos requerida nos princípios sociais e doutrinários contidos na Carta Encíclica *Rerum Novarum* (1891), de Leão XIII. Posiciona-se este Papa face à conflituosa relação estabelecida entre capital e trabalho explicitada com a chamada revolução industrial, na Europa. Acentuaram-se, desde então, as desigualdades entre as classes sociais constituindo-se terreno fértil para a defesa do socialismo em suas diferentes acepções, por parte de segmentos políticos e intelectuais.

As proposições do chamado socialismo materialista ganhavam, no entender da Igreja Católica, cada vez mais adeptos ao mesmo tempo que organizavam os operários para o enfrentamento, para a luta de classe denunciando a propriedade privada como uma invenção do capitalismo e uma expropriação do operariado e dos trabalhadores em geral. Se de um lado a Igreja sentiu a premência de alertar os operários cristãos para os perigos da pregação socialista tida como incompatível com o direito natural e com os princípios cristãos, do outro, chamou os detentores do capital à sua responsabilidade social cristã, alertando-os para a “miséria imerecida” a que se encontravam submetidos os operários. A ênfase no entendimento, na reconciliação e na cooperação constitui-se para a Sé Apostólica a via cristã de superação das diferenças entre as classes.

Cresce, desde então, a compreensão da Igreja em renovar o conhecimento educativo e social inerente à sua missão evangelizadora. Ela percebe o desafio de ultrapassar os “muros do Vaticano”, de “sair da sacristia”, de ir ao encontro do homem inserido nas diversas realidades sociais e culturais do mundo. Conforme Miceli (1988, p. 13), nesse momento, a Igreja Católica impõe-se a tarefa urgente de proceder a uma ampla reformulação dos “[...] conteúdos do apostolado católico, [...] diante da concorrência das denominações protestantes que haviam logrado avanços consideráveis por conta da prestação de serviços educacionais e assistências.”

A rigor, porém, somente a partir do pontificado de Pio XI (1922-1939) é que os princípios sociais e doutrinários da Encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII passaram a ser mais incisivamente discutidos com vista a nortear as ações concretas da hierarquia católica

e do apostolado leigo. Educar a classe trabalhadora pelo ensino católico, pela propagação da fé e pela evangelização, correspondia a um dos princípios dessa Encíclica. Naquele momento histórico, as autoridades eclesiásticas entenderam que para desenvolver um trabalho de Ação Católica dirigido para a classe trabalhadora e com a efetiva atuação do laicato, já não se podia prescindir de veículos de comunicação social, dentre eles, o rádio, em expansão por todo mundo. Tornava-se urgente semear em larga escala, disseminar a doutrina cristã, pelo ensino e pelo testemunho; enfim, levar a todos uma educação e uma cultura compatíveis com os princípios da fé. Aliás, conforme alertam Briggs e Burke (2004, p. 166), “Palavras usadas nessa área como ‘cultura’, foram retiradas de agricultura e não da tecnologia ou da indústria; difundir as sementes era lançá-las livremente.”

Ratificando tal entendimento, no ano de 1931, durante o pontificado de Pio XI, o Vaticano instalou a sua própria emissora de rádio para levar a mensagem do Papa aos fiéis, em viva voz, dentre outros interesses do catolicismo de atingir simultaneamente inúmeros indivíduos. O Papa Pio XII (1998, p. 860), que o sucedeu na Cátedra de Pedro, por sua vez, exaltou o rádio como sendo um recurso tecnológico que se prestava acima de tudo “[...] a educar o homem para as esferas do espírito.”

Como veículo tecnológico de “comunicação de massa” de amplo alcance social, o rádio para este Pontífice, “[...] tem o privilégio de se apresentar desligado e liberto daquelas condições de espaço e tempo, que impedem ou retardam todos os outros meios de comunicação entre os homens.” (PIO XII, 1998, p. 860). Recepciona ele aquela tecnologia comunicacional como “[...] rapidíssima ponte de união que o gênio inventivo de nossa época lança instantaneamente através do éter, pondo em comunicação por sobre montes, mares e continentes todos os recantos da terra, [...] instrumento providencial de apostolado ativo e pacífico.” (PIO XII, 1998, p. 84-85).

Vivenciando, infelizmente, na década de 1940, o cenário da II Grande Guerra, reconhece aquele Romano Pontífice que o incremento dos meios tecnológicos estava sendo amplamente empregado com fins beligerantes, incluindo-se aí o rádio, meio de comunicação de massa a distância. Para esse Pontífice, tal uso da radiofonia desvirtuava cabalmente a sua concebida natureza pacífica e educativa. Em plena vigência do conflito bélico, no ano de 1941, aquele Papa apropriava-se do rádio como instrumento de paz, irradiando das “[...] antenas da colina Vaticana [...] palavras inspiradas e animadas do espírito consolador.” (PIO XII, 1998, p. 83). É pertinente assinalar que tais palavras foram

por ele proferidas em uma radiomensagem comemorativa do 50º aniversário da Carta Encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII.

O aludido conflito bélico também expusera ao mundo ocidental suas enormes contradições e desigualdades, externas e internas, entre povos e nações. O analfabetismo e a ignorância face ao alheamento a conteúdos escolares eram expressivos, especialmente nos países então ditos subdesenvolvidos. Debelar ou mesmo reduzir significativamente e rapidamente esse cenário constituiu-se escopo inadiável da UNESCO, sob a liderança dos EUA que propunha a “aliança para o progresso”, inclusive como forma de contrapor-se enquanto “bloco democrático” à tentação da planificação anunciada como alternativa pelos países socialistas capitaneados pela então URSS.

No Brasil, o rádio apareceu com uma clara finalidade educativa, posto que, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 20 de abril de 1923 por Edgard Roquette-Pinto, Henrique Morise e cientistas da Academia Brasileira de Ciências, voltar-se-ia para promover a “educação em massa”. Para Blois (2004, p. 148-149), com o ato de fundação dessa Rádio foram lançadas “[...] as bases do uso massivo de uma tecnologia da comunicação como instrumento real e efetivo de cidadania e educação para muitos [...].”

O historiador da educação, Fávero (2006, p. 33), esclarece que “[...] o primeiro plano com vistas a resolver o problema educacional do país com ajuda do rádio foi elaborado em 1926 por Roquette Pinto.” Conforme concebia este idealista empreendedor, o plano de uma educação verdadeiramente popular previa a instalação de uma rádio-escola sediada na capital de cada Estado, tornando-se ela responsável pela coordenação e nucleação de uma rede de rádio-escolas com a função de retransmitir a programação destinada especialmente à educação dos mais pobres.

Só em 1934, no entanto, quando Anísio Teixeira estava à frente da Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal (1931-1935) fundou, acatando sugestão contida no plano educativo de Roquette-Pinto, a “Rádio-Escola Municipal”. Em 7 setembro de 1936, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ou “Rádio Roquette-Pinto” foi cedida para o Ministério da Educação e Saúde Pública, com tudo o que havia dentro e sem dívidas ou ônus de espécie alguma para a União. (CASTRO, 2005). Com a instalação daquela emissora radiofônica o poder público proporcionava, no entender de alguns, o primeiro e decisivo passo no uso do rádio como instrumento fundamental para a educação popular.

Nasceria, nessa ocasião, a Rádio Ministério da Educação e com ela o Serviço de Radiodifusão Educativa (criado pela Lei nº 378, de janeiro de 1937), com atribuições de

promover programas culturais e educacionais. A defesa do rádio, incansavelmente feita por Roquette-Pinto como veículo por excelência educativo e cultural, ressoaria por todos os lugares do Brasil. Em suas palavras educativas:

O rádio é a escola dos que não têm escola. É o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças, o consolador dos enfermos e o guia dos sãos — desde que o realizem com espírito altruísta e elevado. (ROQUETTE-PINTO apud CASTRO, 2005, p. 5).

A percepção das potencialidades intrínsecas dessa mídia, por toda “era Vargas” visando a inculcar nas massas uma adesão ao patriotismo cívico e às ações governamentais e, do outro, o entusiasmo dos chamados “escolanovistas” decididos a dar uma destinação educativa ao rádio.

Nesse campo de atuação, figuras como Roquette-Pinto, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Gustavo Capanema, Paschoal Lemne, Venâncio Filho, Jônathas Serrano, entre outros, circulavam com frequência a fim de dar direção ao funcionamento da radiodifusão nacional e de moldá-la sob parâmetros técnicos e filosóficos da Escola Nova. Como princípios reguladores das emissões, destacam-se, para além da censura aos ‘elementos nocivos à radiodifusão’, os apelos à sua uniformização e o desejo de convencimento dos ouvintes (escolares ou não), via recursos sonoros, para uma absorção voluntária de valores morais e imagens mentais de autodisciplina e de amor à pátria e ao trabalho. (DÂNGELO, 1998, p. 163).

Certamente, das décadas de 1930 a 1950, em razão também da propaganda incansável de Roquette-Pinto enfatizando o caráter educativo e cultural do rádio, brotaram inúmeras estações radiofônicas por todas as regiões do Brasil, com fins culturais e educacionais. No ano de 1936, surgiu no Rio de Janeiro a Rádio Nacional. No ano de 1944 a Associação Brasileira de Educação (ABE) chega a organizar cursos de férias para professores utilizando-se do rádio. De 1947 a 1951, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e o Serviço Social do Comércio (SESC) implementam uma experiência com o apoio do rádio, destinada à educação de comerciários de cidades do interior de São Paulo e Rio de Janeiro, à qual denominou-se “Universidade do Ar”. De acordo com Fávero (2006, p. 34), esta experiência idealizada por Benjamin do Lago teria sido, no Brasil, a primeira a conceber a “recepção organizada” consistindo em “[...] um grupo de alunos reunidos em núcleos de recepção para ouvir a aula e debater os temas tratados com um professor assistente ou um monitor, que se encarrega ainda das explicações complementares [...]”. Em 1951, na cidade de Marquês Valença (RJ), o professor Geraldo Januzzi organizou e dirigiu um curso de alfabetização usando o rádio.

As várias experiências radiofônicas surgidas nessas décadas refletem num certo otimismo pela educação compreendida como fator de desenvolvimento, de mudança e elevação do nível de vida pessoal. Lembra Fávero (2006, p. 24), que “A educação das classes populares, principalmente do meio rural, é uma constante na política educacional brasileira após o Estado Novo e a 2ª Grande Guerra Mundial.” Nesse período, o governo brasileiro desenvolveu vários projetos e campanhas voltados principalmente para a alfabetização, para a educação no meio rural, dentre os quais destacam-se a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA, 1947-1954), a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER, iniciada em 1952) e o Sistema Rádio-Educativo Nacional (SIRENA, 1958).

Órgãos governamentais como o Serviço de Radiodifusão Educativa (SER), o Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE) e o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), de acordo com Dângelo (1998), desde a década de 1930, esmeravam-se para que as aulas radiofônicas difundissem uma concepção de vida harmoniosa, pelo ensinamento de valores morais e cívicos como a fraternidade e a positividade do trabalho humano. A educação seria, enfim, o grande elo de integração e de unidade da nação brasileira.

O certo é que as Escolas Radiofônicas já alardeadas pelo SIRENA, mas, sobretudo, as erigidas e coordenadas pelo MEB, foram concebidas como meio eficaz para o enfrentamento racional e emergencial com vistas à superação do analfabetismo, mediante uma ampla disseminação da educação de base. Enumeravam-se para tanto as imensas vantagens dessas instituições. O cônego Geraldo Mendes Monteiro, ligado àquele órgão governamental, com um certo ufanismo bastante peculiar à época, explicitava pelo menos dez fatores favoráveis à implantação dessa modalidade escolar.

Primeiro, as Escolas Radiofônicas supririam a inexistência de prédios escolares em número suficiente para abrigar o contingente de analfabetos carentes de instruções formais, posto que, tais escolas elas podiam “[...] funcionar no prédio duma escola rural, numa sala de grupo escolar, num barracão, no porão de uma casa qualquer, numa sala de casa de família e, até mesmo, no tempo, debaixo duma árvore.” (MONTEIRO, 1962, p. 16-17).

Segundo fator, a motivação propiciada pelas aulas cuidadosamente elaboradas e veiculadas nessa modalidade de ensino, haveria de manter desperto o interesses dos aprendizes evitando a evasão escolar. Terceiro, supriria a falta de pessoal docente

qualificado, pois, a partir da cabine da rádio uma só professora seria capaz de multiplicar-se abrangendo a um só tempo, com o auxílio cuidadoso do monitor, a milhares de alunos. Quarto, a economia de recursos financeiros resultante dessa modalidade de ensino. Quinto, a abrangência educativa do meio, inclusive com a possibilidade de chegar aos ouvintes não necessariamente vinculados a um núcleo de recepção organizada. Sexto, ela poderia adotar um sistema educativo permanente, abrangendo o homem todo desde a meninice até a velhice. Sétimo, também contribuiria para a elevação intelectual e pedagógica do professorado. Oitavo, a rádio para transmitir aulas não haveria que necessariamente produzi-las, podendo valer-se do recurso de retransmissão por meio de cadeia. Nono, a possibilidade de ampliação de sua ação educativa pelo convênio com outros órgãos governamentais ou não para distribuição de materiais por estes produzidos. Décimo, as Escolas Radiofônicas poderiam ainda apoiar campanhas de utilidade pública ou mesmo realizar as suas próprias.

Como se observa, o conjunto dessas motivações escolares atravessado por intenções de ordem educativa, política, ideológica, social, cultural e religiosa, ao lado das incipientes, mas também das expressivas experiências pretéritas que empregaram o rádio com fins escolares, indubitavelmente, motivaram a constituição orgânica do MEB para a operacionalização desse aparato técnico educacional.

Desse propósito cultural e educacional decorreria a utilidade social da radiodifusão, como valor inestimável para estabelecer uma interlocução entre membros do clero católico e o povo brasileiro. No ano de 1954, a cúpula da Igreja Católica obtém do governo federal a primeira concessão de rádio, “A Rádio Aparecida.” Um ano depois, tendo conhecido a experiência colombiana conduzida desde 1947 pela *Acción Cultural Popular* (ACPO) e apoiada pela UNESCO a partir de 1955, o Frei Gil Bonfim, religioso pertencente à ordem franciscana, publica na Revista Eclesiástica Brasileira (REB) um artigo no qual “[...] estuda a viabilidade e a conveniência da implantação de uma rede de emissoras católicas no Brasil, visando à catequese e à educação popular.” (FÁVERO, 2006, p. 35). Evocando quer como meio cultural, quer como veículo educacional, ou ainda como transmissora da “palavra de Jesus Cristo e Apóstolos,” a Igreja Católica, nos anos de 1954 a 1964, conseguiu pouco a pouco junto ao Governo Federal a concessão de emissoras de rádio notadamente para a região Nordeste, sobressaindo-se a Emissora de Educação Rural de Natal, por sua pioneira experiência de educação de base pelo recurso das Escolas Radiofônicas, conforme abordamos neste trabalho de Tese.

Nos anos de 1950, a persistência dos desníveis estruturais entre as regiões centro-sul e nordeste do país foi motivo para desencadear nesta um movimento por parte de políticos, clérigos e intelectuais nordestinos. O ponto de partida desse movimento derivou, sobretudo, da dominância na região do atraso sócio-econômico, da mendicidade, da indigência e do analfabetismo, a despeito da aceleração da industrialização no centro-sul do país, sob a égide da ideologia do nacional desenvolvimentismo encampada em maior ou menor escala pelos governos de Getúlio Vargas (1951-1954) e de Juscelino Kubitschek (1956-1961).

Anos antes, o acontecimento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) havia exposto a capital Natal e o Rio Grande do Norte no centro do noticiário escrito e radiofônico mundial. Sabe-se que o espaço aéreo norte-rio-grandense funcionou como uma espécie de corredor para a passagem de aproximadamente dois mil aviões de guerra americanos e das forças aliadas (França, Reino Unido, União Soviética e China) com destino ao continente europeu, africano e além. Mostra Nascimento (2004), que o Presidente Franklin Roosevelt saudava Natal como “encruzilhada estratégica”. A cidade de Natal era mencionada como “trincheira do atlântico”, “trampolim da vitória”, “corredor da vitória”, local estratégico de atuação das tropas do exército norte-americano e aliados; foi também palco para o encontro histórico, em 28 de janeiro de 1943, dos Presidentes Franklin Roosevelt e Getúlio Dornelles Vargas — cognominado de “Conferência do Potengi.”

Em Natal, o povo assistiu cheio de perplexidades à instalação da Estação de *Rádio Refoles*, de bases militares aeronavais, hangares, hospitais, fábrica de coca-cola, cafés, confeitarias, cinemas, cassinos, boates, bares, botequins, pensões, bordéis e à imigração de indivíduos dos meios urbanos e rurais atraídos pelo progresso fugaz da cidade. Em 10 de abril de 1947, uma multidão de pessoas acompanhou, momentos antes do traslado para a terra pátria, o cortejo fúnebre de 214 féretros de soldados norte-americanos mortos no Brasil. (NASCIMENTO, 2004).

Progresso fugaz e o agravamento da miséria social perpetravam-se em Natal possuidora de uma população que havia dobrado durante a Segunda Guerra. Tal fato sócio-econômico explicava-se basicamente por dois fatores. Primeiro, com a mudança experimentada na matriz econômica brasileira nos anos pós-30, pelo incremento do capital industrial que ia substituindo o modelo agrário exportador, forçou a migração das famílias rurais para a cidade. Segundo, com o término da Segunda Guerra cessou a circulação

abundante de dólares no comércio de Natal, agravando sobremaneira as conseqüências do fator macroeconômico.

2.1 Província Eclesiástica do Rio Grande do Norte com suas emissoras educativas

Em virtude desse quadro social é que se daria imediatamente ao fim daquele evento bélico a organização do chamado “Movimento de Natal,” um Movimento renovador pensado e posto em prática sob a liderança dos então padres Eugênio de Araújo Sales e Nivaldo Monte, além do arcebispo da arquidiocese de Natal Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas. Para Paiva (1997, p. 111), a renovação envolveu todo um “apostolado de ação” em lugar de um exclusivo “apostolado da oração”.

Ainda segundo Paiva (1997, p. 111), o Movimento de Natal tem seus antecedentes no reordenamento da Juventude Feminina Católica (JFC) no ano de 1944, e na criação, em 1945, da Juventude Masculina Católica (JMC) e da Escola de Serviço Social. Contudo, a partir da JMC e da Escola de Serviço Social foi que um programa conjugado de ações assistenciais, sócio-educativas e evangelização ganhou uma dimensão teórica, técnica e prática. “A JFC, JMC e a Escola de Serviço Social, com a técnica de ‘organização e desenvolvimento da comunidade, exerciam uma atividade social e evangelizadora variadíssima, atingindo diferentes segmentos sociais [...]” É pertinente lembrar que padre Eugênio Sales e padre Nivaldo Monte eram, respectivamente, os assistentes espirituais da JMC e da JFC, ramos da Ação Católica Brasileira (ACB), em Natal.

Percebe-se, todavia, que Dom Eugênio Sales, na qualidade de um dos mentores desse Movimento não agiu tão somente nos limites territoriais da arquidiocese de Natal. Realizações de Semanas Rurais, em que temas diversificados abordavam aspectos relevantes da vida rural disseminaram-se por toda Província Eclesiástica do Rio Grande do Norte abrangendo Natal, Mossoró e Caicó. Por ocasião da I Semana Rural realizada em janeiro de 1951, na capital, sob a égide do Serviço de Assistência Rural (SAR), os dirigentes eclesiais e os leigos da Ação Católica já enxergavam o alcance da comunicação radiofônica. Prova disso é que a palestra realizada pelo dr. Otto de Brito Guerra, presidente da Junta Diocesana de Ação Católica, abordando o tema: “A Igreja e o meio rural,” foi realizada nos estúdios da Rádio Poti. (OLIVEIRA, 1982, p. 288). A programação da referida Semana, encartada por Oliveira (1982), revela que esses eventos eram pensados conjuntamente pelos prelados das três dioceses potiguares, atestando que a promoção do homem rural, e dos menos favorecidos em geral, tratava-se de uma ação

ampla da Igreja Católica do Rio Grande do Norte. Nesse sentido, esta mesma Semana contou com a colaboração de Dom José de Medeiros Delgado, então bispo de Caicó, que proferiu a palestra de encerramento: “O Problema moral e religioso do homem rural.”

No ano seguinte, já sob o pastoreio do Bispo Dom José Adelino Dantas, a própria diocese de Caicó abrigou, em dezembro de 1952, a III Semana Rural do Rio Grande do Norte, com o apoio do SAR e de vários órgãos públicos a exemplo dos Departamentos Estaduais de Agricultura e de Educação, do Fomento Agrícola Federal, das Defesas Sanitárias Animal e Vegetal, além da Escola de Serviço Social de Natal. Apesar de o título ser aparentemente restritivo apontando para o mundo rural, o evento previu uma programação ampla com lugares específicos para: criadores e agricultores, sacerdotes, seminaristas, professores, e estudantes. Por ocasião dos preparativos desta Semana, o novo Pastor adverte:

Hoje em dia [...] não é possível apenas pregar a palavra, mas, a exemplo dos Apóstolos em situação semelhante, devemos cuidar também do corpo, [...] o interesse e o desvelo da Igreja pela população rural vai do espiritual ao material. (DANTAS apud OLIVEIRA, 1982, p. 133).

Presencia-se, portanto, um pensamento que se robustecia, notadamente pelas reflexões e pela práxis de setores da Ação Católica despertando para a urgência de intervenções abrangentes, que descendo do “céu das idéias” se encarnassem na realidade histórica dos homens a quem a Igreja Católica se dirigia.

Perquirindo acerca dos antecedentes do Movimento de Natal, Alceu Ferrari destaca como notório o encontro mensal, destituído de caráter oficial, sob a liderança dos padres Eugênio Sales e Nivaldo Monte, de seis sacerdotes incardinados à Arquidiocese de Natal. Integrando esse grupo de padres aquele pesquisador identifica a presença de “[...] Manoel Tavares [que] como vigário de Angicos, já no início do decênio dos 40, tornou-se conhecido por suas realizações no campo social.” (FERRARI, 1968, p. 50). Certamente, também em virtude daquela atuação pastoral viria a ser esse presbítero nomeado bispo diocesano de Caicó, no final da década de 1950.

O chamado Movimento de Natal destinou-se ao cumprimento de um programa conjugado de atividades assistenciais, sócio-educativas e evangelização englobando educação de base, escolas infantis e primárias, reeducação de crianças e jovens em orfanatos e patronatos, alfabetização para adultos, cooperativismo, sindicalismo, lazer, artesanato, habitação, atendimento médico-odontológico e educativo, orientação agrícola, promoção da mulher e campanhas (alimentos, remédios, roupas e abrigos). Por meio desse

conjunto de ações sociais e evangelizadoras, os partidários do Movimento de Natal através da Ação Católica pretendiam atingir a criança, a juventude, a mulher e famílias pobres de Natal, mas acima de tudo, a população campesina, principal sujeito atingido pelas transformações estruturais em curso no mundo rural. Na direção das populações menos favorecidas

A Igreja voltou-se, então, para o homem do campo de uma maneira cautelosa, mas persistente, alargando cada vez mais a sua influência. Se antes atuou de forma eventual com as Semanas Rurais e/ou Missões Rurais Ambulantes, logo passou para as Missões Rurais de Educação, de caráter permanente, e, depois, ingressou no campo da alfabetização, com a criação das ‘Escolas Radiofônicas’ pela Arquidiocese de Natal, em 1958, levando a educação de base para o meio rural. (OLIVEIRA, 1992, p. 180).

Nos termos de Ferrari (1968, p. 97) a atuação daquele Movimento, malgrado o caráter preponderantemente assistencialista, em sua evolução também logrou preparar lideranças nas circunscrições rurais imbuídas de espírito democrático, defensoras da vida associada e do cooperativismo objetivando “[...] transformar aglomerados humanos em verdadeiras comunidades, [...] suscitar, dentro do âmbito de uma vizinhança, de um aglomerado [...] novo sistema de relações sociais, isto é, de relações comunitárias.” E assim, por meio de atividades sociais, culturais e, sobretudo, pela educação de base, que englobava a politização e a conscientização dos sujeitos nela envolvidos, os capacitaria para a vivência na sociedade em passos largos de mudanças estruturais.

Em seu conjunto, as atividades do Movimento de Natal, às vezes atuando em parceria, porém, em tantas outras intervindo nas franjas ou mesmo à margem dos órgãos públicos são compatíveis com a perspectiva de Certeau (1995, p. 250) para quem “[...] as ações culturais constituem movimentos. Elas inserem criações nas coerências legais e contratuais. Inscrevem trajetórias, não indeterminadas, mas inesperadas, que alteram [...] e mudam [...]” certas relações sociais. No Movimento de Natal fez-se presente a pretensão de, por meio da prática educativa, viabilizar uma “[...] transformação efetiva de estruturas ou sistemas de relações sociais, como também, [...] transformar as próprias concepções [de seus destinatários] a respeito dessas mesmas relações.” (FERRARI, 1968, p. 97).

No início do ano de 1957, Dom Eugênio de Araújo Sales, já na condição de bispo auxiliar (1954) da Arquidiocese de Natal e Presidente do Serviço de Assistência Rural (SAR, fundado em 1949), buscou o apoio do Governo Federal para obter a concessão de uma emissora de “rádio rural” destinada à capital Natal. O principal projeto da Emissora denominado “Educação de Base de Jovens e Adultos” (para ser desenvolvido pelo recurso

tecnológico de escolas radiofônicas) tinha, portanto, ramificações no Serviço de Radiodifusão Educativa, na Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, na Campanha Nacional de Educação Rural e no Serviço Social Rural. Em face do seu caráter interdisciplinar ganhou apoio incondicional do Ministro da Educação, Clóvis Salgado; do Ministro da Saúde, Mário Pinotti; do Chefe da Casa Civil da Presidência da República, Victor Nunes Leal e do Ministro da Agricultura, José da Costa Porto.

Dom Eugênio Sales pretendia, pois, atenuar a gravidade do subdesenvolvimento da população campesina, por meio de cursos educativos e educacionais “sem fio.” Em sua dimensão concreta, a instalação de uma “[...] emissora especializada para o mundo rural” (EMISSORA DE EDUCAÇÃO RURAL, 1958, p. 6), residiu na conjugação de pelos menos quatro níveis de metas objetivas, como partes de um programa educativo e católico, incansavelmente perseguidos por aquele prelado.

Primeiramente, no ano de 1957, empenhado no combate ao analfabetismo encravado no subdesenvolvido mundo rural do nordeste brasileiro e procurando integrar o trabalhador do campo aos recursos da sociedade tecnológica, Dom Eugênio, a partir do conhecimento de uma experiência de escola radiofônica – aquela referida pelo frei Gil Bonfim em artigo na REB – recomendada pela Organização das Nações Unidas (ONU), através da UNESCO, seu órgão especializado em educação, e desenvolvida pelo vigário da pequena paróquia de Sutatenza, situada numa região montanhosa da Colômbia, foi indicado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), para apreciá-la detalhadamente *in locu*.

A essa ousadia esclarece, porém, o próprio cardeal Sales que a leitura de uma notícia publicada numa revista americana lhe despertou a curiosidade em inteirar-se sobre o funcionamento da experiência educativa rural colombiana. Durante um Congresso Latino Americano de Educação na Vida Rural tendo, coincidentemente, Dom Eugênio Sales dividido com o padre Salcedo o mesmo apartamento de hóspede, quis informar-se sobre a constituição e o funcionamento das escolas do rádio, por este concebidas. Foi aí que surgiu a idéia de conhecer pessoalmente aquele trabalho educativo.

Fui convidado a participar no Panamá de um Congresso sobre a vida rural na América Latina. Organizei a viagem de uma maneira que pudesse visitar outras atividades nesse campo. Recordo-me que passei uns dez dias em Bogotá e na sede das aludidas Escolas Radiofônicas. Tomei conhecimento da sua organização, funcionamento no interior do País e do material utilizado. Nessa mesma viagem tive a oportunidade de visitar Porto Rico para um Congresso de Serviço Social e, nos Estados Unidos sobre o trabalho da Igreja na vida rural. [...] Isto veio a estimular a idéia

das Escolas Radiofônicas no meio rural do Rio Grande do Norte. (SALES, apud MEDEIROS, C., 2005, p. 90).

Funcionando desde o ano de 1947, a educação escolar através do rádio tratava-se de uma iniciativa do então jovem sacerdote José Joaquim Salcedo Guarin, que tinha dificuldade de manter contatos com os seus paroquianos, face às peculiares condições físicas e climáticas da localidade. Rádio-amador nas horas vagas, surgiu-lhe a idéia original de comunicar-se com a população através de uma pequena estação transmissora, após habilidosa adaptação de rádio-receptores. (EMISSORA DE EDUCAÇÃO RURAL, 1958). Ora, foi preâmbulo para instalação de uma escola radiofônica, para ensinar a população em grande parte analfabeta a ler, escrever e contar adquirindo, concomitantemente, noções básicas de economia doméstica, de higiene e de agricultura. Conforme Bereday (1972, p. 203), as escolas mantidas pela *Acción Cultural Popular* chegaram a atender mais de 300.000 alunos desde crianças até anciãos constituindo-se “[...] a mais singular realização do ensino colombiano e o seu maior título de glória.”

Em segundo lugar, o trabalho de Dom Eugênio em favor da educação escolar de base teve o apoio incondicional da imprensa escrita e do, também seridoense, governador Dinarte de Medeiros Mariz. É o que podemos verificar quando o Jornal “A República,” (1958, p. 1), órgão do Governo do Estado veiculava esse tipo de manchete — “D. Eugênio Sales à reportagem: A fome pode levar a população ao imprevisível.” O mesmo Jornal trouxe como manchete em outra ocasião — “D. Eugênio Sales fará ao Sr. Juscelino Kubitschek uma completa exposição da situação do Estado.” Com prudência e moderação, Dom Eugênio precavia as autoridades e a população norte-rio-grandense para a possibilidade de a miséria absoluta levar o indivíduo a cometer atos desesperadores e incontroláveis.

Em terceiro lugar, antes mesmo de ser elevado ao episcopado, o padre Eugênio de Araújo Sales ao lado do padre Nivaldo Monte foi um dos artífices de um conjunto de programas católicos envolvendo assistência religiosa, educacional, social, sindical, comunitária, de lazer, médica e agrícola desenvolvidas pela Arquidiocese de Natal que, conforme Maria Lúcia Pinto (1989) seriam denominadas de “Movimento de Natal”, conforme aludido.

Finalmente, sobressaía-se o empenho propriamente dito de Dom Eugênio Sales pela concessão da Emissora Rural de Natal associado, com a divulgação do projeto de Educação de Base de Jovens e Adultos pelo sistema tecnológico das “escolas radiofônicas,” junto a líderes sindicais rurais e autoridades locais de lugares mais ou menos

próximos de Natal. Adiada por duas vezes a instalação oficial, em face da mudança de prioridades da arquidiocese de Natal, e de fatores naturais, dentre eles, a seca de 1958 que deixou muitas famílias desamparadas, levando a Igreja Católica a somar esforços com outras instituições ao atendimento emergencial dos chamados “fragelados da seca.”

Durante o I Encontro dos Bispos do Nordeste ocorrido em Campina Grande (PB), em maio de 1956, no qual estiverem presentes o presidente Juscelino Kubitschek, ministros de Estado e técnicos de diversos órgãos governamentais, o então Secretário Geral da CNBB, Dom Helder Câmara, em discurso pronunciado no jantar oferecido ao Presidente, reivindicou enfaticamente uma revisão do tratamento dado ao Nordeste, levando em consideração, sobretudo, o fenômeno da seca.

O que Vossa Excelência vem fazendo para arrancar e precipitar soluções que salvem as vítimas da seca prova como Vossa Excelência, antes de ser mineiro, é brasileiro. Nenhum filho do Nordeste poderia obter mais, nem mais rapidamente, da emperradíssima burocracia do que vem fazendo Vossa Excelência em favor dos nossos irmãos em desespero. Apenas, Excelência, peço vênua para dizer-lhe: vendo, sentindo a sensibilidade de Vossa Excelência para todos os problemas nacionais; vendo e sentindo a sensibilidade de Vossa Excelência para este próprio Nordeste tão querido — carne da minha carne, sangue do meu sangue — reivindico para o governo de Vossa Excelência (e para isso os admiráveis Bispos nordestinos poderão prestar colaboração decisiva) a Glória de lançar as bases firmes de revisão de tratamento do Nordeste, cujas grandes linhas talvez estejam: no atendimento a indústrias básicas de cada unidade nordestina, levando em conta, sobretudo, que, na região, a agricultura é incerta e precária; na revisão substancial do atendimento as secas; dando rumo positivo aos superados esquemas contra as secas; na simplificação e dinamização da máquina administrativa cuja complexidade e, cujo encerramento, graves para todo o país, assumem proporções catastróficas e, em horas de calamidade como o atual, criminoso. (CÂMARA, 1956, p. 8).

Cerca de dois anos depois, o telegrama do presidente Juscelino Kubitschek punha fim à luta inicial levada avante por Dom Eugênio Sales, com o objetivo da concessão de uma Emissora de Rádio Rural para a propagação do ensino a distância.

Referência carta Vossência. Rvma. 18 de abril findo, comunico assinei nesta data decreto outorga concessão emissora de Educação Rural Ltda. Instalar estação radiodifusora. Respeitosas Saudações. Juscelino Kubitschek. (CONCEDIDA AUTORIZAÇÃO PARA FUNCIONAMENTO DA EMISSORA DE EDUCAÇÃO RURAL, 1958, p. 1).

Efetivamente, a entrada de uma nova tecnologia educacional implicaria de fato na alteridade dos padrões tradicionais de ensino e aprendizagem conduzido por um único professor presencial. A escola radiofônica como parâmetro, pressuposto e lógica

específica, distinta da escola de padrões tradicionais de ensino englobaria, ao mesmo tempo, vários agentes tanto internos como externos mediados por tecnologias e material pedagógico em consonância com os níveis e ritmos de aprendizagens dos alunos.

Dom Eugênio Sales, com o pleno conhecimento intelectual e pedagógico dessa nova tecnologia, explicava que havia de se adequar a pedagogia escolar, a um corpo de saberes e procedimentos, condizentes com o repertório e a linguagem didática do sistema de escola radiofônica. Com tom professoral, assim explicava a dinâmica de ensino e aprendizagem correlatas das escolas radiofônicas.

No estúdio, um só professor dará aulas para numerosas classes. Nas escolas radiofônicas, os alunos acompanharão através de material pedagógico especial, que possibilitará amplamente as explicações. Além da cartilha uniforme, quadros murais com ampliações das lições desta mesma cartilha — tipo cartazes — os trechos ministrados serão repetidos, intercalados de cortinas musicais. Nos cursos de alfabetização, duas serão as aulas por dia (aritmética e português), com duração de quarenta minutos e recreio de dez. No final do ano haverá provas para avaliação do grau de aproveitamento e promoção. (EMISSORA DE EDUCAÇÃO RURAL, 1958, p. 6).

Com auxílio de todo um maquinário técnico e tecnológico incluindo trezentos rádio-receptores de “onda cativa” (por sintonizar somente a programação da emissora que transmite a aula radiofônica), a *Emissora de Educação Rural de Natal*, foi inaugurada no dia 09 de agosto de 1958, com a presença de todos aqueles ministros que apoiaram o projeto de “Educação de Base de Jovens e Adultos”, objetivo das escolas radiofônicas. Tratava-se de uma experiência educativa renovada e, conforme adverte Vanilda Paiva (2003, p. 249), ao interessar-se pela educação popular, tal atitude denota um redirecionamento da ação social da “[...] Igreja [Católica] que durante toda nossa história educativa havia se dedicado prioritariamente à educação das elites.”

A Emissora Rural de Natal “dedicada ao homem do campo,” enquanto um veículo de difusão rápida de idéias e valores modernos estava essencialmente comprometida com o desenvolvimento de um programa de “educação de base com o intuito de polarizar todas as providências, todas as obras novas na elevação do nível do homem.” (EMISSORA RURAL COMO PARTE DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DE BASE, 1959, p. 5). Naquele momento histórico, havia necessidade de uma multiplicação da educação de base por meios tecnológicos mais velozes e investimentos coletivos mais racionais e baratos. Um povo em que a coexistência entre fartos e famintos crescia assustadoramente, a governabilidade do país vinha se tornando gradualmente instável e sujeita a perturbações sociais.

O investimento feito naquele momento histórico pela arquidiocese católica de Natal, ao selecionar modernos meios para desenvolver uma programa educativo de base, é compatível com a noção teórica de ação cultural discutida por Certeau (1995), a qual explicita-se no estabelecimento não apenas de fins, mas igualmente nos meios técnicos e nos procedimentos metodológicos consentâneos ao *telos* proposto, almejado e buscado por idealizadores, planejadores, promotores e agentes envolvidos numa dada práxis social, cultural e educativa transformadora.

O entendimento de formação educativa, por seu turno, nos permite considerar os vínculos indissociáveis entre a educação e a realidade socioeconômica e cultural. Pode-se dizer, portanto, que a educação de base proposta e desenvolvida pelo Movimento de Natal visando a uma educação geral do homem era, de um lado, requerida por uma concepção cristã de natureza humana e, do outro, pelos condicionamentos econômicos, sociais e culturais daquela concreção histórica, à luz dos quais a Igreja Católica buscou encarnar os princípios de sua doutrina social.

Sob a força do lema “Ajude as populações do campo a se ajudarem,” a Emissora de Educação Rural de Natal, sob a presidência de Dom Eugênio, ao fim e ao cabo, espriava pelas suas primeiras 120 escolas radiofônicas (logo depois já eram 200 escolas radiofônicas, com 3.500 alunos jovens e adultos) ensinamentos de linguagem, matemática, estudos sociais, educação sanitária, além de música, entretenimento, noticiário, novela, entrevista, cultura popular, função social do trabalho, sindicalismo rural, técnicas agrícolas, saúde preventiva, economia doméstica e a missa “radiada” com mensagem evangelizadora. A educação de base abrangia, portanto, dimensões cognitivas, afetivas, motoras e “ideais católicos.” (PINHEIRO, 1999, p. 26).

As escolas radiofônicas, em sua maioria situadas nos municípios no âmbito da circunscrição eclesiástica da arquidiocese de Natal, abriam-se para o mundo ao redor e alhures. Nos termos de Ferrari (1968, p. 86): “Foi o mundo [para] dentro da casa, dentro da fazenda, do sítio, do povoado.”

Essa matriz inovadora de educação de base “posta no ar” pela Emissora Rural de Natal — dimensionamento das escolas radiofônicas — não demorou muito a despertar interesses no próprio território estadual, bem assim no plano regional e nacional. Antes de completar um ano, o II Encontro dos Bispos do Nordeste aconteceu em Natal, em maio de 1959, para conhecimento *in locu* pelos mesmos. Veiculava o Jornal “A República,” como sendo uma experiência inovadora e bem-sucedida.

Experiência bem sucedida da Arquidiocese de Natal no emprego de rádio para promover a educação de base, a organização de comunidade, a formação de líderes, a alfabetização de adultos, a promoção de melhores práticas agrícolas, levou os demais **bispos do Nordeste no seu recente encontro na capital potiguar, a recomendar as escolas radiofônicas como instrumento indispensável ao projeto do desenvolvimento econômico regional.** (REPERCUTE O PROGRAMA EDUCATIVO DA EMISSORA RURAL, 1959, p. 1, grifo nosso).

Vale ressaltar, todavia, conforme alerta Oliveira (1992), pelo menos no início das escolas radiofônicas o conteúdo programático das aulas prendia-se a uma linha ainda tradicional, inclusive utilizando material didático publicado pelo Serviço Rádio-Educativo Nacional (SIRENA) destinado à alfabetização. Para aquela pesquisadora, “A novidade ficava por conta da utilização do rádio, instrumento de comunicação de massa, com o poder de difundir rapidamente qualquer mensagem, inclusive o pensamento católico junto às massas rurais.” (OLIVEIRA, 1992, p. 198).

Para Gê (1991), o II Encontro dos Bispos do Nordeste, em Natal, referendou a idéia de expansão da experiência de educação de base na região nordestina pela via tecnológica das escolas radiofônicas, bem como a organização de um movimento educativo em âmbito nacional, com o apoio pedagógico, técnico e financeiro do Ministério da Educação. O Movimento de Educação de Base (MEB) então institucionalizado foi resultado de entendimento mantido entre a CNBB e o então presidente Jânio Quadros, oficialmente reconhecido pelo Decreto nº 50.370, de 21 de março de 1961.

Nos termos daquele Decreto de 1961, o Governo Federal comprometia-se a facilitar a concessão de canais de radiodifusão aos bispos diocesanos que desejassem emissoras para transmissão de programas de educação de base pelo sistema de escolas radiofônicas. Quatro anos depois da fundação do MEB, a Igreja Católica no Nordeste era “proprietária” de uma rede de 18 (dezoito) emissoras de rádio, sendo: 3 (três) no Rio Grande do Norte; 4 (quatro) no Ceará; 6 (seis) em Pernambuco; 2 (duas) na Bahia; 1 (uma) em Alagoas; 1 (uma) no Piauí e 1 (uma) em Sergipe. (GÊ, 1991).

2.2 A Igreja Católica, o *Inter Mirifica* e suas encíclicas sociais

Ocorre que, quando dos trabalhos do Concílio Vaticano II (que tem início com o Papa João XXIII em 1962, prorrogando-se até 07 de dezembro de 1965, data de encerramento dos trabalhos, já sob o pontificado de Paulo VI que sucedera João XXIII em 1963), um notável Decreto de 1963 — o *Inter Mirifica* — era promulgado pelas autoridades

eclesiásticas conciliares. Tendo, como esclarece Pessinatti (1998), em Dom Eugênio de Araújo Sales um de seus concebedores, destinava-se esse documento conciliar a instruir sobre o programa de meios de comunicação social da Igreja Católica, segundo a exigência das circunstâncias de tempo e lugar, com prioridade para localidades em que o progresso moral e religioso estava a merecer uma atenção mais zelosa de parte das autoridades eclesiásticas.

O correto uso desses meios requer o conhecimento das normas éticas que os regulam e sua fiel observância prática. Considere-se o que se comunica em cada um desses meios, de acordo com a sua própria índole, assim como todas as circunstâncias que o cercam, como a finalidade, as pessoas, o lugar, o tempo e tudo o mais que lhe pode afetar a moralidade ou até lhe conferir uma conotação inteiramente nova. Chama-se especial atenção para o que cada um deles tem de próprio. [...] Com o progresso da sociedade e os estreitos vínculos de dependência recíproca que hoje nos prendem uns aos outros, a informação se tornou indispensável. A comunicação pública e imediata do que acontece dá a conhecer melhor e de maneira contínua o que se passa, contribuindo para o bem comum e para o proveito de toda sociedade. (INTER MIRIFICA..., 2003, p. 71-72).

Nessa ambivalência entre instrução e advertência, os meios de comunicação católicos, em especial o rádio, destinavam-se a “formar” entre fiéis, jovens e adultos, um juízo cristão de fatos e acontecimentos. Seja como for, haveria uma correlação entre a expansão de emissoras católicas no Brasil e em outros países, e a aprovação do Decreto *Inter Mirifica*, de 1963. Além disso, assistia-se à chamada guerra fria entre a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e os Estados Unidos da América (USA), bem como mudanças estruturais no mundo capitalista, nas quais a ciência e a tecnologia eram os principais pressupostos.

A propósito da renovação da ação pastoral da Igreja Católica à luz do Concílio Vaticano II e da Encíclica *Mater et Magistra* do Papa João XXIII, datada de 1961, a estudiosa da Igreja Católica, Maria Lúcia Pinto destaca:

A ‘ação renovada’ da Igreja Católica, sentida no pós-guerra, e por toda a década de 50 foi culminada com o Concílio Vaticano II, em 1962. Esse Concílio teve o mérito de tentar efetivar a renovação da Igreja, em sua prática, tratando das questões sociais, sobretudo àquelas ligadas ao campo. A partir daí, a Igreja passou a condenar os males do capitalismo em defesa da classe trabalhadora, denunciando as condições de miséria do trabalhador, principalmente do meio rural. (PINTO, 1989, p. 52).

Na verdade, como já assinalado, o processo de renovação da Igreja Católica, a partir de sua hierarquia, que alguns estudiosos, a exemplo de Gutierrez (1995), qualifica como uma reconciliação dessa Igreja com o mundo moderno, é iniciado pela publicação da

Encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII, difusora dos fundamentos principiologistas de um corpo teórico que ao ganhar sistematização veio a ser conhecido por Doutrina Social da Igreja.

Temários incluindo o progresso incessante da indústria, a concentração da riqueza em mãos de uma minoria, a socialização da propriedade coletiva, a desigualdade na relação capital e trabalho, a indignação da maioria da população planetária, a violação dos direitos humanos, o baixo nível instrucional do operariado dentre outros problemas sociais, constituem a base para o pensamento doutrinário da Carta Encíclica de Leão XIII.

Diante desses desequilíbrios social e político, a *Rerum Novarum* apresenta diretrizes equivalentes às definições quanto ao magistério da Igreja, os meios de difusão de sua doutrina e a instrução de base. No que diz respeito ao magistério da Igreja, a *Rerum Novarum* assim se expressa:

[...] dedicar-se totalmente a instruir e a educar os homens segundo os seus princípios, a sua doutrina, cujas águas vivificantes ela tem o cuidado de espalhar, tão longe e tão largamente quanto lhe é possível, pelo ministério dos bispos e do clero. (LEÃO XIII, 2004, p. 29).

Para educar e restaurar os “costumes cristãos” era de capital relevância a ação pastoral dos clérigos, mediante o uso de “meios de comunicação” adequados para atingir o maior número de indivíduos. Recomendava a Encíclica que aqueles fossem

[...] aptos para penetrar até as profundezas do coração humano que são capazes de levar o homem a obedecer às imposições do dever, a dominar as suas paixões, a amar a Deus e ao próximo com uma caridade sem limites, a esmagar corajosamente todos os obstáculos que dificultam o seu caminho na estrada da virtude. (LEÃO XIII, 2004, p. 29-30).

A religião católica como fundamento da moralidade, da justiça, do bem comum, enfim, do aperfeiçoamento humano integral constitui-se a instrução de base dos indivíduos em geral, e da classe operária, em preferencial, a fim de que todos conheçam seus direitos e deveres.

[...] tudo isto lhes deve ser cuidadosamente recomendado; previnam-se com particular solicitude contra as opiniões errôneas e contra todas as variedades de vício. [...] Aprenda ele a amar e a respeitar a Igreja, mãe comum de todos os cristãos, a seguir os seus preceitos, a freqüentar os seus sacramentos, que são fontes divinas onde a alma se purifica das suas manchas e bebe a santidade. (LEÃO XIII, 2004, p. 54).

A missão pedagógica confiada ao magistério eclesiástico na difusão de uma autêntica doutrina religiosa e cristã, de seus princípios morais, utilizando adequadamente os meios de comunicação, buscando alcançar o maior número de indivíduos e dotá-los de

uma sólida formação humana e cristã constitui-se, para Leão XIII, instrumento eficaz a contrapor-se, a um só tempo às errôneas idéias socialistas e às graves injustiças do mundo moderno.

No aniversário de quarenta anos da *Rerum Novarum* o Papa Pio XI lança em 1931 a Encíclica *Quadragesimo Anno*. Tendo como objetivo defender a doutrina social da Igreja Católica afirmada por seu predecessor, detém-se Pio XI, na presente Encíclica, sobretudo nos seguintes tópicos: ação católica da Igreja, meios de comunicação e formação religiosa e moral de jovens e trabalhadores. A ação da Igreja é revertida para “[...] o gravíssimo encargo de divulgar toda lei moral, interpretá-la e urgir o seu cumprimento oportuna e importunamente, sujeitam e subordinam ao nosso juízo a ordem social e as mesmas questões econômicas.” (PIO XI, 2001, p. 27).

Na Encíclica *Quadragesimo Anno* o trabalho de comunicação e de interpretação da doutrina católica e social era remetido para clérigos, leigos e integrantes do movimento da Ação Católica, que “[...] com tanto prazer [dedicam-se] generosamente conosco à solução dos problemas sociais, na persuasão de que a Igreja por força de sua divina instituição tem o direito e o dever de se ocupar deles [...]” da sociedade humana cristã. (PIO XI, 2001, p. 78).

Do trabalho combinado de clérigos, leigos e membros da Ação Católica resultaria, pois, a formação religiosa e moral de jovens e trabalhadores e a renovação do espírito cristão. No desempenho desse ofício eminentemente sacerdotal e apostólico, assim orientava a Carta Encíclica de Pio XI:

[...] usem como convém da força de educação cristã, ensinando jovens, fundando associações católicas, criando círculos, onde se cultive o estudo segundo os princípios da fé. Tenham sobretudo em grande apreço e saibam usar para o bem de seus dirigidos aquele preciosíssimo instrumento de restauração individual e social, que são os Exercícios espirituais [...]. (PIO XI, 2001, p. 81).

Pelo cultivo da propagação dos princípios da fé católica preveniria jovens e trabalhadores de evitar professarem as doutrinas socialistas, consideradas diametralmente opostas às doutrinas da Igreja Católica.

Quando da homenagem aos setenta anos da *Rerum Novarum*, o Papa João XXIII publica em 1961 a Encíclica *Mater et Magistra*. Por um lado, a rapidez dos avanços científicos, técnicos, bélicos; por outro, o crescente desenvolvimento dos meios de comunicação e a urgente necessidade de uma elevação da educação de base, além dos desequilíbrios econômicos e sociais entre os países e entre setores industrial e agrícola,

desnível entre cidade e campo, ao lado do êxodo rural constituem-se, sem dúvida, os pontos de discussão doutrinária da Encíclica assinada pelo Papa João XXIII.

A dignidade do homem ápice da vivência cristã da fé, aliada às múltiplas oportunidades oferecidas pela sociedade tecnológica podem, segundo aquele Pontífice, legitimar uma autêntica vivência comunitária entre os homens, com o fim de pensar coletivamente as soluções dos problemas comuns. Identifica, no mundo moderno, o surgimento de uma variedade de grupos, movimentos, associações e instituições com finalidades culturais, sociais, desportivas, recreativas, econômicas e políticas que, se iluminados pelos autênticos princípios cristãos, a socialização assim orientada mediante uma educação de base e a “[...] organização cada vez mais perfeita dos meios modernos de difusão do pensamento — **imprensa, cinema, rádio e televisão** — torna-se fácil, a todos, participar nos acontecimentos de caráter mundial.” (JOÃO XXIII, 2004a, p. 21, grifo nosso).

Reafirmando o papel de magistério da Igreja Católica, nas circunstâncias históricas presentes e, acentuando os meios de comunicação referidos, aspira aquele Papa que a doutrina social cristã, parte integrante da concepção de vida unitária digna influa na direção e na solução dos problemas da vida individual e coletiva (água potável, saúde, transporte, formação técnica) das comunidades regionais e nas relações sociais entre elas, na formação cultural, educativa e religiosa adequada das novas gerações.

Entretanto, para que a doutrina social da Igreja fosse conhecida, difundida, assimilada e aplicada na realidade à medida que as situações locais e nacionais permitissem ou reclamassem, necessário se fazia a intensificação de cursos, seminários e reuniões sistemáticas com o clero e o laicato. Para além desses recursos presenciais, entende o Papa, era necessário propagá-la “[...] através dos meios modernos de difusão: imprensa diária e periódica, obras de divulgação e de caráter científico, rádio e televisão.” (JOÃO XXIII, 2004a, p. 71).

Tem-se, portanto, que todo esse programa renovador abrangente da Igreja Católica prevendo uma série de atividades específicas as quais envolviam não apenas a hierarquia, mas, sobretudo os leigos fiéis, trata-se de uma ação cultural no sentido de Certeau (1995) posto que se apresenta como uma intervenção planejada englobando um repertório diversificado de atividades mais ou menos coerentes no que concerne a seus objetivos e a seu *modus operandi*, comprometendo os agentes a alvos pré-estabelecidos e norteados em seus fundamentos epistemológicos e procedimentos metodológicos.

A educação de base do “homem todo” em vista de alcançar “todo homem”, levando em consideração as dimensões mental, espiritual, lúdica, profissional e técnica subsidiada pela doutrina social da Igreja Católica era indispensável que poderes públicos em articulação com instituições da sociedade civil planejassem e pusessem em prática políticas de equidade empenhadas em reduzir as desigualdades sociais. Dentre todas uma destacava-se como indispensável: a difusão de uma educação escolar sólida civil e cristã.

A Igreja Católica, portanto, no diapasão da *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII e da *Mater et Magistra* de João XXIII enfatiza a concepção unitária e integral de homem, tantas vezes afirmada ao longo da história por filósofos e pedagogos. Tal ênfase explicita-se em documentos por aquela instituição publicados, especialmente naqueles que testemunham seu processo de renovação.

O ápice desse processo renovador, sem dúvida, dá-se com a celebração do Concílio Ecumênico Vaticano II, no qual a Igreja Católica dirige-se não apenas aos fiéis católicos. Desejosa não mais de simplesmente negar e sim dialogar com o mundo moderno, com seus valores e proposições, pretende aquela Igreja alcançar todos os homens de boa-vontade, mesmo aqueles que não professam o catolicismo. Percebe ela que a história da humanidade atingira um novo patamar a dela exigir uma postura diferenciada. Tal entendimento encontra-se patente nas palavras do Papa João XXIII em sua mensagem convocatória do referido Concílio, proferida na celebração do Natal de 1961.

A Igreja sabe quantas são as tensões que caracterizam o convívio humano em nossa época e deseja atenuá-los. A humanidade caminha para **uma nova ordem mundial**. Abre-se assim, para a Igreja, um lugar imenso de possibilidades de ação, como já aconteceu nas mais graves crises da história. (JOÃO XXIII, 1998, p. 11, grifo nosso).

A entrada da humanidade na ordem mundial globalizada requer da Igreja Católica imprescindível alerta a seus fiéis. A defesa de um mundo mais justo e igualitário, em que todos os homens tenham o acesso mínimo aos bens básicos da vida, dentre os quais, trabalho, moradia, escola, água potável, energia elétrica, transporte e lazer, usufruindo dos benefícios oriundos do progresso científico e tecnológico perpassa todos aqueles documentos pontifícios. Não se trata, porém, de um simples anúncio. O chamamento para que os membros da hierarquia, juntamente com o laicato, assumindo sua condição de cristãos dediquem-se efetivamente à construção daquela desejada “nova ordem”, encontrara respostas concretas em várias partes do mundo, marcadamente com o término da I Guerra mundial.

A Ação Católica fundada pelo Papa Pio XI, em meados da década de 1920, constituiu-se um dos marcos no processo de renovação da Igreja Católica. A intenção precípua daquele movimento era engajar o fiel leigo num verdadeiro apostolado de ação. O aprofundamento da fé deveria explicitar-se em vivências cotidianas, não simplesmente pela participação nos cultos religiosos nas dependências dos templos. Tornava-se mister que todo integrante da Ação Católica transformasse o seu local de trabalho e mesmo de lazer para dar testemunho de sua fé. Nesse entendimento, o exemplo, as obras valem mais que as palavras.

No Brasil, a Ação Católica foi organizada em 1935 e reformulada dez anos depois nos moldes vivenciados na Bélgica e na França. Nessa experiência, diferentemente da primeira que privilegiava o comando hierárquico da Igreja, atuando de maneira centralizada, a ênfase recaí no trabalho com os setores ou segmentos especializados conforme a ocupação profissional e as vivências concretas de cada integrante. Desse modo, aquele movimento que aspirava por uma inserção mais efetiva dos fiéis leigos no enfrentamento dos problemas contemporâneos relativos às esferas social, cultural, moral, religiosa e, sobretudo, organizacional vivenciados pelos diferentes setores que compunham a tessitura do mundo moderno de então, estruturou-se e cresceu fazendo-se presente entre os jovens operários, agricultores e estudantes.

Vê-se, portanto, que o Movimento de Natal, com suas inúmeras ações, dentre as quais a criação do Serviço de Assistência Rural (SAR) e a instalação das escolas radiofônicas a partir da Rádio Rural de Natal, insere-se nesse continuum de renovação da Igreja Católica, iniciado em fins do século XIX e intensificado na terceira década do século XX. Tal renovação inicialmente requerida pela realidade econômica e existencial, especialmente de países e regiões subdesenvolvidas, encontra eco não apenas nos documentos oficiais produzidos pela hierarquia, mas, sobretudo, no entendimento de pensadores católicos como Jacques Maritain e Emmanuel Mounier, cujas idéias eram amplamente divulgadas no Brasil e discutidas por intelectuais católicos como Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima e, sobretudo, pelo educador e pensador social cristão Paulo Freire.

Aliás, conforme pontua Oliveira (1992), Alceu Amoroso que compartilhava com Jackson de Figueiredo uma linha conservadora no Instituto Dom Vital, fundado em 1922 sob os auspícios do cardeal do Rio de Janeiro, Dom Leme, para aglutinar a intelectualidade católica, tendo a partir de 1935 adentrado no conhecimento do pensamento católico de

Jacques Maritain passou a adotar uma postura mais progressista em consonância com setores mais avançados da Igreja Católica. “Com Maritain, eles descobriram a necessidade de uma nova cristandade, onde as classes dominantes e dominadas fossem convertidas dentro de valores espirituais, numa ordem democrática, tendo em vista a ‘realização do homem’ [e] o bem comum.” (OLIVEIRA, 1992, p. 181).

Há que se enfatizar, no entanto, o tratamento substancial que pela primeira vez em sua história o magistério oficial da Igreja Católica dá aos meios eletrônicos de comunicação. A Carta Encíclica *Miranda Prorsus* (1957) publicada pelo Papa Pio XII tratou separadamente das especificidades e da importância do cinema, do rádio e da televisão para a formação humana e cristã, enfatizando o seu correto uso e a urgência de sua utilização pela hierarquia católica considerando que tais meios “[...] têm poderoso influxo no modo de pensar e agir dos indivíduos e comunidades.” (MIRANDA PRORSUS..., 2003, p. 35).

O Papa Pio XII, nesse documento eclesiástico, refere-se aos modernos meios de difusão, como aptos a aperfeiçoar os laços fraternos e de amizade entre os homens, notadamente a relação espiritual entre o rebanho e seu pastor. Os atuais meios de comunicação social e educativos são medidos como portadores de altas e nobres finalidades que são cumpridas quando despertam e ajudam no aperfeiçoamento dos valores ínsitos à natureza humana. Exortando os pastores e os fiéis em geral, lembra que

Só o interesse positivo e solidário pelos meios de comunicação social e seu devido uso, tanto da parte da Igreja como do Estado e dos profissionais, permitirá às próprias técnicas virem a tornar-se instrumentos construtivos de formação da personalidade [...]. (MIRANDA PRORSUS..., 2003, p. 42).

A potência desses meios ultra-velozes comunicativos pela sua abrangência se prestam, reconhece Pio XII, a uma certa uniformidade da civilização em toda extensão do globo terrestre. Para esse Papa, três são os setores mais importantes nos quais os meios de comunicação social e educativos podem atuar em vista do aperfeiçoamento do homem: informação, ensino e espetáculo.

Referindo-se ao rádio como poderosa ferramenta a serviço do ensino, a Encíclica *Miranda Prorsus* (2003, p. 44), reconhece que ele “[...] oferece possibilidades novas e inesperadas, não só para os jovens, e também para os adultos.” Expressa o desejo de que tais meios sejam usados no ensino católico como complemento à formação cultural, profissional e, sobretudo, à formação cristã considerada base de todo autêntico progresso.

Exaltando a fantástica possibilidade que tem o rádio de libertar-se das sujeições espaço-temporais pela velocidade de sua ondas sonoras lembra que a missão mais nobre desse invento tecnológico é a de educar e ilustrar o homem. Para essa Encíclica

O poder de ouvir homens e seguir acontecimentos longínquos sem sair das paredes domésticas, e assistir à distância às mais variadas manifestações da vida social e cultural, corresponde ao profundo anseio humano. (MIRANDA PRORSUS..., 2003, p. 56).

A tecnologia radiofônica se constitui uma espécie de janela misteriosa que se abre para o mundo permitindo uma vasta inter-relação cultural entre regiões e até povos diversos. Trata-se de um privilégio para os homens dos tempos modernos, mas cuja correta utilização para a transmissão da boa mensagem, do entretenimento sadio, da informação jornalística verdadeira, do ensino autêntico e do anúncio da boa nova cristã requer responsabilidades. Enfatizando a facilidade que oferece esse meio rápido para a propagação do Evangelho, recorda:

[...] que grande diferença entre os dias longínquos em que o ensino da verdade, o preceito da fraternidade e as promessas da bem-aventurança eterna acompanhavam o lento passo dos apóstolos através das ásperas sendas do velho mundo, e hoje, em que o apelo de Deus pode chegar no mesmo instante a milhões de homens. (MIRANDA PRORSUS..., 2003, p. 56).

Lembra Pio XII que é dever dos radiouvintes contribuir para que o rádio dedique-se ao seu papel de formar precipuamente uma opinião pública esclarecida “[...] que permita [...] contribuir para que o rádio conformemente à sua missão educativa, se ponha ‘a serviço da verdade, da moralidade, da justiça e do amor’.” (MIRANDA PRORSUS..., 2003, p.58). Convencido das inúmeras vantagens e possibilidades que oferecem os modernos meios tecnológicos de comunicação social para o apostolado, inclusive pelas experiências precedentes, esse Pontífice encoraja e apela para que a Igreja expanda e aperfeiçoe as transmissões católicas com o uso do rádio.

[...] rogamo-vos, veneráveis irmãos, que aumenteis e aperfeiçoeis mais ainda, segundo as necessidades e possibilidades de cada lugar, as transmissões religiosas. E como [essas transmissões requerem] [...] talento e competência particulares, haverá que preparar, com especial cuidado, os sacerdotes e leigos destinados a esta importante atividade. [...] Nós mesmos temos procurado ampliar e aperfeiçoar a nossa benemérita Rádio Vaticano [...]. (MIRANDA PRORSUS..., 2003, p. 59).

É razoável considerar que a Encíclica *Miranda Prorsus* ao referendar o uso dos meios eletrônicos de comunicação social e educativos, dentre os quais o rádio, como instrumento adequado à formação profissional, cultural, moral e ao aperfeiçoamento

cristão dos filhos e filhas da Igreja, constituiu-se um esteio sobre o qual Dom Manuel Tavares também ergueria a Rádio Rural de Caicó.

2.3 O magistério pastoral da Igreja Católica no Rio Grande do Norte através da tecnologia midiática

Teria sido pelas diretrizes do projeto de Educação de Base de Jovens e Adultos, das Encíclicas *Miranda Prorsus* de Pio XII e *Mater et Magistra* de João XXIII, do Decreto *Inter Mirifica*, da orientação legal do Decreto nº 50.370 de 1961 e do empenho político de Dom Eugênio Sales de Araújo, que foram autorizadas as concessões da Emissora Rural de Mossoró e da Emissora Rural de Caicó, ambas no ano de 1963.

Dom Gentil Diniz Barreto, bispo diocesano de Mossoró, respaldado pelo incentivo e a experiência prévia de Dom Eugênio Sales que também o instruíra acerca dos trâmites legais a serem seguidos para obter a concessão de canal radiofônico, instalação e posterior autorização de funcionamento somou-se àquele ideal de instalar uma rádio educativa na Região Oeste do Rio Grande do Norte. Cumprindo as etapas indispensáveis quanto à logística e aos recursos humanos, aquele prelado inaugurou no dia 08 de março de 1963, contando com a presença ilustre do então presidente da república, João Goulart, a Emissora de Educação Rural de Mossoró.

Pelos acordos assinados com o Ministério da Educação comprometiam-se os bispos diocesanos, assim como fizera o de Natal, com a difusão de um programa de educação de base através do sistema de escolas radiofônicas para jovens e adultos, pertencentes às jurisdições das dioceses de Mossoró e de Caicó.

Não obstante, a matriz empírica do projeto de educação de base da Arquidiocese de Natal pode haver iluminado algumas experiências de educação de jovens e adultos nos anos iniciais da década de 1960, a exemplo da “Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler” (Natal, 1961-1964), as “40 horas de Angicos (RN, 1963)”, na qual o próprio Paulo Freire se utilizou de modo pioneiro e experimental, testando com sucesso os princípios pedagógicos do método alfabetizador por ele concebido, e do próprio Movimento de Educação de Base (MEB). Para Vicente Vitoriano Carvalho, a também chamada “Experiência de Angicos” ocorrida durante o governo de Aluizio Alves, almejando o emprego de um método que aliasse eficiência e baixo custo, utilizou-se de recursos da tecnologia audiovisual. Nela,

[...] a alfabetização se propunha fundamentalmente dialógica, na qual se efetivava a participação das figuras do professor e do aluno, ambas equiparadas, um ‘com’ o outro, ambas dotadas de saberes culturais próprios e intercambiáveis. Nesta relação de base é que se acreditava estar a raiz da eficiência, estando as imagens e o aparato para a sua exibição funcionando apenas como suportes auxiliares. (CARVALHO, 2004, p. 108).

De todo modo, inobstante as especificidades de cada uma, no plano filosófico e educacional essas experiências têm em comum um “ideal formativo” e uma “concepção educativa de homem.”

A investigação de Ferrari (1968) sobre o “Movimento de Natal” foi uma das primeiras a fazer referência ao projeto de educação de base da Arquidiocese de Natal. É importante recordar as palavras de Ferrari: com a inauguração da Emissora Rural de Natal, em 1958, inicia-se a experiência de educação base pelo rádio no Brasil. Era patente para o autor, que a educação de base através das escolas radiofônicas contemplou:

[...] não somente a alfabetização, mas também a conscientização e politização das populações rurais. O próprio método de alfabetização era um processo de conscientização e politização, partindo não das tradicionais cartilhas de alfabetização, mas termos como povo, voto, liberdade, libertação, trabalho, salário, direito, dignidade, justiça, doença, fome, sindicato, alfabetização, analfabeto, cristão, amor, responsabilidade, etc. (FERRARI, 1968, p. 85).

Em referência à experiência das escolas radiofônicas sob a jurisdição da Arquidiocese de Natal, encontra-se em Pinto (1998), algumas descrições indicadoras das pretensões da Igreja Católica com a experiência de educação de base. Para a autora, ao recorrer à modalidade da escola radiofônica, a Igreja almejava desenvolver na população campesina uma mentalidade operacional balizada pelo sentimento de fé cristã, de solidariedade, de liberdade e de amor ao próximo. Pelo que constatou Pinto:

Ao transmitir supostamente uma nova concepção de mundo, onde veiculava a garantia, a ordem e o bom funcionamento da sociedade, vista como todo hegemônico e equilibrado, a Igreja conseguiu despertar sonhos de liberdade, igualdade e fraternidade entre as classes populares, sonhos estes a serem vividos em um ‘mundo novo.’ (PINTO, 1989, p. 80).

Para Gê (1991), assim como em Natal, a Emissora de Educação Rural de Mossoró instalada cinco anos depois (1963) e dirigida pelo bispo diocesano Dom Gentil Diniz Barreto, pôs-se a serviço da viabilização do projeto de educação de base, objetivo das escolas radiofônicas do MEB, com a meta de atingir a população rural jovem e adulta, da região oeste do Estado. No trabalho interativo entre educação de base e alfabetização,

jovens e adultos foram estimulados para o desenvolvimento da comunicação verbal e escrita, da sindicalização e do cooperativismo, dentre outros estímulos. Mostra Gê que:

A própria recepção das aulas em grupos ou núcleos organizados, pode ser considerada uma experiência inédita no meio rural. A utilização da linguagem teatral, de músicas, intercalando diálogos, a participação do camponês nas emissões radiofônicas, são alguns dos componentes deste lado avançado do trabalho realizado. [...] Na emissão de uma aula radiofônica, eram observados, não só o tempo de duração, o objetivo a ser alcançado, mas também a forma de expor o conteúdo, para que se tornasse atraente e comunicativa. (GÊ, 1991, p. 106-107).

Contudo, o projeto de educação de base conduzido pela diocese de Mossoró “[...] pretendia uma transformação do indivíduo, traduzida em mudanças de atitudes e comportamento, e não uma mudança das relações sociais, ou do modo de produção da vida material.” (GÊ, 1991, p. 124-125). De todo modo, sabe-se que a principal finalidade almejada pela Igreja Católica correspondia a um desenvolvimento de atitudes favoráveis à mudança e à transformação social por parte dos indivíduos destinatários do projeto de educação de base no Rio Grande do Norte. Para isso, fez-se necessário um programa de atividades integradas destinadas à população rural e também urbana periférica.

Os procedimentos pastorais da Arquidiocese de Natal já revelam e ao mesmo tempo explicitam um programa mais amplo de renovação eclesial. Num primeiro momento, mostra Oliveira (1992), que as ações educativas dessa Arquidiocese priorizaram a formação de lideranças comunitárias cristãs que trabalhariam a organização das comunidades campesinas. Para tanto, a Igreja Católica de Natal lançou mão das “Missões Rurais” e das “Semanas Ruralistas” considerando-as instrumentos eficazes para tal fim. Disseminar, portanto, nas comunidades os ensinamentos da doutrina cristã em vista de uma vida mais justa e humana que, para além das contradições do capitalismo e do materialismo comunista, garantissem a paz, a justiça e a estabilidade social impunha-se como tarefa daquelas lideranças. A organização das comunidades rurais pelo trabalho e pela união era percebida como elemento propício à auto-compreensão valorativa do homem rural e à sua elevação numa atmosfera de ordem, de harmonia e de progresso econômico, social e espiritual.

Em fins dos anos 1950 o Movimento de Natal, coadjuvado por lideranças intelectuais vinculadas à Ação Católica e sob a orientação pastoral de Dom Eugênio de Araújo Sales, direcionou, portanto, seus esforços para a educação de base pela modalidade das escolas radiofônicas — logo em seguida incorporada pelo Movimento de Educação de Base (MEB) — e para o sindicalismo rural. A aposta num programa educativo

fundamentado nessa nova modalidade escolar, ao lado do incentivo à sindicalização dos trabalhadores rurais pautavam-se por um “ideário católico” ancorado na doutrina social da Igreja e pretendiam formar cristãos que, mantendo-se fiéis à fé católica num mundo em mudanças, lutassem por uma sociedade na qual, malgrado as diferenças de classe, reinassem a cooperação, a fraternidade, a ordem, o equilíbrio e a justiça social.

Segundo Oliveira (1992), aquele apostolado de ação caracterizou-se como uma intervenção sócio-educativa inovadora que, seja num momento ou noutro, ao investir na formação de líderes para atuar na própria localidade de inserção, foi além do assistencialismo. Objetivando aliar conscientização à alfabetização de adultos e de jovens do meio rural, a Arquidiocese de Natal almejava formar cristãos capazes de identificar e de lutar por seus direitos. Utilizou para tanto o recurso das escolas radiofônicas com o qual

[...] se propunha a contribuir para um desenvolvimento integral de adultos e adolescentes, [...] mediante o processo de educação de base, que não se resumia em simples alfabetização, mas [adota] um planejamento mais completo que possibilite a conversão de homens em Homens, de massa humana em povo consciente [...]. (OLIVEIRA, 1992, p. 205).

O projeto de educação de base administrado por Dom Eugênio Sales tinha como principal premissa um mundo que era outro, um pensamento que já não o mesmo e a instituição à frente da coordenação também era uma outra. Educar o povo foi sempre um empreendimento ambicionado pela Igreja Católica. Para Pinheiro:

Ela sabe ser esta agência formadora, a principal organizadora das idéias quanto das mentes que irão reger a sociedade como daquelas que irão acatar tais regimentos, ou seja, de todos aqueles que podem constituir seu ‘rebanho.’ [...] É importante para ela levar seus ‘tentáculos’ doutrinários a todos os campos. (PINHEIRO, 1999, p. 49).

Mateus do Nascimento (2004) observou que a filosofia de ação da Igreja Católica em geral e do Movimento de Natal em particular respaldada pela doutrina social conferia ao homem ser o sujeito e o agente do seu desenvolvimento e de sua própria promoção humana. Seus programas *a priori*:

[...] abrangiam apenas o campo da formação religiosa e moral, no entanto, se alargaram para o setor de educação social, por meio do ministério diversificado e inovador dos leigos, que foram eleitos para coordenarem as Obras Sociais Católicas, configurando o que ficou conhecido como ‘apostolado leigo’ no movimento de Ação Católica. (NASCIMENTO, 2004, p. 110).

Efetivamente, para Dom Eugênio Sales, entre a temeridade de um futuro incerto e a consciência de um tempo de incertezas, o discernimento dessa “encruzilhada da história” corresponderia “[...] a perceber em nossas mãos uma parcela do peso deste destino. [...]

Pois somos homens do espírito, cujo ofício paira acima das contingências do mundo.” Essa parcela de trabalho era menos solucionar problemas de ordem econômica e material mais tão somente ensinar e organizar os trabalhadores para que possam cumprir os seus deveres e fazer valer os seus direitos (SALES apud FERRARI, 1968, p. 224). Na apreensão do soerguimento da condição humana do camponês nordestino por meio de uma educação de base e ensinamentos de valores cristãos, eis suas palavras:

No campo educacional e apostólico não podia a Emissora Rural de Natal oferecer melhor iniciativa graças à colaboração dos governos federal e estadual. [...] Sinto-me feliz por ter sido o organizador desta experiência, que produzirá em lugares tão remotos do Rio Grande do Norte, o milagre de uma consciência, a formação moral e espiritual de homens que trabalharão para o reerguimento de sua comunidade. (SALES apud PINTO, 1989, p. 114).

As suas poucas palavras exprimem a finalidade do seu projeto de educação de base — “a formação moral e espiritual de homens que trabalharão para o reerguimento de sua comunidade” e de si mesmos. Pelos seus objetivos educativos, recursos tecnológicos e ideário católico, inspirado na exitosa experiência da arquidiocese de Natal, o povo caicoense mobilizar-se-ia para a consecução de uma Emissora de Educação Rural, como veremos adiante. Mas, há de lembrarmos da força condutora de Dom Eugênio Sales para o nascimento da Emissora Rural de Caicó, como recorda o bispo Dom Manuel Tavares de Araújo.

Dom Eugênio foi à Colômbia onde havia um padre que tinha instituído uma rádio rural. **Quando Dom Eugênio chegou me chamou para organizar a coisa com o devido cuidado.** Foi quando foi fundada a Rádio Rural. (ARAÚJO, DOM MANUEL..., 2003, grifo nosso).

Em Caicó, o ensino a distância no início da década de 1960 pela modalidade das escolas radiofônicas promovida pela Emissora de Educação Rural de Caicó, sob a direção do Movimento de Educação de Base (MEB), tornou-se propício para a Igreja Católica em articulação com a diocese de Caicó desenvolver

[...] uma ação que ampliasse suas bases e difundisse seus princípios ideológicos fazendo valer o ideal cristão de uma vida fraterna e abundante a todos, e como isso interferisse diretamente nas consciências das pessoas envolvidas. A emissora passa a existir dentro de um contexto de evangelização [...] e da educação popular à distância, educação de base com as escolas radiofônicas e com assessoria de membros da igreja católica que promovem pastorais e ações igualitárias para integração do homem ao meio sócio-educativo e cultural. (ASSIS SOBRINHO, 2004, p. 37 e 34).

Palmilhar a entrada do homem sertanejo, mesmo que seja pelas margens, na ordem mundial globalizada, a atuação da Rádio Rural de Caicó, ao representar os interesses da Igreja Católica procurou de forma sistemática e coesa,

[...] estabelecer um elo com os moradores do Seridó, se utilizando, principalmente dos princípios cristãos para penetrar na vida particular do sertanejo, ditando suavemente os preceitos católicos, enobrecendo a força do homem seridoense, [fortalecendo] laços de solidariedade e da fraternidade entre famílias e comunidades e a valorização da cultura. (DANTAS, 2004, p. 41 e 31).

Naquele momento histórico, a formação integral do homem considerada desde a Grécia antiga com Sócrates e Platão, também discutida por cristãos como Agostinho, Tomás de Aquino, Erasmo e por pensadores modernos fora intensificada e, de certo modo, vislumbrada como única possibilidade de superação das contradições modernas e de construção de uma nova sociabilidade plural e democrática fundada basicamente no respeito à pessoa, propiciando-lhe

[...] a expansão da vida propriamente humana, no que diz respeito não somente ao desenvolvimento material necessário e suficiente para permitir-nos uma reta vida na terra, mas também e antes de tudo ao desenvolvimento moral, ao desenvolvimento das atividades especulativas e das atividades práticas (artísticas e éticas) que merece mais propriamente a denominação de desenvolvimento humano. (MARITAIN, 1962, p. 76).

Por outro lado, os sertanejos em contato com a informação, com a cultura erudita e com o entretenimento teriam possibilidades de outros entendimentos e de noções diversificadas da realidade, especialmente de suas conexões com a “grande sociedade” em formação, à qual a comunidade caicoense ia adentrando pelo progresso que, aos poucos, começava a vivenciar. Desse modo, tais atividades subsumem-se à noção de ação cultural, na perspectiva de Certeau (1995, p. 192), para quem “[...] as ações ditas culturais representam ao mesmo tempo sintomas e respostas com relação a mudanças estruturais na sociedade.”

A Rádio Rural de Caicó atenderia às novas demandas comunicativas e educacionais do sertão seridoense e, indubitavelmente inspirava-se, sobretudo, no conhecido desempenho da Rádio Rural de Natal. Indiscutivelmente constituía-se essa Emissora como parte do sistema simbólico de comunicação da Igreja Católica, Apostólica e Romana. Por ela, essa instituição poderia dotar seus fiéis, notadamente com a alfabetização também propiciada pelas Escolas Radiofônicas, da competência para receber, decifrar e cultivar suas mensagens como preciosos bens culturais, instrumentos de

conhecimento e de comunicação “[...] dignos de serem desejados e possuídos.” (BOURDIEU, 2005, p. 297). Para esse pensador francês,

Os bens culturais enquanto bens simbólicos só podem ser apreendidos e possuídos como tais (ao lado das satisfações simbólicas que acompanham tal posse) por aqueles que detêm o código que permite decifrá-los. Em outros termos, a apropriação destes bens supõe a posse prévia dos instrumentos de apropriação. (BOURDIEU, 2005, p. 297).

Seja como for, utilizar os meios de “comunicação de massa” para levar a sua mensagem, foi uma necessidade percebida pela Igreja Católica, já na década de 30 do século passado, com a inauguração da Rádio Vaticano. No Brasil, a década de 50 é identificada como sendo aquela que marca a expansão da radiofonia católica. O uso do transistor a partir de 1948 possibilitou maior dinamicidade para transmissão e recepção da comunicação radiofônica *sem fio*, posto que os avanços tecnológicos tornaram dispensável este componente.

A ampliação das possibilidades tecnológicas favoreceu, conforme anteriormente assinalado, na década de 1950, notadamente no Rio Grande do Norte, depois espraiando-se para todo o Nordeste brasileiro, aquele programa de alfabetização e de educação de base, sob a responsabilidade da arquidiocese de Natal, fazendo uso do rádio por meio das chamadas escolas radiofônicas.

Aliado às descobertas tecnológicas, o momento histórico vivido pelo Brasil era propício para tal experiência educacional. *Pari passu* ao avanço industrial da zona urbana, que requeria também o desenvolvimento da zona rural, nesta o analfabetismo era predominante entre jovens e adultos. Contribuir para mudar o quadro do analfabetismo educacional e tecnológico foi um dos principais objetivos pensado pelos idealizadores das Emissoras de Educação Rural de Natal e, posteriormente de Mossoró e de Caicó.

Diante dessas e de outras experiências educativas assumidas no Brasil e em outros países latino-americanos, seus bispos ao término da década de 1960, reunidos em Medelin (Colômbia, 1969), concluíam retrospectivamente que, nesse continente, os meios de comunicação social tornaram-se fator decisivo contribuindo

[...] para despertar a consciência das grandes massas sobre suas condições de vida, suscitando aspirações e exigências de transformações radicais. [...] Se convertem em agentes ativos do processo de transformação, quando se colocam ao serviço de uma autêntica educação integral, apta para desenvolver o homem todo, capacitando-o a ser o artífice de sua própria promoção; o que se aplica também à evangelização e ao crescimento da fé. (BISPOS DA AMÉRICA LATINA, 1984, p. 163 e 164).

As intenções prementes das dioceses que compunham a Província Eclesiástica do Rio Grande do Norte materializavam o intento [enquanto igrejas locais] de intervir na realidade social rural, com fins de buscar soluções materiais, técnicas e racionais para os graves problemas existentes. Desse modo, concretizar os reclamos principiológicos do magistério eclesial para quem “Uma doutrina social não se enuncia apenas; aplica-se na prática, em termos concretos.” (JOÃO XXIII, 2004, p. 72), tornava-se inadiável.

A Igreja Católica, conforme reconhecem os estudiosos da história da educação, de fato, teve forte inserção no Nordeste brasileiro onde implantou programas de educação de base, organizou os trabalhadores do campo em sindicatos, discutiu com autoridades governamentais alternativas viáveis para os problemas regionais e procurou soluções mais humanas e racionais para os problemas existenciais mediatos. (PRESTES; MADEIRA, 2001).

Na cidade seridoense de Caicó, o programa de educação de base ou de “formação” de base como tarefa pedagógica da “Rádio Rural” operacionalizado na modalidade das escolas radiofônicas foi, sem dúvida, dirigido em princípio para um público bem especial: homens, mulheres, jovens e adolescentes da zona rural. As escolas radiofônicas seriam o ambiente educativo que viabilizaria a escolarização básica, a catequese, a politização e a mudança de mentalidade do(a) agricultor(a) analfabeto(a). Na primeira mensagem lida pelo padre Itan Pereira da Silva, diretor pioneiro da Emissora, conclamou a população rural a abraçar a causa educacional e por meio dela, a politizar-se.

Você que tem um filho que não pode estudar porque tem que lutar no pesado logo cedo. Você que é analfabeto e não conhece a civilização. Agricultor do sertão. Hoje é o seu dia. Você sofre tudo isso, mas agora sabe que tem uma Rádio para defendê-lo e sobretudo para ajudá-lo. Você agora vai educar-se e politizar-se. Através das escolas radiofônicas receberá alfabetização e educação de base. Terá instrução e poderá ser um homem livre, um habitante da civilização moderna. (SILVA, 1963, fl. 8).

Vislumbra-se com a instalação da Rádio Rural de Caicó a aurora de um novo tempo para o homem rural, e mesmo sua prole, tantas vezes privada parcial e até completamente dos conhecimentos letrados. Doravante, a exemplo dos cidadãos, teria aquele, contato com novos conhecimentos, ficaria informado sobre seus direitos de agricultor e de cidadão brasileiro. Poderia alfabetizar-se, adquirir habilidades da leitura e da escrita, explicitar as operações básicas da matemática, então intuitivamente manejadas, conhecer novas técnicas de plantio e de cultivo, enfim, melhor compreender a realidade das relações sociais sem necessidade de abandonar seu rincão.

Antes, porém, há que ressaltar que a tecnologia radiofônica de comunicação e de educação de massa adentrou em Caicó por iniciativa do padre José Celestino Galvão. Nas palavras de Medeiros Filho (2006, p. 9), “Não se pode negar o pioneirismo de Padre Galvão, quando Vigário de Caicó, instalando um serviço de som, audível em toda a cidade e sintonizável em uma frequência fixa.” O padre Galvão, em torno de 1953, quando Vigário da Catedral de Sant’Ana, adquiriu de um senhor conhecido por “Bira” uma difusora. Esta, com fones instalados em alguns pontos da cidade era responsável por emissões sonoras. A experiência não apenas foi incrementada como ampliada e modificada por aquele presbítero.

A difusora, ou a “Rádio do Padre Galvão,” assim popularmente nominada, transmitia e mesmo retransmitia notícias, mensagens e entretenimento à população caicoense. Conforme esclarece Monsenhor Tércio, a equipe técnica que operacionalizaria a Rádio Rural após sua inauguração, inclusive os locutores foram, na sua maioria, oriundos daquela experiência comunicacional. “Padre Galvão tinha uma difusora aqui, uma difusora para a cidade inteira. Aquela era a ‘rádio de Caicó’, que em cada rua tinha um fone. A experiência técnica estava com o pessoal de padre Galvão.” (ARAÚJO, T. 2005).

A bem da verdade, quando inaugurada em 21 de setembro de 1954, tratava-se de uma simples difusora que chegava ao povo através de auto-falantes fixos. Posteriormente, sem qualquer amparo legal, a partir da aquisição de um transmissor que, conforme o próprio padre Galvão fora confeccionado na cidade de Currais Novos pelo popular “Bob Assis”, passaram as transmissões da Difusora a ser captadas pelos aparelhos de rádio em várias cidades do Seridó potiguar e até do sertão paraibano.

A compra e a inauguração da nova aparelhagem da “Rádio do Padre Galvão” mereceu inclusive destaque no jornal local “A Folha,” edição de 23 de fevereiro de 1957. Os equipamentos permitiam e aquele experimento radiofônico passou, desde então, a transmitir uma programação variada incluindo noticiários, música erudita, cultura sertaneja, além da catequese e da animação cristã. Conforme relata Souza (1982), da programação também constava desde as crônicas do jornalista Amaral Neto até apresentação e comentário das matérias veiculadas no jornal local “A Folha.” Esse periódico noticioso de certo modo ligava-se à diocese de Caicó uma vez que fora fundado pelo monsenhor Walfredo Gurgel, também ex-governador do Rio Grande do Norte.

Conforme esclarece o padre Galvão, ao colocar no ar aquela Rádio-Difusora tinha a pretensão de “[...] divulgar as notícias, formar a opinião do povo, pois o povo não tinha rádio. Queria as crônicas, eu queria o lazer, a boa música e a informação.” (GALVÃO, 2005). Retransmitia os noticiários de outras emissoras, especialmente os da Rádio Nacional, com intuito de informar a população. Operada por “um bando de meninos [...]” a Difusora converteu-se em uma verdadeira escola de formação para os futuros profissionais do rádio. “Todos eles, foi eu que formei. Se não fosse essa rádio, essa minha Difusora, em Caicó não tinha gente formada para isso.” (GALVÃO, 2005). Tal entendimento é corroborado e explicitado também por outras fontes. “A importância da radiofonia na educação dos seridoenses foi iniciada com a rádio do Pe. Celestino. Ali, foram treinados os primeiros profissionais da Emissora de Educação Rural de Caicó.” (SOUZA, 1982, p. 120).

Não obstante o sucesso de seu experimento radiofônico, o padre Galvão não opôs qualquer obstáculo à instalação da Rádio Rural de Caicó. Pelo contrário, engajou-se ao lado de Dom Manuel Tavares e contribuiu para a campanha visando à aquisição do material necessário a seu funcionamento. Aquele presbítero, face à nova realidade comunicacional, vendeu os equipamentos e encerrou as atividades do Serviço de Publicidade a Voz do Seridó (SPVS) entendendo não ter mais alcance o seu funcionamento. A Rádio Rural operaria com tecnologia mais moderna e potente, teria uma programação própria, regular e legalmente abrigada no arcabouço jurídico pátrio.

Tratando-se, entretanto, da motivação que precedeu a fixação daquela Emissora de rádio, a criação pioneira da difusora do padre José Celestino Galvão, é imprescindível lembrar, foi de capital importância. De certo modo, com esse experimento “radiofônico” o padre Galvão revelou seu cuidado pastoral na formação educativa dos caicoenses em particular e dos seridoenses de uma forma geral. Servindo-se de um meio tecnológico, limitado em certos aspectos, mas atingindo significativa parcela das famílias ofereceu-lhes informações, cultura e lazer.

Assim procedendo, antecipava-se o padre Galvão ao Vaticano II que compreendeu como indispensável o acesso à informação e, de ter a Igreja “[...] um direito radical de possuir e usar desses meios [de comunicação de massa] como úteis à educação cristã, [...] [para] formar e orientar os fiéis no uso desses meios, em vista de seu próprio aperfeiçoamento e de toda a família humana.” (INTER MIRIFICA, 2003, p. 71).

Naquele momento histórico, a formação integral do homem considerada desde a Grécia antiga com Sócrates e Platão, também discutida por cristãos como Agostinho,

Tomás de Aquino, Erasmo e por pensadores modernos fora intensificada e, de certo modo, vislumbrada como única possibilidade de superação das contradições modernas e de construção de uma nova sociabilidade plural e democrática fundada basicamente no respeito à pessoa, propiciando-lhe o que Maritain enxerga como

[...] a expansão da vida propriamente humana, no que diz respeito não somente ao desenvolvimento material necessário e suficiente para permitir-nos uma reta vida na terra, mas também e antes de tudo ao desenvolvimento moral, ao desenvolvimento das atividades especulativas e das atividades práticas (artísticas e éticas) que merece mais propriamente a denominação de desenvolvimento humano. (MARITAIN, 1962, p. 76).

Por outro lado, o “Serviço de Publicidade a Voz do Seridó” (SPVS), do padre Galvão, ao pôr as famílias por ele pastoreadas em contato com a informação, com a cultura popular e até certo ponto erudita, e com o entretenimento oferecia às pessoas possibilidade de outros entendimentos e de compreensões diversificadas da realidade, especialmente de suas conexões com a “grande sociedade” em velozes mudanças, à qual a comunidade caicoense ia adentrando pelo progresso que, aos poucos, começava a conhecer e a vivenciar. Desse modo, o empreendimento do padre Galvão inseria-se e ousava dar respostas às mudanças estruturais que permeavam o Seridó norte-rio-grandense, o quê novamente nos remete a Certeau (1995), quando se refere às ações culturais também como sintomas de metamorfoses sociais.

Não obstante, a relevante contribuição representada pela Rádio Difusora do padre Galvão, ele próprio sentira com Dom Manuel Tavares, o clero local, autoridades civis, comerciantes e com o povo a necessidade de se implantar em Caicó, também para atender às novas demandas educativas e culturais advindas com o progresso que despontava, uma rádio constituída nos moldes da Rádio Rural de Natal.

Para a Igreja Católica, nesse momento, a educação de base, a consciência política e a evangelização apareciam como finalidades inseparáveis e indissociáveis dos meios midiáticos de comunicação e de educação de base, verdadeiro sustentáculo da civilização tecnológica e de uma almejada sociedade democrática e cristã. Mostrava Dewey (1979, p. 41) que “[...] a educação não consiste unicamente em ‘falar’ e ‘ouvir’, e sim em um processo ativo e construtor, é princípio quase tão geralmente violado na prática, como admitido na teoria.” Por outro lado, conforme lembra Wanderley (1984, p. 50), “[...] é conhecida a tradicional preocupação da Igreja com a área da educação e com o trabalho de ação social e promoção humana de populações desassistidas.”

2.4 Dom Manuel Tavares, o idealizador da Emissora Rural de Caicó

Entender as finalidades educativas almeçadas com a instalação da Emissora de Educação Rural de Caicó requereu examinar traços biográficos do seu fundador objetivando uma ampla compreensão de sua educação e da formação acadêmica e eclesial, além dos móveis que em momentos diferentes da existência daquele prelado impulsionaram suas atividades pastorais e realizações históricas.

Dom Manuel Tavares de Araújo nasceu aos 07 dias do mês de julho do ano de 1912, na cidade de São José de Mipibu, município situado no litoral, zona canavieira do Estado do Rio Grande do Norte, onde viveu os primeiros anos da sua infância. Seus pais eram João Feliciano de Souza e Maria Fortunata Tavares de Araújo, abastada família dona de engenho, o quê lhes garantia uma vida tranqüila quanto ao provimento das necessidades materiais e de acesso à educação escolar. O menino Manuel Tavares ingressou na grande família cristã no dia 23 de agosto desse mesmo ano quando, na matriz de Sant'Ana e São Joaquim em sua cidade natal, recebeu o sacramento do batismo das mãos do Monsenhor Antônio Xavier de Paiva, então Vigário dessa Paróquia.

Tendo cursado o ensino primário completo em São José do Mipibu, o jovem Manuel Tavares ingressou no Seminário de São Pedro da Arquidiocese de Natal no dia dois de fevereiro do ano de 1927, quando contava quinze anos de idade e ali se dedicaria aos estudos secundários considerados “preparatórios” para a formação acadêmica superior então exigida dos aspirantes ao presbiterato.

No Seminário de São Pedro, além do secundário, Manuel Tavares viria a integralizar todo o curso de Filosofia, e uma parte da Teologia, quando então foi transferido para o chamado “Seminário da Prainha” em Fortaleza (CE), onde concluiria o curso de Teologia, termo final da preparação acadêmica para os postulantes ao sacerdócio católico. Essas instituições eclesíásticas preparatórias em consonância com as diretrizes emanadas do magistério da Igreja Católica objetivavam dotar seus seminaristas daquela formação propugnada e esperada por Roma, para quem

A Igreja [...] nada mais procurou ao longo dos séculos com mais tenra e maternal solicitude que a perfeita formação de seus sacerdotes. Ela sabe agora que, como os bons costumes dos povos e seu apego à fé dependem principalmente do trabalho dos sacerdotes, assim o futuro do padre depende da formação que tiver recebido. [...] Pelo que, guiada a Igreja pelo espírito de Deus, procurou em todos os países a fundação de seminários, nos quais se possam formar cuidadosamente os aspirantes ao sacerdócio. (PIO XI, 2004, p. 487-488).

A propedéutica, nesses termos, requeria fossem os candidatos ao sacerdócio galgando progressivamente os diversos degraus da escala formativa. Foi, portanto, no “Seminário da Prainha” que o jovem Manuel Tavares, durante o curso de Teologia receberia as chamadas “ordens menores,” previstas à época pelas disposições canônicas. Com exceção da Tonsura conferida em 1933 por Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas, na capela do Seminário de São Pedro em Natal. As demais “ordens” do mesmo grau como Ostiário e Leitor (1934), Exorcista e Acólito (1935), além das duas primeiras “ordens maiores”, Subdiácono (1935) e Diácono (1936) lhe foram todas conferidas na chamada “Igreja da Prainha”, pelo arcebispo de Fortaleza Dom Manoel da Silva Gomes.

Concluída na íntegra a formação acadêmico-eclesiástica e tendo recebido todas as “ordens” precedentes o jovem Manuel Tavares estava pronto para o almejado sacerdócio. No dia 25 de outubro do ano de 1936, a Matriz de Sant’Ana e São Joaquim em São José do Mipibu ficou repleta para acompanhar o ingresso de um de seus filhos para as hostes do presbitério católico. A mesma Matriz que assistira anos atrás a geração espiritual do recém-nascido Manuel Tavares pelo sacramento do batismo, testemunhava agora sua entrega à vida consagrada. Nesse dia, pela imposição das mãos de Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas, Arcebispo da Arquidiocese de Natal, o Diácono Manuel Tavares seria ordenado sacerdote. O ato litúrgico inseriu-se na programação do Congresso Eucarístico que vivenciavam os fiéis católicos dessa paróquia.

Atente-se que todo o período de formação do padre Manuel Tavares deu-se sob o pontificado do Papa Pio XI (1922-1939). Esse Papa demonstrou vivo interesse para com os fundamentos da educação humanística, destacadamente a da juventude, tanto é que ao tema dedicou a Carta Encíclica *Divini Illius Magistri* (1929). A educação cristã é nesse documento proposta em seus fundamentos como arquétipo pedagógico considerando que para ela

[...] todo ensino, como toda a ação humana, tem necessária relação de dependência do fim último do homem. [...] É, pois, com pleno direito que a Igreja promove as letras, as ciências e as artes enquanto necessárias à educação cristã, [...] fundando e mantendo até escolas e instituições próprias em todo o gênero de disciplina e em todo o grau de cultura. (PIO XI, 2004, p. 168-169).

A educação cristã entendida como formação do homem todo, posto que não negligencia a essência espiritual da natureza humana, intrinsecamente orientada para o seu Criador, também enaltece a busca do conhecimento afeto às diversas áreas do saber humano para o incremento da cultura. Por tais razões, uma educação autenticamente cristã,

longe de limitar, oferece a possibilidade de uma formação completa e se constitui modelo para a educabilidade humana. Nos termos de Mounier (1967, p. 13), uma formação assim entendida seria “[...] solidária de todos os seus elementos: se um só deles faltar [...], a sua carência compromete o edifício inteiro.” Tal concepção fora enfatizada por Pio XI durante sua permanência no governo da Sé Romana. Além do movimento de Ação Católica fundado por esse Papa, destaca-se em seu pontificado a alta exigência de uma sólida formação filosófica, exegética, teológica, pastoral e moral para os futuros sacerdotes, sem descuidar o domínio científico. Nas palavras desse Pontífice:

[...] a figura do sacerdote católico que nós queremos destacar com plena luz ante o olhar de todo o mundo, seria incompleta se omitíssemos a menção de outro importantíssimo requisito que a Igreja exige dele: a ciência. O sacerdote católico [...] deve ensinar a doutrina da salvação, e deste ensinamento, à semelhança do Apóstolo das gentes, é deverdor ‘aos sábios e aos ignorantes.’ Mas, como poderá ensiná-la se ele não a possui?. [...] O sacerdote deve possuir plenamente a doutrina da fé e da moral católica, deve saber propô-la aos outros, deve saber explicar aos fiéis os dogmas, as leis, o culto da Igreja de que é ministro; deve dissipar a ignorância, a qual, não obstante o progresso da ciência profana, obscurece, no aspecto religioso, a mente de tantos contemporâneos. (PIO XI, 2004, p. 483-484).

Certamente o seminarista Manuel Tavares recebeu, nas casas de formação em que estudou, uma educação integral em consonância com as orientações do Vaticano que visava a atender tais exigências posto que, como poucos, tinha a capacidade de comunicar-se e de comunicar a seus ouvintes o querigma da fé cristã. Semelhante capacidade comunicativa, ao que parece, não se tratava apenas de um dom inato, mas também resultado de um rigoroso e metódico estudo. A veracidade dessa assertiva encontra arrimo no testemunho do Cônego José Mário de Medeiros ao considerar Dom Manuel Tavares

[...] homem de palavra e da Palavra. [...] Ele próprio foi um grande catequista. Sua pregação era eminentemente catequética. Convidou e trouxe a Caicó o Mons. Álvaro Negromonte, expoente mestre catequista com um método didático-pedagógico revolucionário no que diz respeito à catequese. Dom Tavares implantou em toda a diocese o método, e pessoalmente deu treinamento aos professores na sede e nas demais cidades da diocese. Eu o vi muitas e muitas vezes organizando cartazes e preparando slides a serem projetados nas aulas de treinamento ou nas visitas que fazia às paróquias. (MEDEIROS, J. M., 2006, p. 4).

Vê-se, portanto, que a intervenção pastoral de Dom Manuel Tavares precedia de estudo e de fundamentação sempre com o anelo de ser fiel aos fundamentos da fé cristã, ao anúncio do próprio Cristo. Também por tais razões, após sua ordenação presbiteral o período festivo foi modesto. Era urgente assumir o pastoreio que demandara longos anos

de formação humana, científica, moral e religiosa. Dotado de estilo despojado e simples, menos de um mês após receber o sacramento da Ordem, precisamente no dia 15 de novembro de 1936, o Padre Manuel Tavares assumiria a Paróquia de Angicos (RN), onde seria carinhosamente tratado por seus paroquianos como o “Padre Manuelzinho.”

Ferrari (1968) identifica o “Padre Manuelzinho” como um daqueles que compunha o grupo de “seis” sacerdotes, tendo à frente os padres Eugênio Sales e Nivaldo Monte, cujas reuniões mensais oficiosas tornar-se-iam uma espécie de sementeira a partir da qual germinaria o Movimento de Natal. Já na década de 1940, o padre Manuel Tavares, ainda na condição de pároco de Angicos, com apenas poucos anos de pastoreio sacerdotal frente àquela Paróquia, notabilizar-se-ia por suas obras educativas voltadas para o social. De acordo com Alceu Ferrari

Merecem destaque o Educandário Padre Félix e o Instituto Cônego Leão Fernandes. A construção do primeiro foi iniciada em 1941, sendo inaugurado o 1º pavilhão já em março do ano seguinte. Em 1943, estando ambos em funcionamento — o Educandário e o Instituto — foi instalado, com a cooperação da L.B.A. e do SERAS, o Serviço de Menores, com o atendimento de cerca de 100 menores. (FERRARI, 1968, p. 50).

A decisão de edificar e de empenhar-se no funcionamento de instituições educativas — primeiras ações de seu pastoreio presbiteral —, já revela de certo modo a importância atribuída por Dom Manuel Tavares à formação cívica e religiosa das pessoas como fator de realização pessoal e superação das desigualdades sociais. Para Dom Jaime Vieira Rocha, 5º bispo de Caicó, o município de Angicos em que o padre Manuel Tavares exerceu seu paroquiato por mais de 20 anos

[...] é região símbolo da seca naquela parte do semi-árido nordestino. [...] Quanta experiência tinha Dom Tavares sobre a calamidade das secas no Nordeste, quando as situações humanas e materiais do povo eram bem mais precárias e desfavoráveis! Aprendeu e passou para o seu povo as técnicas mais elementares e básicas para a convivência com as secas. (ROCHA, 2006, p. 2).

É patente que o fundador da Rádio Rural, fundamentava sabiamente suas ações pastorais com planejamento e método o que pressupunha profundo conhecimento também das carências de seu rebanho e das peculiaridades geofísicas e humanas locais. O testemunho de Dom Jaime sobre a experiência educativa do padre Manuel Tavares que se colocando ao lado de seus paroquianos ensina-lhes como melhor conviver com a dura realidade das “secas” lembra-nos o idealismo de Pestalozzi que em seu país juntara-se a uma comunidade de crianças órfãs objetivando educá-las. Pretendia esse pedagogo suíço pelo manuseio do material de que dispunham, pelo contato com a realidade circundante

despertar e desenvolver naquelas crianças habilidades racionais, técnicas e emotivas como suporte ao soerguimento individual e social.

As obras educativas do padre Manuel Tavares voltadas prioritariamente para os mais pobres, seu investimento na formação humana e cristã, sua sintonia com as exigências emanadas das contemporâneas orientações da doutrina social da Igreja Católica aliados ao seu despojamento pessoal, certamente foram decisivos para sua escolha como bispo da Igreja Católica.

Nomeado bispo por João XXIII, no dia 08 de janeiro de 1959, Dom Manuel Tavares foi sagrado na Catedral Metropolitana de Natal em 05 de abril daquele mesmo ano. O primeiro bispo da Diocese de Caicó, Dom José de Medeiros Delgado, à época Arcebispo de São Luís do Maranhão, presidiu a solenidade consagrando o novo epíscopo, sendo no ato litúrgico auxiliado pelos co-sagrantes Dom Eugênio de Araújo Sales, então bispo Auxiliar de Natal e Dom José Adelino Dantas, a quem Dom Manuel Tavares sucederia no pastoreio da Diocese de Caicó.



Figura 01 — Dom Manuel Tavares de Araújo
Fonte — Revista da Diocese de Caicó (2006)

O ministério sacerdotal em Angicos, a acurada formação humana e cristã recebida nos Seminários de Natal e Fortaleza, e continuada pelo estudo permanente testemunham

que Dom Manuel Tavares compreendia, como João XXIII, a necessidade de uma formação integral do homem e a ela aspirava. Nas palavras desse Papa

[...] a ruptura [nos cristãos] entre fé religiosa e ação temporal resulta, pelo menos em parte, da falta de uma sólida formação cristã. Acontece de fato, repetidas vezes, em muitos ambientes que não haja proporção entre a instrução científica e a instrução religiosa: a científica estende-se até aos graus superiores do ensino, enquanto a religiosa permanece em grau elementar. Torna-se indispensável, pois, que a educação da mocidade seja integral e ininterrupta, que o conhecimento da religião e a formação do critério moral progridam gradualmente com a assimilação contínua e cada vez mais rica de elementos técnico-científicos. É ainda indispensável que se proporcione aos jovens adequada iniciação no desempenho concreto da própria atividade profissional. (JOÃO XXIII, 2004, p. 76).

Educar contínua e integralmente não apenas a juventude, mas prioritariamente aqueles homens e mulheres da zona rural com dificuldade de acesso a uma educação escolar pedagogicamente elaborada, era anseio do bispo Dom Manuel Tavares. O progresso na compreensão e na sólida vivência da fé cristã pressupunha também o acesso aos aspectos e aos elementos técnicos e profissionais exigidos pela cultura científica, permitindo compreender e dialogar com novos valores modernos.

A disposição de contribuir para o engrandecimento educacional dos caicoenses e dos seridoenses confiados a seu pastoreio, de apoiar os estabelecimentos educacionais já existentes e, mais que isso, de fomentar novas possibilidades formativas motivaram Dom Manuel Tavares a assumir os destinos da diocese para a qual fora escolhido.

O Domingo de Pentecostes de 1959, dia 17 de maio desse ano, foi a data escolhida por Dom Manuel Tavares para tomar posse na Sé de Sant'Ana de Caicó. Liturgicamente, Pentecostes representa para a Igreja Católica um novo tempo. Nessa festa celebra-se a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos ainda tímidos pela crucifixão de seu líder. Antagonicamente à confusão instaurada com o episódio da Torre de Babel, Pentecostes constitui-se o tempo da comunicação plena em que a nacionalidade, o idioma, a raça e a condição social já não se constituem obstáculos ao pleno entendimento entre os homens. Coincidência ou não, a simbologia dessa festa adequar-se-ia à principal obra pastoral de Dom Manuel Tavares como bispo de Caicó, a constituição de um moderno meio tecnológico de comunicação social, a Rádio Rural de Caicó.

Assim como procedeu o ateniense Sócrates em seu magistério (século V a.C.), durante o episcopado Dom Manuel Tavares não se arvorou escrever individualmente uma obra sequer. Tal fato, certamente, não se deveu à falta de aptidão para a escrita, mas

resultou de uma deliberada opção pastoral. Às cartas pastorais, costumeiramente endereçadas pelos Bispos a seus fiéis, preferiu ele a pessoalidade, a espontaneidade, a sinceridade, a interatividade e a agilidade da comunicação oral. Usou para tanto os microfones da Rádio Rural de Caicó e por eles comunicou a cada homem e a cada mulher, aos jovens e às crianças da cidade e do campo mensagens de otimismo e de fé. “Desenvolveu um profícuo [episcopado] destacando-se como um exímio e autêntico catequista. Falava do Evangelho com uma pedagogia e autenticidade que impressionava a todos.” (ROCHA, 2006, p. 2).

O texto de uma “Circular da Província Eclesiástica do Rio Grande do Norte” que Dom Manuel Tavares assinou conjuntamente com o então administrador apostólico de Natal, Dom Eugênio Sales, e com o bispo de Mossoró, Dom Gentil Diniz Barreto constitui-se fonte na qual se pode inferir, em parte, o seu ideal de homem cristão. Objetivando, imediatamente, dotar os fiéis católicos de um apurado senso de responsabilidade no exercício do sufrágio consciente, face às eleições que se avizinhavam, os dirigentes eclesiais repelem os candidatos que para angariar votos utilizam-se de meios condenáveis, como o uso do dinheiro, “[...] aproveitando-se da ignorância, boa fé e generosidade dos eleitores. [...] O voto é um dever, [mas a Igreja deve se manter] [...] fora e acima dos partidos políticos.” (EUGÊNIO [Dom]; MANUEL [Dom]; GENTIL [Dom], 1962, fl. 109).

Na “Carta Circular” os bispos desautorizam o voto: em candidatos comunistas, nos que “defendem princípios errados do capitalismo liberal e, por atos, tenham se rebelado contra a adoção dos princípios da Doutrina Social da Igreja.” O ser católico, para eles, não se confirma apenas por palavras e frequência à missa; requer empenho da vida. A capacidade e a eficiência do político não que ser avaliadas no momento do voto.

Dom Manuel Tavares, conjuntamente com seus irmãos no episcopado, pretende formar homens e mulheres dotados de autonomia para escolher seus representantes políticos, de discernimento, dignos, desejosos de mudanças e nelas empenhados, comprometidos com a prevalência do bem comum, pacíficos, eficientes em seu agir e cumpridores dos deveres cívicos e cristãos.

Devemos tomar em consideração também a eficiência do candidato. Se ele possui capacidade de fazer algum bem à coletividade. Queremos também alertar os dirigentes e dirigidos políticos de todos os partidos para que não conturbem ainda mais a vida da família northeriogrândense através de ataques que mesmo em um país pagão seria deprimente.

Precisamos de paz para o Rio Grande do Norte. (EUGÊNIO; MANUEL; GENTIL, 1962, fl. 110).

Por tais deveres, conjuntamente com a esperança cristã orientada para Deus como ápice, Dom Manuel Tavares investiu com suas pregações e decisões na necessidade de educar, de formar e de organizar as pessoas para a realização humana e para a conquista de padrões humanos de vida a elas condignos. Desse modo punha-se no esteio de um comportamento cristão engajado, respondendo à exigência evangélica de encarnação nas realidades econômica, social, cultural e profissional do mundo presente, já propugnado por Pio XI, na Encíclica *Quadragesimo Anno*, por seus sucessores no papado e, no plano filosófico, elucidado por Maritain. Aí tal comportamento seria apresenta-se como aquele que

[...] respeita realmente e efetivamente a dignidade humana e dá direito às exigências integrais da pessoa, nós o concebemos como que orientado para uma realização social-temporal desta atenção evangélica ao homem, a qual não deve existir somente na ordem espiritual, mas incarnar-se, e também para o ideal de uma comunidade fraterna, [...] por uma vida melhor para seus irmãos, e pelo bem comum da comunidade das pessoas humanas. (MARITAIN, 1962, p. 7-8).

A pessoa humana, singularidade irrepetível em seu mistério, unidade indissolúvel de corpo e alma, sentido e razão, emoção e intelecto deverá ser o destino de toda evangelização. A formação que se pretenda autêntica não poderá negligenciar quaisquer das dimensões sob pena de grave distorção. Alertando as tendências formativas que não atentam para as condições existenciais concretas do educando, enfatiza Mounier (1967, p. 88), que “[...] a pessoa, no homem, está substancialmente incarnada, misturada à sua carne ao mesmo tempo que a transcende [...].”

Atento também a tal assertiva cristã, ainda que tenha vivido uma infância tranqüila em virtude de sua estirpe abastada, e como padre pudesse desfrutar de uma vida confortável pela posse de bens materiais, essa situação não se constituiu obstáculo para que Dom Manuel Tavares assumisse uma postura despojada. A esse respeito testemunha o cônego José Mário de Medeiros:

Ouvi em mais de uma ocasião, dos lábios de Dom Tavares: Nasci em berço de ouro, mas sou pobre por opção. Lembro-me do dia 07 de maio de 1959 quando tinha apenas três anos no Seminário, naquele dia em que ele tomava posse como terceiro bispo de Caicó, a bagagem dele, ser apenas uma simples maleta. É bem verdade que logo em seguida chegaram alguns livros, mas a sua bagagem pessoal estava resumida numa maleta. (MEDEIROS, 2006, p. 4).

Inúmeros são os testemunhos que registram a simplicidade, o desapego e a humildade como marcas inconfundíveis de Dom Manuel Tavares. Tal conduta e sua maneira de ser também o aproximavam das pessoas mais pobres com uma dedicação diferenciada. Assim faz-se portador daquela qualidade requerida dos ministros ordenados. Para o magistério eclesiástico romano

[...] o desinteresse sincero concilia ao sacerdote todas as almas, tanto mais, este desprezo dos bens terrenos, quando provém da força íntima da fé, é sempre acompanhado daquela terna compaixão para com toda a multidão de calamidades, que transforma o sacerdote em verdadeiro pai dos pobres [...]. (PIO XI, 2004, p. 480).

Vivendo sem alarde ou pompa Dom Manuel Tavares assumiu na sua vida de pastor aquela “opção preferencial pelos pobres” que a Igreja da América Latina viria propor quase duas décadas mais tarde (1980), na Conferência de Puebla.

Sua vida em Angicos como sacerdote foi já uma vida abnegada e de total doação a todos, mas, sobretudo aos mais pobres com os quais atravessou tantas secas, providenciando-lhes o pão da Palavra e o pão material. [...] O tempo que passou na Diocese de Caíco como seu bispo, era voltado para os mais pobres. Era preciso vê-lo feliz e radiante com os mais simples — homens e mulheres — do meio mais popular possível. [...] Era freqüente vê-lo numa casa humilde dando uma palavra de orientação e conforto, mostrando interesse pelas pessoas e compartilhando de suas angústias e sofrimentos. (MEDEIROS, J. M., 2006, p. 4).

Assim agindo, Dom Manuel Tavares compartilhava com a posição daqueles que defendiam intransigentemente a vida humana dignamente, que compreendiam a necessidade de um mínimo de condições materiais para o desabrochar e para o desenvolvimento completo. Não se tratava de retórica, mas de exemplo vivo. Doava-se literalmente à causa dos pobres. Seu comportamento subsumia-se às exigências evangélicas e, no dizer de Mounier, à autêntica vocação humana, posto que

[...] o despertar de uma vida pessoal só é possível, à parte as vias heróicas, a partir de um mínimo de bem-estar e de segurança. [Por tal razão] o primeiro dever de todo o homem [...] não é o de salvar a *sua pessoa* [...], mas o de empenhá-la em toda a acção, imediata ou longínqua, que permita a esses proscritos serem de novo colocados perante a sua vocação com um mínimo de liberdade material. (MOUNIER, 1967, p. 89-90).

A predileção de Dom Manuel Tavares pelos pobres emanava de uma compreensão viva e encarnada da boa nova cristã. Destaque-se que o seu múnus pastoral, inicialmente como padre e posteriormente como bispo, situa-se na ambiência daquela referida renovação vivenciada pela Igreja, alimentada na dimensão teórica pelas chamadas “encíclicas sociais” e, no plano da práxis, por um atuante movimento de Ação Católica

que, em certa medida, constituiu-se a base do Movimento de Educação de Base (MEB), um dos principais movimentos de educação popular da época, “[...] uma das manifestações concretas do deslocamento da Igreja em direção às classes populares.” (FÁVERO, 2006, p. 12).

Como bispo de Caicó, sua primeira e única diocese, Dom Manuel Tavares iria abrigar o MEB como movimento nacional de educação popular, além de experienciar com a celebração do Concílio Vaticano II e das reformas a ele inerentes uma espécie de culminância daquele processo eclesial renovador. Dom Manuel Tavares não foi um simples expectador do Vaticano II, nele teve participação ativa discutindo os principais textos que seriam publicados como documentos oficiais, ensinamentos abalizados do magistério eclesial católico. “Ele foi a Roma para estudar os documentos, votá-los e assiná-los.” (MEDEIROS, J. M., 2006, p. 4). Tornou-se um dos grandes defensores desse Concílio. “Primava pelo estudo de seus documentos e os aplicava à sua prática pastoral.” (ROCHA, 2006, p. 2).

A simplicidade desse prelado, seu despojamento na maneira de vestir-se era patente tendo abdicando inclusive de usar a maioria dos símbolos episcopais, pois,

[...] segundo ele, esses nada tinham da singeleza dos apóstolos e mesmo tendo o significado que se lhes atribui, expressam mais coisas parecidas com Constantino do que com os simples, rudes e pobres pescadores da Galiléia. (MEDEIROS, J. M., 2006, p. 4).

Manteve por todo seu múnus pastoral uma atuação voltada prioritariamente para o social, para os mais pobres, para os despossuídos de bens materiais, carentes de acesso à escolaridade formal e a certos bens culturais da moderna sociedade industrial e tecnológica. Essas duas dimensões, no entanto, não o conduziram à tentação do mero ativismo. Suas decisões pastorais arrimavam-se, sobretudo, na compreensão explicitada pela Igreja Católica em seus documentos oficiais. Também por tais razões Dom Manuel Tavares não abria mão da meditação e do estudo permanentes.

O Concílio [Vaticano II] foi para ele um tempo de estudo aprofundado. [...] Vi e manuseei todos os documentos do Concílio com cada frase estudada ou sublinhada, as anotações na margem ou pareceres no pé da página por ele escritos. (MEDEIROS, J. M., 2006, p. 4).

As suas reflexões não se prendiam a um mero exercício pessoal e abstrato, estavam antes intimamente interligadas à compreensão que tinha do seu pastoreio, do múnus episcopal a ele confiado pela Sé Apostólica e entendido primordialmente como orientação e partilha. “Homem de oração e de estudos. Sou testemunha de suas leituras

diárias, as quais repassava para os irmãos no sacerdócio, sobretudo aos mais atarefados.” (MEDEIROS FILHO, 2006, p. 9).

Dom Manuel Tavares, em sintonia com as aspirações da Igreja Católica, e, em certa medida, com o entendimento de formação educativa discutido por pensadores cristãos, enxergava a urgência de bem formar a juventude seridoense dotando-a de uma sólida educação humana e cristã, compatível com aquela propugnada por Jacques Maritain para quem

O conhecimento universal que a juventude deve adquirir no nível da inteligência natural é precisamente a tarefa essencial dos anos de instrução secundária e pré-universitária, a saber, uma educação liberal de *base*. [...] É uma educação dirigida à inteligência natural da juventude, com absoluto respeito por essa inteligência, por seu modo de agir particular ainda mergulhado na imaginação, como também por sua exigência de unidade; sem a pretensão, todavia, de ultrapassar a inteligência natural. (MARITAIN, 1968, p. 193).

Sem nenhum alarde, como era peculiar à sua conduta e ao seu modo de agir, algumas iniciativas de Dom Manuel Tavares voltadas para a formação universitária constituíram-se inestimável contribuição à educação integral da juventude seridoense.

Com a ajuda do Prof. Itan Pereira, instalou no Colégio Diocesano o segundo grau, até então inexistente na cidade. Havia apenas um curso técnico de contabilidade (exclusivo para moças) funcionando no Ginásio Santa Terezinha das Irmãs do Amor Divino. Não podemos esquecer o seu contributo para a implantação do ensino superior na região. Cedeu gratuitamente as instalações do antigo Seminário para ali funcionar o Centro de Educação Superior do Seridó, na época Núcleo Avançado de Caicó, da UFRN. Foi além; na impossibilidade legal da Universidade contratar pessoal técnico e auxiliar, a diocese fez um contrato de prestação de serviços com o MEC para que não faltasse apoio e logística àquele Núcleo. (MEDEIROS FILHO, 2006, p. 9).

Tendo dirigido por quase duas décadas a porção do povo de Deus radicada no sertão do Seridó, Dom Manuel Tavares entendeu que cumprira sua missão episcopal como pastor da diocese de Caicó. Sua renúncia foi aceita pelo Papa Paulo VI, em 29 de março de 1978, tornando-se desde então, bispo emérito dessa grei.

Desincumbido do governo diocesano Dom Manuel Tavares passou a dispor de mais tempo para dedicar-se ao que mais lhe aprazia, o contato direto com o povo simples como ele. Antes das celebrações era costume seu se fazer presente com antecedência no local de culto e, deambulando pelas dependências do templo ia ao encontro de cada um dos presentes cumprimentando-os pessoalmente e ouvindo o que cada um tinha a dizer. Nessas oportunidades costumava guardar na memória as expressões que colhia da sabedoria

popular e, com sua invejável habilidade de orador sacro, aliada a uma sólida formação teológica, as inseria nas pregações transformando-as em mensagens para a vida.

Em 1978, ao tornar-se bispo emérito de Caicó, Dom Manuel Tavares numa atitude de quem pretendia deixar à vontade seu sucessor escolheu morar em Natal. A pedido do arcebispo aceitou contribuir com a formação dos futuros sacerdotes lecionando a disciplina Cristologia, no Seminário de São Pedro, então situado no prédio da Rua Mipibu, onde também residia.

Alguns anos depois resolveu voltar para o Seridó dedicando-se às pregações e ajudando aos sacerdotes quando mais atarefados solicitavam seu auxílio. Dom Manuel Tavares foi acolhido na paróquia de São Sebastião da cidade de Parelhas, então dirigida por padre Manoel Pedro Neto, o último sacerdote que ele formara e ordenara (1976), quando bispo de Caicó.

Em virtude de sua idade avançada e necessitando de maiores cuidados retornou Dom Manuel Tavares para Natal passando a morar novamente no Seminário de São Pedro onde veio a falecer no dia 18 de fevereiro de 2006, sendo sepultado na matriz de Sant'Ana e São Joaquim, em São José do Mipibu, em túmulo que ele mesmo mandara antecipadamente construir.

Formar plenamente o Homem cristão para a realização pessoal e o enriquecimento da vida comunitária requer atentar para as mutações históricas visando a adequar-se às demandas reais de cada período histórico. Desde o mundo antigo e com mais razão nas sociedades modernas, a educação é por essência instrutiva e formativa dos seres humanos, distintamente de classe social e lugares específicos.

A esse respeito, o idealizador da Emissora de Educação Rural de Caicó, muito certamente, como um quadro intelectual da Igreja Católica no Brasil e no Rio Grande do Norte possuía a inteira convicção de que a *paidéia* dos pensadores modernos, incluídos os cristãos católicos do segundo e terceiro quartéis do século XX era decorrente da preservação da utopia, de um dado ideal formativo de homem e de mulher por meio da práxis humana que configurasse o ensinamento de virtudes para a edificação, conforme propusera Platão (1999), da *pólis* justa.

Quando Sócrates e Platão contrapuseram ao pragmatismo dos Sofistas uma *paidéia* que contemplasse a formação virtuosa era urgente encontrar fundamentos sólidos sobre os quais alicerçá-la. Platão se propôs encontrar na imutabilidade da essência humana as condições que permitiriam forjar um novo ideal de vida coletiva *locus* da formação de

um Homem ideal. Nem a pureza da estirpe, nem a força do guerreiro seriam mais compatíveis com os novos reclamos da *polis* grega.

O homem excelente, nessa ambiência, já não se define simplesmente pela exterioridade de suas ações. Para Platão a identificação da *arete* em uma dada práxis pressupõe o exame racional de seus fins: a realização do Homem conjuntamente com a edificação da cidade. Compreendendo unificadamente as aspirações individuais e os interesses coletivos, ao processo educativo caberia a formação do homem justo, livre, temperante, obediente às leis e a serviço do bem comum.

Desde então, aos futuros pensadores que discutem os fins e destinos da educação, bem assim os seus métodos, tornou-se imperioso, mesmo enfatizando matizes particulares e nuances específicas, tratar a unidade do ser humano e suas plurais dimensões articuladamente com as exigências imediatas de sua realização histórica.

Autores como Santo Agostinho e Tomás de Aquino, clássicos do pensamento cristão, de certo modo seguidos por Erasmo de Roterdã, Pestalozzi e mais recentemente por Jaques Maritain e, no Brasil, por Paulo Freire, guardadas as especificidades, elaboram suas concepções educativas a partir de um pressuposto comum: a filiação divina e o reconhecimento de sua transcendência. Nesses autores, de certo modo, Deus é compreendido como fim último no qual o Homem encontrará plena realização. O diferencial, basicamente passa a girar em torno de que tipo de educação, naquela concreção histórica, poderá viabilizar o ideal formativo por ela requerido, em consonâncias com os fins últimos do ser humano.

Quando já se encaminhando para fins da Idade Média, Tomás de Aquino arrimado na filosofia aristotélica, insistia na unidade indissolúvel do homem em seu composto hilemórfico de matéria (corpo) e forma (espírito). Partindo desse suposto rejeitará qualquer formação reducionista que descuidasse essa realidade antropológica. E mais, afirmará contra os fideístas a imprescindibilidade do exercício racional para a compreensão dos postulados da fé cristã.

Como visto, sempre é esperado da educação em geral e, da escolar em particular que encaminhe respostas à problemática concreta da sua época presente. Por tais razões a concepção de um ideal formativo de homem faz-se sempre à luz das exigências de seu tempo. A defesa de uma educação que possa “ensinar tudo a todos” e que baseada em um método sólido despertasse o vivo interesses pelo aprendizado feita por Comênio no século XVII, é compatível com o alvorecer de uma civilização industrial alicerçada no trabalho e

na exigência do domínio técnico. O investimento em um homem independente, capaz de examinar, interpretar e escolher autonomamente coaduna-se com o espírito da recente reforma protestante.

Vê-se que a defesa de uma educação integral do homem no esteio de uma “nova cristandade” sugerida por Maritain quando o século XX encaminhava-se para a sua primeira metade, aponta para a superação de uma fé cristã intimista, requer um cristão intelectualmente apto a dialogar e a respeitar a pluralidade de valores advindos com a sociedade industrial e tecnológica, e que, como fizera o marxismo, assuma uma práxis voltada às necessidades vitais e existenciais de homens e mulheres reais.

O contexto econômico, social e educativo desse mesmo período, no Brasil, coincide economicamente com a mudança em consolidação de um modelo agrário-exportador para outro industrial urbano e, no plano educativo, com as várias reformas estaduais de ensino visando uma adequação à realidade emergente. Os anos de 1930 também são reconhecidos pelos postulados do movimento Escolanovista na defesa de uma educação laica e universal garantida pelo Estado e fundamentada em métodos científicos, ao lado de um otimismo educacional.

A transição em curso de um modelo econômico provocada também pela industrialização do país e pela mudança em sua matriz tecnológica; a aposta em uma educação escolar que preparasse os indivíduos para o domínio técnico requerido pela complexidade da sociedade moderna; os desequilíbrios regionais; a propagação de ideais socialistas; o populismo como ideologia política que despertara as massas para seus direitos, ao lado do incremento dos meios de comunicação social, dentre os quais o rádio, constituíam o cenário que a Igreja Católica presenciara no Brasil desde a década de 1930 e com ela Dom Manuel Tavares desde os tempos de seminarista.

Época depois a Igreja Católica tomaria consciência no tocante às potencialidades comunicacionais do rádio e o utilizaria para um ousado programa de educação de base que conjuntamente com o ato de alfabetizar, de ensinar, de instruir que

[...] tende a fazer o homem despertar para seus próprios problemas, encontrar suas soluções, aprender a comer bem, a defender sua saúde, a manter boas relações com seus semelhantes, a andar com seus próprios pés, a decidir seus destinos, buscar sua elevação cívica, moral, econômica, social e espiritual. (WANDERLEY, 1984, p. 50).

Intentando também oferecer essa educação prioritariamente aos sertanejos da zona rural, Dom Manuel empenhou-se na instalação de uma Rádio para a sua diocese. Os

testemunhos são unânimes em esclarecer que a Emissora de Educação Rural de Caicó foi vital na redefinição de valores humanos e de atividades sociais e profissionais, na vida em comunidade, na cultura escolar de base tecnológica, na superação de um ensino tradicional livresco, na economia de tempo, de trabalho, na afirmação da fé e da religião católica. Monsenhor Tércio que acompanhou de perto essas mutações, conclui convictamente:

Ninguém pode negar a importância desse veículo de comunicação para a comunidade de parte do sertão semi-árido do Rio Grande do Norte e Paraíba, região que ela atinge. Até temos a ousadia de dizer que houve um antes e um depois da Rural. Tantas coisas aconteceram sob sua luz nos campos da fé e organização religiosa, na vida de lazer e na cultura popular, na política, na vida econômica e escolar. É preciso ser bem cego para não ver. (ARAÚJO, Tércio., 2003).

Já para o bispo Dom Manuel Tavares de Araújo, o idealizador da referida Emissora, esta se inseria no projeto de comunicação social e, por conseguinte, educativo e educacional, da Igreja Católica. Em suas palavras,

Dom Eugênio foi à Colômbia onde havia um padre que tinha instituído uma rádio rural. Quando Dom Eugênio chegou me chamou para organizar a coisa com o devido cuidado. Foi quando foi fundada a Rádio Rural. Pra mim foi a coisa mais importante que a igreja do Seridó teve para difundir através das ondas a doutrina; as notícias também da igreja, as notícias do mundo. [...] Para mim foi a maior coisa da minha vida que eu já fiz, foi a fundação da Rádio Rural. [...] Foi um ponto muito interessante de formação. Não era somente religião, era também **a educação do povo**. Eu deixo a mensagem de que ela continue, de tal modo que eu desejo que seja a **fonte de educação religiosa e civil** do povo do Seridó, porque **o povo precisa de uma educação a toda prova**. (ARAÚJO, DOM MANUEL..., 2003, grifo nosso).

Nas palavras do seu bispo emérito Dom Manuel Tavares de Araújo, a finalidade precípua da instalação da Emissora Rural de Caicó voltava-se, a um só tempo, prioritariamente, para a educação instrutiva, civil, profissional e religiosa do povo do meio rural, ainda privados de certos avanços da civilização tecnológica. É pertinente relembrar sua assertiva segundo a qual a Rádio transcenderia os aspectos doutrinários da religião, para ser veículo de “[...] **educação do povo**.” (ARAÚJO, DOM MANUEL..., 2003, grifo nosso).

Instalando uma estação radiofônica com o intuito de dotar homens e mulheres, preferencialmente da zona rural, de uma educação cívica, moral e religiosa compatível com as exigências de um mundo em mudanças, Dom Tavares não apenas punha a serviço de sua grei artefatos da cultura erudita, como favorecia que através da Emissora de Educação Rural manifestações da cultura autóctone fossem veiculadas proporcionando o seu

fortalecimento. Tais expressões não se tratam, conforme Certeau (1995, p. 242), de marginalismos, mas constituem-se campo vital e fecundo para fortalecimento e disseminação da cultura que “[...] prolifera em suas margens [...]” possibilitando novas criações e outras formas de relacionamento dos homens entre si na ambiência comunitária.

A Emissora de Educação Rural, seguindo o pensamento de seus idealizadores, se constitui como um órgão de radiodifusão da Igreja Católica e pela modalidade de escolas radiofônicas foi um canal tecnológico de transmissão de uma educação instrutiva e de formação civil, política, religiosa e profissional de homens e mulheres seridoenses de acordo com as exigências modernas da época.

Instalando esse veículo de comunicação de massa como força formativa, o rádio de pilha passou a integrar os objetos pertencentes ao cotidiano dos moradores da cidade e das comunidades rurais. Escutar o noticiário da Emissora Rural de Caicó, assistir à missa radiada, ouvir o programa violeiros do Seridó, acompanhar a Hora do Brasil e sentar-se ao lado do monitor da escola radiofônica moldariam instrutivamente, por um lado, novas maneiras de sociabilidade de homens e mulheres seridoenses. Por outro, a aprendizagem dos saberes elementares da linguagem, da matemática, da religião, dos estudos sociais, de novas técnicas agrícolas e programas de saúde viabilizaria a formação educativa de homens e mulheres que se integrariam à sociedade tecnológica dos anos sessenta do século XX.

Investigar, e em certa medida explicitar, portanto, os ideais de Homem concebidos e almejados pela programação educativa e formativa da Rádio Rural de Caicó à luz da noção de ação cultural conforme Certeau (1995), dos princípios da doutrina social da Igreja Católica, e dialogando com o entendimento de formação educativa historicamente explicitado nas concepções e proposições teóricas de filósofos e educadores, sobretudo modernos, constitui-se tarefa dos próximos capítulos.

Capítulo três

A auto-destinação da Rádio Rural: por uma paidéia formativa moderna

Esclareceremos ao camponês, ao agricultor, ao operário, ao comerciante, ao médico, aos dirigentes de instituições e enfim a todas as camadas sociais. Um povo escolarizado, sempre é um povo educado. E o desenvolvimento social e cristão de uma região só é conseguido quando os seus habitantes reconhecem em si a responsabilidade que devem assumir. Educado e escolarizado verdadeiramente [...] poderemos encontrar aí a nossa evolução [...].
(GERÔNCIO; GURGEL; FLORÊNCIO, 1964).

O presente capítulo examina as aspirações da diocese de Caicó que, acompanhando o *aggiornamento* da Igreja Católica, instala uma Emissora de Rádio educativa em sua circunscrição. Por se tratar a Emissora investigada de uma Rádio pertencente à igreja diocesana, dedicamos especial atenção às diretrizes emanadas da Sé Apostólica Romana. Atenta-se ainda para instruções advindas de outras instâncias eclesiais, como a CNBB, dirigidas à utilização de uma mídia moderna e social posta a serviço da formação humanística em geral e, cristã em particular. Assim, explicitam-se os contornos de uma *paideia* moderna no Seridó norte-rio-grandense destinada a ser veiculada pela tecnologia radiofônica.

Pelo crivo de tal balizamento metodológico partiu-se do exame do Decreto *Inter Mirifica* (1963) do Concílio Vaticano II sobre a ampliação dos meios de comunicação social destinados à formação religiosa, educacional, moral, técnica e artística do ser humano, e chegou-se à Instrução Pastoral *Communio et Progressio* (1971), promulgada pela Comissão Pontifícia para as Comunicações Sociais. Este Documento sistematizou as diretrizes contidas naquele Decreto e assim cumpriu disposição regulamentar neles prevista. A consulta a outros documentos eclesiais conciliares e pós-conciliares tornou-se imperiosa, vez que eles refletem o sentimento da Igreja Católica ao tentar manter-se fiel à sua missão de evangelizar e formar o “homem cristão” sem abdicar do diálogo valendo-se de meios tecnológicos de uma comunicação moderna e dialógica.

De outra parte, não se pôde deixar de perquirir acerca do desenvolvimento sócio-econômico, educativo e cultural do Seridó e de Caicó, que serviu de ambiência favorável

aos anseios, à instalação e ao funcionamento de uma Emissora de Educação Rural, nessa cidade pólo regional.

Em se tratando das condições sócio-econômicas observou-se que, inserida no coração da microrregião do Seridó e integrante do semi-árido nordestino, a cidade de Caicó também sentiria “os males sociais” oriundos do deslocamento da matriz econômica brasileira. O país, de uma economia eminentemente agrária, remontando às primeiras décadas do século XX buscou inserir-se na produção industrial desde a da fábrica industrial, a têxtil, a metalúrgica, a eletro-eletrônica, a química até as hidroelétricas, mecanização, dentre outras. O incremento da urbanização, da fábrica industrial em diferentes regiões do país, acompanhado por um forte êxodo rural foi uma das conseqüências dessa expansão industrial que sufocava a empresa doméstica agrária em encolhimento.

De um município com população predominantemente rural até a década de 1950, já no início de 1960 Caicó teria, conforme Morais (1999, p. 115), 59,1% de seu contingente populacional habitando no espaço urbano, número que atingiria, uma década depois, o índice de 67,2%. É pertinente, todavia, a observação trazida pela autora atestando que a precarização da zona rural forçou o homem do campo a mudar seu domicílio para a cidade, “[...] mesmo que, em muitos casos, isso não representasse o abandono da lida rural.” Nesse quadro de mudanças estruturais, os camponeses deslocavam seus domicílios para a cidade buscando principalmente a educação escolar de seus filhos, além de outros serviços disponibilizados no complexo urbano, porém, muitos desses sertanejos, notadamente os chefes de família, continuavam trabalhando no meio rural onde angariavam o sustento familiar.

É certo que a industrialização ampliada experimentou dinâmicas diversificadas nas diferentes regiões do país, porém, de qualquer modo, conforme se infere do deslocamento populacional então vivenciado pela urbe Caicó, o crescimento da população citadina foi um fenômeno que se espalhou em toda extensão do território nacional.

Na esteira do propalado desenvolvimento industrial manifestava-se, no Brasil, como de resto em outras partes do globo terrestre, uma série de contradições e injustiças marcadamente na zona rural, que provocaram a interferência da Igreja Católica, seja por meio de pronunciamentos papais, seja pela intervenção local de bispos, padres e leigos articuladamente ou não com os entes estatais.

Abordando os desequilíbrios internos e externos entre países, regiões e mesmo entre setores produtivos, o Papa João XXIII advertia:

[...] o aumento da eficiência dos sistemas econômicos, em cada vez maior número de países, evidencia mais ainda os desequilíbrios econômicos e sociais entre o setor agrícola, por um lado, e o setor da indústria e dos serviços de utilidades geral, por outro. [...] O avanço da História faz ressaltar, cada vez mais, as exigências da justiça e da equidade que não intervêm apenas nas relações entre operários e empresas ou direção destas, mas dizem também respeito às relações entre os diversos setores econômicos, ente zonas economicamente desenvolvidas e zonas economicamente menos desenvolvidas dentro da economia nacional, e, no plano mundial, às relações entre países desigualmente desenvolvidos, em matéria econômica e social. (JOÃO XXIII, 2004a, p. 16 e 40).

Tratando-se do Brasil de então, as desigualdades regionais a que se referia João XXIII mostravam-se tão acentuados a ponto de alguns cientistas identificarem a existência de “dois brasis”. Em 1956, enquanto a renda *per capita* dos que habitavam o Centro-Sul do país era de 17,2 mil cruzeiros, a dos moradores da região Nordeste era mais de três vezes menor e não passava de 5,5 mil. Conforme nos alerta Souza (1961, p. 31), “[...] o mais grave, entretanto, não é a existência desta diferença entre as diversas regiões do país e sim o aumento progressivo desta diferença de forma a agravar, de dia para dia a disparidade já por si bem expressiva.” Almejando apresentar soluções eficazes, no sentido de debelar tamanha desigualdade regional, foi que os bispos do Nordeste brasileiro se mobilizaram e fizeram realizar os históricos Encontros de Campina Grande (1956) e de Natal (1959).

De um lado, a iniciativa dos prelados nordestinos sinalizou a tentativa de responder a uma situação social, econômica, sanitária e educacional concreta e grave em que estava imersa grande parte de seus rebanhos e, do outro, a articulação de uma sintonia mais efetiva com aquela doutrina social renovada da Igreja Católica. Uma interpretação mais lúcida dos princípios evangélicos pugnava pelo engajamento de todos os cristãos, ordenados ou não, na revisão de relações de trabalho mais humanas, num mundo menos desigual e mais justo para homens e mulheres. Lembremos que os Papas católicos, desde Leão XIII, buscaram concretizar tais aspirações, tornando-se famosa uma citação de Pio XII empregada por Dom José Vicente Távora, então arcebispo de Aracaju (SE), durante a conclusão do Encontro de Campina Grande: “Passou o tempo das reflexões e dos projetos: é a hora da ação.” (TÁVORA apud SOUZA, 1961, p. 33).

Anos antes, a instalação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), na Assembléia realizada pelos bispos brasileiros de 14 a 17 de outubro de 1952, no Rio de Janeiro, pode também ser considerada como uma tentativa de a Igreja Católica dar maior

organicidade às suas políticas sociais que, na maioria das vezes, eram iniciativas louváveis de bispos, padres e de leigos da Ação Católica, no âmbito das dioceses, a exemplo do “Movimento de Natal”, mas que permaneciam isoladas. A ordenação e, sobretudo, o planejamento racional das políticas a fim de alcançarem a desejada eficácia foram identificados pelos bispos brasileiros como exigências daqueles tempos modernos. Ressalte-se, portanto, que a criação da CNBB já se inseria nesse crescente sentimento de renovação eclesial, de *aggiornamento* da Igreja Católica.

A eleição de João XXIII em 1958 para presidir os destinos dessa Igreja fizera soprar mais intensamente os ventos do sentimento renovador eclesial. Dirigindo-se ao Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), em reunião ocorrida no Vaticano em fins do ano de 1958, João XXIII chamava a atenção dos bispos para a consciência dos desafios e exigências de enfrentamento ínsitos à América Latina. Nos termos do padre Barros, esses enfrentamentos requeriam dos dirigentes eclesiásticos desse Continente ter-se uma clara visão

[...] da realidade das coisas, em todos os seus aspectos, em seus progressos e em seus eventuais retrocessos; dos fins que devem ser propostos; das possibilidades, das dificuldades, das vias mais indicadas para serem seguidas. Se a prudência pastoral o exige sempre, com maior razão se impõe a necessidade de semelhante estudo, quando se trata de situações complicadas. **Um plano de ação** que responda à realidade perspicaz nos propósitos, **racional na seleção dos meios** que se hão de empregar. (BARROS, 1968, p. 24, grifo nosso).

Aquele Pontífice indica que a madre Igreja, antes de quaisquer iniciativas, deve interpretar corretamente os “sinais dos tempos” como pressuposto indispensável a uma intervenção ousada para debelar os males sociais em suas finalidades, porém, racionalmente planejada inclusive na eleição dos meios utilizados. Firme em tais propósitos, João XXIII, no ano de 1961, valendo-se de uma Carta Pastoral também endereçada aos bispos latino-americanos reitera e enfatiza a urgência de resposta a seus apelos pretéritos. Ele conclama as igrejas locais para a elaboração de *planejamentos pastorais* e propõe que os bispos mostrem aos governantes e a todos os responsáveis a urgência de se processarem reformas estruturais possibilitadoras de uma efetiva *promoção do povo* subdesenvolvido.

O *Plano de Emergência* elaborado pela CNBB em sua V Assembléia Ordinária, realizada de 2 a 5 de abril de 1962, no Rio de Janeiro (Casa de Nossa Senhora da Paz), com a presença de 135 cardeais, arcebispos e bispos reconhece explicitamente na

Introdução que esse documento atendia “[...] a um apelo do Santo Padre, dirigido ao Episcopado Latino-Americano, em Carta de dezembro de 1961.” (CNBB, 1963, p. 6).

De acordo com Barros (1968), o termo *Emergência* enfatizava o caráter transitório do plano, destacava e alertava para a situação grave em que se encontravam o país e a Igreja. Nesse *Plano de Emergência* os bispos traçam algumas diretrizes e, conforme sugerira o Romano Pontífice, apontam medidas práticas de intervenção e alguns instrumentos para efetivá-las. No geral, as diretrizes propunham a renovação de paróquias, de educandários católicos e do próprio clero, bem como tornar mais efetiva a presença da Igreja Católica nos setores social, econômico, político, cultural, agrário, sindical, educacional e na constituição de uma correta opinião pública. É tanto que, nesse mesmo ano de 1962, conforme observa Della Cava (1991, p. 89), “[...] a Igreja do Brasil tomou a iniciativa de criar [...] o Secretariado Nacional de Opinião Pública (SNOP).”

Pressentindo sobre si soprar o vento renovador do Concílio Vaticano II, já então anunciado e convocado por João XXIII, a V Assembléia Geral da CNBB se propõe a “[...] melhorar o que existe, inspirar novos empreendimentos, coordenar esforços dentro de uma visão pastoral de conjunto [...].” (CNBB, 1963, p. 7).

No que pertine à educação escolar, os bispos identificam a necessária presença cristã nos colégios católicos a se concretizar, sobretudo, pelo testemunho vivo da fé. Recomendam especial atenção “[...] às diretrizes doutrinárias, adaptadas ao espaço e ao tempo, atingindo, de modo particular, os campos da fé e moral, da educação e cultura; da ação social [...].” (CNBB, 1963, p. 13). Os bispos da CNBB compreendem a destinação da educação escolar coadjuvante indispensável no desenvolvimento biológico, psíquico, intelectual, moral e espiritual iniciado na família devendo, para tanto, lançar mão de uma pedagogia inspirada no amor, conforme propunham Pestalozzi (s.d.) e também Maritain (1968).

O pensador católico Jacques Maritain insistia em mostrar que somente um trabalho educativo centrado na renovação interior do aprendiz tornaria viável alicerçar a sociedade moderna em bases sólidas e refundar uma nova cristandade. A renovação interior do homem pela educação escolar requeria

[...] uma renovação da vida espiritual e da vida moral penetrando até os fundamentos espirituais e morais da vida humana, renovando as idéias morais que presidem à vida do grupo social como tal e acordando nas profundezas deste novo impulso... (MARITAIN, 1962, p. 96).

Para o alcance dessa renovação interior, no entanto, reconhecem os bispos, não devia restringir-se aos limites de uma educação formal, mas haveria de perpassar as diversas esferas educativas da vida social, inclusive a Igreja na sua expressão mais visível que são as paróquias. Assim se posicionando, a CNBB compartilhava também daquele entendimento de Anísio Teixeira (2001, p. 111), segundo o qual “[...] toda a vida do homem se faz em educação e por educação.”

Reconhece, portanto, a CNBB (1963, p. 39), no *Plano de Emergência*, que “[...] a formação total do homem exige uma educação adaptada às condições sociais novas.” Ao lado de uma formação religiosa do educando, que nos termos de Maritain (1968), contemplasse o seu “interior”, o documento dos bispos brasileiros reconhece ser indispensável à prática educativa cristã o cultivo da civilidade e da sociabilidade.

Apontava aquele documento os “meios informais da educação” dentre os quais rádio, TV e cinema como veículos para atingir a desejada meta de renovar a escola, a sociedade e a própria Igreja. Tais veículos culturais são identificados como responsáveis pela construção de uma visão global da vida em que “[...] as soluções só têm eficácia mais garantida quando engajadas em um planejamento.” (CNBB, 1963, p. 43). Destaque-se que, em se tratando de uma planejada intervenção pastoral, o documento saúda como pioneiras as três experiências exitosas da Igreja católica no Brasil: “[...] de Campinas, de Ribeirão Preto e do Nordeste (em torno de Natal).” (CNBB, 1963, p. 10). Num panorama de profusão e incremento de novos meios de comunicação social, os Bispos da CNBB consideram todo isolamento como “ridículo e perigoso.”

As intervenções políticas do clero e de militantes da Igreja Católica são interpretadas por Montero (1991, p. 77), como início de um deslocamento da atenção destinada à educação escolar nas décadas de 1950 e 1960, e que nas duas décadas seguintes prioriza “[...] a influência dos meios de comunicação na formação cultural brasileira.” Não é legítimo afirmar, todavia, conforme lucidamente alerta Vanilda Paiva (1991), que a ênfase com que a Igreja Católica passa a tratar os meios de comunicação social nessas décadas corresponda, por parte dessa Instituição eclesial, a um negligenciamento da esfera educacional.

É imperioso reconhecer que a educação escolar cultivada pela Igreja Católica com suas inúmeras e tradicionais escolas católicas pagas, que serviam basicamente às elites em regra, impedia que a elas tivesse acesso a maioria das camadas carentes da população em idade escolar. Utilizar-se dos rápidos e abrangentes meios eletrônicos de comunicação

social seria uma possibilidade de também educar, instruir e evangelizar um vasto universo de pessoas excluídas da educação formal. Por essa lógica não é legítimo pensar que a Igreja tenha priorizado a comunicação em detrimento da educação. Conforme afirma Vanilda Paiva, não se pode

[...] menosprezar o papel desempenhado pela educação não apenas na história da Igreja, mas também na sua própria lógica operacional. A ação sistemática no sentido de formar as consciências sempre ocupou um papel central na atuação da instituição e este papel não parece ter se reduzido. (PAIVA, 1991, p. 16).

Nesse momento que a Igreja Católica ampliava o mérito de que se revestiam os modernos meios de comunicação social, dentre eles o rádio, como instrumentos favoráveis à ação evangelizadora e formativa, sem abrir mão da educação sistemática e formal. Redimensionou-a com princípios e procedimentos, embora ainda restritivos, da Pedagogia da Escola Nova. Por outro lado, ao investir nos meios eletrônicos de comunicação a distância, intentou constituir, por outros veículos que não os da educação tradicional, novas instâncias para a formação de consciências.

Percebe-se, então, que a relação que a Igreja Católica estabeleceu com os modernos dispositivos midiáticos emana do entendimento que tem ela acerca dos fins inerentes à sua histórica missão formativa e dos veículos propícios a atingi-los em proporções melhores e maiores numericamente. Diante dessa prospecção torna-se pertinente averiguar o ideal de homem perseguido pela Igreja Católica, em particular no século XX.

Formar e aperfeiçoar, pela educação cristã homens e mulheres, respeitando-lhes a natureza específica, a fim de que viva conforme os desígnios concebidos por seu Criador, trata-se de uma missão que é própria, abrangente e condizente com a sua essência e com os seus fins. Tendo presente essa missão, o Papa Pio XI ao discorrer, na Carta Encíclica *Divini illius magistri* (1929), sobre a educação cristã da juventude, adverte: “Consistindo a educação essencialmente na formação do homem como ele deve ser e portar-se, nesta vida terrena, em ordem a alcançar o fim sublime para que foi criado, [...] não pode dar-se educação adequada e perfeita senão a cristã.” (PIO XI, 2004, p. 164).

A educação escolar propícia à formação humana integral, consoante com um dever-ser, não poderá restringir-se a fins imediatos —, esse é um ponto de atrito com a educação ativa — mas, partindo das realidades terrenas, há que transcendê-las em vista da

orientação do ser humano para Deus, o seu fim último conforme proclamara Santo Agostinho nos primeiros séculos da era cristã.

A explicitação doutrinária do entendimento educativo por Pio XI será, anos mais tarde, filosoficamente interpretada por Maritain nos seguintes termos:

[...] a concepção completa, integral do homem, primeiro requisito da educação, não pode ser senão uma concepção filosófica e religiosa. Filosófica porque tem por objeto a natureza ou essência do homem; religiosa por causa do modo de existir da natureza humana em relação a Deus, e por causa dos dons especiais, das provações e da vocação implicados nesse modo de existir. (MARITAIN, 1968, p. 31).

A aspiração de um paulatino aperfeiçoamento de padrão alto, uma formação totalizada de homens e mulheres utilizando-se dos frutos do progresso hodierno, tanto material quanto intelectual, desenvolvidos integradamente é recepcionado pela Igreja Católica como um justo anseio da tarefa educativa com respaldo das ciências. A par dessa abertura e seu adentrar nos meios midiáticos mais eficazes, especialmente o rádio, que em várias oportunidades foi exaltado pelo Papa Pio XII (1998), como profícuo instrumento de educação, de integração e, sobretudo, de apostolado católico e social.

Reitere-se que o pontificado de Pio XII foi decisivo para a Igreja iniciar a disseminação dos veículos tecnológicos comunicacionais em sua ação pastoral com longo alcance e redução de distância. Compreendeu bem que o uso intensivo do rádio faria chegar mais rapidamente a todo o orbe seus ensinamentos, tanto é que ele próprio se valeu excessivamente das chamadas radiomensagens. Muitos dos Romanos Pontífices escreveram Cartas Encíclicas em diferentes aniversários da *Rerum Novarum* de Leão XIII. Para comemorar o 50º aniversário deste documento (1941), nesta direção Pio XII (1998) preferiu a radiomensagem: *La Solennità della Pentecoste*.

Ilustrando a aguçada relevância dada por Pio XII aos modernos meios de comunicação social para a missão pastoral da Igreja, teria proferido em seu pontificado (1939-1958), cerca de 35 radiomensagens. (LAGRÉE, 2002). Já Dariva (2003), refere-se que entre os discursos e textos variados de Pio XII sobre diversas áreas inúmeros detinham-se na temática da comunicação social.

A imprescindibilidade da mídia para um eficaz trabalho pastoral da Igreja Católica tornou-se um dos méritos do pontificado de Pio XII. Desde então, esse entendimento será reiterado por seus sucessores na Cátedra de Pedro e pelo próprio Concílio Vaticano II, com a edição do Decreto *Inter Mirifica*, e de seu detalhamento pela Instrução Pastoral *Communio et Progressio*.

Aliás, conforme assevera Lagrée (2002, p. 419): “O rádio foi o primeiro meio de comunicação verdadeiramente moderno, que abolia as distâncias para vastos setores da população e levava uma contribuição essencial para a cultura de massa.” Tanto é verdadeiro que autoridades religiosas enxergavam no emprego do rádio para a evangelização uma analogia com a *ágora* grega dos tempos apostólicos, um veículo educativo impar para o embate dialógico convincente, constitutivo de uma nova sociabilidade humano-cristã universal.

A necessária urgência em transmitir aos mais recônditos rincões habitados pelo homem, instruções abalizadas, mensagens de paz e de sociabilidade geral, aliada à facilidade de imediata captação dos conteúdos por parte dos destinatários cristãos, emergem como fatores decisivos para a Igreja Católica em sua missão educativa e evangelizadora por meio do rádio de longo alcance. Proclamava Pio XII, pela *Miranda Prorsus*, que os modernos “meios técnicos” ou “técnicas eletrônicas de comunicação” servem “[...] diretamente ou mediante uma expressão artística, para a difusão de idéias, e oferecem a milhões de pessoas, de maneira facilmente assimilável, imagens, notícias e lições, como alimento cotidiano do espírito, mesmo nas horas de lazer e repouso.” (MIRANDA PRORSUS..., 2003, p. 34-35).

Na turbulência gerada pela moderna sociedade industrial, tecnológica e midiática a requerer sempre mais o racional emprego do tempo e do espaço, o uso do rádio já não tornava indispensável o abandono temporário do trabalho, o deslocamento das pessoas a lugares específicos com intenções de se instruírem e se educarem. O rádio chegaria ao local de trabalho, inclusive ajudando a amenizar os dissabores da lida pela veiculação de entretenimento e de notícias gerais.

É certo, porém, que nos seus primórdios o rádio não apresentava as facilidades de uso que só mais tarde, especialmente com a descoberta e com a confecção do transistor, viria a conquistar. No Brasil, ainda na década de 1920, quando efetivamente o rádio foi introduzido, os aparelhos receptores eram importados a custo bastante elevado dificultando e impossibilitando sua aquisição e posse por famílias de inferior poder aquisitivo.

De acordo com Calabre (2004, p. 22), “Os primeiros aparelhos de rádio eram os chamados rádio de galena, de escuta individual, feita através de um fone de ouvido.” Inclusive, era possível a aquisição do equipamento em partes montando-o posteriormente. As “cinco pequenas peças” que compunham os receptores, esclarece Cabral (1996, p. 9),

eram: “[...] cristal de galena, regulador de contato de galena, indutor, condensador variável de sintonia e fones de ouvido.”

Fazendo face às despesas para manutenção das emissoras radiofônicas, cujas programações eram inicialmente descontínuas, os ouvintes se organizavam em sociedades ou em clubes, razão pela qual tais denominações quase sempre figuravam nos seus nomes como: Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, Rádio Clube de Pernambuco, Rádio Sociedade da Bahia etc. Passatempos ou não de elites, clubes e sociedade trouxeram ao país o conceito de modernização. (JUNG, 2004). Tal fato teria impossibilitado o acesso maior das classes populares às programações radiofônicas, contrariando num momento inicial as expectativas de Roquette-Pinto que pretendia o rádio um instrumento popular e educativo.

A década de 1930 testemunharia a expansão e a popularização do rádio a partir do governo de Getúlio Dornelles Vargas que, conforme acentua Jambeiro (2004), estimulou os serviços de radiodifusão visando prioritariamente à auto-promoção do Estado por ele gerido. Algumas medidas nesse sentido foram visíveis. Criou a *Voz do Brasil* em 1932, tornando sua retransmissão obrigatória para todo o território nacional a partir de 1938. No ano seguinte, pelo Decreto 1.915 de 27 de dezembro de 1939 fez surgir no ordenamento jurídico pátrio o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). A importância conferida ao rádio por Vargas foi tamanha que, além de controlar as emissoras não-governistas por meio deste órgão,

[...] também optou pela operação direta da radiodifusão. Incorporada à União pelo decreto nº 2.073, de 8 de março de 1940, em pagamento de impostos não recolhido, a Rádio Nacional pertencia, originalmente, à Companhia Estada de Ferro São Paulo — Rio Grande [...]. A transformação da mais importante emissora da América Latina em retransmissora oficial do Estado Novo contribuiu estrategicamente para o sucesso do projeto de mitificação da imagem de Vargas e disseminação da propaganda autopromocional do governo. (JAMBEIRO, 2004, p.109).

A popularização da radiodifusão, no entanto, inicialmente enfrentou resistência de parte de uma elite intelectual brasileira por insistir em manter o rádio “[...] como um veículo com fins educativos e divulgador da produção cultural erudita.” (CALABRE, 2004, p. 23). A mediata descoberta e comercialização do transistor representaria logo depois um verdadeiro achado, uma revolução no segmento das transmissões midiáticas. Nos termos de Barbosa Filho (2003, p. 43), “Com o transistor tornou-se possível ouvir rádio a qualquer hora e em qualquer lugar, sem precisar de mais ligá-lo a tomadas. Sua dinâmica de transmissão cresceu enormemente.” Com isso, a efetivação da radiofonia inaugurou e a

descoberta do transistor fez expandir um período da história humana identificado como “a era da difusão”. Para dois grandes historiadores ingleses:

Os rádios transistores transformaram a vida em praias e desertos, onde não havia vivalma. Os aparelhos eram móveis, característica chave da história da mídia (vejam o telefone celular), portáteis e baratos. Os transistores têm uma história ainda mais importante do que essa: foram essenciais para o posterior desenvolvimento dos computadores. (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 232).

Lembremos, aliás, que durante a evolução do rádio encontram-se diversas discussões entre seus teóricos e admiradores a respeito de como melhor aproveitá-lo. Registram ainda Briggs e Burke (2004, p. 167), referindo-se inclusive a Herbert Hoover, mais tarde presidente dos Estados Unidos, que já na década de 1920 este entendia “[...] inconcebível permitir-se que [o rádio] um grande potencial para uso em serviços, notícias, lazer e educação e em objetivos comerciais vitais fosse afogado por tagarelice publicitária.”

Certo é que, em parte, tamanha expansão da radiofonia dependeu das peculiaridades que lhes são intrínsecas. Estudiosos do rádio identificam pelo menos dezenove funções a ele inerentes, dentre as quais estariam: [...] construção de imagens, capacidade de falar para milhões de pessoas, e/ou para cada indivíduo, velocidade, caráter transfronteiriço, simplicidade, baixo custo, efemeridade, música, surpresa, interferência. (BARBOSA FILHO, 2003, p. 44-45). Acrescentam Briggs e Burke (2004) a mobilidade, fator preponderante de sua ampla difusão e de seu longo alcance.

Observa-se ainda que, “Livre de fios e tomadas, o rádio pode ser levado a qualquer lugar. Isso faz dele uma mídia pessoal e que pode ser ‘ouvida’ onde o receptor desejar.” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 48). No geral, a liberdade espacial tornou o rádio o único meio de comunicação de massa a valer-se tão somente do som para chegar ao destinatário.

Atenta às funções tecnológicas e técnicas, temporais e comunicacionais do rádio, a Igreja Católica estimula mais intensamente o emprego daquele meio “onipresente” para desenvolver sua missão pastoral e educativa. Onipresente, o rádio transmitiria veloz e abrangente a propagação de valores humanos e cristãos, a união dos povos, o aperfeiçoamento moral, religioso e profissional; o incremento do lazer e do entretenimento humanista, consideravelmente ampliado a partir da década de 1930. A instalação da Rádio Vaticana, conforme anteriormente destacado, foi seqüenciada por várias outras estações em diferentes continentes e países do globo, inclusive no Brasil. Cerca de trinta anos depois,

emissoras católicas de rádio alcançaria seu auge em território pátrio, inclusive no Rio Grande do Norte (Natal, Mossoró e Caicó).

Ressalte-se, todavia, que a abertura da diocese de Caicó para a incorporação dos modernos meios de comunicação social na sua missão eclesial de evangelizar e educar é atestada, pelo menos desde o ano de 1950. Os Estatutos do Departamento Diocesano de Ação Social (DDAS), órgão da Ação Católica nessa circunscrição eclesiástica para o incremento de suas ações sociais, é incisivo:

Entre outros meios de tornar mais eficiente intensiva e extensivamente sua ação, o DDAS **vê o rádio, a imprensa e o cinema, bem como o teatro**, cogitando de as empregar desde que lhe não falem os recursos necessários e a cooperação inteligente dos que lhe acompanharem a realização. (ESTATUTOS DO DEPARTAMENTO..., 1950, p. 3, grifo nosso).

Aprovados e assinados por Dom José de Medeiros Delgado, os Estatutos do DDAS não deixam dúvidas em sua pretensão de operacionalizar os tópicos constantes na Encíclica *Quadragesimo Anno* do Papa Pio XI que propugnava pela formação moral dos fiéis mediante a propagação dos princípios cristãos. Enxerga-se que o emprego dos meios de comunicação, com prioridade para o rádio, o primeiro referido dentre outros, visando à promoção humana dos seridoenses era uma aspiração cuja materialização esbarrava principalmente na falta de aportes financeiros. Tais vislumbres locais serão, paulatinamente incorporados numa dimensão mais universal pela Igreja Católica.

Será, portanto, com a celebração do Concílio Vaticano II, convocado por João XXIII, em 25 de dezembro de 1961, sinal de *aggiornamento*, de atualização e de diálogo da Igreja Católica com o mundo moderno industrial, tecnológico e midiático, que esta propalará ter “[...] um direito radical de possuir e de usar [os meios de comunicação social] úteis à educação cristã [...]” (INTER MIRIFICA..., 2003, p. 71). Destaque-se que a recepção positiva dos meios de comunicação social entra com o *Inter Mirifica* para a história da Igreja Católica em geral e conciliar em específico.

Quando da instalação desse Concílio, ousadas iniciativas de igrejas diocesanas, já em curso, relativas ao uso dos *mass media*, com notabilidade da experiência das escolas radiofônicas implementada na arquidiocese de Natal, em sua Rádio Rural (1958), serão chanceladas e estimuladas pelo espírito que permeava as diretrizes mestras traçadas pelo Decreto *Inter Mirifica* (1963), cronologicamente, o segundo dos documentos produzidos pelo Vaticano II, fato que de *per se* atesta o entusiasmo com que a Igreja Católica passara a explorar o assunto. A ampliação dos lugares e dos espaços comunicacionais é conexas à

expansão dos recursos técnicos, notadamente após a Primeira Grande Guerra do Século XX, posto que os meios de comunicação de massa facilitam “[...] ampliarem o espectro de seus receptores, pela quantidade de informações que veiculam e pelo tempo em que se fazem presentes na vida das pessoas. (SANTOS, 2003, p. 45).

Inequivocamente, tal ampliação era assimilada e avocada pelos mentores e instaladores da Emissora Rural de Caicó. Esta tem seu "Livro de Atas", cujo "Termo de Abertura" datado de 1º de maio de 1963, está assinado pelo padre Itan Pereira da Silva. Esclarece que aquele livro servirá para a "anotação da História da Rádio." Tais anotações possuem um valor inestimável para a reconstituição historiográfica dos princípios, ideais e finalidades eleitas pela diocese para o funcionamento daquela Emissora de Rádio.

A "Rádio Rural", como é mais conhecida pela população em geral, trata-se de uma instituição ligada à Igreja Católica e abrigada, *a posteriori*, na Fundação Educacional Sant’Ana pertencente à diocese de Caicó. Na microrregião do Seridó, essa Rádio constituiu-se uma referência comunicativa e educativa.

Conforme o monsenhor Ausônio Tércio de Araújo (Figura 02), atual diretor da Rádio, a criação da Fundação Educacional Sant’Ana nasceu da necessidade circunstancial de dar uma nova forma jurídica que abrigasse legalmente a cadeia de Rádios Rural pertencentes às dioceses de Natal, Mossoró e Caicó, integrantes da Província Eclesiástica do Rio Grande do Norte. De acordo com aquele sacerdote, quando de sua instalação, no enquadramento jurídico inicial que encontrara,

A Emissora de Educação Rural dependia de uma ‘Associação de Educação Rural Limitada.’ Era uma obra de três pessoas: Eugênio de Araújo Sales, Nivaldo Monte e Otto Guerra. Três líderes católicos; o famoso advogado e professor Otto Guerra, o cônego Eugênio, naquele tempo, e o cônego Nivaldo. Essa estrutura foi obrigada a ser assim porque a legislação do rádio era muito frágil, escassa. [...] Então, para poder que esse sonho se realizasse eles tiveram que fazer uma [empresa] Limitada. E esses três homens cada um tinha um terço das ações [do capital]. (ARAÚJO, T., 2005).

Tratava-se claramente de uma conjunção estratégica que visava a dar legalidade institucional ao patrimônio das rádios, já que a instalação de cada uma delas foi, a seu tempo, precedida de campanhas desenvolvidas por cada diocese interessada, objetivando angariar os recursos financeiros necessários à implantação de suas respectivas emissoras radiofônicas.

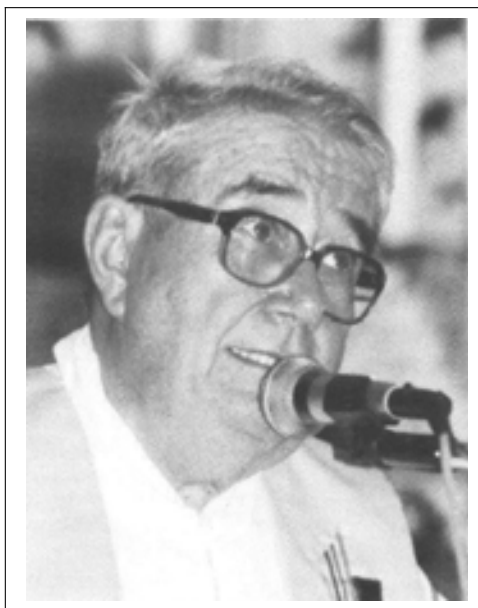


Figura 02 — Mons. Ausônio Tércio de Araújo,
colaborador para instalação da Rádio Rural de Caicó e
seu 2º diretor
Fonte— GDS e CDS em Revista (2005)

A forma jurídica de “Sociedade Limitada” que inicialmente abrigara e permitira às Rádios Rural constituírem-se e operar legalmente, com o passar do tempo transformara-se em motivo de apreensão, posto que elas figuravam como se fossem patrimônio privado, pessoal dos instituidores, albergados sob aquela forma societária. Nas palavras de monsenhor Tércio,

[...] aqueles três homens, já mais velhos, começaram a ficar com medo porque eles podiam morrer e morrendo, e tendo [cada um] um terço das ações [das quotas] os herdeiros não iam deixar de querer. Mesmo que uns assinassem generosamente como doação, um ou dois podiam não assinar. Então eles ficaram com uma verdadeira obsessão para encontrar uma saída. Com a nova legislação veio a idéia de Fundação. Eles então doaram às Dioceses as ações [quotas]. Com o dinheiro deles, com os bens deles foram então criadas a **Fundação Paz na Terra** em Natal, a **Fundação Santa Luzia** em Mossoró, e a **Fundação Sant’Ana** aqui [em Caicó]. (ARAÚJO, T., 2005, grifo nosso).

A Fundação Educacional Sant’Ana resultou, portanto, do desmembramento do patrimônio que, pelo menos formal e juridicamente pertencia a Dom Eugênio de Araújo Sales, a Dom Nivaldo Monte e ao professor universitário e advogado Otto de Brito Guerra, na condição de integrantes da sociedade por quotas de responsabilidade limitada denominada Emissora de Educação Rural Ltda., cujo contrato fora registrado na Junta Comercial do Rio Grande do Norte sob o número 101/57. Sendo que a mesma empresa abrigava sob sua responsabilidade as três Emissoras de Rádio, o seu cadastro geral de

contribuintes perante o Ministério da Fazenda especificava-se por uma variação final referente a cada uma das estações radiofônicas, assim apresentando-se: 08.311.811/001, 002 e 003, respectivamente, Rural de Natal, de Mossoró e de Caicó.

A constituição da Fundação Educacional Sant'Ana deu-se no dia 25 de setembro de 1974 perante o 4º Ofício de Notas da capital Natal. Na oportunidade os três sócios cotistas, sendo Dom Eugênio Sales representado mediante procuração pública, por Dom Nivaldo Monte, para ela disponibilizaram, mediante doação formalizada, parte do patrimônio vinculado à sociedade pretérita. Há, porém, que se ressaltar tratar-se de um ato de mera acomodação jurídica, haja vista que conforme enunciado, a instalação de cada uma das Emissoras Rural dependeu de esforços de seus respectivos pastores e dos fiéis em suas circunscrições eclesiais diocesanas. A rigor, aquele sensato ato jurídico, entregava a seu legítimo dono o que de fato lhe pertencia.

Decorreram, porém, ainda cinco anos para que a Fundação Educacional Sant'Ana efetivasse a publicação e o registro de seus Estatutos, ato de nascimento das pessoas jurídicas. Publicados no Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Norte, edição de 18 de agosto do ano de 1979, os Estatutos da Fundação Educacional Sant'Ana foram devidamente assentados no 3º Cartório de Caicó (com transcrição no Livro "A" nº 1, Registros de Pessoas Jurídicas, às folhas 134 a 137, sob o número de ordem 14), aos 06 de setembro de 1979.

Dentre os dispositivos legais ali inseridos consta no art. 3º *caput* as finalidades inerentes a essa Fundação, dentre as quais:

[...] propugnar pela educação, formação moral, cívica, cultural, religiosa do povo através dos meios de comunicação falada, escrita e televisada, como também pelo ensino em qualquer grau e pelo trabalho de promoção social dentro do espírito cristão e democrático da nacionalidade brasileira, podendo para tanto manter emissoras de rádio e de televisão de acordo com as concessões ou permissões que lhe venham a ser outorgadas pelo Governo Federal, Jornais, Revistas, Escolas e outras instituições similares. (ESTATUTOS DA FUNDAÇÃO EDUCACIONAL SANT'ANA, 1979, fl. 2).

Vejamos que dispendo apenas de uma Emissora de Rádio a qual se confundia com a própria Fundação, esta se revelava imbuída de uma visão prospectiva, inclusive vislumbrando uma atuação no setor televisivo. Tal vislumbre insere-se num momento em que, diferente daquele em que se instalava a Rádio, a Igreja Católica com a publicação do Decreto *Inter Mirifica* (1963) e da Instrução *Communio et Progressio* (1972) já maturara

sua reflexão acerca da utilização plural dos progressos de meios e recursos audiovisuais de comunicação.

Conforme assevera Joana Puntel, neste último documento, ainda que atravessado por um certo idealismo aproximando-se de um “deslumbramento ingênuo”, reflete uma postura avançada, posto que

[...] a mídia não é mais vista como um perigo, mas como uma força benéfica; e também foge de um discurso moralista, atenuando a maneira dogmática de abordar a mídia e criando condições e espaços para levar em consideração as diferentes tendências da sociedade moderna. Por outro lado, o documento louva a idéia do progresso tecnológico, mas perpassado de idealismo. (PUNTEL, 2005, 128).

Na, anteriormente referida, Conferência de Medellin, o episcopado Latino-Americano já reconhecera e proclamara o inegável papel dos *mass media* na formação pessoal e coletiva. Para os prelados presentes,

Os Meios de Comunicação Social (MCS) abrangem a pessoa na sua totalidade. Plasmam o homem e a sociedade e tomam cada vez mais seu tempo livre. Forjam uma nova cultura, produto da civilização audiovisual que, se por um lado tende a massificar o homem, por outro favorece a sua personalização. Esta nova cultura, pela primeira vez, se põe ao alcance de todos, alfabetizados ou não, fato que não acontecia com a cultura tradicional, que favorecia apenas uma minoria. (BISPOS DA AMÉRICA LATINA, 1984, p. 163).

A intemível civilização audiovisual que lastreava as bases de uma nova evangelização impulsionou os idealizadores da Rádio Rural de Caicó a inaugurá-la oficialmente em 1º de maio de 1963.

Foi em caráter apenas experimental, porém, que essa Emissora educativa fez-se ouvir pela primeira vez na sede e em boa parte do sertão nordestino, no dia 21 de fevereiro daquele mesmo ano. No “Livro de Atas” há um registro do uso de meios tecnológicos de comunicação a exemplo do telegrama e do telefone para acusar a entrada no ar e a recepção da mensagem radiofônica, dessa nova tecnologia comunicacional. Vejamos:

E no dia 21 de fevereiro de 1963, a Emissora entrou no ar, por volta das 14 horas para teste dos seus transmissores o que foi motivo de grande sensação em todo o Seridó. Dezenas de telefonemas da cidade e dezenas de telegramas de diversas localidades de alguns Estados do Nordeste acusavam ótimo recebimento do som da Rádio Rural de Caicó. A Emissora ficou funcionando em caráter experimental. Com as devidas licenças transmitiu as atividades da Semana da Fraternidade e as solenidades da Semana Santa, antes de sua inauguração. (SILVA, 1963, fl. 1 e 2).

O dia 1º de maio de 1963, com toda carga de simbologismo que expressa no mundo ocidental, foi a data escolhida para a inauguração da “Emissora Rural de Caicó,” celebrada com festividades, animada pela Banda de Música Municipal. A solenidade festiva da inauguração teve início às 9 h da manhã e a ela se fizeram presentes autoridades eclesiais, políticas, militares, civis, estudantis e operárias, locais e das cidades circunvizinhas, homens, mulheres e crianças



Figura 03 – Dom Manuel Tavares de Araújo acolitado pelo Padre Deoclides de Brito Diniz abençoa as instalações da Rádio Rural de Caicó (1963)
Fonte – Acervo de Armando Azevedo

O bispo diocesano Dom Manuel Tavares de Araújo, seu idealizador, abençoou as instalações (Figura 03); o prefeito Municipal de Caicó, José Josias Fernandes (Figura 04), discursou para o povo presente. Também discursaram o diretor escolhido pelo bispo diocesano, padre Itan Pereira da Silva, que inicialmente dirigiu a emissora até 22 de setembro de 1964 afastando-se para cursar Sociologia em Roma; Gumercindo Amorim (locutor chefe da Rádio Brejuí da cidade de Currais Novos), José Lucas de Barros (representando o Banco do Brasil), cónego José Celestino Galvão (representando o clero diocesano), o jovem José Salvador (representando os estudantes) e o jovem Paulo Celestino (representando os fiéis católicos).



Figura 04 – De terno preto José Josias Fernandes, prefeito de Caicó, presente ao ato inaugurativo da Rádio Rural de Caicó (1963)

Fonte – Acervo de Armando Azevedo

Na verdade, a fala de Paulo Celestino não fora prevista pelo cerimonial; decorreu da liberalidade de Dom Manuel Tavares que facultou a palavra e de sua ousadia juvenil.

Na solenidade de inauguração da Emissora Rural eu já recrutado, mas ainda tinha dúvidas se iria ser aproveitado e, ousadamente, em plena solenidade de inauguração foi facultada a palavra aos presentes. O salão cheio de autoridades como são aquelas solenidades do interior, com banda de música, o Comandante do Batalhão, diretores de colégios, os gerentes de banco, na época só havia o Banco do Brasil e o Banco Rural, enfim, prefeitos da região. Aí aquele adolescente ousadamente pediu a palavra. [...] Ofereceram a palavra e eu me senti no direito de usá-la. Prestei minha homenagem a Dom Tavares parabenizando por aquele gesto, porque foi graças a ele que foi fundada a Emissora Rural de Caicó, e me congratulei com o povo de Caicó. Mas, por isso, fiquei temendo se seria aproveitado ou não pela Diocese como integrante da equipe inaugural da Emissora, mas para a minha felicidade terminei sendo convidado e aproveitado como redator dos jornais falados. (CELESTINO, 2007).

Apesar de não encontrados registros dos discursos ali proferidos, ensinamentos da fala de Dom Manuel Tavares ficaram em parte registrados na memória dos que o escutaram naquela solenidade festiva. Recorda Almeida (2007), no que é referendado por Dantas (2007), a mensagem instigante do prelado caicoense. Destacara ele a circunstância de ao assumir a diocese de Caicó, haver identificado a ausência de uma estação radiofônica na sede desta circunscrição eclesiástica. Por tais razões ponderara: “o campo estava aberto”.

Lembro algumas idéias, mas a idéia mais marcante dele, nesse dia de inauguração, e eu vibrei demais, foi ele dizer: – ‘O campo está aberto, e vale a pena trabalhar em campo aberto.’ Eu nunca esqueci isso. Ele fez um belíssimo discurso. Depois de dar a bênção ele fez um verdadeiro

discurso. ‘O campo estava aberto’, ele começou a pregação dele com isso: ‘O campo estava aberto, e vale a pena trabalhar em campo aberto.’ Com essa exortação ele desenvolveu o discurso dele; a abertura foi essa. Uma coisa linda! Eu nunca esqueci desse discurso de Dom Tavares. (ALMEIDA, 2007).

A abertura de um campo midiático a ser desbravado no âmbito de uma educação ampla, pelos recursos da radiofonia, apresentava-se para o entendimento de Dom Manuel Tavares com possibilidades múltiplas. Se, de uma parte havia os percalços inerentes ao pioneirismo em que se lançava a diocese de Caicó, para si inédito, de outra, teria a Rádio a oportunidade de ordenar, organizar e reorganizar um programa formativo da totalidade do ser humano.

A totalidade formativa almejada pela programação radiofônica da Rádio Rural, dizia respeito a cada rádio-ouvinte, nas múltiplas dimensões do seu ser. Mas não era só. Ela se reconhecia inserida numa realidade regional que, paulatinamente, incorporava elementos de uma sociedade laica e plural. As transmissões dessa Rádio, portanto, haveriam de subsidiar os fiéis católicos em particular, e os seridoenses em geral, para o convívio pacífico com a diversidade política, cultural e religiosa.

Por esse campo midiático aberto os sertanejos poderiam ser burilados pelo uso da tecnologia radiofônica, inseridos nas luzes de uma cultura letrada, também coadjuvada pela velocidade da linguagem oral, da informação fácil, célere e eficaz. Conforme asseverava Erasmo de Roterdã no alvorecer da era moderna, a instrução completa faz-se elemento diferencial entre a pura animalidade e a natureza de Homem. Por tal razão, requer atenção especial e meios adequados. “Correto, por isso, o que foi escrito por alguém: o primeiro, o segundo e o terceiro passos para se alcançar o ápice de toda a felicidade consistem na reta instrução e na autêntica educação.” (ERASMO, 1966, p. 12).

Mutatis mutandi, percebia Dom Manuel Tavares, assim como Erasmo detectara a necessidade de formar os infantes, que com a instalação da Rádio Rural de Caicó abria-se para ela a condição de educar os sertanejos material e cronologicamente adultos. Tratando-se, porém dos rurícolas seridoenses, quanto a instruções ampliadas compatíveis com as exigências da cultura moderna, encontravam-se estes, em sua maioria, ainda na infância. Aguardavam serem plasmados no convívio com dispositivos de uma civilização audiovisual, industrial, tecnológica e técnica que também se inseria no Seridó norte-riograndense a passos largos.

A cidade de Caicó, a microrregião do Seridó e parte do sertão nordestino, doravante, dispunham de um avançado veículo de comunicação radiofônica que uniria os habitantes do meio rural e da cidade, e fortaleceria laços de aproximação pela via das escolas radiofônicas, da evangelização, da notícia, dos programas musicais, das grades destinadas às mulheres sertanejas, aos agricultores, com registros na Associação Nordestina de Crédito Rural (ANCAR), e à população estudantil, dentre outros. Explica Dewey (1979) que numa sociedade complexa os nexos entre comunicação, comunidade e interesses coletivos são indissociáveis. Constitui-se a comunicação, enquanto ato dialógico intrínseco à organização e reorganização das experiências, elo essencial na interligação de valores e aspirações comuns, em elemento fundante e essencial da própria comunidade.

Para fortalecer laços educativos comuns entre população urbana e rural, e destas entre si, com a força colaborativa de Dom Eugênio de Araújo Sales foi que Dom Manuel Tavares de Araújo, o terceiro bispo da diocese de Caicó (instituída em 25 de novembro de 1939, sob os auspícios da Bula Papal *E Diocesibus*, editada pelo Papa Pio XII) idealizou a Emissora Rural de Caicó.

Naquele momento histórico em que Dom Manuel Tavares fora eleito por João XXIII, bispo de Caicó, era cada vez mais enfatizada a necessidade de se viabilizar, no Brasil, uma educação compatível com as dimensões totais do homem, “[...] uma educação para o desenvolvimento e para a democracia, [...] [a qual] tem que ser uma educação pelo diálogo.” (FREIRE, 2001, p. 51).

Empossado bispo de Caicó, a 17 de maio de 1959, cargo para o qual fora eleito, Dom Manuel Tavares já encontrou o povo caicoense desejoso de uma emissora de rádio. Tal manifestação encontra-se assim relatada, no Livro de Atas pela mão do seu primeiro diretor, padre Itan.

Há vários anos **o povo de Caicó vinha sentindo a necessidade de uma Rádio para a sua terra**. O progresso da capital seridoense estava exigindo uma Emissora. Diversas tentativas foram feitas nesse sentido, mas sem sucesso. [...] De uns três anos para cá, porém, a idéia foi crescendo e se tornando uma necessidade urgente. O órgão de imprensa da cidade ‘A Folha’ procurou levantar a opinião pública a fim de que o movimento para a criação da desejada Emissora crescesse cada vez mais, tornando-se imperioso. (SILVA, 1963, fl. 1, grifo nosso).

De fato, o Jornal "A Folha" tornou-se o órgão veiculador das aspirações manifestadas pelos caicoenses acerca da instalação de uma emissora de rádio na cidade. O empenho da sociedade caicoense e seridoense para a consecução desse veículo de

“comunicação de massa” levou-as a promover encontros e campanhas financeiras, que podem ser constatadas em matéria desse “semanário noticioso”.

Há muito tempo o povo de Caicó e do Seridó todo espera a instalação da propalada Emissora Rural de Caicó. E com razão já começa a reclamar pela necessidade deste empreendimento. A idéia foi provocada há uns quatro meses e a reação foi das melhores. Esperou-se o amadurecimento da mesma que hoje já se faz urgente. [...] No começo do ano foram feitas duas reuniões com elementos representativos da sociedade para se tratar dos primeiros passos da fundação da Rádio. Amanhã haverá uma terceira reunião para debate do plano da campanha que se iniciará ainda esta semana a fim de que a Emissora seja instalada dentro de pouco tempo. (PELA RÁDIO RURAL, 1961, p. 1).

Já em fins de 1960, esse mesmo Jornal publicara em destacada manchete da página de rosto: “Bingo de Jeep e de outros prêmios.” Segue-se o motivo: “Está em cogitações um bingo em benefício da Rádio Rural de Caicó, com valiosos prêmios, como seja um jeep, lambreta, geladeira etc.” (BINGO DE JEEP..., 1960, p. 1). Não se encontrou, todavia, notícias de sua efetivação.

De todo modo, uma das campanhas propagada pelo periódico “A Folha,” em agosto de 1961, consistiu em sondar a população sobre o seu grau de interesse por uma emissora de rádio para a cidade. O Jornal não esclarece o procedimento adotado na sondagem, porém, refere-se às inúmeras manifestações favoráveis. O manifesto interesse da população logo foi seqüenciado por providências visando a traçar um plano de ação necessário à concretização do objetivo perseguido: a instalação de uma Emissora de Educação Rural em Caicó, sob auspícios da Diocese local.

O Jornal “A Folha” em tom de incansável persuasão, em meados de 1961, sob o título de “ótima iniciativa” conclama os caicoenses a se engajarem na luta pela instalação de sua Rádio Rural, como parte de um projeto da Igreja Católica para assistir prioritariamente o homem rural.

Nosso homem do campo precisa aprender a ler, precisa aprender a trabalhar, precisa saber defender-se de suas doenças, precisa aprender a honrar a seu Deus sem superstições, precisa ser valorizado. Precisa fazer poder ouvir sua voz, precisa em uma palavra, ocupar seu posto na vida econômica, religiosa e cultural do nosso país. [...] E essa onda de emissoras se espalhou, e vai chegar até nós. Nossa Diocese prepara-se para ter também sua Rádio como a Arquidiocese de Natal, de Cajazeira [PB] e muitas outras, para todos nós e em especial para o nosso irmão do sítio. (ÓTIMA INICIATIVA, 1961, p. 1).

Por tais razões, almejando aprender a ler a vida, o mundo, a Deus e a si próprio em seu meio circundante, aliado ao trabalho de convencimento de “A Folha”, ainda em

agosto de 1961, Dom Manuel Tavares realizou uma reunião na sede do Departamento Diocesano de Ação Social (DDAS), com a presença de lideranças eclesiais, políticas, militares, sindicais, estudantis e empresariais. Nessa reunião tomou-se a decisão de mobilizar todo o povo da cidade com vistas à breve consecução da emissora de rádio. A esta reunião logo se seguiu uma outra ampliada que já definiu metas operacionais relacionadas ao lançamento de uma campanha para arrecadação de fundos financeiros abarcando todas as paróquias, prefeituras e cidades seridoenses. Ainda nessa reunião já se decidiu a modalidade da emissora: “[...] ficando decidido pela maioria de que a Rádio seria uma obra diocesana, independente, construída pelas contribuições do povo.” (SILVA, 1963, fl. 1).

É preciso esclarecer que em sendo a Emissora Rural uma instituição da diocese, seus rumos gerenciais e operacionais ficaram adstritos às determinações emanadas da autoridade religiosa diocesana. E mais, ao assumir o estatuto legal de “Sociedade Limitada” desagradou algumas pessoas da cidade de Caicó, especialmente comerciantes, que vislumbravam na Rádio a possibilidade de veicular e propagar seus interesses empresariais e pessoais, exercendo um certo controle sobre ela. Referindo-se genericamente a integrantes do comércio local, monsenhor Tércio pondera:

[...] essa turma fez uma resistência e como as coisas do mundo funcionam sempre com movimento, você sabe, o fato de ser [empresa] ‘Limitada’ abriu certos ambientes, porque eles pensavam que iam poder entrar com ações [capital], mas depois eles viram que não podiam, que o grupo [Dom Eugênio, Dom Nivaldo e Otto Guerra] não abria mão, porque se o grupo abrisse mão, ele ia perder a visão dos ‘três’, de promoção humana, de evangelização. Então houve uma insatisfação, mas a emissora saiu. (ARAÚJO, T., 2005).

Uma outra reunião em setembro daquele mesmo ano[1961] definiu a comissão responsável pela campanha de arrecadação de donativos para aquisição dos equipamentos necessários à implantação da emissora rural. O esforço arrecadatório foi apelidado “campanha dos mil cruzeiros”, cuja comissão responsável foi formada por Dom Manuel Tavares (Presidente), padre Itan Pereira da Silva (Secretário) e padre Ausônio Tércio de Araújo (Tesoureiro). Uma equipe de auxiliares foi instituída para ajudar à comissão e ficou composta por padre Antônio Balbino, cônego José Celestino Galvão, dr. Joffre Ariston, Luis Fernandes da Costa, Valeriano Morais, Auri Nóbrega, Elza Figueiredo e Maria Vale. (SILVA, 1963, fl. 1). Como parte da campanha, o Jornal “A Folha” abriu uma coluna em sua edição semanal, com o título “Pela Radio Rural.”

Com este título inicia-se aqui uma coluna permanente de informação sobre a Rádio Rural de Caicó. Domingo p. p. foi iniciada a campanha pela fundação da Emissora de Educação Rural. Mais de 100 pessoas representando todas as classes sociais de Caicó estiveram reunidas no Departamento Diocesano [de Ação Social] a fim de debaterem o plano da campanha da Rádio. [...] A primeira doação feita para a Rádio foi enviada de Jardim de Piranhas, constando de 1.060,00 tirados da coleta da missa de Domingo. (PELA RÁDIO RURAL, 1961, p. 6).

Vê-se, desde logo a capacidade do bispo Dom Manuel Tavares, não apenas escutar as aspirações do seu rebanho, mas de, aglutinando-o em torno de si, com ele buscar os meios exequíveis de responder concretamente a tais anseios. A atitude de colocar-se junto e ao lado do povo, especialmente dos mais pobres, parece constituir-se em uma constante a destacar seu pastoreio episcopal.

Coroando seu cuidado com a “educação integral” do povo caicoense e seridoense, especialmente da população rural, sem descurar as diversidades dos espaços urbanos, a grande contribuição de Dom Manuel Tavares para seus diocesanos viria, então, do empenho pessoal para instalar a Emissora de Educação Rural de Caicó que também abrigaria as chamadas escolas radiofônicas do MEB. Nesse sentido, após as primeiras reuniões em que se discutiu as possíveis viabilizações de aquisição da rádio, aquela comissão ampliada, a partir de setembro de 1961 passou a agir em várias frentes durante a fase da “campanha dos mil cruzeiros.” Uma primeira providência foi encaminhar à Philips a requisição com o pedido de equipamentos técnicos e eletrônicos. Ao governo federal foi remetida a solicitação de licença para a instalação da emissora. Às prefeituras e paróquias do Seridó, remeteu-se ofícios propondo as suas colaborações.

No início do ano de 1963, a “campanha dos mil cruzeiros” encerrou-se com a arrecadação dos seguintes valores: Cr\$ 918.195,00 (novecentos e dezoito mil e cento e noventa e cinco cruzeiros – contribuição das paróquias), Cr\$ 255.000,00 (duzentos e vinte e cinco mil cruzeiros – contribuição das prefeituras) e Cr\$ 271.000,00 (duzentos e setenta e um mil cruzeiros – da campanha realizada pelo padre Antenor Salvino de Araújo no Estado de São Paulo), perfazendo um total de Cr\$ 1.444.695,00 (um milhão quatrocentos e quarenta e quatro mil, seiscentos e noventa e cinco cruzeiros).

Por sua vez, o valor total dos custos para instalação da emissora foi de Cr\$ 6.300.000,00 (seis milhões e trezentos mil cruzeiros). O pagamento da diferença de Cr\$ 4.855.305 (quatro milhões, oitocentos e cinqüenta e cinco mil, trezentos e cinco cruzeiros) deu-se por “[...] empréstimos contraído pelo senhor Bispo Diocesano” (SILVA, 1963, fl. 1). De acordo com Lima (1984, p. 60), “Outra contribuição foi da instituição Católica da

Alemanha “Misereor”, através do Pe. Eugênio Collard, bem como dos leitores do maior jornal católico da Bélgica o 'Dimanche.'" Tal informação é, em certa medida corroborada por Medeiros Filho (2006, p. 9) quando relata que os esforços de Dom Manuel Tavares para implantar a Rádio Rural receberam a colaboração “[...] dos diocesanos e dos católicos belgas e alemãs.” No entanto, o valor da doação não se encontra especificado por qualquer dos autores.

Instado a se pronunciar, o padre João Medeiros Filho, que à época da “campanha dos mil cruzeiros” estudava Teologia na Bélgica, explicita sua participação no movimento arrecadatário. Tendo sido insuficientes os valores levantados junto aos fiéis e às autoridades para fazer face às despesas de instalação da Rádio, Dom Manuel Tavares solicitou a ajuda do jovem seminarista.

Eu estudante na Bélgica, aluno do Padre Eugênio Collard que esteve no Rio Grande do Norte durante muitos anos e, além de professor da Universidade Católica de Louvain era também o Diretor geral do Jornal Dimanche, que é um jornal católico inter-diocesano e que tem uma coluna: ‘Ajuda às Igrejas irmãs’ em que ele faz um apelo aos católicos dessa Diocese para ajudar projetos concretos das dioceses e das paróquias. Eu sempre entrava em contato com Dom Tavares, era a época do Concílio Vaticano II e eu durante as reuniões do Concílio, que eram férias acadêmicas, ia até Roma e preparei um projeto para ser apresentado ao Jornal Dimanche. Assim foi feito. O padre Collard fez um apelo e veio uma quantia, na época equivalente a dezoito mil dólares; não sei exatamente quanto está custando hoje o dólar, mas eu gravei muito bem, dezoito mil dólares. Foi a primeira quantia, a primeira ajuda externa. Depois, com o caldo dos padres conciliares, que eram os bispos, surgiram várias propostas de ajuda às igrejas irmãs, dos organismos internacionais. [Surgiu a] Misereor. Preparei novo projeto e a Misereor mandou uma certa quantia, quanto também eu não sei. A Rádio foi instalada, mas ainda havia dívidas. [...] Eu já diácono e a Rádio ainda estava com problemas quase que de inadimplência com alguns credores. Empréstimo bancário foi feito por Dom Tavares, assim por diante. Foi quando padre Itan se lembrou e fez com que Dom Tavares me solicitasse um novo projeto, dessa vez não mais para a Misereor nem mais para o Jornal Dimanche e sim para um organismo belga chamado ‘Carême de Partage’. Então, o projeto foi feito, eles enviaram à época onze mil dólares que foi aplicado parte para um transmissor móvel que seria para a cobertura da missa a ser transmitida do [Santuário do] Rosário. Não deu certo, a transmissão é feita até o dia de hoje via telefone. O restante do dinheiro serviu para que Dom Tavares pagasse algumas dívidas. Essa é um pouco a parte do financiamento que eu sei e posso testemunhar, da Rádio Rural de Caicó. (MEDEIROS FILHO, 2007).

Percebe-se, portanto, que as campanhas desenvolvidas não conseguiram sequer cobrir um quarto do valor total necessário à aquisição dos equipamento para pôr inicialmente a emissora “no ar”. A esse respeito, sem apontar causas ou desmerecer o

esforço dos católicos seridoenses, razão parece assistir ao monsenhor Ausônio Tércio que, com conhecimento de causa, pois fora constituído o tesoureiro da comissão ampliada, pondera:

A campanha para fundar a Emissora [Rural de Caicó] foi mais de alegria do que de [efetivo] auxílio. A região deu muito pouco a Dom Tavares para que a emissora saísse. [...] Isso teve um momento de atrito, por exemplo, algumas pessoas diziam: — ‘Nós fizemos a emissora e o Bispo é quem manda.’ Mas, de fato, dois terço dos recursos necessários para a primeira Emissora de Rádio (depois a gente abriu mais duas) foi de uma dessas entidades da Alemanha. (ARAÚJO, T., 2005).

O propósito de difundir uma educação de base para a população jovem e adulta do meio rural usando o sistema radioeducativo da diocese de Caicó foi sim a finalidade precípua confessada de instalação da “Rádio Rural de Caicó,”

[...] o novo Bispo Diocesano, Dom Manuel Tavares de Araújo, impressionado com o resultado da Emissora Rural de Natal pensou em fundar uma em Caicó no mesmo estilo. Procurou, então, sondar a opinião pública onde encontrou a mais franca receptividade. (SILVA, 1963, fl. 1).

De uma maneira geral o programa de educação de base executado pela tecnologia das chamadas escolas radiofônicas, sob a orientação pedagógica do MEB destinava-se no plano estrito, por assim dizer, a ser um instrumento de combate ao analfabetismo e de luta política pelo alfabetismo. Mas, também, almejava combinar comunicação tecnológica com os ensinamentos dos saberes elementares da linguagem, da matemática, dos estudos sociais, promovendo assim a integração das comunidades rurais com outras comunidades, tecendo uma rede de sociabilidade, à medida em que aproximava pessoas e experiências gerais. Nesse sentido, o educador americano John Dewey foi um dos principais estimuladores e orientadores dessa integração educativa proporcionada pela comunicação

Não é por viverem em proximidade material que as pessoas constituem uma sociedade — e, semelhantemente, homem algum deixa de ser socialmente influenciado por estar muitos palmos ou quilômetros distanciado dos outros. Um livro ou uma carta podem estabelecer, entre seres humanos afastados milhares de quilômetros um do outro, um elo mais estreito do que o existente entre pessoas sobre o mesmo teto. [...] Não só a vida social se identifica com a comunicação de interesses, como também toda a comunicação (e, por conseguinte, toda a genuína vida social) é **educativa**. (DEWEY, 1979, p. 5, grifo nosso).

Aliás, a instalação tanto da Emissora Rural de Natal quanto da “Rádio Rural de Caicó” visou proporcionar, sem dúvida o que Anísio Teixeira (2000, p. 118) teorizou como uma comunicação genuinamente educativa porque apta a realizar a tarefa de “formar

homens”, por ele identificada como a missão intrínseca e mais grandiosa afeta à educabilidade humana.

A integração e a elevação das comunidades rurais e urbanas em torno de um programa de alfabetização e de educação de base que levasse aos sertanejos os conhecimentos indispensáveis à sua formação humana e à elevação dos padrões sócio-econômico, educativo e cultural constituía-se aspiração dos fundadores da Rádio Rural de Caicó. De fato, formar homens para uma vida de comunicação de interesses escolares, humanos, materiais, tecnológicos, enfim, educativos, fora um dos compromissos assumidos pela diocese de Caicó para receber do governo federal a concessão para o funcionamento da frequência da Rádio Rural.

Tal concessão teve no Decreto nº 1.240 de 25 de junho de 1962, do governo federal, assinado por Tancredo Neves, a sua outorga legal, do teor seguinte:

Fica outorgada concessão à Emissora de Educação Rural Limitada, nos termos do art. 11 do Decreto número 24.655, de 11 de julho de 1934, para estabelecer, a título precário na cidade de Caicó, estado do Rio Grande do Norte, sem direito a exclusividade, uma estação radiofônica em onda média, de acordo com as cláusulas que com este baixam, rubricadas pelo Ministério da Justiça e Negócios Interiores. (DECRETO Nº 1.240 DE 25 DE JUNHO DE 1962).

Com o compromisso firmado e a publicação da outorga, a autorização para funcionamento da Rádio teria sido concedida pelo presidente João Ferreira Goulart, durante a visita que fez ao Estado do Rio Grande do Norte em 1963, quando veio conhecer *in loco* a anteriormente referida experiência de alfabetização de adultos, conhecida como as “40 Horas de Angicos”, pelo “Método Paulo Freire”, desenvolvida nessa cidade, coincidentemente, a primeira paróquia do padre Manuel Tavares.

Na versão apresentada por Alcimar de Almeida (2007) e, em parte, corroborada por Moacir Dantas (2007), nessa oportunidade João Goulart já se encontrava fragilizado perante o Congresso Nacional e, instado pelo padre Itan Pereira, que fora a seu encontro, para autorizar o funcionamento da Rádio de Caicó, o presidente se limitou a sugerir informalmente que a diocese pusesse, quando oportuno, a Rádio no ar. “Então a autorização foi informal! Quer dizer, não houve autorização. A rigor, ele [o presidente João Goulart] sugeriu ao padre [Itan Pereira]. — Porque não é possível que vão achar ruim a Rádio entrar no ar! [teria dito o Presidente].” (ALMEIDA, 2007).

A Rádio Rural de Caicó seria, portanto, o principal veículo de comunicação midiática, por meio do qual o pastor travaria contato com toda a sua grei espalhada pelos

quatro cantos do sertão seridoense, atingindo a cidade e o campo levando sua mensagem de evangelização e de animação das comunidades. “Homem de palavra e da Palavra manteve durante anos e anos um programa na rádio que alcançou imediatamente a maior audiência.” (MEDEIROS, J. M., 2006, p. 4). O articulista refere-se ao programa “Cristo em Tudo” que, aliás, reproduzia o lema inscrito no brasão episcopal e por Dom Manuel Tavares escolhido para acompanhá-lo no pastoreio de sua grei: *In omnibus Christi*.

Aos domingos celebrava sempre a missa transmitida [do Santuário do Rosário], momento aguardado ansiosamente pelos diocesanos e sermão costumeiramente por eles comentado. Renunciou ao direito e até mesmo à vaidade de ocupar o trono na sua catedral, pois freqüentemente repetia: **a minha verdadeira catedral é a rádio** donde atinjo todos os recantos de nossa Igreja particular. (MEDEIROS, J. M., 2006, p. 4, grifo nosso).

Liderando esse ideal de uma “catedral da comunicação” aquele prelado lançou-se de corpo e alma no projeto de instalação da Emissora de Educação Rural de Caicó e iria utilizar-se amplamente dos microfones daquela estação radiofônica, moderno meio tecnológico a serviço da educação escolar cívica e religiosa do povo seridoense. Dom Manuel Tavares, desse modo, punha-se positiva e decididamente em sintonia com uma das diretrizes caras ao Decreto Conciliar sobre os meios de comunicação social.

Na condição de bispo convocado pelo Papa para participar do Concílio, muito bem conhecia ele os princípios do *Inter Mirifica* o qual, em uma das sessões do Vaticano II examinou, discutiu e, com seu voto ajudou a aprovar. As recomendações desse Decreto exigem presteza dos dirigentes eclesiais para que, sem demora, compreendam as vantagens e utilizem-se das modernas tecnologias comunicacionais fazendo chegar a todos os abalizados ensinamentos do magistério católico. E mais, que valorizando cada pessoa em sua singularidade ressalte os valores do viver comunitário.

Todos os filhos da Igreja colaborem, com espírito verdadeiramente comunitário, na utilização dos meios de comunicação social para o apostolado. Façam-no sem demora e com o maior empenho, pois se trata de uma tarefa urgente. [...] Empenhem-se os pastores, sem demora, nesse setor, tão intimamente conexo com o dever de pregar. (INTER MIRIFICA..., 2003, p. 75).

Os cuidados com o espírito comunitário, com os interesses da *polis* e com o desenvolvimento das dimensões integrais do ser humano por meio da educação escolar já está presente nas reflexões dos pedagogos gregos como Sócrates, Platão e Aristóteles, pelo menos. Nesses filósofos, respeitados os acentos individuais, há uma unanimidade quanto aos fins últimos da educação escolar. A esta caberá, antes de preparar técnicos, formar o Homem na sua totalidade intrínseca.

Ao utilitarismo tecnicista proposto pelos Sofistas, Sócrates contrapunha a exigência de uma educação lastreada pela lealdade, fidelidade, obediência às leis da *polis*, afabilidade, companheirismo e, sobretudo, pela justiça, expressão maior das virtudes morais. A centralidade do elemento ético na compreensão socrática de educação pressupõe a imanência da *arete*, daí o conhecido brocardo: “Conhece-te a ti mesmo.” À tarefa educativa caberia “partejar” as virtudes integrando os interesses da cidade à formação completa do Homem pelo incessante aperfeiçoamento de seus talentos.

Sócrates e Platão rejeitavam que a educação fosse orientada por fins imediatamente pragmáticos e utilitários. A aquisição destes seria antes conseqüência do despertar daqueles dons intrínsecos à natureza humana, por obra de um método educativo consentâneo aos fins últimos da educação: a formação do humano. Guardadas as devidas proporções, em razão da ambiência, do tempo histórico e da matriz religiosa cristã, os investimentos de Dom Manuel Tavares em um recurso tecnológico de comunicação de massa posto a serviço da educação dos sertanejos parece coadunar-se com a compreensão desses filósofos. À Rádio Rural, com as diversas modalidades de transmissões radiofônicas caberia, precipuamente, elevar a formação humana e cristã de homens, mulheres, jovens e crianças do Seridó e, por conseqüência, minorar-lhes os sofrimentos advindos de uma formação técnica deficiente, das condições climáticas desfavoráveis e, sobretudo, de uma educação escolar que não chegava a todos.

Não se pode olvidar o fato de Dom Manuel Tavares ter-se preparado academicamente naquela ambiência em que se difundia nos meios católicos as idéias de pensadores cristãos como Jacques Maritain propugnando um cristianismo vivo e encarnado, uma “nova cristandade” fruto de uma compreensão racional da fé e de uma educação integral do Homem. Dentre as várias obras publicadas por esse pensador francês merece especial ênfase o seu “Humanismo Integral” publicado em 1935. Traduzida para o português, essa obra logo se tornaria uma espécie de “bíblia” dos membros da Ação Católica Brasileira. Atente-se que nesse ano o seminarista Manuel Tavares era ordenado Diácono e, certamente, travara contato com essa compreensão teórica de formação humana e de práxis cristã, de acordo com a qual

[...] o fim que se propõe o cristão em sua atividade temporal, não é fazer do *próprio mundo* o reino de Deus, é antes fazer deste mundo, segundo o ideal histórico reclamado pelas diferentes eras e, se posso dizer, pelas suas mutações, a sede de uma vida terrestre verdadeiramente e plenamente humana, isto é, rica de desfalecimentos seguramente, mas rica também de amor, cujas estruturas sociais tenham por medida a justiça, a dignidade da pessoa humana [e] o amor fraternal. [Trata-se de]

uma verdadeira realização social-temporal do evangelho. Compreenderá sem dúvida uma nova era de cultura crista [...]. (MARITAIN, 1962, p. 88 e 75, grifo do autor).

Certo é que, uma vez instalada, a Emissora de Educação Rural de Caicó, sua jovem equipe de colaboradores concebeu e levou ao ar uma programação radiofônica eclética e verdadeiramente acercada ao ideal histórico da Igreja Católica de continuamente voltar-se para a renovação formativa espiritual e educativa de homens e mulheres, urbanos e rurais, nessa nova era da civilização midiática e, por extensão, de uma cultura cristã ativamente renovada, conforme abordado no capítulo seguinte.

Capítulo quatro

É a Emissora Rural de Caicó uma mídia de formação renovadora espiritual e educativa?

A Emissora Rural nasceu grande, diria.
Nasceu com uma programação organizada, bem produzida. [...] E ali nós [...] íamos sendo lapidados, trabalhados, e de tal forma que a programação da Rádio Rural era uma programação muito rica e seus programas eram muito bem ouvidos.
(CELESTINO, 2007).

A Igreja Católica convicta de estar historicamente cumprindo uma missão a si atribuída, fundamentada nas palavras do mestre Jesus: “Ide, pois e ensinai a todas as nações [...]” (Mt 28,19a), vê-se no dever inafastável de a todos evangelizar, instruir e educar. Objetivando implementar tal desiderato, aquela Instituição eclesiástica lançou mãos, no século XX, de meios diversificados da cultura tecnológica e midiática, dentre eles o rádio, enquanto veículo de comunicação religiosa, social e educacional.

O presente capítulo explicita como a Emissora Rural concebeu, elaborou e executou sua grade programática radiofônica permeada por um ideal formativo de Homem, multifacetado e plural nessa era da civilização midiática e de uma cultura cristã ativa e renovada. Adverte Certeau (1982, p 96), que “[...] toda historiografia coloca um tempo das coisas como um contratempo e a condição de um tempo discursivo.”

Esclareça-se que na temporalidade coberta por essa investigação, a Emissora Rural de Caicó foi dirigida, desde sua inauguração oficial em 1º de maio de 1963, pelo padre Itan Pereira da Silva, que no ano seguinte se afastou para cursar Sociologia em Roma. Nesse período de um ano, a direção foi assumida pelo padre Ausônio Tércio de Araújo, desde o princípio uma espécie de colaborador direto do padre Itan. Retornando este à diocese no ano de 1965, reassumiu sua função de dirigente da Rádio, nela permanecendo até agosto de 1967 quando abdicou do cargo, afastando-se igualmente do ministério sacerdotal ordenado para contrair matrimônio. Desde então, o bispo diocesano entregou os destinos da Emissora ao comando do padre Tércio.

O bispo Dom Manuel Tavares, incentivado por Dom Eugênio de Araújo Sales, ao inaugurar oficialmente em sua diocese a Rádio Rural de Caicó, cumpria antecipadamente a assertiva conciliar que almejava fosse “[...] criada e desenvolvida uma imprensa católica

que, sob a direção direta da autoridade eclesiástica ou de pessoas católicas, [que propusesse, sustentasse e defendesse] pública e explicitamente o que está de acordo com o direito natural e com a doutrina católica.” (INTER MIRIFICA..., 2003, p. 74). Em face das premissas emanadas do *Inter Mirifica*, aquele prelado sentiu-se estimulado a aprovar, apoiar e incentivar, em sua Emissora de Educação Rural, uma programação radiofônica em sintonia com os postulados do referido Decreto.

Antes, porém, de adentrar no exame da grade programática radiofônica da Emissora Rural de Caicó é pertinente perscrutar as destinações daquela estação, instalada sob os auspícios da Diocese local, e que vêm, de certo modo, anunciadas na nomenclatura para si escolhida: “Educação Rural”. A abertura de uma mensagem dirigida especificamente ao homem e à mulher agricultores, no dia de sua inauguração, é enfática: “Agricultor seridoense: Está inaugurada **a sua Emissora**. Sua voz de agricultor pobre do sertão seridoense está sendo ouvida em todo o Nordeste Brasileiro. Você agora se torna mais forte e mais unido [...].” (LIVRO DE ATAS DA HISTÓRIA DA..., 1963, fl. 7, grifo nosso).

Ao dirigir-se, mais ainda, ao destinar-se aquela Emissora Católica ao camponês, a ela mediava o fortalecimento de laços fraternos solidificados pela comunicação, igualmente pelo magistério católico ao proclamar em *Communio et Progressio* (2003, p. 83), que “A comunhão e o progresso da convivência humana são os fins primordiais da comunicação social e dos meios que emprega [...].” A consolidação dos vínculos fraternos entre as pessoas universalmente era um dos fins da comunicação humana.

Chamamos a atenção para a nomenclatura “Educação Rural” “batizando” a Rádio, esse meio de comunicação de massa ou de comunicação social apoiada na doutrina católica, como prefere a Santa Sé. Compõe-se ela de dois vocábulos cuja semântica requer o exame primeiro na singularidade de cada termo e, ao depois, conjuntamente em sua cadeia associativa. Apresentando-se como Emissora de “Educação” essa estação radiofônica assumia confessadamente para si a missão da formação humana, pela qual a pessoa é moldada nas várias dimensões que integram a sua natureza, conforme um ideal social e historicamente almejado de Homem.

A unidade cultural, a *paidéia*, identificada na antiga Grécia, mesmo antes de Sócrates, como indispensável à formação humana (cultivo de hábitos, de talentos, de capacidades cognitivas para aprender) e ao incremento da *polis* é, no entendimento de alguns filósofos e educadores, fenômeno especificamente humano e, conforme Comênio

(2002, p. 76), o único capaz de tornar Homens “[...] a todos os que nasceram homens [...].” Semelhante entendimento expressara Erasmo de Roterdã, séculos antes. O “Príncipe dos humanistas” chamando os pais à responsabilidade educativa dos filhos, os alertava: “Quando a natureza te dá um filho, ela não te outorga nada além de uma massa informe. A ti cabe o dever de moldar até à perfeição, em todos os detalhes, aquela matéria flexível e maleável.” (ERASMO, 1966, p 16). O “tornar-se Homem” depende, para Erasmo, de tal moldagem formativa. Era pela educação aliada ao trabalho que se ia substituir a “natureza de fera”, biologicamente herdada, por uma verdadeira “natureza humana” educacionalmente esculpida, presumia esse pensador seiscentista.

O magistério educativo de moldagem, de formação integral do ser humano, de aprendizagens de valores cívicos, morais e religiosos, ainda que coadjuvado pelo desenvolvimento de hábitos, condutas, talentos e capacidades cognitivas difere fundamentalmente do adestramento animal. Só o homem é capaz de pensar, de escolher, de dar a razão do seu hábito cotidiano. Em se tratando de uma “Rádio Educativa” de orientação cristã e católica renovadas, a Emissora Rural de Caicó põe-se naquela corrente de pensamento pregada por Tomás de Aquino (2005): visar a educação destinada à formação humana, como um ato de liberdade pessoal e social. Nesse sentido, a educação integral do ser, em sua indissociável unidade de corpo e alma há que manifestar-se para o “Doutor Angélico”, sobretudo, como a expressão de atos livres e conscientes, porque refletidos, porque ensinados sistematicamente.

Toda educação, não se pode olvidar, trata-se em qualquer circunstância de aprendizagens de sociabilidades cuja concreção situa-se num espaço geográfico estabelecido, numa ambiência social e cultural dada, e num delimitado tempo histórico. Tais variantes estão, de certo, imbricadas não apenas na práxis efetiva ancorada em uma dada concepção educativa de formação humana, mas também no próprio construto teórico de unidade cultural e nos fins por ela almejados.

Seja como for, a Igreja Católica jamais abdicou da tarefa de educar a humanidade, em geral, e em particular os fiéis a ela confiados ou por ela “conquistados” em cada época e lugar históricos. Pode-se dizer que, malgrado as diversificadas interpretações metodológicas enunciadas em específicos momentos históricos, quer seja em seus documentos oficiais, quer nas reflexões de pensadores cristãos há, por parte dessa Instituição eclesiástica, um núcleo compreensivo essencial, imutável e, para ela,

indiscutível: Deus é e será o fim último da plenitude humana, assaz em tempos de cultura cristã renovada.

Ora, adequar a vida de cada um conforme o plano divino para ele traçado, é condição *sine qua non* para a plena realização do Homem. Aí reside uma das razões por que para a Igreja Católica, essa é a tarefa educativa e formativa por excelência. Atentemos para a emblemática compreensão sintetizada por Pio XI (2004, p. 164), segundo a qual, cabe essencialmente à educação a “[...] formação do homem como ele deve ser e portar-se, nesta vida terrena, em ordem a alcançar o fim sublime para que foi criado [...]”. Dela decorre a Instituição que representa, e a educação cristã renovada é a única capaz de atingir integralmente esse escopo.

Pode-se mesmo afirmar que o “núcleo rígido” da concepção educativa cristã ultrapassou praticamente incólume vinte séculos de história da Igreja Católica. As controvérsias, apreensões e incertezas internas quase nunca se referiram ao cerne dos fins educativos, mas primordialmente ao comportamento, aos hábitos e atitudes, à práxis, ao *modus operandi*, a métodos e a meios empregados para chegar ao homem aquela educação essencial à íntegra e integral formação humana.

Conforme insistia Maritain, a educação sobre cujas bases haveria de ser erguer a civilização cristã, abrir-se-ia necessariamente a uma cultura renovada, não meramente sacral, mas repleta de historicidade, inclusive no convívio com a diversidade. Para esse filósofo francês e cristão, a nova era de cristandade será, “Não de esquecimento sagrado do humano, mas de atenção evangélica ao humano, [na qual] o valor próprio e não somente instrumental da história humana, da atividade profana e temporal do ser humano serão típicos para essa era.” (MARITAIN, 1962, p. 61).

Vê-se, portanto, que adentrando já a segunda metade do século XX uma das discussões intra-muros, na Igreja Católica, ainda é basicamente procedimental. Ela permanece decidida a cumprir seu papel evangelizador e educativo, mas, como fazê-lo? Que recursos utilizar? Como maximizar o aproveitamento dos meios tecnológicos da era da civilização midiática postos ao alcance de homens e mulheres, fruto da engenhosidade, da inteligência humana a propiciar descobertas e avanços científicos?

O *modus operandi* da Rádio Rural de Natal concebida por Dom Eugênio Sales, foi em certa medida seguido por Dom Gentil Barreto em Mossoró, e por Dom Manuel Tavares em Caicó. Concomitante aos pressupostos teóricos dessa experiência, o reconhecimento pelo episcopado brasileiro em seu *Plano de Emergência* (1963), frente a um mundo já

globalizado, marcadamente pela profusão dos meios eletrônicos de comunicação abertos, alerta que a Igreja Católica negligenciar o emprego desses veículos midiáticos equivaleria a isolar-se, a pregar no vazio. Tais balizamentos constituem-se, ao lado de outros, arcabouço reflexivo para que o Concílio Vaticano II, conforme aqui frisado, logo depois, acatasse, apoiasse e estimulasse o uso dos novos meios de comunicação social abertos na práxis eclesial.

A Igreja Católica reconhecerá pelos seus sentimentos cristãos e pelos documentos conciliares tais meios como “[...] dons de Deus, na medida em que, segundo intenção providencial, criam laços de solidariedade entre os homens [...]” (COMMUNIO ET PROGRESSIO..., 2003, p. 83). Abster-se, na sua missão, desse poderoso instrumental seria privar ou, no mínimo dificultar, as novas gerações de beberem na fonte daquela autêntica e completa educação humana propugnada por Pio XI: a educação cristã.

Partícipe desse debate eclesiástico, o bispo de Caicó, Dom Manuel Tavares não hesitou entrar na cadeia de protagonistas da luta para prover e renovar a sua Igreja Diocesana com veículos modernos de informação, catequese e educação já planejado, conforme anteriormente aludido, pelo primeiro bispo diocesano de Caicó, Dom José de Medeiros Delgado. Para tanto, ainda no segundo semestre de 1961, o Livro de Atas da Emissora Rural de Caicó (1963, fl. 1), atesta que numa reunião em que se fazia representar vários segmentos da sociedade caicoense “foi discutida a modalidade da Emissora [...]” e decidiu-se por maioria que “[...] a Rádio seria uma obra diocesana, independente.” Estavam construídas as condições para que a Igreja diocesana local desse o norte e a linha de atuação da futura estação radiofônica. Inserindo-se naquela tradição educativa cristã, porém renovada, e seguindo os passos da arquidiocese de Natal, também a diocese de Caicó constituiu a sua Rádio como uma “Emissora de Educação”.

A Emissora que seria de “Educação Rural”, longe de restringir ou apequenar a grade da programação a ser levada ao ar por suas ondas sonoras, o adjetivo expressa claramente a intenção da Igreja Católica para incluir prioritariamente em seus propósitos educativos os camponeses abrigados sob o designativo “homem do campo”, como aqueles que menos tinham acesso aos bens educacionais e culturais inerentes à moderna sociedade industrial, tecnológica e midiática.

O tratamento preferencial que a Emissora Rural de Caicó pretende dispensar aos camponeses é inequivocamente anunciado na “Mensagem ao povo seridoense” transmitida

quando de sua inauguração, enfatizando ser a Emissora resultado “do sacrifício de todos e do idealismo de muitos,” por assim sendo

[...] a Emissora Rural de Caicó será a voz autêntica dos agricultores da região que nessa fase decisiva da história brasileira, ergue-se destemida para congregar suas forças já cansadas a fim de fazer uma frente poderosa em busca da libertação e do progresso. Por isso ela estenderá até os lugares mais escondidos da região **a mensagem do progresso e através da Educação de base formará a nova classe dos camponeses nordestinos.** (LIVRO DE ATAS DA HISTÓRIA DA..., 2003, fl. 7, grifo nosso).

Os desígnios formativos da Rádio são, portanto, desde logo anunciados. A “Educação de base” é ferramenta precípua para propiciar a libertação, o progresso do homem rural, não numa dimensão individualista, mas enquanto membro de uma coletividade, de uma classe, a “dos camponeses”. Antecipadamente aspirava a Rádio Rural de Caicó a alinhar-se àquele alcance eclesial para quem os meios técnicos de comunicação social abertos “[...] têm como finalidade ideal dar a conhecer os problemas e aspirações da sociedade humana, para que sejam satisfeitas o mais rapidamente possível, contribuindo assim para estreitar os laços de união entre os homens.” (COMMUNIO ET PROGRESSIO..., 2003, p. 85).

Tendo presente entrelaçar educação de base e sociabilidades é notório, nos registros documentais, o entusiasmo dos que foram baluartes da Emissora de Educação Rural de Caicó, notadamente do bispo diocesano Dom Manuel Tavares e do padre Itan Pereira da Silva, seu primeiro diretor ou superintendente. Expressavam aquele mesmo entusiasmo que nas primeiras décadas do século XX vislumbrara Roquette-Pinto em relação ao emprego educativo do rádio. Para esse defensor da educação popular para todos, dentre outros atributos, o rádio seria a “Escola” dos que a ela não tinham acesso, e o animador de novas esperanças espirituais e educativas. Alcançar os que se encontravam nos “lugares mais escondidos” do vasto sertão semi-árido, “nos pés de serra”, nos “sítios anônimos” a eles levando informação, entretenimento, conforto, catequese e, sobretudo, educação de base são propósitos confessados pelos instituidores da Rádio Rural de Caicó.

Tais anelos, para que se efetivassem e ganhassem vida material requeriam uma programação organizada, versátil e articulada com as orientações doutrinárias, educacionais e comunicacionais da Igreja Católica. O trabalho hábil dos coordenadores da Emissora Rural em identificar, congregar e formar um corpo coletivo de jovens estudantes com tais aspirações revelou-se decisivo. Tanto é que a montagem da grade dos programas radiofônicos a serem levados ao ar pela Rádio Rural de Caicó foi inicialmente fruto de uma

elaboração conjunta, mas dirigida pelo seu diretor e superintendente. Nas palavras de Alcimar de Almeida, integrante da equipe inaugural da Rádio, exercendo inicialmente a função de controlista,

Quem pensava a programação [da Rádio] éramos todos nós, sobretudo no tempo de [padre] Itan. [...] Por exemplo, eu participava das sugestões e até de nomes. Mas nós nos reuníamos; eu, Neco [Manoel Félix], Chico Elias. Na parte de jornalismo, Salomão [Pinheiro] e Paulo Celestino; na parte artístico-musical, prevalecia a feitura de Neco, que era um homem profundamente inteligente. (ALMEIDA, 2007).

Inobstante a elaboração coletiva daquela programação, os relatos colhidos junto a integrantes da equipe radiofônica inaugural destacam a liderança e a cultura erudita pretérita do padre Itan Pereira, na área de comunicação social como fundamentais ao funcionamento inicial da Rádio e à persecução de seus ditames. Relata o padre João Medeiros Filho —, um dos partícipes da campanha de arrecadação de fundos quando ainda seminarista, na Bélgica, para a instalação da Emissora — que a pessoa do padre Itan Pereira foi tudo para que a idéia vingada de Dom Manuel Tavares ganhasse vida temporal.

Eu acho que poucas pessoas sabem um detalhe da vida do grande padre Itan que eu considero um dos padres mais brilhantes na história do clero de Caicó. Quando ele era seminarista na cidade de João Pessoa, no velho Seminário Nossa Senhora da Conceição [que funcionava no prédio do convento de São Francisco], lá na Igreja de São Francisco, ele era diretor de um jornal interno do seminário chamado ‘Esputinique’. [...] E ele era colaborador assíduo do jornal diocesano e [...] produzia um programa de educação religiosa na Rádio Tabajara de João Pessoa. Então, ele tinha muito conhecimento, muita afetividade também, mas muito adestramento dos microfones, da rádio, da produção de artigos, de programas radiofônicos e assim por diante. Então, não foi difícil. Ele foi a figura principal para começar, até que começando ele fazia o papel de diretor geral, de diretor administrativo, de diretor de programação que existe hoje. Ele tem essa experiência marcante. (MEDEIROS FILHO, 2007).

Tal entendimento é corroborado pelo monsenhor Ausônio Tércio ao destacar a intervenção do padre Itan Pereira como o artífice para o estabelecimento da primeira grade de programas da Rádio Rural de Caicó. Sobre um padre Itan no degrau maior de diretor administrativo e diretor de programação, foi de notoriedade.

Isso aí era cabeça de padre Itan Pereira. Ele não tinha mestrado nem doutorado, mas ele tinha o jornalismo no sangue. Ele escrevia bem e gostava muito de jornal, e de microfone também e ele contou com a ajuda da experiência de algumas pessoas daqui como Francisco Elias, Neco Félix. Ele [Neco] era um homem inteligente, já era jornalista, depois ele foi até jornalista oficial. [...] E essa turma que vinha do padre Galvão. (ARAÚJO, T., 2005).

Percebe-se, portanto, que não obstante a liderança notória do padre Itan Pereira e sua vivência com o mundo das comunicações sociais, do jornalismo, da locução radiofônica, ele não agiu isoladamente e, os dados indicam que a própria maneira como nucleou em torno de si a experiência acumulada daqueles que vinham da “Difusora do Padre Galvão” para o trabalho na Rádio Rural manifestava também trabalho social-pedagógico. O exercício daquela dialogia tão cara a Freire (2001), estava presente no ato de discutir com a equipe da Rádio Rural de Caicó, a sua programação comunicativa e educativa.

Verdadeiramente, muito antes de qualquer pessoa e mesmo de ser deflagrada a campanha para a instalação da Rádio Rural de Caicó, o padre Itan Pereira já se preparava para dotá-la com uma programação de alto nível.

Com uma atuação sadia e educativa pretende-se levar a todos os lares a mensagem de uma **cultura elevada, propiciadora de progressos humanos em todos os setores da vida**. Para tal serão requisitadas todas as colaborações possíveis da sociedade local e de elementos de fora, sobretudo da região seridoense para quem primeiro se dirigirá a nossa Rádio. Espera-se contar com a cooperação de todas as classes, nesse sentido, a fim de que na Emissora Rural de Caicó se faça ouvir a **linguagem universal dos homens**, no diálogo de todos os corações. Cada classe social, do estudante ao operário, do Doutor ao analfabeto, do pobre ao rico, da criança ao velho, do doente ao sadio, do agricultor ao industrial, se encontrará nas mensagens desta Rádio que não terá partidos políticos nem preconceitos de classes. [...] Caicó certamente compreenderá esta obra, neste seu intenso ritmo de progresso. (PEREIRA, 1960, grifo nosso).

Uma cultura elevada, suficientemente abrangente e proporcionadora de programas variados, inclusiva de todos os setores da vida, não apenas campesina, só pode ser uma cultura cristã e humana diversificada em seus fundamentos e plural nas suas manifestações. Se propunha a Rádio Rural com sua programação abarcar todos os estamentos sociais independentemente do cabedal econômico, financeiro, político, étário ou instrucional de seus destinatários. Vê-se, portanto, que essa Emissora mesmo elegendo os habitantes do meio rural como destinatários privilegiados de sua programação, não se apequenou. Antes, primou pela universalização de seus ensinamentos, abrindo-se “ao diálogo com todos os corações”. Tais intentos ao permearem o alvorecer dessa Emissora adequam-se à perspectiva de Certeau (1995), por identificar na diversidade cultural, o espaço da alteridade como *locus* de dinamização do viver coletivamente.

Para alguns contemporâneos, o padre Itan Pereira foi capaz de delegar responsabilidades, especialmente a jovens talentosos da sociedade caicoense. Conforme

relata o padre Galvão (2005), a programação inicial da Rádio dependia de “Um bando de meninos.” Embora reconheça que o padre Itan pautava-se por uma linha de pensamento radiofônico, afirma padre José Galvão que “[...] os meninos tinham inteira liberdade [...],” e, como exemplo, cita a redação dos noticiários deixada sob a inteira decisão daqueles jovens estudantes ainda adolescentes. Seu depoimento é corroborado por outra testemunha de parte dessa história educativa e comunicacional do Seridó. “A programação a gente tinha uma certa liberdade. Muita liberdade mesmo. [...] A gente fazia de tudo para não repetir uma música.” (RODRIGUES, 2007).

Assim agindo, o primeiro diretor da Rádio compartilhava responsabilidades e, em certa medida, aliava-se a uma das máximas educativa de Freire (2001, p. 16), para quem “[...] a responsabilidade é um dado existencial. Daí não poder ser ela incorporada ao homem intelectualmente, mas vivencialmente.”

No seu pronunciamento proferido por ocasião do primeiro aniversário de inauguração da Rádio, entre outras pretensões, o padre Itan não só assume a ousadia de confiar aos jovens a Emissora, de chamá-los à responsabilidade, mas busca justificá-la de um ponto de vista que identificamos *social-pedagógico*. “Muita gente não entende porque entregamos a Rádio aos meninos, aos estudantes, à mocidade enfim.” (LIVRO DE ATAS DA HISTÓRIA DA..., 1963, fl. 28). Entregar a Rádio aos “meninos talentosos” foi uma opção da diocese de Caicó, especialmente de seu representante padre Itan, consciente de suas implicações. Nessa ousadia consciente,

Não escondemos que corremos riscos. Mas, estamos dispostos a dar conta desse risco que corremos porque nós moramos numa Pátria de adolescentes e nos provam as estatísticas que 70% da população brasileira é de meninos. O Brasil está nas mãos da mocidade. Dessa mocidade inconformada [...] que sonha com uma Pátria melhor e tão grande é seu sonho que eles gritam, que eles lutam, que dão tudo, porque jovem não se conforma com o pouco, quer tudo de uma vez. Graças a essa equipe brava, idealista e criadora que faz a nossa Rádio, nós ainda estamos de pé [...]. (LIVRO DE ATAS DA HISTÓRIA DA..., 1963, fl. 28).

Dizemos que o alcance é social porque evoca dados da ambiência concreta, identifica a predominância populacional da juventude brasileira naquele momento da história nacional a reclamar sua efetiva participação nos destinos da nação. E, social-pedagógico, porque a atitude de acreditar no outro implica considerá-lo como sujeito do ato dialógico com confiança; requer oferecer condições para fazer desenvolver aquelas “aptidões inatas” referidas por Dewey (1979), mas mediante uma postura formativa num

verdadeiro “[...] trabalho do homem com o homem, e nunca um trabalho verticalmente do homem sobre o homem [...]” (FREIRE, 2001, p. 14).

Nesse trabalho mediado pelo diálogo, o padre Itan Pereira que dava liberdade aos seus discípulos adolescentes, seriam estes em seu ímpeto idealista e em seu vigor juvenil, capazes de pensar e de executar uma programação radiofônica compatível com os padrões midiáticos, técnicos e tecnológicos da Rádio Rural, dentre os quais, o de

[...] levar a todos os lares seridoenses uma mensagem nova, uma missão nobre, qual seja a de dilatar os espaços da verdade, multiplicando os anseios da liberdade e espalhando as fronteiras da educação, abrindo oportunidades para o homem esquecido do campo, defender os humildes, arrancando das páginas do evangelho o roteiro de sua pregação. (LIVRO DE ATAS DA HISTÓRIA DA..., 1963, fl. 26).

Abrir fronteiras, oportunidades para a comunicação de bens culturais simbólicos, desvendar a realidade dos fatos, alargar espaços, multiplicar o direito dos mais fracos, oferecer-lhes os benefícios da educação de base pelas ondas do rádio, veículo fascinante da cultura tecnológica moderna apresenta-se como um Plano da Igreja em Caicó confessado e integrante da missão da Rádio, confiada primordialmente “aos meninos talentosos”, à juventude estudantil caicoense. Tudo, em última instância, tendo por arcabouço o Evangelho de Jesus Cristo.

A abertura desse canal midiático sobre tais fundamentos expandiria a circulação de bens simbólicos no entrelaçamento dos segmentos sociais no Seridó. Referindo-se à transmissão de tais bens situados numa esfera de autonomização, entende Pierre Bourdieu que

O desenvolvimento do sistema de produção de bens simbólicos, [...] é paralelo a um processo de diferenciação cujo princípio reside na diversidade dos públicos aos quais as diferentes categorias de produtores destinam seus produtos, e cujas condições de possibilidade residem na própria natureza dos bens simbólicos (BOURDIEU, 2005, p. 102).

Nessa preocupação de distender as fronteiras de circulação ampliada dos bens culturais no sertão seridoense, é imprescindível destacar a estreita relação estabelecida, desde o nascedouro da Rádio Rural de Caicó, entre esta e a juventude caicoense organizada no movimento estudantil. Os laços ultrapassavam a participação dos estudantes como funcionários e membros colaboradores da Rádio. Além de ceder gratuitamente à União Estudantil Caicoense um programa semanal de rádio [*Vida Estudantil*], a Emissora Rural foi mais longe, abrigou em suas instalações a sede dessa entidade. Recordando o afeto, o apoio e a aquiescência de Dom Manuel Tavares e do clero diocesano para com os jovens e

a necessidade de, na condição de presidente eleito, reorganizar a União Estudantil, enfatiza Paulo Celestino os vínculos com a Rádio Rural de Caicó e com seus dirigentes.

A União Estudantil não tinha sede. Estava praticamente abandonado o seu trabalho que tivemos de reorganizá-la em nossa gestão e, para isso, começar do zero. E como esse marco foi importante, porque foi dentro da Emissora Rural que começou o trabalho de reorganização da União Estudantil graças à compreensão de Dom Tavares e de padre Itan! Nós nos movimentamos conseguimos algum dinheiro, mandamos fabricar um bureau e tivemos a ousadia de colocá-lo na sala de entrada da Emissora Rural. Então, a União Estudantil passou a funcionar dentro da Emissora graças à aquiescência de Dom Tavares e de padre Itan Pereira. Quer dizer, não tinha nada a ver o trabalho, mas indiretamente sim, porque os padres, a diocese viam que aqueles jovens eram muito bem intencionados e com propósitos dos melhores para o trabalho educativo, cristão e assim foi a minha eleição para Presidente da União Estudantil, praticamente dentro da Emissora. (CELESTINO, 2007).

É possível inferir que, na visão educativa de seus dirigentes, máxime do padre Itan Pereira, a Emissora Rural de Caicó primária pelo ideal formativo dos sertanejos em geral, não apenas de modo exógeno, ou para os que captariam suas ondas sonoras, mas também internamente para aqueles que haveriam de pensar, planejar e executar a sua programação radiofônica. Esse veículo midiático cumpriria também para com seus colaboradores a função de transmissora e retransmissora de bens culturais ampliando seu cabedal intelectual. A Rádio dirigia-se, então, a exemplo do que diz Bourdieu (2005, p. 104), referindo-se às instâncias simbólicas, a um “[...] receptor ideal que se traduz em um *alter ego*, ou melhor, um outro ‘criador’, contemporâneo ou futuro.”

Confiar na criatividade, no idealismo, na coragem, no ímpeto estudantil “dos meninos talentosos” traduz-se, portanto, numa atitude educativa da Rádio, pelo seu diretor padre Itan, compatível ainda com a pedagogia ativa discutida e proposta por Dewey (1979, p. 78), que, partindo das vivências internas dos educandos em interação com o meio, engendra uma formação a principiar pela “[...] seleção e coordenação das atividades inatas, de modo que estas possam utilizar o material do ambiente social”. Portanto, a formação emerge basicamente como um processo de reconstrução e de reorganização das vivências individuais e grupais.

Ainda no seu pronunciamento comemorativo, como que para nomear nos anais da história da Rádio Rural os nomes daqueles “meninos”, dos “ousados jovens” estudantes (Figura 05), a quem a Rádio fora conscientemente “entregue”, o padre Itan Pereira com afetividade agradece a cada um nominalmente e com eles compartilha a foto a ser guardada nos referidos anais:

Evilásio Souza, Francisco Elias, Manuel Félix, Eromir Dantas, Moacir Dantas, Alcimar de Almeida, Manuel Damásio, Getúlio Costa, Moacir Pinheiro, Paulo Celestino, José Gerônimo, Pedro Celestino, José Relva, Zélia Gurgel, Marta Araújo, Teresinha Brito, e Socorro Costa. **A todos vocês nossos aplausos.** (LIVRO DE ATAS DA HISTÓRIA DA..., 1963, fl. 28, grifo nosso).



Figura 05 – Equipe pioneira de instalação da Rádio Rural. Da esquerda para a direita, em pé: Zé Gerônimo, Neto Damásio, Getúlio Costa, Moacir Pinheiro, Alcimar de Almeida e Paulo Celestino. Sentados: Evilázio, Pedro Celestino, Moacir Dantas, Zélia Gurgel, Maria Marta Araújo, Teresinha Brito e padre Itan Pereira, (1963)

Fonte – Acervo de Armando Azevedo

Esses “atores” da história inicial da Rádio Rural de Caicó e outros que entrariam em cena logo depois, personagens vivos da saga, estudantes destacados intelectualmente, referendam com suas memórias aquela “arriscada ousadia” da Igreja do Seridó de lhes confiar o mais potente meio de comunicação social que acabara de adquirir.

A orientação era recrutar aqueles estudantes mais pobres que se destacavam no meio estudantil e/ou aqueles que tinham uma condição financeira desfavorável e se destacassem intelectualmente; que fossem recrutados esses estudantes para formar a primeira equipe da Emissora Rural, a equipe fundadora. [...] Eles aproveitaram todos aqueles adolescentes que se destacavam no meio estudantil [...]. (CELESTINO, 2007).

As palavras de Paulo Celestino, à época uma das lideranças jovens — foi presidente da União Estudantil Caicoense, antes com passagem pelas oficinas tipográficas da Escola Pré-Vocacional e pelo Jornal “A Folha”, ambos da diocese local —, e que na

Emissora comporia a primeira equipe de radiojornalismo são, em certa medida, corroboradas por outros atores dessa história primeva da Rádio Rural.

Lembra Moacir Maurício Dantas que em 1961, recém saído do Exército onde prestara o serviço militar obrigatório, encontrava-se em Cruzeta (RN), sua terra natal. A cidade estava em festa, pois naqueles dias recebia a visita pastoral do bispo diocesano, prática à época conhecida por “desobriga”. Dom Manuel Tavares ao observar que um jovem se entregava no ofício de instalações elétricas e na operação dos equipamentos eletrônicos, informou-se do vigário local, o padre Ernesto da Silva Spinolla, sobre ele a quem chamou para conversar.

Ele me disse que iria instalar uma Rádio na cidade de Caicó e que **estava procurando ‘os valores’** que pudessem contribuir com essa tarefa. Me perguntou se eu sabia dirigir, pois, enquanto a Rádio não fosse instalada, eu ficaria como motorista da Diocese. (DANTAS, 2007, grifo nosso).

E assim aconteceu. Aquele “valor” que viria ser o assistente técnico da Rádio Rural recebera inicialmente a incumbência de consertar os aparelhos receptores utilizados pelo MEB Caicó para recepção das aulas radiofônicas. Tendo, porém, auxiliado na e acompanhado a montagem da torre supervisionada por um técnico russo e, posteriormente, por outro profissional vindo de São Paulo, a dos equipamentos que compunham os estúdios da Rádio Rural, assumiu a função na qual permanece até os dias atuais, mesmo aposentado — assistente técnico de AM e de FM.

Um jovem militante estudantil à época, Salomão Gurgel Pinheiro, que a partir de 1965 também integraria a equipe de radiojornalismo da Rádio Rural, testemunha a valorização dos jovens pelo bispo diocesano e pelo padre superintendente, criando uma ambiência favorável à expressão de ideais renovadores da Igreja Católica. Diz que naqueles anos em Caicó,

[...] combinou-se essas duas coisas, política estudantil com a Rádio Rural de Caicó. A Rádio Rural de Caicó ela teve essa função, foi uma expressão, foi um canal para nós de divulgação de tudo aquilo que a gente vivenciava e de manifestação do idealismo dos jovens de Caicó. (PINHEIRO, 2007).

A combinação de estudantes talentosos, anseios políticos estudantis e a política de comunicação social do Vaticano, tornou a Emissora Rural de Caicó, a Rádio mais ouvida e admirada naqueles setores do Rio Grande do Norte e da Paraíba.

A confiança depositada no talento juvenil por Dom Manuel Tavares e por padre Itan Pereira, com a saída deste em 1967, continuou albergada por padre Ausônio Tércio de

Araújo que, na condição de colaborador mais próximo, assumiu desde então a direção da Rádio. A escuta do outro, a troca de idéias com estudantes, a dialogação referenciada por Freire (2001), a abertura ao novo, as discussões implementadas em reuniões periódicas, além de investir na formação humana de seus partícipes, favoreceu à Rádio conceber, executar e manter uma programação qualitativamente diferenciada. Nessas premissas residiriam em parte o sucesso de suas transmissões.

Quinzenalmente padre Tércio reunia todo mundo. Na Rádio Rural de Caicó Padre Tércio abria muito, ele chamava todo mundo para a reunião, às vezes até qualquer menino, pessoas que estavam lá e nem eram da Rádio. Às vezes o funcionário não queria vir e ele queria era escutar idéias. Então, ele dava muitas idéias na Rádio. Na Rádio de Mossoró a situação financeira era boa, mas a programação... O padre Américo Simonetti [seu diretor] dizia muito isso: — A gente tem lá a situação estável; mas a programação de vocês é muito variada, muito boa. Aí padre Tércio dizia: — Olha, é escutar e abrir. [...] Nesse período a turma tinha amor, e ia lá até para escutar. Ela queria qualquer coisa, não queria o vínculo empregatício com a Emissora; só estar na Rádio já era uma coisa muito boa. A Rádio era muito boa, a programação era muito boa por isso. Outra coisa, a turma estudava, era toda de estudante em Caicó. Já o estudo lá [em Mossoró], o pessoal já tinha mais idade. A turma de Caicó, não sei por qual motivo, começou a estudar o ginásio tudo de quinze anos em diante. Essa turma quando terminava o científico já estava querendo alguma coisa, até para a experiência de vida, para dar aula. Então tinha uma cabeça mais amadurecida. E nessa turma padre Tércio era professor de todos. Então ele dizia que se alguém quisesse colaborar podia. (COSTA, S., 2007).

Cidade pólo regional do Seridó, Caicó avançava na oferta de educação escolar de suas crianças e jovens de classe média e de setores populares. Eram escolas primárias públicas e católicas — o Colégio Santa Teresinha, o Ginásio Diocesano Seridoense, a Escola Doméstica Popular Darcy Vargas, a Escola Pré-Vocacional, o Seminário Santo Cura D’Ars, dentre outras. Nas paróquias ligadas à diocese caicoense, o primeiro bispo, Dom José de Medeiros Delgado, abrira a rede de “Escolas do Pobre”, totalizando pelo menos dezoito dessas instituições de ensino primário.

No objetivo de perscrutar os ideais de Homem almejados pela Rádio Rural de Caicó passamos a examinar a grade da programação por ela levada ao ar, dando ênfase aos seus títulos, criação, equipe e principais transmissões radiofônicas. É possível planificar em cinco conjugados módulos programáticos, cujos conteúdos educativos cristãos e renovados são permeados por uma natureza religiosa, política, social, artística, enfim, cultural.

4.1 Módulo I – Programação religiosa e catequética

Na programação de natureza religiosa e catequética reunimos a *Missã Dominical*, a *Hora do Ángelus*, *Presença para Servir*, *Reflexões do Dia*, *Mundo Bíblico*, *Cristo em Tudo*, *Uma Luz Brilha nas Trevas*, *Catequese pela Rural* e *Conversando sobre Deus*. A exortação contida no *Inter Mirifica* (2003, p. 76) orientando “[...] especial empenho na promoção das emissões católicas, que levam os ouvintes [...] a participar da vida da Igreja e assimilar as verdades religiosas [...]” poderia respaldar a proposição da programação em apreço.

Diferenciadas emissões radiofônicas, quer diárias, quer semanais, destinadas especificamente à instrução catequética, bíblica e religiosa, à formação moral e espiritual cristã estavam aneladas nas transmissões da Rádio Rural de Caicó. O padre João Medeiros Filho ao referir-se à programação religiosa enfatiza o seu peso simbólico nos programas dessa natureza: “[...] já que se tratava de uma rádio católica era indispensável que se transmitisse a *Missã*, a *Hora do Ángelus*, o programa do bispo —, Dom Tavares fez até perto de renunciar o programa dele [Cristo em Tudo] — e outros programas que os padres tinham.” (MEDEIROS FILHO, 2007).

A clássica *Hora do Ángelus* distinguia-se por sua belíssima mensagem elaborada pelo padre Itan Pereira, gravada e levada ao ar diária e pontualmente às 18 h. Valendo-se das peculiaridades do ocaso, a prece favorece espiritualmente a cada ouvinte colocar-se diante de Deus, em atitude penitente e reflexiva numa revisão do dia findo, culminando com um hino de louvor à Virgem Mãe de Deus. Inicialmente a *Hora do Ángelus*, por determinação de seu criador devia ser lida, lembra Alcimar de Almeida.

Tem uma oração na Rádio que hoje é gravada, feita por ele [Padre Itan], a oração do Ángelus. [...] Ele preferia que fosse lida; não queria que fosse gravada. Contrariaram o interesse dele. [...] Aquela oração é muito bonita. [...] Você não tem uma coisa daquela em lugar nenhum. (ALMEIDA, 2007).

A prece *Hora do Ángelus*, com a qual a Igreja Católica recorda a anunciação do Anjo àquela que seria a mãe de Jesus, é popularmente conhecida como Hora da Ave-Maria. Criada por padre Itan Pereira, a prece a ser veiculada diariamente trata-se, na verdade, de uma bela peça literária que mesmo dada sua extensão, a transcrevemos integralmente.

Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Nesta hora de prece em que a natureza se recolhe trazendo para o seio da terra a paz e tranqüilidade, nós levantamos o espírito para o alto e rezamos àquela que é a mãe de todas as criaturas. Virgem Maria, mãe dos pecadores, abrigai em vossos corações todas as aspirações dos homens. Depois de um dia inteiro de lutas e de trabalhos, de vitórias e de fracassos, de alegrias e de tristezas, nós depositamos aqui a nossa alma em vossas mãos. Tende compaixão dos filhos que se desgastaram na rotina do dia. Perdoai os que traíram seus ideais e frustraram a sua vocação nas traições da vida. Perdoai àqueles que todo dia caem diante de seus propósitos e dos juramentos mais sagrados. Animaí-vos para que todo dia eles tenham a coragem de se levantar e possam continuar o seu caminho. Virgem mãe de Deus, aqui vem também, a lembrança dos que sofrem; dos que sofrem o desespero da vida, quando todas as esperanças se fecharam para os seus desejos, para os sonhos e para as aspirações da terra; dos que sofrem a inconformação na estrada da Providência e não podem compreender os caminhos de Deus; dos que sofrem porque foram traídos; porque foram abandonados, e assim enfrentam a luta interior de sua amargura; dos que sofrem dentro da alma a solidão e armam no palco de sua vida a triste história da angústia, da dúvida e da incerteza. Lembrai-vos ainda, mãe de Deus, das vossas companheiras; das mães que sofrem por causa de seus filhos, por causa de seus maridos, porque têm o lar marcado pela crueldade dos desajustamentos e das necessidades. Lembrai-vos, também, das mães que traíram a sua missão e rasgaram a felicidade da sua casa. Para elas, o sentimento do perdão. Lembrai-vos, mãe de Deus, dos que sofrem a escravidão, dos que passam fome, dos que andam sujos, dos desajustados, ali dos que não têm escolas, dos oprimidos e dos pobres. Fazei chegar para eles a hora da libertação. E também, mãe de Deus, uma lembrança do homem do campo, do trabalhador da enxada, dos agricultores de todos os recantos e fazei que para eles também chegue o dia da redenção. Para a juventude, a realização de seus ideais. E para os que não têm fé, uma prece de reconciliação, a fim de que encontrem a luz do seu destino eterno. Para os doentes, e os que estão no leito de morte, a saúde e o sossego de espírito. E, assim, Virgem Maria, para todas as criaturas da Terra, a paz e a felicidade. E, dessa maneira, todos possam rezar tranquilamente: Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém. (SILVA, 2005, p. 28).

Rogaria à Virgem Maria ouvir as aspirações de todos, mas principalmente as do homem do campo. Para ele e para todos os trabalhadores o acesso ao trabalho, ao alimento cotidiano, a condições satisfatórias de higiene, à escola, enfim o alcance dos mais nobres ideais humanos, sociais e espirituais. E, dessa maneira, a prece angélica criada pelo padre Itan Pereira, irradiava plenamente o entendimento do Vaticano II, para quem

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e mulheres de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. (GAUDIUM ET SPES, 1998, p. 470).

Anos depois, nas comemorações festivas da Emissora Rural, os poetas da viola assim expressam o sentimento desse momento de oração e reflexão proporcionado cotidianamente na *Hora do Ângelus*: “Quando a noite vem chegando / a voz da *Ave-Maria* / escrita por padre Itan / Batista Filho anuncia / a mensagem mais perfeita / que a nossa Rádio irradia.” (MOTA; NASCIMENTO, 2003).

O almejar em dotar homens e mulheres seridoenses de uma salutar formação espiritual explicitava-se ainda pela emissão de mais um programa que, de regra, era levado ao ar uma vez por semana. O programa *O Mundo Bíblico* estava sob a responsabilidade de um padre pertencente ao clero diocesano.

Apresentado pelo padre Antenor Salvino de Araújo esse programa perdura até os dias de hoje e seu conteúdo assume um cunho histórico e exegetico. O seu apresentador considera a cessão do espaço radiofônico para a veiculação desse programa uma espécie de recompensa ao seu empenho pessoal na campanha de arrecadação de fundos, junto a amigos e conhecidos do Estado de São Paulo, para a instalação da Rádio. (ARAÚJO, A. S., 2003).

O programa *Reflexões do Dia*, inicialmente apresentado pelo padre Deoclides de Brito Diniz, quando da inauguração da Rádio Rural vigário de Jucurutu (RN), abordava assuntos variados como o engajamento do cristão no mundo do trabalho e da política, a dignidade da pessoa humana, a espiritualidade dentre outras reflexões sempre analisadas sob a ótica do evangelho cristão.

A emissão radiofônica *Presença para Servir*, levada ao ar às sextas-feiras, às 17 h 30 minutos, com duração de um quarto de hora, sob a responsabilidade do padre José Celestino Galvão, conforme seu próprio relato,

Era um programa na maioria das vezes gravado. Abordava muito os problemas existentes na Diocese e a nossa responsabilidade de ser solidário. Que ninguém esperasse – foi sempre a minha linha – tudo do governo e dos prefeitos, mas fizesse a sua parte. Se cada um repartisse um pouco mais o que tinha com seu vizinho, na hora da doença com um remédio, noutra hora a comida... (GALVÃO, 2005).

A sua mensagem levava a aspiração de formar um sertanejo autônomo, fortalecido nos vínculos comunitários superando o assistencialismo. Esse ideal era parte de um sentimento então crescente na sociedade brasileira e reverbera na compreensão educativa freireana. Esta detecta e alerta para os efeitos danosos do assistencialismo, em si, negador da alteridade ontológica humana. Nessa concepção, o seu cultivo

[...] deforma o homem. [...] O seu grande perigo está na violência de seu antidiálogo que, impondo ao homem mutismo e passividade, não lhe oferece condições especiais para o desenvolvimento ou a abertura de sua consciência que, nas democracias, há de ser cada vez mais crítica. (FREIRE, 2001, p.16).

Reitere-se que a dimensão dialógica, malgrado as limitações técnicas radiofônicas, obteve destacado lugar na programação da Rádio Rural de Caicó. Pode-se dizer que aquela dialogia cara a Freire (2001), requerendo respeito aos valores pessoais e culturais do interlocutor, foi alvo do esforço contínuo dessa Emissora. Esta perseguiu estabelecer com seus ouvintes uma comunicação afetiva e efetiva, acatando e acolhendo seus reclamos emprestando, tantas vezes, seus microfones para ampliarem a voz dos que eram pouco ou nada ouvidos. Esse ideal educativo contribuiu também para uma estima auto-valorativa nos sertanejos simples, para Paulo Freire, condição primeira para uma vivência emancipada, ampliada.

Antes de ir ao ar, a Emissora de Educação Rural de Caicó, concebida para ser ampliação da voz do Pastor Diocesano e do clero junto a seus rebanhos, ela também pretendeu disseminar nos lares seridoenses uma “mensagem nova”, espalhar as fronteiras da educação, da verdade, da democracia, abrir oportunidades para o “esquecido homem do campo” pela veiculação de uma mensagem “segundo as exigências da época.” (LIVRO DE ATAS DA HISTÓRIA DA..., 1963, fl. 26). E mais, quis ela ser “[...] a intérprete dos sentimentos [...]” do povo seridoense, um “[...] correio simples e direto [...],” uma escola para a educação de base e a ilustração dos seridoenses. E, sobretudo para os crentes católicos, uma “catedral do espaço.” (LIVRO DE ATAS DA HISTÓRIA DA..., 1963, fl. 29). Do amálgama de um conjunto de aspirações racionalmente concebidas e intencionalmente desejadas, ao lado de procedimentos executórios cronologicamente concatenados resultou a Rádio Rural de Caicó, auto-compromissada com um ideal formativo de homem e de mulher sertanejos cristãos educáveis.

Catequese pela Rural, apresentado às sextas-feiras, às 20 h e 15 pelo padre Ônio Caldas de Amorim tratava-se de um programa de educação religiosa explicitando as verdades da fé cristã. O uso dos meios de comunicação radiofônica para a mensagem apostólica colocava-se em estreita ligação com a ordem de Cristo a seus apóstolos e sucessores a quem determinou ensinassem a todas as nações. Exortava a Sé Apostólica que,

A necessidade dessa linha de conduta impõe-se pelo fato de o homem hodierno viver imerso nas ondas da comunicação social, que

desempenham um papel de primeira importância na formação das mais profundas convicções, mesmo religiosas. [...] O Vaticano II exorta os católicos a que ‘sem demora, usem os meios de comunicação social, nas diversas formas de apostolado’. (COMMUNIO ET PROGRESSIO..., 2003, p. 121).

Conversando sobre Deus apresentado pelo padre Ausônio Tércio às terças e quintas-feiras, sempre às 11h 30 min., antecedendo a transmissão do *Jornal Falado Rural* também notabilizou-se por sua permanência.

Sem script prévio, o estilo dessa transmissão era fiel ao nome adotado. Assumia a enunciação de uma conversa com o rádio-ouvinte sobre temas do seu cotidiano. Num linguajar simples, almejava despertar no coração dos seus destinatários convicções a respeito da fé encarnada nos múltiplos âmbitos da existência. O mundo familiar, do trabalho, da política, profissional, assim como o da religião, enfim, nas diversas esferas em que o cristão é chamado a se fazer presente, deveriam ser iluminadas pelo querigma, pela boa-nova do evangelho, insistia esse programa.

Eu tive um programa por muito tempo. Tenho um hoje: *Falando por Você*, dizendo o que você não teve coragem de dizer, mas de uma maneira educada. Mas o meu programa mais famoso, que durou muito tempo, era *Conversando sobre Deus*, que foi se esvaziando, porque era mais assuntos de família, de religião, de vida etc. E, com o surgimento de outros programas, digamos assim, outras ‘charges’, o meu não tinha mais razão de ser, por isso foi trocado. (ARAÚJO, T., 2005).

Nessa linha do catolicismo, também o bispo Dom Manuel Tavares definiu e apresentou até o término do seu pastoreio frente à Diocese de Caicó, o seu programa radiofônico: *Cristo em Tudo*. Era levado ao ar todos os sábados a partir das 17h e 15 minutos. Esclarece o seu próprio produtor o caráter catequético que dava às suas emissões:

Todo sábado eu tinha o meu programa, meia hora de Rádio Rural, já preparando o domingo e assim por diante. As igrejas se enchiam muito mais porque em casa [as pessoas] estavam ouvindo a pregação. Foi um ponto muito interessante de formação. (ARAÚJO, DOM MANUEL..., 2003).

A formação cristã, sem dúvida, foi prioritária no magistério de Dom Manuel Tavares exercido em parte através da Rádio Rural de Caicó, ao lado de uma educação cívica e humana. Ele mesmo revela que *Cristo em Tudo* preparava o domingo, para os cristãos católicos, o dia do Senhor, referência maior dentre as celebrações litúrgicas. A *Missa irradiada*, transmitida do Santuário do Rosário, semanalmente, levava a voz episcopal do Pastor além das fronteiras de sua diocese e supria, principalmente nas comunidades rurais, a falta de ministros ordenados e de missionários pregadores.

Infere-se que a vasta audiência do programa apresentado pelo bispo, dar-se-ia não apenas pelo conteúdo religioso abordado, mas, sobretudo, pela competência comunicativa de seu apresentador.

O programa de Dom Manuel Tavares tinha uma audiência muito grande, não só pelo teor religioso, mas também porque Dom Manuel Tavares era um grande orador, um homem muito culto. Mesmo que você não fosse religioso você teria o prazer de ouvi-lo e isso tanto na Igreja como nos programas da Rádio Rural. (PINHEIRO, 2007).

Veja-se que a comunicação radiofônica, pela natureza oral e técnica, e a diversidade do público a ser atingido, exige linguagem a ela adaptada, portanto, distinta daquela anunciada a partir do púlpito. Se, como dar testemunho Salomão Pinheiro, Dom Manuel Tavares conquistava expressiva audiência e, quer na Rádio, quer no púlpito do Santuário do Rosário conseguia a atenção profunda do público ouvinte, é legítimo pensar que ele também se moldava às peculiaridades do linguajar radiofônico antecipando-se aos ensinamentos do magistério católico.

O mérito e a validade moral de uma comunicação não depende só do assunto ou do conteúdo intelectual, mas também do tom e estilo com que se comunica, da linguagem e meios de persuasão que se empregam, das circunstâncias do momento e, finalmente, do tipo mesmo de público a que se dirige. [...] É evidente que a apresentação dos programas religiosos tem de se configurar com as características próprias do meio usado: a ‘linguagem’ no rádio [...] não pode ser um decalque da ‘linguagem’ dos púlpitos. (COMMUNIO ET PROGRESSIO..., 2003, p. 89 e 121).

A transmissão da missa dominical pelas ondas sonoras da Rádio Rural, atenta às peculiaridades técnicas dessa mídia, estimulou a edificação de verdadeiros “altares eletrônicos” em torno dos quais em diversas comunidades se reuniam famílias e grupo de famílias para a anamnese do Santo Sacrifício. O hábito de participar do sacramento da Eucaristia através do Rádio, de fato, converteu-se em uma cultura religiosa comunicacional e formativa que permeou desde a zona rural até cidades do vasto sertão seridoense. A esse respeito é eloqüente o relato de um dos “meninos da Rádio”. Revolvendo os arquivos da memória testemunha:

Eu me lembro muito bem de algumas comunidades que eu tive que visitar. Quantas pessoas se reuniam para ouvir a missa! No lugar da imagem de Cristo estava o radinho do MEB. Não sei se você sabe, quando a Rádio chegou aqui eles trouxeram também um transmissorzinho que só pegava a Rádio. Então, ao invés do padre celebrando estava lá [o rádio]. E a comunidade se reunia. Se reunia em várias casas na zona rural de Caicó, de Cruzeta, onde eu via que as pessoas rezavam, botavam a mesinha, a toalhazinha e tudo, então todo mundo se reunia lá para celebrar a missa. Quer dizer, jogou um papel muito grande na divulgação da religião, sem falar que aquele mesmo

transmissorzinho todo dia estava dando aula, estava educando aquele povo. (PINHEIRO, 2007).

A convivência com essa nova cultura religiosa de base comunicacional não se limitava ao escutar a missa irradiada, ia além. A reunião em torno dos “altares eletrônicos” exigia dos que ali se postavam atitude de participação respeitosa, de veneração e prece acompanhando inclusive gestos como sentar-se, ajoelhar-se e ficar de pé em momentos rubricados na celebração da Eucaristia. E mais, entoavam os hinos religiosos e interagiam com o celebrante através das respostas e recitação das preces que requeriam a intervenção dos fiéis. Não se pode olvidar que, ao lado do estímulo à espiritualidade cristã, essas transmissões litúrgicas também propiciaram uma formação religiosa pelo fortalecimento dos laços de afabilidade, de solidariedade e de fraternidade entre famílias, vizinhos e comunidades por elas abrangidas.

Observa-se que as emissões radiofônicas de natureza religiosa e catequética, com exceção de praticamente a Missa Dominical, eram intencionalmente incluídas a partir de 17h ou a ela posterior. Esse horário do dia coincidia de regra com o fim da jornada de trabalho, com o momento em que as pessoas já regressaram para os seus lares e, portanto, estavam livres para sintonizar e abraçar os ensinamentos, as mensagens veiculadas. A acomodação dos programas religiosos e catequéticos nesse horário como estratégia para chegar a seus receptores é corroborada por padre Galvão (2005), quanto a seu programa. “Naquela hora, que era uma hora de jantar, era uma hora que eu sabia que as pessoas estavam em casa.”

Tem-se, pois, que ao produzir e levar ao ar parte de sua programação destinada à formação catequética e religiosa do povo seridoense e até de outras localidades interioranas do Nordeste brasileiro alcançadas por suas ondas sonoras, a Emissora de Educação Rural de Caicó cumpria em parte o almejo do Vaticano II também em seus desdobramentos ao considerar “[...] como uma das tarefas mais importantes prover a que os [...] espectadores recebam uma formação segundo os princípios cristãos.” (COMMUNIO ET PROGRESSIO..., 2003, p. 115). Ou ainda, quando determina o apoio às “[...] boas transmissões radiofônicas [...] especialmente as que favorecem a vida familiar [com] especial empenho na promoção das emissões católicas, que levam os ouvintes [...] a participar da vida da Igreja e a assimilar as verdades religiosas.” (INTER MIRIFICA..., 2003, p. 76).

Já advertia Maritain ser a discussão e o aprofundamento das verdades espirituais e humanas, indispensáveis à nova era cristã. Para ele esta se efetiva, sobretudo, por uma

[...] tomada de consciência do social, que faltava mais ou menos ao mundo cristão da era moderna, [sobressaindo-se] o que se pode denominar a missão própria da atividade profana cristã em face do mundo e da cultura. [...] O cristão se acha nele cada vez mais comprometido, não como cristão ou membro da Igreja, mas na condição de membro da cidade temporal, quero dizer na condição de membro temporal desta cidade, consciente da tarefa que lhe incumbe, de trabalhar pela instauração de uma nova ordem temporal no mundo. (MARITAIN, 1962, p. 94-95).

Investindo nas transmissões de cunho religioso e catequético a Rádio Rural de Caicó pôs-se, de um lado, a navegar no leito caudaloso da milenar doutrina cristã e católica da Igreja, reafirmando verdades doutrinárias que sempre permearam seu *depositum fidei*. D'outro, partilhando os princípios de uma fé renovada, almejou formar sertanejos, homens e mulheres, solidários, afáveis e fraternos capazes de superar o quietismo ao qual se referia Freire (2001), tendo em última instância os princípios cristãos por fundamento.

4.2 Módulo II – Entretenimento

Variadas emissões radiofônicas da “Rural de Caicó”, no período investigado, dedicam-se à promoção do lazer e do entretenimento, quase sempre perpassadas por símbolos da cultura sertaneja, da música popular brasileira e das boas melodias em geral. Programas como, *Bom Dia Seridó*, *Música através do Mundo*, *Show de Astros*, *Bom Dia Seridó Variedades*, *Atrações da Rural*, *Alegre Despertar*, *Distração Musical*, *Show da Manhã*, *Da Rural para Você*, *Festival Nordestino*, *Tangos Dentro da Noite*, *Ritmos da Juventude*, *Quem Manda é a Juventude*, *A Bossa é Nossa*, *Seleção Musical ‘Alcimar de Almeida’*, *Forró pela Rural* e muitos outros dedicavam-se ao entretenimento de seus receptores na zona rural e na zona urbana.

É certo que o rádio tem no gênero entretenimento uma destacada função e a própria Igreja Católica o reconhece. Considera Barbosa Filho (2003, p. 114 e 115), que “O entretenimento é a própria essência da linguagem radiofônica, cuja contribuição vai do real à *ficção*.” O formato musical, inserido nessa modalidade, “[...] abre espaço para a difusão de obras musicais dos mais diferentes gêneros.”

Percebe-se que nesse módulo da grade programática da Rádio Rural de Caicó ao veicular entretenimento, quer pelas músicas selecionadas, a exemplo de *Músicas através do Mundo* e *Tangos Dentro da Noite*, quer por variedades, como *Atrações da Rural* fez a junção do lazer, da distração com a boa música privilegiando, enquanto possível, a propagação e a difusão dos ritmos e sons regionais.

Música através do Mundo, Tangos Dentro da Noite e Seleção Musical 'Alcimar de Almeida' eram parte desse módulo predominantemente musical que visava a um público mais seletivo, possivelmente o cidadão. Especialmente ambientados no período noturno, esses programas transmitiam um gênero musical, senão mais erudito, pelo menos de gosto refinado.

Afinado e identificado com a programação da Rádio, Alcimar de Almeida (Figura 06), jucurutuense, à época estudante do Colégio Diocesano fora escolhido para integrar a equipe pioneira de “jovens talentosos”. Sua relação com a Rádio teria começado muito antes da inauguração. Remonta da chegada dos equipamentos, tendo ele ajudado na abertura dos caixotes que acondicionavam o material eletrônico para montagem dos estúdios de transmissão. Tendo iniciado seus trabalhos como controlista, chegando posteriormente a ocupar a função de Diretor artístico, sobre a seleção musical associada a seu nome, certifica:

Eu sempre gostei muito de música. Além de ser o controlista dos programas principais da Rádio, dos horários principais, [...] eu primava muito pela seleção das músicas a tal ponto que tinha um programa tarde da noite que era feito por Manuel Félix Filho, falecido, lamentavelmente, [...] que veio do Serviço de Publicidade a Voz do Seridó (SPVS), donde veio também o Pedro [Neto], donde veio também o Chico Elias. E eu primava muito pela seleção musical a tal ponto que [...] ‘Neco’, então, começou a acrescentar: ‘Seleção musical Alcimar de Almeida’. Esse programa era um programa que finalizava a noite. Era uma seleção musical de músicas diferentes, de músicas ritmadas, de músicas clássicas, não de músicas cantadas, geralmente de músicas de orquestras [...]. (ALMEIDA, 2007).



Figura 06 – Em primeiro plano, o jovem controlista da Rádio, Alcimar de Almeida. Em pé, da esquerda para a direita: Neto Damásio, Moacir Pinheiro e Getúlio Costa (1963)

Fonte – Acervo de Armando Azevedo

O incentivo à cultura musical levou os apreciadores a solicitar que fossem tocadas as suas músicas preferidas, costume cultivado entre os caicoenses desde os tempos da “Difusora do Padre Galvão” que também levava ao ar emissões de pedidos musicais. “Com aquele programa [...], *De Você para Você*, a gente oferecia uma música, um parabéns para alguém que aniversariava. (GALVÃO, 2005). A Difusora inspirou a Rádio Rural que manteve e difundiu essa projeção, inclusive dando ao programa nome bastante assemelhado: *Da Rural para Você*, sob a “regência” técnica e vocal de Manoel Félix (Figura 07), dentre outros.



Figura 07 – Locutor Manoel Félix, na cabine transmitindo o *Da Rural para Você* (1963)
Fonte – Acervo de Armando Azevedo

Reiteradamente, referindo-se às emissões que se destacaram na Rádio Rural de Caicó, *Da Rural para Você* elevou-se como líder em audiência e impulsionou a Rádio seridoense.

[...] Nós tínhamos um programa muito bom, que esse aí era que, financeiramente, era o programa que rendia mais para a Rádio, era o programa *Dá Rural para Você*. — Fulano está aniversariando... Os aniversários com oferecimento de música... Era extraordinário! Era uma audiência danada e eu me lembro que Marta Araújo [Maria Marta tesoureira da Rádio] era muito satisfeita porque aí vinha uma boa parte do orçamento, das receitas da Rádio Rural. (PINHEIRO, 2007).

Os êxitos de audiência obtidos pelo *Da Rural para Você*, de modo visível vinham de sua moldura de ser “[...] um programa de pedidos,” diz Getúlio Costa. “As pessoas pagavam para ouvir as músicas. [...] As músicas eram pedidas nesse programa. O pessoal escrevia, mandava [...], não me lembro mais quanto era para ouvir uma música, mas sei que pagava para ouvir.” (COSTA, 2007).

Ele se consagrou por sua abertura, sobretudo por sua veiculação de sentimentos, paixões e admiração. Vários relatos são enfáticos a esse respeito. “Alguns programas se consagraram por muito tempo: *Da Rural para Você*, programa de pedidos. As Cartas choviam.” (ELIAS, 2003). “*Da Rural para Você* [...] perdurou por muitos anos com o saudoso Chico Tomás.” (AIRES, 2007). “*Da Rural para Você*, várias pessoas apresentaram esse programa ao longo do tempo.” (ALMEIDA, 2007). “Esse era audiência geral: *Da Rural Para Você*. Programa de aniversário.” (RODRIGUES, 2007). Estendeu-se para além do ano de 1978, termo final desta pesquisa.

A intensidade da audiência do *Da Rural para Você* condensada na expressão “as cartas choviam” indicam a profusão de pedidos musicais, além de sinalizar a vasta extensão territorial coberta pela Emissora de Caicó. As correspondências procediam de regiões bem longínquas como “[...] interior do Piauí, do Ceará, de Pernambuco e da Paraíba, dando conta da recepção das ondas da Rádio.” (ELIAS, 2003). As músicas eram de regra oferecidas a entes queridos por ocasião de aniversários natalícios, de casamentos e de outras datas comemorativas. É evidente que essa demanda cultural estava também vinculada à linguagem oral e à linguagem escrita veiculada tal qual a falada. Conforme o teórico da comunicação McLunhan (2000), a mensagem midiática no mundo moderno confunde-se com o próprio meio de sua reverberação.

Conforme já afirmado, esse programa cumprindo sua função comunicativa da escrita à oralidade servia ainda de elo entre sertanejos tímidos, adolescentes, moças e rapazes, e mesmo adultos que se utilizavam do *Da Rural para Você* externando suas admirações e afetividades para com pessoas, nominadas ou não, que estavam a cortejar. A esse respeito eram freqüentes os clichês do tipo: — Fulano de tal oferece essa canção a “um alguém” do sítio Manhoso e só não diz o nome para não dar problemas. Às vezes o remetente preferia anunciar a localidade e apenas a primeira letra do nome para quem a música estava sendo ofertada. Era ainda freqüente o envio de “quadrinhas” elogiosas a serem declamadas pelo apresentador, que o fazia poeticamente.

Pense-se no homem sertanejo rural, então, de regra pouco afeito a verbalizar presencialmente sua afetividade. Encontrava ele, por meio dos microfones da Emissora, no *Da Rural para Você* a possibilidade de anunciar aos quatro cantos sua afeição ao companheiro esposo ou esposa, aos filhos e filhas, irmãos, sogros, enfim, a pessoas às quais se ligava por laços familiares, fraternos ou sentimentais. Associa-se que tais emissões radiofônicas também reforçaram aqueles laços comuns de que falava Dewey (1979, p. 4), para quem a comunicação é o meio indispensável à integração comunitária das pessoas, não por estarem fisicamente próximas, mas “[...] em virtude das coisas que têm em comum.”

O programa *Bom Dia Seridó Variedades* conforme seu idealizador e apresentador Pedro Neto, tratava-se de “[...] um programa que focalizava a sétima arte, o cinema. Tinha uma seqüência de pedidos, horóscopo, enfim, era um programa muito abrangente e que gozava de certa audiência, na época, que me sentia feliz em fazer.” (MILITÃO NETO, 2007).

Criado em 1967, *Bom Dia Seridó Variedades* perdurou por cerca de dois anos, pois, recorda esse locutor que à época havia uma preocupação de inovar, ao que ele se diz contrário, já que, não raro as inovações consistiam praticamente em trocar o nome do programa mantendo-se, porém, o formato e seu apresentador. Os objetivos do programa por ele apresentado seriam:

Informar, focalizando o cinema. Na época existiam dois cinemas aqui [em Caicó], São Francisco e Rio Branco, então mostrava ao ouvinte a sinopse do filme que eles me forneciam. Não criticava, mas mostrava como ia ser o filme. Então, dava critério para o ouvinte escolher qual dos dois filmes gostaria de assistir. Agora, [a parte] de pedido não. Era a música do ouvinte. A gente oferecia àquele pessoal que era mais das fazendas: — Fulano oferece a seu amor que está na fazenda tal. Aquela programação tão sadia! (MILITÃO NETO, 2007).

Atente-se, no entanto, para não confundir *Bom Dia Seridó Variedades* com o *Bom Dia Seridó*. Este fora criado e apresentado por Orlando Rodrigues, cognominado “Caboré” que entrou para a Rádio Rural compondo inicialmente a equipe de esporte. O programa que abria as atividades diárias da Emissora, *Bom Dia Seridó* se dedicava à emissão de músicas regionais.

O *Bom Dia Seridó* era abrindo a Rádio. Era um programa de música sertaneja. Era o baião, o xote, o maracatu, a toada, a valsa sertaneja em que predominava Luís Gonzaga, Jacques do Pandeiro, Zito Borborema, Abdias, Marinês, Ari Lobo, Gordurinha. Era esse pessoal que predominava. (RODRIGUES, 2007).

Registre-se que, desde sua inauguração, a Rádio Rural entrava no ar só a partir de 7 h e 20 minutos da manhã, e encerrava suas atividades às 22 hora. Em agosto de 1966, com a inauguração da energia elétrica em Caicó produzida a partir da hidrelétrica de Paulo Afonso, na Bahia, a Rádio ampliaria seu horário de funcionamento. Teria padre Tércio, então Diretor da Rádio, acatado sugestão de Orlando “Caboré” antecipando desde 1º de setembro desse mesmo ano, a programação da Emissora para 5 h da manhã e estendendo-a até meia-noite. O *Bom Dia Seridó* conjugava o levantar do sertanejo com música regional no alvorecer matinal. A Rádio, desde então, ampliou suas emissões diárias em mais de quatro horas.

O entretenimento como fortalecimento da música regional, expressão da cultura autóctone revela-se em programas como *Festival Nordestino* e *Forró pela Rural*. Apresentado diariamente no fim da tarde, o programa *Festival Nordestino* cujo título fora sugerido por um dos comitês radiofônico situado em Cruzeta e transmitido por Expedito Jorge de Medeiros, monitor das Escolas Radiofônicas do MEB nesse município. Levado ao ar por quase quinze anos, conforme registra Aldo Aires, seu apresentador, tinha um espectro abrangente. O público alvo compreendia cidadãos e camponeses.

Nesse tempo tinha pouco telefone; o pessoal escrevia muito, pedia música, eu dizia piadas. Era de quatro às cinco horas da tarde. Um programa, modesto à parte, de muita audiência. Faz mais de 20 anos e o pessoal ainda não esqueceu *Festival Nordestino*. (AIRES, 2007).

Há nessas programações fundamentos religiosos, culturais e educativos. Com efeito, a Rádio Rural de Caicó permeada dessa convicção não aprovaria a manutenção em sua grade do programa previamente proposto como *A Hora do Chamego*, que veio a ser substituído, inicialmente por *Festança Boa*, e em seguida, *Festival Nordestino*. Sua nomenclatura primeira

Começou a receber crítica de padre Antenor [Salvino de Araújo] e do Conselho Paroquial [da Matriz de Sant’Ana, para quem] ‘chamego’ era uma palavra obscena. Era exatamente o nome de uma música: ‘vamos chamegar’, com Luís Gonzaga. E, por isso, eu passei para Aldo Aires. Aí, ele mudou o nome. (RODRIGUES, 2007).

O *Festival Nordestino* inseria-se nos formatos dos programas que estimulavam a cultura local tanto pela comunicação fácil do seu apresentador, quanto pelas músicas regionais veiculadas. Aldo Aires a ele se refere como “[...] um programa de música, entretenimento e bom humor. — Eu até dizia isso: *Festival Nordestino*: música, entretenimento e bom humor.” (AIRES, 2007).

Acrescenta-se a esse módulo o *Forró pela Rural*, concebido desde o alvorecer da Rádio Rural de Caicó. Referência no entretenimento, particularmente ao agricultor rural, expressão da cultura sertaneja. Ele estimulava o sertanejo cantarolar a música escutada no seu dia de labor braçal.

Guardando-se as devidas proporções permitimo-nos uma analogia entre o *Forró pela Rural* e os programas de auditório mantidos pelas grandes emissoras de Rio de Janeiro e São Paulo a partir da década de 1930 com a chamada “era do rádio”, ou “anos dourados” do rádio brasileiro. Nesse período histórico, “O rádio criou uma corte imaginária com Rainhas do Rádio e Reis da Voz, sempre guiados por súditos fiéis. O sucesso era tão grande que foram lançadas revistas especializadas.” (CALABRE, 2004, p. 40).

Na verdade, já no ano de 1960 quando começava a se intensificar a discussão em torno da instalação de uma emissora de rádio em Caicó, o padre Itan Pereira utilizando-se do órgão da imprensa escrita, o Jornal *A Folha*, escreve um artigo intitulado “A Rádio de Caicó” em que enuncia embrionária e genericamente as aspirações de uma programação diversificada, fazendo inclusive uso de auditório.

Temos de esclarecer ainda que a Rádio Rural funcionará no Prédio da Ação Católica, hoje com o nome de Departamento Diocesano. Naturalmente esse prédio se submeterá a uma adaptação adequada a uma Emissora, havendo mesmo o plano de instalação de um Andar superior que proporcione um palco Auditório conveniente, podendo até mais tarde servir também como sala de Cinema para casos esporádicos. [E acrescenta], a Rádio manterá programas de auditório, de músicas, de esporte, de noticiários, etc, etc, no mesmo ritmo de qualquer outra Emissora, submetendo-se naturalmente a uma seleção, a fim de que possa ser sintonizada por qualquer família que preze os bons princípios da ética social e Cristã. (PEREIRA, 1960, p. 1).

É certo que a reforma nos termos idealizados pelo articulista não se concretizou. Dispondo apenas de um módico estúdio, e uma sala adaptada para ser auditório, não possuindo, porém, orquestras, nem cantores; a Rádio Rural valendo-se da criatividade superou carências infra-estruturais. Através do *Forró pela Rural*, por exemplo, com duração de uma hora, levado ao ar aos sábados, logo após *Conversa com Monitores e Alunos*, foi capaz de revelar habilidades musicais e talentos de sanfoneiros e intérpretes da música regional sertaneja.

Forró pela Rural, à noitinha, nos sábados, que saltou na audiência no momento que passamos a receber a participação ao vivo dos próprios sanfoneiros, seus zabumbas, triângulos e pandeiros promovendo-se uma espécie de competição entre eles. [...] Promovíamos uma vez por mês, um encontro ao vivo entre eles, no programa. Era uma farra fenomenal. (ELIAS, 2003).

Teria sido o *Forró pela Rural*, conforme Azevedo (2007), concebido por Moacir Dantas. Já Francisco Elias (2003), um entre os inúmeros locutores que apresentaram essa programação, refere-se ao hábito de estimular uma saudável competição entre os sanfoneiros e seus grupos regionais. A cada programa um era convidado para abrilhantar a execução musical ao vivo, direto dos estúdios da Emissora. Nos sítios, a vizinhança marcava encontro, ligava o rádio e, aproveitando o som das sanfonas, durante uma hora de música regional também fazia o seu forró dançante, sua festa sertaneja.

Esclarece Salatiel da Costa, funcionário da Rádio entre os anos de 1970 a 1974, que os concursos reunindo os sanfoneiros que se apresentavam no *Forró pela Rural* foram realizados sucessivamente nesse intervalo, com uma edição anual, perfazendo um total de cinco, período em que tinha como apresentador João Batista Azevedo, o “Careca”.

O *Forró pela Rural* colado à cultura sertaneja, a sua interrupção por um breve tempo logo foi superada; voltou e continua sendo executado. “*Forró pela Rural!* Aos sábados. Excelente! Inclusive lá, vizinho ao meu sítio, tinha uma família inteira que ia se apresentar. Só nos sábados. Quer dizer, parece que ainda tem. Ele morreu um pouco e voltou.” (ALMEIDA, 2007).

Mesmo com transmissão ao vivo a partir dos estúdios da Emissora Rural, relata Rodrigues (2007), no que é referendado por Azevedo (2007), que a equipe de produção transportava-se ficticiamente para as comunidades rurais do município para promover o *Forró pela Rural* (Figura 08). Tal recurso criava uma interação entre os receptores e as comunidades que sentiam na presença da Rádio uma certa cumplicidade com o seu cotidiano, costumes, tradições e sua íntima cultura.



Figura 08 — Apresentação do *Forró pela Rural* no estúdio da Rádio. Grupo musical das comunidades “Quixabinha” e “Floresta” (1972)
 Fonte — Acervo LABORDOC / CERES Caicó / UFRN

Vê-se que a programação da Rádio Rural ia muito além de transmissões enclacradas em um estúdio. A interação com a comunidade, estimulando os folguedos e expressões da tradição cultural, criando laços, diálogos, trocas, trazendo inclusive as pessoas para as suas instalações físicas mostrou-se intensa. No período junino foi concebida e realizada a *Quadrilha da Rural*. De uma programação inicialmente pensada para confraternização dos seus funcionários e colaboradores, a *Quadrilha da Rural* ganhou proporções extrapolando a dimensão *interna corporis*. Afirma Salatiel da Costa que no ano de 1970, ao conversar no pátio da Rádio com a secretária Ozede Nóbrega, comentou que quando menino ali dançara uma quadrilha de São João (Figuras 09 e 10). Despertou tal lembrança entre ambos a idéia de realizar um evento dessa natureza. A idealização logo ganhou adesão de outros companheiros de Rádio como Batista Azevedo. Este, na condição de apresentador do *Forró pela Rural* ratificou a proposta se prontificando de imediato a conseguir o sanfoneiro animador, o que se repetiu no ano seguinte de 1971 (Figura 10).

Nós nos unimos e fizemos a primeira *Quadrilha da Rural*, só com a turma da Rádio. Uma comemoração que não aconteceu durante o mês de maio, no aniversário da Rádio. Nós fizemos, mas abrimos ao público. Isso foi no mês de junho de 1970. Eu disse a brincadeira e Ozede [Nóbrega] acatou como idéia. Então foi feito. Ela disse: — Salatiel, você vai ser o padre. Eu aceitei. Isso foi uma coisa muito boa porque nós começamos quase ao mesmo tempo a *Mais Bela Voz*. Já existia na Rádio Rural de Mossoró e de Natal e em 1969 foi dado o início, mas não tinha pegado muito não, mas em 1970, com essa movimentação que nós fizemos, por conta dessa festa, a *Quadrilha na Rural*, [a *Mais Bela Voz*

logrou êxito]. Já tinha os sanfoneiros, a turma, a sociedade tinha ido assistir; Caicó era muito pequena, então a sociedade jovem toda foi para a Rural. Isso foi uma festa tão grande, de graça, para o público, e para a gente não teve gasto. [...] A Quadrilha era transmitida ao vivo pela Rádio. Ao invés de ser a transmissão do *Forró pela Rural*, que Batista [Azevedo] fazia aos sábados, que ainda existe, então era transmitida a *Quadrilha* [junina]. Isso tomou uma proporção tão grande! (COSTA, S., 2007).



Figura 09 — Ozede Nóbrega e Salatiel da Costa, idealizadores de *A Quadrilha da Rural* (1971)
Fonte — Acervo de Salatiel da Costa

Vislumbra-se nessa ambiência que não simplesmente repetir o já dado, o já feito e sabido, mas criar partindo das condições materiais e intelectuais de que dispunha, inovar, ousar, tornou-se freqüente entre os que compunham a equipe da rádio Rural de Caicó. Criar e promover eventos em que a Rádio participava como suporte tornou-a mais dinâmica, mais comunicativa e mais interativa, intensificando o sentimento de pertença à comunidade. Tal proceder diferenciou-a, em certa medida, de suas co-irmãs. O envolvimento comunicativo, lembra Dewey (1979, p. 5), implica “[...] adquirir experiência mais ampla e mais variada.” Já para Certeau (1995), a inovação, a diversificação de comportamentos, de ideologias e mesmo de procedimentos dá consistência à pluralidade cultural e pode caracterizar uma sociedade ou instituição em sua singularidade.



Figura 10 – *Quadrilha da Rural*, em junho de 1971. Em primeiro plano Salatiel, vestido de batina preta no papel de padre. Preservação das raízes culturais sertanejas

Fonte – Acervo de Salatiel da Costa

A carência de amplas instalações que viabilizasse comportar grandes eventos, a ausência de orquestras e de cantores a si vinculados foi suprida pela criatividade, pela engenhosidade e pela ousadia de funcionários e colaboradores da Rádio. *A Mais Bela Voz* firmou-se como uma das transmissões que marcou época na história desse veículo comunicativo. Nas reminiscências de Costa S. (2007), a idéia de realizar *A Mais Bela Voz* teria surgido no ano de 1969 e envolveria as Rádios Rural de Natal, de Mossoró e de Caicó. A primeira tentativa não logrou êxito. A ausência de inscrições, no Seridó, inviabilizou o evento nesta Região. No ano seguinte, porém, *A Mais Bela Voz do Seridó* ao ganhar enfoque regional, constituiu-se experiência exitosa cultural e financeiramente para a Rádio Rural de Caicó.

Começou em 1969, mas não teve repercussão. Não apareceu candidatos, pois era para ter uma representação do Seridó para ir à ‘Mais Bela Voz’ em Mossoró. ‘A Mais Bela Voz’ só pegou em Caicó e na Rádio Rural de Mossoró. Foi uma coisa que motivou muito o Seridó. (COSTA, S., 2007).

Analogicamente, *A Mais Bela Voz* era um programa de auditório. A Rádio Rural de Caicó deslocava sua equipe de colaboradores até uma das cidades onde o evento agendado se realizaria. A divulgação prévia envolvendo dia, hora, local e animação musical da festa, bem assim onde os candidatos podiam efetivar suas inscrições ficava a cargo da Rádio.

No dia previsto para a escolha da “mais bela voz” havia uma pré-seleção entre os inscritos. Os candidatos se apresentavam numa espécie de ensaio geral; os que logravam

êxito perante a equipe promotora concorreriam no show principal aberto ao público e perante a comissão julgadora. Esta, sempre composta por avaliadores locais e por integrantes da equipe da Rádio, era incumbida de avaliar os intérpretes atribuindo-lhes notas que variavam entre 1 (um) e 5 (cinco), sendo admissível o intervalo fracionado em meio ponto. Voz, interpretação, ritmo e desembaraço eram requisitos a serem considerados pela comissão julgadora. O intérprete que obtinha maior nota era aclamado naquele ano “a mais bela voz” do seu município recebendo a faixa instituída pela comissão organizadora.

Findo o show com a eleição da “mais bela voz” local, o público retirava-se e, em seguida, acontecia o baile sob a responsabilidade da equipe promotora.

Houve festas muito grandes em Jucurutu, Acari, Currais Novos. Currais Novos teve um menino que foi a mais bela voz, depois ele foi para o Rio de Janeiro e gravou lá em virtude de ter sido revelado pela *Mais Bela Voz*. Ele era contínuo do Banco do Brasil. [...] *A Mais Bela Voz* em princípio era *A Mais Bela Voz do Seridó*, quando entrou na Paraíba, nas cidades da Paraíba, então passou a ser *A Mais Bela Voz do Sertão*. (COSTA, S., 2007).

A expressividade de seu sucesso motivou a Rádio a constituir duas equipes que, simultaneamente, faziam acontecer *A Mais Bela Voz* em localidades diversas. A inclusão de municípios do sertão paraibano como partícipes do evento revela, a um só tempo, a extensa área geográfica coberta por essa Emissora e a aceitação de sua proposta artístico-cultural.

[Foram incorporadas cidades como] Santa Luzia, Nova Palmeira, São Mamede, Brejo do Cruz e mais algumas que não estou recordando no momento. Sei que chegou até a seis cidades da Paraíba. Foi uma época em que se dividiu também a equipe da Rádio. No início era apenas uma equipe e era comandada por Moacir [Maurício Dantas], e depois foi dividida entre Moacir e Getúlio Costa. O apresentador [da *Mais Bela Voz*] na equipe que Moacir comandava era Dedé Germano. A que Getúlio comandava, ele mesmo era o apresentador. Eu fiquei mais ajudando a Getúlio. (COSTA, S., 2007).

Esclarece, porém, o próprio Getúlio Costa que os locutores pioneiros na apresentação de *A Mais Bela Voz* foram “Manoel Félix e João Batista.” Em seu primeiro ano, por sua abrangência, o evento fora batizado de “A Mais Bela Voz Potiguar” (COSTA, 2007), posto que envolvia as três Rádios: Natal, Mossoró e Caicó. No ano seguinte a Rádio Rural de Natal não mais participou. Mossoró e Caicó deram prosseguimento à revelação de talentos musicais. E, por fim, só Caicó permaneceu, inclusive ampliando a experiência e transformando-a em *A Mais Bela Voz do Sertão*.

Cresceu a empatia entre a Rádio Rural e os diversos municípios em que se realizava *A Mais Bela Voz* haja vista que, além do show desenvolvido ao vivo perante a comunidade local, este era ainda gravado para ser inserido na programação radiofônica e retransmitido na mesma semana para todo o sertão compreendendo cidade e campo. A audiência nos municípios sede do certame era total. Alguns encontraram em *A Mais Bela Voz do Sertão* a ambiência para desabrochar e revelar seus talentos artístico-musicais.

A Mais Bela Voz foi uma das melhores coisas para a Rádio. Por conta de *A Mais Bela Voz*, escolhendo candidatos, aquela cidade ficava escutando e o comércio queria ser assinante, a gente chamava assinante, da Rádio. Isso propagou muito a Rádio, foi muito bom. Foi a época que a Rádio teve melhor condições financeiras. Ela pagou as dívidas e comprou equipamentos nessa época. Embora tenha ficado com dívidas, pois a Rádio Rural nunca tirou todas as dívidas, sempre foi deficitária. [...] Culturalmente foi muito bom. Bom para a gente, pois a gente se desenvolveu para entrevistar, para ter contatos e foi muito bom para a sociedade, para as cidades porque era uma promoção. Aquele menino [refere-se ao candidato ou à candidata escolhido] ficava bem visto, pois, através da Rádio, tinha sido ‘a mais bela voz’ daquela cidade. [Dos que se destacaram] eu me lembro bem dessa pessoa de Currais Novos a que me referi. Ele gravou disco, um compacto, no Rio de Janeiro. Teve uma pessoa de Florânia, uma moça que também se destacou. Parelhas teve dois irmãos: Adonis e Carlinho, que é irmão dele e foi quem começou a cantar. Mas, mesmo assim, essa turma cantava em festas nas suas cidades. Dodora em Caicó [da banda Circuito Musical] também foi revelada, e um outro menino de Campo Redondo, Zé Válquer. (COSTA, S., 2007).

Um jovem, Adonis Antônio, da cidade de Parelhas, revelado pela *Mais Bela Voz* da Rádio Rural de Caicó ganharia destaque nacional e, além de cantar, viria a ser dono de bandas conhecidas e apreciadas no cenário musical, dentre elas: “Banda Feras”, “Mauricinhos do Forró” e “Cawboys Fora da Lei”. Para Costa, G. (2007), *A Mais Bela Voz* “[...] era um concurso de calouros que descobriu muitos valores artísticos: Dodora, Adonis, Fátima Morais, Carlos Alberto. Teve muita gente que entrou na *Mais Bela Voz*, foi ‘mais bela voz’ e continua ainda cantando.”

Finda a etapa em nível local esta era sucedida pela escolha da “mais bela voz regional” sendo que o intérprete aí escolhido disputava a etapa final inter-regional, na cidade de Mossoró, nos anos em que a Rádio Rural desta cidade permaneceu com o evento. A Rádio Rural de Caicó continuou revelando talentos artístico-musicais com *A Mais Bela Voz* por mais de uma década. Lembra Costa, S. (2007), que embora seu vínculo funcional com a Rádio tenha cessado em 1974, continuou ligado às programações de *A Mais Bela Voz* até o ano de 1980.

Ainda no afã de atingir todos os segmentos da sociedade seridoense, de contemplar as diversas faixas etárias, a Rádio Rural de Caicó contribuiria para que a juventude caicoense e do Seridó também se empolgassem com a rebeldia que perpassara a civilização ocidental na década de 1960. Marcelo Coelho (Figura 11), jovem funcionário do Banco do Brasil, com passagem pelo Rádio em Natal, encarregou-se de propagar, pela Emissora esse clima cultural na Caicó de então. Produziu ele e apresentou entre 1965 e 1968 um programa de pedidos musicais, *Quem Manda é a Juventude*, levado ao ar das 15 às 16 h. Relata seu apresentador a ousadia criativa de seu pioneirismo.

Circunstancialmente, tive o prazer de lançar em Caicó o primeiro LP de um conjunto até então desconhecido dos ouvintes locais. ‘Os Beatles’, em primeiríssima mão. Foi um sucesso estrondoso que muito ajudou meu programa a ganhar fama. [...] Ficava surpreso com a quantidade de moças (estudantes de colégios) que iam até o balcão da emissora solicitar músicas. (COELHO, [1998?], p. 16).

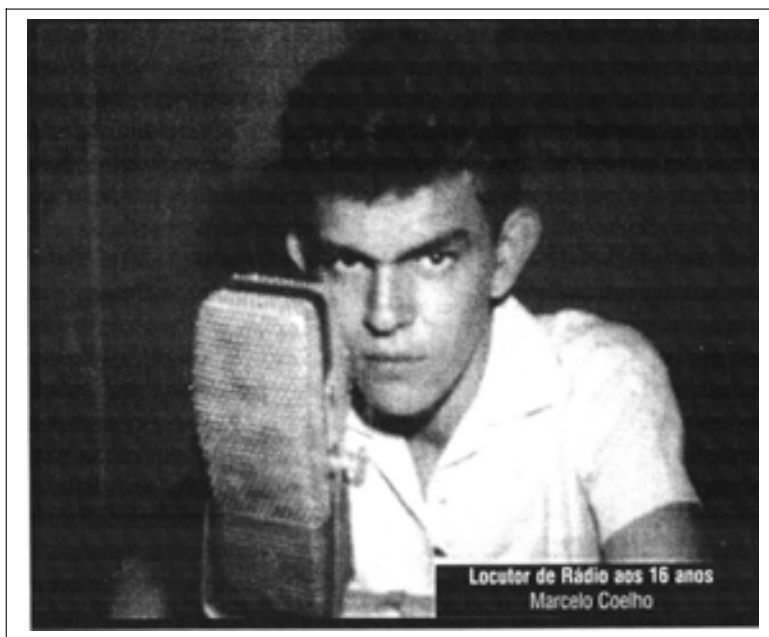


Figura 11 – Marcelo Coelho em estúdios radiofônicos [1965]
Fonte – Livro *Memórias de um forasteiro*, de Marcelo Coelho

Não se pode dizer que a juventude caicoense desconhecesse por completo essa banda inglesa, já que captavam emissoras de outras regiões do país. É incontestável, porém, que a veiculação de suas músicas pela Rádio local permitiu uma recepção massiva, repetitiva, surpreendente.

A Rádio Rural alteou-se veículo para a democratização da informação e para expressão da diversidade cultural em suas distintas concretudes. Mesmo católica, ela abriu

espaço para os Beatles, para a “cultura rebelde” dos anos 1960 e, seja pela natureza de seus programas regulares, seja pelas coberturas de eventos e acontecimentos, e ainda pelas personalidades que entrevistava, a Rádio Rural emerge como um *locus* propício ao ideal de formação humana plural e tolerante na sociedade seridoense. De qualquer modo, a educação integral propugnada por Maritain (1968), jamais pode negligenciar a dimensão espiritual, a filiação, a condição divina do Homem.

Voltado para o público mais jovem, levado ao ar até por volta do ano de 1968, *Quem Manda é a Juventude* foi um programa que, na opinião de alguns, revolucionou, pôs a juventude caicoense em efervescência, possibilitou a apreciação de novos ritmos, a exemplo da jovem guarda, dos Beatles, e nelas as suas imaginações voaram mais alto e mais longe, bem mais longe...

Marcelo Coelho em 1965. Foi um sucesso. Era demais. Muitas cartas. Era um delírio! [...] E da turma que patrocinava algumas coisas, [veio] a reação porque os Beatles... Não passava nem em televisão, mas sabiam que os Beatles eram cabeludos, que representavam a rebeldia em Liverpool, na Inglaterra e em todo o Reino Unido. E houve uma certa reação. Uma minoria. Gente até de vinte e poucos anos, mas não se enquadrava. E o pessoal antigo, aí foi um negócio tremendo. Marcelo foi o grande revolucionador. Mas ele botava também música popular brasileira. (RODRIGUES, 2007).

Infere-se que a Rádio Rural de Caicó, embora pertencente à Igreja Católica, firme na manutenção de uma linha comum cristã, não se esquivou de aproximar seus ouvintes das culturas plurais de então, não expulsou para a marginalidade a diferença, a diversidade, fator que “[...] sempre suscitou e fecundou até agora a vida cultural e biológica das sociedades humanas [...]” (CERTEAU, 1995, p. 201), diferenciando-as qualitativamente.

Tal abertura também provocou embates de diferentes atitudes comportamentais, novas visões cotidianas, condição indispensável numa sociedade que se pretende democrática. Pode-se mesmo afirmar que a Emissora não se furtou àquele diálogo com os valores da modernidade, enfaticamente propalado pelo Vaticano II, para quem a Igreja deve ter “[...] diante dos olhos todos os seres humanos, a família humana inteira, no universo em que vivem: esse mundo, teatro da história do gênero humano.” (GAUDIUM ET SPES, 1998, p. 471).

Encaminhando-se para o fim da década de 1970 detecta-se na programação da Rádio e do módulo em apreço emissões como *Distração Musical* e *Show da Manhã*. Este, sob a responsabilidade de Getúlio Costa, teria sucedido *Atrações da Rural* e constituía-se como programa de variedades voltado para um público mais eclético. *Distração Musical*

por sua vez, criado em 1976 e apresentado por Evaldo Nogueira. Fiel à nomenclatura, apresentava músicas que despontavam nas paradas de sucesso. Também atendia a sugestões musicais de ouvintes que escreviam.

Eu cheguei para fazer alguns noticiários, de hora em hora. Fazia de hora em hora, no antigo prédio da Rádio [na Rua Otávio Lamartine. Ela se mudou para a Praça Dom José Delgado, funcionando no prédio que outrora abrigou o Seminário Diocesano Santo Cura D'Arns]. Depois, com o decorrer do meu trabalho e até a própria evolução me convidaram para fazer um programa logo após *Violeiros do Seridó*, o tradicional *Violeiros*. Era o programa *Distração Musical*. Eram músicas comuns da época que a gente apresentava. [...] Depois vinha um companheiro meu que era Getúlio Costa, da época também. (NOGUEIRA, 2007).

Face também à sua grade de programação, teve essa Rádio, sem dúvida, uma intensa receptividade e aceitação ampla. Ao lado de tal assertiva, todavia, há que se evitar a interpretação ingênua e ufanista de que se tratava de uma unanimidade. Oposições, ainda que pontuais, foram sentidas, tanto pela linha mais progressista que a Emissora deu às suas transmissões, quanto pelo amplo espectro de sua programação, além da censura imposta pelo governo militar desde 1964.

Os testemunhos são recorrentes quanto à dificuldade de manter-se numa linha formativa que propugnava valores como autonomia, liberdade e democracia frente à constante vigilância e censura do regime de exceção capitaneado pelos militares coadjuvados pelo conservadorismo da direita civil política de então. Em dado período a programação antes de ser levada ao ar devia ser entregue previamente para o Departamento Nacional de Telecomunicações (DENTEL), órgão do governo federal, para ser examinada. A execução deveria seguir na íntegra o planejamento proposto.

Eu fiquei na Rádio num período que posso considerar marcante, até 1968. Nesse período eu fui repórter, depois assumi o Departamento de Rádio-jornalismo, e depois assumi também o Departamento Artístico. Era aquele que elaborava a programação. Foi um período também difícil porque naquela época até para você elaborar a programação, eu me lembro que a gente tinha que preparar todo um catatau de papel com a programação da Rádio na semana, com todas as músicas que iam ser tocadas e levava para Natal. Toda semana você ia com essa programação para a censura dizer qual a música que ia sair. Você imagine o quê era música para sete dias da semana! E você tinha que observar rigorosamente toda aquela programação e eu, como era diretor artístico, tinha que ver a questão da música, elaborar uma programação sofisticada em matéria de música e de outros programas para o bom gosto do ouvinte. A maior preocupação era com a censura. E era um gasto muito grande porque, além do gasto com o papel, me lembro muito bem que a direção da Rádio mandou elaborar umas listas bem grandes [formulários], e aquilo dava trabalho, tinha que mandar imprimir, e depois tinha que datilografar tudo aquilo e eu tinha a tarefa de toda semana ir a Natal. Ida

e volta. Esperava lá que o censor dissesse que estava aprovada a programação da Rádio. (PINHEIRO, 2007).

A intenção de também educar os sertanejos para o cultivo de “um bom gosto musical” inseria-se naquela destemida abertura de frentes por parte da Emissora Rural para o homem sertanejo, a que se referiu o padre Itan, em 1963, e que ultrapassava os parâmetros de uma educação rural. É certo que nos programas de pedidos musicais prevalecia a vontade do ouvinte. Noutras ocasiões, optando por músicas selecionadas e bem produzidas, a Rádio Rural ia criando nas pessoas o hábito refinado de apreciar a boa música e nesta deleitar-se.

Mesmo localizando-se na conjuntura política autoritária adversa o obstáculo mais evidente em dada época, a Rádio deparava-se ainda com limitações de ordem técnica e financeira. Sua potência era modesta, pois, atesta Dantas (2007) que desde sua instalação ela sempre operou com apenas 01 (um) kilowat. O vasto território geográfico coberto por suas ondas sonoras nas décadas de 1960 e 1970 deve ser creditando também à ausência de outras estações concorrentes nesse espaço.

Em pronunciamento comemorativo do primeiro aniversário da Rádio, o padre Itan Pereira atesta as ambivalências culturais enfrentadas.

Assumimos o compromisso de defender a democracia, porque ela é de essência evangélica. E regidos por estes destinos muitas vezes tivemos que divergir, fomos levados ao combate, usamos da agressividade, atacamos e estivemos na oposição. [...] Daí porque em várias ocasiões tivemos que desgostar. Outras vezes fomos obrigados a silenciar, a suportar e a sofrer. Aplaudidos aqui, caluniados acolá, combatidos e estimulados, ridicularizados e festejados aceitando as punhaladas da crítica e os louvores do dever cumprido. (LIVRO DE ATAS DA HISTÓRIA DA..., 1963, fl. 27).

Sejam quais forem os ideais formativos da Emissora de Educação Rural de Caicó, é fácil enxergar na doutrina social da Igreja Católica, nos princípios cristãos renovados, sobretudo, hauridos diretamente no evangelho, sua fonte de inspiração e de justificação da mudança do homem sertanejo, de sua inserção na cultura técnica, tecnológica e humanista impulsionados pelos princípios de democracia, de liberdade e de justiça social.

O cultivo de uma cultura com tais características integrava a índole e as aspirações cristãs do primeiro diretor da Rádio Rural. O testemunho do padre João Medeiros Filho, por gozar da convivência presbiteral fraterna com o padre Itan Pereira, perdurando mesmo depois que este se licenciou do ministério sacerdotal ordenado, no ano de 1967, reveste-se de credibilidade e de força esclarecedora.

Itan deixou uma marca bem grande na Rádio Rural. Ele tinha essa preocupação bem humanista porque era um adepto das idéias de Jacques Maritain, tanto é que a primeira filha de Itan, que eu batizei, chama-se Raíssa, em homenagem a Jacques Maritain e à sua esposa [Raíssa Maritain]. Então, ele tinha toda uma visão maritainiana da educação, do sacerdócio, da realidade existencial e numa palavra, da vida humana. Então, ele marcou. Os bons educadores puderam ver que o trabalho de Itan era um trabalho muito maritainiano. Claro que era um trabalho bem moderno, mas era marcadamente com essa linha que ele queria sempre, que frisava ser uma linha humanista e, por ser humanista, dizia ele, era cristã. (MEDEIROS FILHO, 2007).

Tais declarações corroboram o vigor das proposições do pensador francês Jacques Maritain, conforme anteriormente destacado, na renovação do pensamento educacional, cultural e religioso cristão, impulsionando e alimentando teoricamente a práxis de setores da Ação Católica, inclusive no Brasil. O humanismo integral por ele proposto também encontraria, em dada medida, acolhida entre os dirigentes da Rádio Rural de Caicó, especialmente na pessoa do padre Itan Pereira, abrindo espaço à inserção e à veiculação daqueles ideais cristãos renovados, particularmente de uma educação integral abrangendo “todo Homem e o Homem todo.” (MARITAIN, 1962). Anos mais tarde, Paulo VI inspirando-se neste bordão o alargaria ao analisar e propor um desenvolvimento dos povos mais justo e equânime. Dizia este Papa ser “[...] necessário promover um humanismo total.” E indagava: “Que vem ele a ser senão o desenvolvimento integral do homem todo e de todos os homens?” (PAULO VI, 1990, p. 35).

De todo modo, a programação referida é suficiente para atestar o empenho diário da Rádio Rural de Caicó, decidida a manter e propagar a cultura no sertão nordestino, em especial, aquela manifesta em produções musicais e poéticas, também como forma de tornar mais amena a vida de muitos sertanejos constituindo-se, não raro, sua única fonte de lazer e entretenimento. Semelhante agir coaduna-se com o espírito do *Inter mirifica* (2003, p 76 e 74) quando propõe que as transmissões sirvam ao “[...] divertimento honesto, proveito cultural e artístico, especialmente dos jovens, [e que] ofereçam um divertimento [...] capaz de contribuir para a elevação do espírito.” Comunga igualmente com o entendimento da Instrução Pastoral sobre os Meios de Comunicação ao afirmar: “[...] Nos tempos de hoje, graças aos meios de comunicação, as melhores manifestações artísticas estão à disposição, para descanso e prazer, de um número crescente de pessoas que deles têm necessidade no meio de sociedade tão complicada. (COMMUNIO ET PROGRESSIO..., 2003, p. 99).

A pluralidade de gêneros musicais que permeava a veiculação do entretenimento levado ao ar e difundido nas transmissões que compunham esse módulo da grade programática, idealizava a formação de homens, mulheres e jovens sertanejos de espírito democrático, sedento de justiça social, dotados de sensibilidade, de percepção refinada para cultivar e, na diversidade cultural, etária, musical e existencial aptos a identificar e identificar-se com sadias diversões musicais.

4.3 Módulo III – Programação Radiojornalística

Decidida a ilustrar, pela comunicação verbal, os sertanejos seridoenses tornando-os mais integrados aos contextos local, regional, nacional e internacional, a grade de programação da Rádio Rural de Caicó contempla a inserção do gênero jornalístico de formatos variados em suas transmissões diárias. Conforme leciona Barbosa Filho (2003, p. 89), esse gênero “É o instrumento de que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos.”

Na Rádio Rural de Caicó, programas como: *Jornal Falado Rural*, *Jornal de Integração Regional*, *A Rural Informa*, *A Voz do Brasil*, *Rádio Repórter*, *A Crônica do Dia*, *Matutina Esportiva* cumpriam a meta de fazer chegar aos ouvintes fatos jornalísticos precisos e indispensáveis, numa sociedade em que a interdependência entre as pessoas tornava-se crescente complexificando as teias das relações sociais. Uma civilização com tal complexidade, no entender da Igreja Católica, requer para seus integrantes “[...] o direito à informação a respeito de tudo o que afeta a condição humana, individual ou social, [...] uma comunicação [que seja] sempre verdadeira e íntegra, [...] honesta e conveniente, respeitando escrupulosamente as leis morais, o legítimo direito e a dignidade das pessoas, tanto na investigação como na divulgação.” (INTER MIRIFICA..., 2003, p. 72).

Os profissionais daquela Emissora de rádio, desde seus primórdios se esmeraram para transmitir ao público alvo fatos jornalísticos facilmente assimiláveis e úteis no preparo educativo de seus destinatários, como assim explicitado na edição comemorativa do segundo aniversário da Emissora e do *Jornal Falado Rural*, levada ao ar em 1º de maio de 1965.

Pensamos cada dia em aprimorar as nossas produções para que, com notícias recentes e acima de tudo numa linha compreensiva e educativa, possamos levar ao homem do campo e às demais classes sociais os fatos que ocorrem diariamente, nas mais diferentes partes do Universo. [...] Para servir a outrem nunca nos preocupamos com nossas próprias pessoas, porque a missão de quem informa, daquele que redige a notícia,

é fazer com que o ouvinte esteja sempre atualizado com os acontecimentos. [...] Continuaremos lutando contra a ignorância usando a arma mais fácil para combatê-la: a educação. A informação tem um sentido útil em nossos meios e com ela esclareceremos ao camponês, ao agricultor, ao operário, ao comerciante, ao médico, aos dirigentes de instituições e enfim a todas as camadas sociais. Um povo escolarizado, sempre é um povo educado. E o desenvolvimento social e cristão de uma região só é conseguido quando os seus habitantes reconhecem em si a responsabilidade que devem assumir. Educado e escolarizado verdadeiramente o povo, poderemos encontrar aí a nossa evolução, que somente será concretizada com o esforço conjunto de cada um de nós para com os outros. (GERÔNCIO; GURGEL; FLORENCIO, 1965, p. 2).

Revelam esses jovens talentos da comunicação midiática radiofônica seridoense que transmitir notícias era imperioso, mas igualmente desafiador era traduzi-las numa linha pedagógica compreensiva e educativa para seus destinatários dos sítios e da cidade. O trabalho transparente do radiojornalismo, a informação sem subterfúgios haveria de atingir a pluralidade dos segmentos sociais, do agricultor iletrado ao “doutor” de anel no dedo. A missão comunicativa e educativa da Rádio Rural não se sobreporia a uma sólida educação escolar. Ao contrário, cumprindo função ilustrativa afirma a escola como fator essencial à evolução do povo seridoense e de qualquer outro povo.

Distendendo suas ondas sonoras por sobre as paragens sertanejas citadinas e rurícolas aquela Rádio ofereceu aos seridoenses, homens, mulheres, jovens e meninos elementos de educação religiosa, cívica, moral, cultural e artística, até então pouco acessíveis. Desse modo, os ensinamentos transmitidos por suas ondas radiofônicas contribuíram, de certo modo, para oferecer condições educativas proximamente isonômicas, condição indispensável, no entender de Dewey (1979), à afirmação de uma sociedade verdadeiramente democrática. Democracia que na matriz teórica de Freire (2006, p. 104), ao lado da educação, fomentando uma ambiência dialógica se fundem “[...] ambas, precisamente, na crença no homem. Na crença que ele não só pode, mas deve discutir os seus problemas. Os problemas do seu país. Do seu Continente. Do mundo. Os problemas do seu trabalho. Os problemas da própria democracia.”

A primazia com que a Rádio Rural de Caicó divulgava as notícias e tratava a informação revela seu empenho na difusão de valores úteis à sociedade seridoense, tais como justiça, verdade e dignidade, também racionalmente discutidos e defendidos desde os filósofos gregos como Sócrates, Platão e Aristóteles. Faz-se oportuno lembrar que dentre os fins almejados pela Diocese de Caicó ao instalar sua Rádio está o da “[...] construção de

uma mentalidade nova, cristã e progressista na região seridoense [...]” (RELATÓRIO DAS ATIVIDADES..., 1963, p. 1).

Esse entendimento a posteriori foi percebido quando o nome *Jornal Falado Rural* escolhido pela equipe de radiojornalismo da Emissora Rural de Caicó para aquele que seria o “carro chefe” de sua programação noticiosa, não se coadunou com o próprio feitio. Nos termos de Jung (2004, p. 34), “O uso da expressão ‘jornal falado’ é mais do que um contraponto do rádio ao ‘jornal escrito’, é a própria contradição.” Tal expressão remete à idéia de ler no rádio as notícias do jornal escrito.

O rádio e o jornal, meios de comunicação de massa são, porém, dotados de dimensões bem diversas. A elaboração de uma notícia para o jornal escrito requer o emprego de estilo diferenciado da produzida para o rádio, razão pela qual, não lhe é recomendável a simples reprodução bruta de uma notícia elaborada para e inserida no jornal escrito. Tal procedimento, embora desaconselhado pelos estudiosos da comunicação radiofônica, foi comum e ainda é utilizado em certas emissoras de rádio que, nesse caso, adotam a denominação “jornal falado”.

Advirta-se, porém, que o título *Jornal Falado Rural* dado ao programa noticioso apresentado de segunda a sábado, inicialmente em duas edições, às 11h e 30 min e às 20h, respectivamente, não permite dizer que o principal informativo da Rádio Rural de Caicó se limitava a reproduzir no rádio os jornais escritos que circulavam na cidade. Outras estações radiofônicas regionais, porém, adotavam este procedimento. Recorda José Gerônimo, um outro pioneiro da Rádio, o esforço empreendido para superação dessa prática não compatível com um radiojornalismo sério. No nosso Departamento de Radiojornalismo,

A grande preocupação era melhorar o nível dos noticiários dentro de uma acirrada concorrência com a Rádio Currais Novos [à época Rádio Brejuí], a única existente na área [da região Seridó] quando a Rural de Caicó foi implantada. Diga-se de passagem que a linha do nosso noticiário era bem diferente: **notícias selecionadas, perdíamos tempo somente com fatos que interessavam ao povo de Caicó e do Seridó.** Eram notícias redigidas, produzidas com carinho. A nossa concorrente apresentava leituras dos jornais de Natal incluindo as sangrentas páginas policiais. Os jornais eram lidos de ‘cabo a rabo’ e sem serem citados pelo locutor Eliel Bezerra, que se dava também à ousadia de citar fontes de suas notícias como sendo de Agências Internacionais. (SANTOS, 1984, p. 75, grifo nosso).

As notícias previamente selecionadas em consonância com as necessidades educativas e comunicacionais da cidade e da região eram preparadas com esmero para

serem veiculadas em seu meio próprio, o rádio, muito embora, em dados momentos, a imprensa escrita servisse de apoio aos redatores da Rádio Rural de Caicó.

Conforme o fundador da Emissora, cumprindo esta os seus ditames educativos também pela transmissão das notícias tanto da Igreja, quanto do mundo, lançava mão às precárias fontes de então, dentre elas os jornais impressos. “Chegavam os jornais, o locutor preparava também notícias de fora. As notícias do mundo eram poucas, mas mesmo assim chegavam.” (ARAÚJO, DOM MANUEL..., 2003).

O depoimento do pioneiro do radiojornalismo na Rádio Rural de Caicó corrobora o de Dom Manuel Tavares:

[...] colhíamos notícias também dos jornais; me lembro que chegavam com um dia de atraso na cidade, mas que para a época era coisa novíssima. Pouca gente tinha informação, tinha o privilégio de ler o jornal, de ouvir as notícias de Natal e de outras emissoras. (CELESTINO, 2007).

Vê-se que os jovens estudantes talentosos por quem também fora criado e era mantido o Departamento de Radiojornalismo da Emissora se desdobravam em um trabalho heróico a fim de levar ao crescente universo de rádio-ouvintes rapidamente conquistado, notícias compatíveis com os propósitos formativos e educativos almejados pela Rádio, no tocante à inserção pedagógica do sertanejo em contato com o noticiário da Rádio Globo, da BBC de Londres, da Voz da América dos Estados Unidos e de muitas outras interplanetárias.

As transmissões que chegavam de fora nos levavam a um desdobramento, a um esforço muito grande para ouvir os noticiários e copiava as transmissões radialistas, noticiaristas... Lógico, transmitiam uma informação muito rápida e a gente teria que se desdobrar para pegar aquela informação radiofônica transmitida pelos noticiaristas da época: da Rádio Globo, da Rede Bandeirantes, da BBC de Londres, da Voz da América dos Estados Unidos, e assim começamos. Fizemos com muita dificuldade o radiojornalismo, para o meu orgulho, da Emissora Rural de Caicó. (CELESTINO, 2007).

Tem-se, portanto, que havia um trabalho intenso, criterioso, criativo, investigativo por parte dos redatores não só do *Jornal Falado Rural*, o qual perdurou, conforme atesta Damásio (2007), para além do ano de 1978, mas também de outras emissões noticiosas. Intentando produzir um jornalismo que também permitisse a reflexão, a formação de uma consciência capaz de interpretar a realidade com base na diversidade de informações gerais e específicas, a equipe de radiojornalismo passou a incluir notícias captadas “ao pé do

rádio” a partir de transmissões da Rádio Central de Moscou, Rádio Pequim e Rádio Havana.

[...] até mesmo para que um noticiário mais avançado pudesse passar na Rádio Rural eu copiava as notícias da ‘Voz da América’ e fazia questão de citar que era dela porque senão a censura não deixava passar. Mas aí eu colocava também notícia da ‘Rádio Central de Moscou’, algumas notícias internacionais, da ‘Rádio Pequim’, e por incrível, algumas notícias, mas essas aí eu não dizia que eram da ‘Rádio Cuba’ não, da ‘Rádio Havana’ de Cuba. Então, a gente fazia uma miscelânea e aí a gente tinha um noticiário internacional muito bom. (PINHEIRO, 2007).

Sintonizada no *Jornal Falado Rural* e em outras emissões informativas dessa Emissora, a população de Caicó, do Seridó e de outras partes do sertão nordestino rompia isolamentos e inseria-se no contexto da moderna cultura informacional captando relatos de acontecimentos, fatos e opiniões com ambiência nos vários continentes do globo terrestre. O trabalho dos “jornalistas” da Rádio Rural era árduo. “Eles ouviam. Você vê que era no rádio, era a fonte. Eles ouviam o rádio e selecionavam aquelas notícias que eram compatíveis [...]” (ALMEIDA, 2007).

O trabalho tornava-se ainda mais árduo quando consideradas as limitações infra-estruturais de operacionalização. Dadas as contingências espaciais do prédio onde a Rádio estava sediada, o Departamento de radiojornalismo teve como alternativa instalar-se numa das salas do Colégio Diocesano Seridoense, distando mais de um quilômetro dos estúdios da Emissora Rural. Lembra Salomão Pinheiro os percalços causados por tais circunstâncias.

Você sabe o que era você fazer o jornal lá numa sala do Colégio Diocesano [Seridoense]! Eu, Paulo Celestino, Zé Gerônimo, nós [ocupamos] lá uma salazinha, bem pequenininha; instalamos as máquinas de datilografia e tudo porque no prédio da [Rua] Otávio Lamartine [sede da Rádio] não tinha onde a gente trabalhar não. Aí nós ficávamos lá [no CDS]. Me lembro muito bem que padre Itan foi para a Itália e conseguiu, trouxe para nós um gravador; foi o primeiro gravador de Caicó; eu acho que ainda tem lá esse gravador velho. Para nós foi uma revolução porque a gente começou a gravar as notícias com o gravadorzinho de padre Itan, que ele trouxe para nós, e a gente botou tudo isso lá. [...] A redação era lá e aí a gente corria, eu saía para chegar a tempo [de entregar o script para apresentação do *Jornal Falado Rural*] lá na Rádio. Eu saía de pé descalço correndo no meio da rua com [a cópia] do *Jornal Falado* aqui na mão. [...] Mas foi essa coisa aí que a gente fez que foi uma beleza para nós; foi uma história extraordinária. (PINHEIRO, 2007).

O esforço criativo dos que compunham o Departamento de Rádiojornalismo da Emissora, visando também a superar as limitações infra-estruturais e garantir a presteza das informações na hora prevista, inclusive “correndo com a cópia do *Jornal Falado* na

mão”, era notável. Igual superação dava-se na busca de diversificação e pluralidade quanto às matérias jornalísticas, o que era em parte compatível com o entendimento manifesto em documentos da Igreja Católica, para quem, falar do direito das pessoas de serem bem informadas torna-se “[...] contraditório, [...] se não houver diversidade real das fontes de informação disponíveis.” (COMMUNIO ET PROGRESSIO..., 2003, p. 95). Conforme observa Puntel (2005, p. 125), desde o *Inter Mirifica*, “[...] o direito à informação foi visto pela Igreja não como um objeto de interesses comerciais, mas como um bem social.”

Em sendo um bem social e formativo, a “compatibilidade da notícia” referida por Alcimar de Almeida, ao que parece, e pela transitividade do substantivo, seria com a linha educativa da Rádio e da igreja diocesana, por ela responsável. Não se pode olvidar, todavia, que em grande parte a escolha de notícias se dava também em função da visão de mundo e da ideologia de seus redatores, alguns estudantes de esquerda.

Pelas minhas posições de esquerda eu sempre procurava botar alguma coisinha assim que fizesse o diferencial e refletisse. É por isso que eu acho que naquela época a Rádio foi se estruturando, criando credibilidade no movimento de trabalhadores, daqueles jovens estudantes, não só do Seridó, ao ponto que aquele cantor, Chico César [de Catolé do Rocha, na Paraíba], ele chegou a dizer que a Rádio Rural de Caicó foi a universidade dele, porque, na realidade, tudo o que nós fazíamos em matéria de jornalismo na Rádio Rural, e nos programas que a gente fazia, além dos noticiários, a gente começou cada vez mais a tomar posições que desagradavam os [conservadores] militares. (PINHEIRO, 2007).

Ser suporte, alicerce, esteio para tantos jovens foi uma função recorrente na história educativa dessa Rádio. Levar consigo para Moscou onde fora estudar Medicina, a formação recebida, as concepções e o modo de fazer rádio no semi-árido nordestino foi uma experiência ímpar para Salomão Gurgel Pinheiro. Estudante, na então União Soviética, ele criou e transmitiu um programa de rádio para os russos.

Na década de 1960, em Caicó, além de apresentar um programa — Vida Estudantil —, conjuntamente com outros militantes da União Estudantil Caicoense (UEC), ele integrou a equipe de radiojornalismo da Emissora Rural a partir de 1965, chegando depois ao cargo de diretor de programação.

[O trabalho na Rádio Rural de Caicó] foi uma beleza para nós; foi uma história extraordinária. É tanto que depois eu não tive dificuldades. Quando eu estava em Moscou montei um programa semanal, a partir de 1975 — eu passei treze anos em Moscou, cheguei [lá] em 1970 —, na Rádio Central de Moscou e procurei dar a mesma linha de conduta que eu dava aos programas da Rádio Rural [de Caicó] que eu fazia. (PINHEIRO, 2007).

A idéia de universidade do cantor Chico César remete à noção de pluralidade, de um conjunto diversificado de conhecimentos, de alargamento de fronteiras, enfim, de um ideal formativo abrangente, multifacetado, mas não sistemático como a educação escolar formal. Vê-se que a universalização das notícias jornalísticas, o afã de dotar seus ouvintes com uma programação educativa, de qualidade formativa, perpassava toda a grade programática da Emissora. O exercício informativo não se restringia ao radiojornalismo, se bem que neste dispunha de um *locus* privilegiado.

Inicialmente, com 15 minutos de duração e duas edições diárias, a receptividade do *Jornal Falado Rural* tornou-se tão expressiva que, depois de dois anos, a Rádio dobraria o tempo de sua transmissão. Dividido em três blocos, sendo a produção de cada um deles distribuída entre diferentes componentes da equipe de radiojornalismo, esse informativo veiculava sucessivamente as notícias internacionais, nacionais e, por último, regionais. Sua apresentação de forma alternada pelos locutores — Chico Elias e Manuel Félix foram os pioneiros — dava dinamicidade às transmissões tornando-as mais agradáveis pela polifonia de vozes. Alias, a pregnância com o regional, com o local trata-se de uma das dimensões diferenciadas da mídia radiofônica face a outros meios de comunicação de massa. Conforme Barbosa Filho (2003, p. 46), “O regionalismo é uma marca fundamental do rádio, pois oferece visibilidade às informações locais.” Serve ainda para estreitar os vínculos entre a Emissora e a população da cidade que a abriga passando a percebê-la como a sua Rádio. Por tal caráter preponderante ínsito a este achado tecnológico, McLuhan (2000, p. 334) cognominou o rádio como “tambor tribal”.

A profusão polifônica de depoimentos testemunha a receptividade, a audiência e a credibilidade de que desfrutava esse informativo radiofônico, nos limites territoriais cobertos pelas ondas sonoras da Rádio Rural de Caicó. Bem ainda o apego do sertanejo ao radinho de pilha.

Felizmente o rádiojornalismo foi, eu diria, [...] outra parte da grade da Emissora muito bem ouvida e era esperada. Nós chegamos a ter três edições do *Jornal Falado Rural* que era um verdadeiro ‘Jornal Nacional’; que era esperado como se espera hoje o ‘Jornal Nacional’ pela população, porque sabia que a gente procurava oferecer o melhor. Notícias quentes, notícias novas. (CELESTINO, 2007).

Na hora do *Jornal Falado Rural* de Caicó, quando dava doze horas, se você andasse nas ruas de Caicó você não precisava levar um radinho à pilha. Você só era ir, em qualquer rua, de uma a outra todo mundo estava com o rádio ligado e você ouvia na rua o *Jornal Falado Rural* e a mesma coisa [acontecia] com os outros programas [...]. (PINHEIRO, 2007).

Como um todo, a difusão de notícias imediatas, críveis, recentes e criteriosamente selecionadas para serem levadas até os ouvintes seria responsável pelo sucesso dos informativos em geral da Rádio Rural de Caicó, e do *Jornal Falado*, em particular. Semelhante procedimento teria emprestado a essa Emissora uma das principais referências por ela conquistada: a credibilidade. “O grande programa, o grande horário da Rádio foi o *Jornal Falado Rural*. A Rádio tinha uma penetração grande no interior da Paraíba. Ela era ouvida desde [a cidade de] Patos. Tinha muita credibilidade. [...] Era uma ‘obrigação’ ouvir o *Jornal Falado Rural*. (RODRIGUES, 2007).

Reitere-se que as posições políticas, as visões de mundo dos responsáveis pelos informativos da Rádio, certamente estavam latentes, fosse na escolha das notícias a serem transmitidas, na sua elaboração, fosse na impostação da voz que anunciava. Tinham eles, entretanto, honestidade intelectual suficiente e cuidavam para que tais condicionamentos não interferissem na veracidade dos conteúdos veiculados, quer políticos, econômicos ou educacionais.

Os integrantes do Departamento de Radiojornalismo da Rural de Caicó, assim procedendo, agiam por um entendimento expresso em alguns estudos sobre a comunicação radiofônica, segundo os quais, “O radiojornalismo registra, interpreta, seleciona e enfatiza os atos sociais, mas não pode cair na tentação de divinizar ou satanizar atores sociais em busca de audiência, sob pena de perda de credibilidade [...]” (BARBEIRO, 2004, p. 142). E mais, o próprio magistério católico é enfático e abrangente a respeito da precisão da informação veiculada:

O homem moderno precisa de informação completa, honesta e precisa. Em primeiro lugar para se situar nas contínuas vicissitudes do mundo em que vive. Em seguida, para poder adaptar-se às novas circunstâncias e condições que exigem da sua parte decisões convenientes. Só assim poderá ele desempenhar lugar ativo na sua comunidade, participando da vida econômica, política, social, cultural e religiosa. (COMMUNIO ET PROGRESSIO, 2003, p. 94).

Menos de um mês antes de ser a Emissora Rural oficialmente inaugurada, o Papa João XXIII abordando a abertura das transmissões defendia dentre outros direitos indispensáveis ao homem moderno, o da informação. Para o Sumo Pontífice, “Todo ser humano [...] tem direito também à informação verídica sobre os acontecimentos públicos.” (PACEM IN TERRIS, 2004, p. 11).

Por outro lado, a Igreja Católica lembra que o rádio, assim como outros meios de comunicação social, em si pouco valem. Não passam de instrumentos inertes. Para que as

tecnologias comunicacionais estimulem a comunhão e o progresso da convivência humana, seus fins mais nobres, dependem de acionamento pelo homem. Portanto, a operar tais instrumentos na transmissão de mensagens educativas “[...] estão homens reais, filhos do nosso tempo, [a serem antes sujeitos] de uma adequada formação humana.” (COMMUNIO ET PROGRESSIO..., 2003, p. 106).

A Rádio Rural de Caicó, pelo cultivo de uma comunicação informacional que perpassava toda a sua programação consubstanciada, sobretudo, no gênero radiojornalístico, pretendeu dotar os filhos e as filhas do Seridó de uma formação adequada às novas exigências educativas, democráticas, éticas e espirituais que progressivamente permeavam cidade e campo nesse rincão sertanejo. A informação fácil e abundante disponibilizada por esse veículo de comunicação social ajudou a potencializar na região do Seridó o cultivo de uma cultura radiofônica, que em grande parte foi um

[...] trabalho de formação [da] consciência. O seridoense é um homem muito esclarecido. A Rádio Rural teve um papel preponderante na formação da consciência, da formação crítica da sociedade através dos seus programas quer educativos, quer religiosos e na informação. Hoje, graças à Rádio Rural [de Caicó] criou-se uma mentalidade informativa. Não me cabe analisar a qualidade dessa informação, mas criou-se. É uma sociedade informada, mais do que outras regiões do Estado. (MEDEIROS FILHO, 2007).

O ideal formativo de Homem aqui referenciado, o estímulo a observar de modo criterioso, a questionar a multividência apresentada pela Rádio Rural de Caicó, insere essa mídia na tradição ocidental educativa moderna. Da informação dependeria o convencimento do indivíduo emancipado, do sujeito que conforme propusera Michel Montaigne (1980), seu conhecimento não mais provém do dogmático *magister dixit*, mas o adquire no exame crítico de suas aprendizagens intuitivas, indutivas e mesmo dedutivas.

Será também uma aprendizagem indispensável à edificação de uma sociedade democrática, nos termos em que mais tarde proporia Jonh Dewey. Para esse educador americano, “[...] uma sociedade que, não somente muda, mas que, também, para estimulá-la, faz da mudança um ideal, terá normas e métodos educativos diferentes dos de outra que aspire meramente à perpetuação de seus próprios costumes.” (DEWEY, 1979, p. 87).

Não se pode considerar que a mudança peremptória da sociedade seridoense fosse um fim em si para a Rádio Rural de Caicó. No entanto, sua grade programática estimulou, forneceu ensinamentos aos seridoenses para um entendimento mais ampliado da vida e de suas circunstâncias materiais, simbólicas e educativas. Não eram apenas as notícias, os relatos dos acontecimentos, mas também o seu comentário, a sua análise, o

estabelecimento de relações que compunham as crônicas, formato amplamente utilizado pela Emissora em *A Crônica do Dia*.

Nesse programa, os conteúdos das matérias transitavam nas fronteiras estreitas entre jornalismo, literatura e religiosidade. A redação do conteúdo aí veiculado quase sempre ficava a cargo de um dos componentes do clero diocesano, embora sua apresentação fosse confiada a um dos locutores da Rádio. Há, porém, registros que também leigos redigiam as crônicas. Um deles, José Lucas de Barros (2003), funcionário do Banco do Brasil em Caicó, colaborador da Rádio como tantos outros, esclarece: “Na fase mais efervescente do regime militar [...], nós, os cronistas pisávamos em ovos diante da rigorosa censura então reinante.” Portanto, a redação de *A Crônica do Dia*, não se restringia à competência dos ministros ordenados. Batista Filho (2003), também se refere à existência de uma equipe de produtores de crônicas na Rádio Rural de Caicó.

Inicialmente, porém, as crônicas ficaram sob a responsabilidade do padre Itan Pereira, seguido por padre Ausônio Tércio e, mais tarde quando, no ano 1965, retornou de seu Mestrado em Comunicação Social, cursado na Bélgica, por padre João Medeiros, dentre outros. Este, ao referir-se à *Crônica do Dia* com um certo orgulho, diz:

Fiz vários programas na Rádio, inclusive um muito polêmico que às vezes coçava a barriga dos militares da época. O locutor dessas crônicas era João Batista da Silva, hoje ele está em Recife. Era *A Crônica do Dia*. Que perdoe minha inmodéstia, era um dos programas mais ouvidos, porque eu comentava do ponto de vista educacional, comunicacional e também pastoral os grandes erros de Caicó. Tendo em vista [ser] a jogatina um dos grandes problemas desde o tempo de Dom Delgado até o dia de hoje, eu fiz uma crônica que intitulei ‘O capitão jogo’. Era uma alusão indireta, impessoal a um grande oficial do exército de Caicó que era viciado no jogo. Então, [por esta] e por outras crônicas minhas, eu fui chamado ao Batalhão [do Exército]. (MEDEIROS FILHO, 2007).

O relato desse presbítero é também atestado por Barros (2003), no entanto, não explicitara os detalhes fornecidos *a posteriori* pelo autor. “Certa vez, uma crônica mais ousada levou seu autor, o inteligentíssimo padre João Medeiros, a prestar esclarecimentos aos militares do Batalhão de Engenharia [...]” A aceitação e repercussão dessas crônicas são ainda corroboradas por Jurandi Cardoso de Medeiros, (2007): “[...] quando padre João Medeiros veio morar em Caicó, [...] ele andou fazendo umas crônicas até certo ponto audaciosas, mas muito interessantes sobre problemas do dia-a-dia de Caicó e esse programa tinha uma audiência grande.”

Perseguindo ainda seu ideal formativo-educativo, a Rádio ampliou sua programação radiojornalística com a inclusão de entrevistas com autoridades políticas,

civis, militares e religiosas, estimulando o debate e a circulação de idéias com colorações diversas. Só no seu primeiro ano no ar trouxe até seus estúdios políticos como Aluízio Alves, governador do Estado, Dinarte de Medeiros Mariz e monsenhor Walfredo Gurgel, ambos senadores da República pelo Rio Grande do Norte, além de José Josias Fernandes, prefeito de Caicó. Autoridades militares, religiosas e civis, dentre as quais o tenente coronel Hélio Ibiapina, o padre João Agripino Dantas e o doutor José Adelino de Medeiros Filho também ocuparam os microfones da Rádio Rural para veicular suas mensagens e opiniões de homens públicos cristãos. (LIVRO DE ATAS DA HISTÓRIA DA..., 1963).

Há inclusive comentários correntes que, quando da entrevista com Aluízio Alves, este há pouco fizera o Estado do Rio Grande do Norte adquirir um avião para auxiliar nos deslocamentos do governador. Na oportunidade que padre Itan Pereira o entrevistava pelos microfones da Emissora, questionou a pertinência daquela compra em face da acentuada situação de pobreza do Estado. O clima ficara tenso entre ambos, pois Aluízio teria contraposto a própria aquisição da Emissora Rural pela Diocese, ou ainda, de jipes para a locomoção de seus sacerdotes no desempenho pastoral, incluindo as “desobrigas”.

O relato historiográfico vale para ilustrar como a partir da instalação da Rádio Rural de Caicó esta estimulou e provocou o confronto de idéias diversas, a difusão de opiniões, a prestação de contas ao povo por autoridades que ocupavam postos e funções públicas proeminentes na região do Seridó e no próprio Estado. Daí apresentar-se como bastante verossímil a assertiva de Medeiros Filho (2007), para quem a Emissora Rural contribuiu para disseminar no Seridó uma “mentalidade informativa.”

Dilatando os tentáculos da notícia informativa, de hora em hora o *A Rural Informa* fazia inserir fatos recentes que além de cumprir o papel formativo-educativo, ainda mantinha o ouvinte com o rádio ligado na Emissora. O hábito de levar a cada início de hora as informações mais recentes a seus ouvintes situando-os também cronologicamente no espectro do dia, conforme atesta Nogueira (2007), no ano de 1978 ainda perdurava. A determinação da equipe de radiojornalismo da Emissora para captar e transmitir em primeira mão as notícias dos acontecimentos mais recentes tornou-se quase obstinação. Criou como que a figura do “colaborador de plantão”. A esse respeito esclarece um jornalista-locutor:

Eu também fazia apresentação dos correspondentes. De hora em hora tinha que estar na Emissora para apresentar aquele correspondente de notícia. Enfim, a gente procurava manter o pessoal informado até de acontecimento em nível nacional. Eu me lembro que Aroldo Gurgel

ficava na casa dele, pegava a Rádio Globo, corria lá, redigia a notícia para a gente dar bem rápido. (MILITÃO NETO, 2007).

A notícia-informação permeando toda a grade da Rádio também chegava ao mundo dos esportes, campo em que se mistura ao lazer e ao entretenimento. A equipe de esportes da Rádio não apenas veiculava programas diários como *Matutina Esportiva*, mas, ousadamente, desde cedo, aventurou-se na transmissão ao vivo de eventos esportivos, sobretudo partidas de futebol. Conforme relata Paulo Celestino a cobertura esportiva era também conexas ao radiojornalismo. Dentre os integrantes da equipe esportiva estava Aldemar de Almeida (irmão de Alcimar de Almeida), seu irmão Pedro Celestino (hoje falecido), e que ainda ocupou a função de diretor comercial da Rádio

A programação esportiva da Emissora Rural era muito rica, era ouvidíssima. E fazia também, heroicamente, as transmissões radiofônicas, as coberturas dos jogos no antigo [estádio] Walfredo Gurgel. Para fazer essas transmissões só Deus sabe como eram as gambiarras que o diretor técnico Moacir [Maurício Dantas] fazia. Transmissão direta, ao vivo, ‘a cores’. Foi outro trabalho fabuloso da Emissora Rural nos anos sessenta com o seu Departamento de Esportes e sua programação esportiva. (CELESTINO, 2007).

Há que, de fato, se destacar a ousadia e o heroísmo desses estudantes talentosos, desbravadores da Rádio, manifesta ainda em outros setores da programação. Criada no alvorecer da Emissora de Educação Rural de Caicó, a equipe esportiva teria transmitido ao vivo, no dia 07 de setembro de 1963, a primeira partida de futebol, conforme relato de Orlando Rodrigues. Na oportunidade, Josimar “Lagatão” desempenhara o papel de narrador esportivo; ele próprio, o de comentarista; e Aroldo Gurgel, o plantão. Acrescenta “Caboré” que esse plantão esportivo “[...] dava resultado até de voleibol, de partida na China. Foi o plantão mais perfeito.” (RODRIGUES, 2007).

Praticamente sem recursos técnicos adequados, aqueles jovens estudantes — o mais velho tinha 20 anos — se lançavam à aventura de transmissões diretas de eventos futebolísticos como parte da grade programática. Bem mais, de fazer uso correto da linguagem escrita e da oralidade lingüística segundo regras dos meios de comunicação falados.

O departamento esportivo fazia cobertura fora, nas cidades vizinhas e participava diretamente dos programas radiofônicos. Eu também integrava a equipe. [...] Redigia para os jornais falados, redigia para o esporte, porque o rádio que divulgava as notícias para os jornais-falados era o mesmo que divulgava o esporte. (CELESTINO, 2007).

O trabalho da equipe esportiva não se limitou às transmissões de eventos. O apreciador de esportes tinha em *Matutina Esportiva*, inicialmente levado ao ar pela manhã, o espaço para conhecer o resultado de eventos esportivos, especialmente das partidas futebolísticas. O exíguo tempo de cinco minutos para veiculação do noticiário esportivo, logo foi ampliado para meia hora e remanejado seu horário de transmissão situando-o logo após a edição do *Jornal Falado Rural*. *Personas* estudantis como Jaime Quirino, Dedé Germano e Fernando Vale também incrementaram o noticiário esportivo da Rádio no período em que se circunscreve a presente investigação.

Assim procedendo, quer pelas transmissões de eventos, quer a partir dos programas de estúdios, a equipe esportiva também compartilhava, como de resto quase todos os que integravam a Rádio Rural de Caicó, daquela “[...] coragem de aprender-fazendo,” na feliz expressão de Francisco Elias (2003), em Dewey assim explicitada:

Todas as pessoas [...] se interessam pelo que podem fazer com êxito, pelo que buscam confiadamente, e por tudo aquilo em que se empenhem com um sentimento de capacidade e eficiência. Esse interesse que as torna felizes não é estreito ou egoísta; é o sinal de que se estão desenvolvendo e deixando absorver pelo que fazem. (DEWEY, 1978, p. 81-82).

Esclareça-se, porém, que o fazer-radiofônico pedagogicamente envolvente das transmissões ao vivo não se limitaram às partidas futebolísticas importantes que, aliás, ainda eram raras. Tornou-se um hábito da Rádio Rural fazer a cobertura direta de eventos e de destacados acontecimentos da sociedade caicoense. Tal ousadia teve início, antes mesmo de a Rádio ser oficialmente inaugurada, quando ocorreu um acidente aéreo no açude Itans que abastece a cidade de Caicó.

Relata Alcimar de Almeida (2007) que se tratava de um pequeno avião pilotado pelo capitão Gurgel, integrante do Batalhão de Engenharia de Construção em Caicó. O avião sobrevoava o açude que transbordava, enquanto seus ocupantes contemplavam o espetáculo das águas que naquele ano caíra abundantemente sobre o sertão fazendo “sangrar” o Itans. Numa manobra infeliz o espelho d’água foi tocado por uma das asas da aeronave que submergiu. O piloto, sua esposa e uma filha com a ajuda de pescadores conseguiram sobreviver. Morreram uma sobrinha do capitão Gurgel e uma agregada da família. A Rádio entrou no ar para manter os caicoenses informados acerca do fato, para hipotecar solidariedade à família e solicitar da população caicoense o auxílio urgente que as circunstâncias requeriam.

Cobrir esse grave acidente foi para Dantas (2007), na qualidade de integrante da equipe técnica da Rádio, seu primeiro grande teste. “A gente, no meio do mato, conectou os equipamentos para transmissão nos fios da linha telefônica procedente de São João do Sabugi e fez reportagem ao vivo do local do acidente.” Nesse ímpeto de dar visibilidade à vida sócio-cultural da cidade e da Região, a Emissora de Caicó,

[...] fez reportagens de acontecimentos sociais como: cobertura da parada de 7 de Setembro (Caicó); cobertura da inauguração do Banco do Povo de Caicó; cobertura da sessão solene de homenagem ao decênio sacerdotal de Pe. Ônio Amorim; cobertura da missa solene de Santa Teresinha, padroeira do Colégio Santa Teresinha; cobertura das exéquias de Mons. Paulo Herôncio, em cadeia com a [Rádio] Brejuí de Currais Novos; cobertura da diplomação de várias turmas concluintes da cidade de Caicó; Hora de Arte do Colégio Santa Teresinha; Missas de Natal e Ano Novo. (LIVRO DE ATAS DA HISTÓRIA DA..., 1963, fl. 12).

Subjaz ao contexto investigado o teor pedagógico da Emissora Rural de Caicó, um ideal educativo de homem e de mulher sertanejos. De pronto, a Rádio com incipiente capacidade midiática técnica e tecnológica, mas com peculiar pujança cobria não somente cerimônias religiosas, eventos cívicos, econômicos, artísticos, recreativos e culturais, mas também acidentes fatais como esse nas águas profundas do Açude Itans de Caicó.

No seu engenho católico e educativo se alia com a Instrução Pastoral dos meios de comunicação, seguindo o espírito consentâneo com o Vaticano II para quem,

A própria sociedade, para que em todas as suas dimensões seja convenientemente organizada, necessita de [...] acesso ao conhecimento da realidade e de cidadãos bem informados. Assim, o direito à informação não é somente prerrogativa do indivíduo, mas é exigido para o próprio bem comum. (COMMUNIO ET PROGRESSIO..., 2003, p. 95).

Foi assim que a Rádio Rural de Caicó para manter-se fiel a seus propósitos ideados pelas Encíclicas papais, fez da informação, na medida do possível dialógica, um instrumento educativo privilegiado disseminando por todo o sertão do Seridó norte-riograndense, e para além dos limites deste, uma cultura comunicacional moderna, porque integrativa e estimuladora dos laços comunitários e, com eles, vivências imanentes da cultura tecnológica.

Aliás, não se pode negligenciar o inestimável serviço prestado pela Emissora por meio dos avisos, da informação personalizada, específica e direta, constituindo-a, conforme lembra Bezerra (2003), em “[...] uma espécie de correio eletrônico.” Aviso de falecimento, convite de missa, de eventos festivos, apelos aos doadores de sangue, chamados urgentes a pessoas para comparecerem a órgãos públicos, dentre outros,

configurou-se relevante prestação de serviço à população seridoense. Num sertão de condições geofísicas peculiares e adversas que, nas décadas de 1960 e de 1970 dispunha de precária malha rodoviária, com pouquíssimas estradas asfaltadas, além das grandes distâncias entre algumas cidades e comunidades, rapidamente as ondas da Rádio Rural cortavam os espaços, transpunham cordilheiras e serras transmitindo fatos, notícias e, tantas vezes, avisos que requeriam urgência de assimilação e de respostas objetivas.

Formando pela cultura midiática radiofônica sertanejos esclarecidos, antenados pelo acesso rápido a informações nos níveis mundial, nacional e regional, colocando-os em contato com noticiários que fugindo à mera descritividade também oportunizasse reflexão e análise foi objetivo exaustivamente intentado pelo formato jornalístico cultivado nessa Emissora. Primando pela seriedade, honestidade e veracidade das informações veiculadas, a Rádio Rural de Caicó também buscou incutir em seus ouvintes tais valores humanos e cristãos preparando-os para vivência na sociedade que, sem abdicar da fé, também fosse, conforme propunha Jacques Maritain, plural e democrática. Por tal balizamento a Rádio conquistou, no período investigado, um sólido e imaterial patrimônio: a credibilidade.

4.4 Módulo IV – Cultura sertaneja de raiz

Compondo esse módulo da grade programática tem-se *Sertão Bravio*, *Violeiros do Seridó*, *O Caminho Certo* [programa da ANCAR], *Em Marcha para o Campo*, *Aquarela Nordestina*, *Paisagens do Sertão*, *Folclore Nordestino*, que mesclavam entretenimento e formação técnica, tendo nas manifestações da cultura regional o seu arcabouço.

A Rádio de Caicó, em face de sua auto-destinação como educadora de cunho humanístico, bem como seu proceder educativo informal oportunizando aos seridoenses entrar em contato com novas vivências sociais, culturais, religiosas e artísticas, com acontecimentos recentes da realidade longínqua ou próxima, com a música clássica ou de raiz, enfim, com novos modos de ser e de comportar-se é compatível à noção de ação cultural presente em Certeau (1995). Para este autor, somente quando ultrapassamos a visão estreita da unicidade cultural podemos nos abrir à vitalidade de novas expressões que, embora assistemáticas e, até por tais razões, portam um conteúdo emancipador dos indivíduos e abre novos horizontes de sociabilidades.

Detentora de uma grade programática “[...] muito eclética, sadia, e diversificada [...]” (MILITÃO NETO, 2007), a Rádio Rural de Caicó esforçando-se por atender até mesmo a interesses contraditórios entre direção e corpo técnico, bem assim entre faixas

diversas do público ouvinte introduziu, irreversivelmente, Caicó e o Seridó na era da cultura comunicativa tecnológica, sem abrir mão da cultura de raiz. Desse modo, a um só tempo, concomitantemente à introdução de diversidades culturais, da cultura sertaneja, a simultaneidade desses fatos abriu aos seridoenses novas possibilidades educacionais-formativas fortalecendo as raízes da cultura regional.

A cultura sertaneja e religiosidade implícita eram dois focos transversais na programação da Rádio Rural de Caicó. Uma prece, diariamente levada ao ar, desde que a Rádio foi inaugurada, abre a programação da Emissora. Em prelúdio a voz serena do locutor faz-se convite à adoração, à louvação, à gratuidade e à súplica reconhecendo as grandezas do Criador:

Meu dia em vossas mãos, Senhor. Sentindo-me grande, descubro a vossa grandeza. Adoro-vos. Sentindo-me bom, encontro vossa bondade. Agradeço-vos. Sentindo-me capaz, diviso vosso domínio. Peça-vos. Sentindo-me justo, reconheço vossa santidade. Perdão, Senhor. Ensinaime a ver nos outros o quê sinto em mim e encontro em vós. (BATISTA FILHO; ELIAS, 2003).

Num incentivo ao despertar, o fundo musical acelera no ritmo da sanfona e à prece, compondo com esta uma unidade, segue-se uma saudação ao ouvinte. Assume ela o formato poético passando a valer-se do linguajar regional identificado pelos seridoenses como o “falar matuto”. Gravada na voz de Batista Filho e de Francisco Elias, a *Abertura* cotidiana da Rádio, esquivando-se ao tom professoral, lançando mão da oração e da poesia melodiosa chamava e estimulava todos a ouvi-la.

Bom dia, esse menino! / Oi nois de novo no ar. / Tamo aqui cheio de fé / E vontade de trabaiá. / [...] Pois hoje vamo dizer / Em nossa programação / Tudo o que for bom saber / Pra sua apreciação. / Durante todo esse dia / Estaremos do seu lado / E pra tudo ficar sabendo / Deixe o radinho ligado! / [...] Sertanejo, eu te saúdo / Com toda satisfação / Porque com tua semente / Tu plantas essa nação. / E a Emissora Rural / Faz questão de dizer isso. / [...] Nós vamos te informar / Tudo que acontecer / Pra tudo ficar sabendo / Até mesmo como ler. / [...] Eita radiozinha boa / Pra quem quer se divertir / Ficar sabendo das coisas / E as mensagens transmitir. Começamos e tá começado / Agora é tocar pra frente / Que esse dia traga a paz / E alegria a toda gente! (BATISTA FILHO; ELIAS 2003).

Utilizar-se do recurso poético emprestando-lhe uma expressividade artístico-sertaneja tornou a abertura diária da programação radiofônica dessa Emissora bastante apreciada e até aguardada. A partir de 1966, às 5 h da manhã, o homem do sítio no seu cedo despertar, criou o hábito de girar o botão do seu aparelho receptor iniciando a lida cotidiana na companhia inseparável da Rádio Rural de Caicó. À noite, encerrando as suas

transmissões a Rádio adota formato idêntico ao da *Abertura*: uma prece de agradecimento seqüenciada por um poema, numa simbiose do erudito e do popular.

Meu repouso em vossas mãos, Senhor. Estou cansado. Colaborei convosco na construção do mundo. Só vale aquilo que custa esforço. Desgastei-me. Dei-me muito. Vós estais contente comigo. Estou tranqüilo. O bem que pratiquei custou o meu suor. Fui útil àqueles que esperavam de mim. Felicito-me a mim mesmo. Estou pesaroso. Houve lacunas; houve omissões; houve recusas; reconheço-as; angustio-me; repará-las-ei. Um pouco de paciência, Senhor. (BATISTA FILHO; ELIAS, 2003).

Assim como principiara seus trabalhos pelo reconhecimento da transcendência divina, nela encontra seu termo. Uma proclamação das insígnias virtudes humanas e cristãs desfila pelos receptores sintonizados sertão a fora. O evitamento de vozes verbais imperativas, as sentenças curtas, rápidas e inteligíveis tornam a mensagem agradável, receptiva e coerente com as exigências da técnica radiofônica. Diferentemente do alvorecer, porém, o repouso noturno requer um fundo musical suave, relaxante. Uma valsa acompanha a mensagem derradeira da extensa programação que se finda. Faz-se ela ouvir executada pelos acordes sonoros de um plangente violão. Os que se mantiveram despertos são brindados.

Boa noite, gente boa! / Ó distinto, que horas tem? / Danou-se que já é tarde! / Conversa vai, conversa vem, / o radiozinho ligado / e a gente vai se esquecendo / que o tempo corre calado. / Mas também, quem é que pode / trabalhar sem diversão? / Durante o dia o trabalho, / de noite a consolação. / Nos programas da Emissora / a gente se reanima, / sai com sede boa música, / e tem cabra bom na rima. / Por isso a gente se junta / de noite pra escutar, / uma lorota daqui, / um cafezin dacolá, / e oi as horas passando / sem ninguém observar. / Sai um samba vem um xote, / pra todos nós alegrar. / E ficamos lembrando / das coisas que a gente ama. / Tem tudo pra se lembrar, / até festa de Sant'Ana. / Maria 'pega traíra', / Zé do Ó também cochila, / e o radiozinho ligado, / fiel que só cão de fila. / Êpa, o sono tá chegando! / Menino, desligue o rádio! / Tá vendo? / Ninguém nem liga! / Home, mais será possível / que aqui ninguém me escuta? / Mas não é que tão dormindo! / Dorme Antonho, que amanhã tem luta. / E pra entrar neste assunto, / agora deixe eu falar. / Dormindo, quase acordando, / não dormindo pra pensar. / Já penso num cabra forte / lutando sem se queixar. / Homem que num teme a morte, / pois tem Deus pra lhe esperar. / O irmão, que já cansado / procura seu aconchego, / pra recompensa do corpo / hoje foi dormir mais cedo. / É pra você meu irmão / o nosso agradecimento, / pela atenção que nos dá / com todo o contentamento. / Você que esteve ligado / pra nós um grande momento, / fica aqui patenteado / o nosso agradecimento. / Amanhã nós voltaremos / com outra programação, / na Emissora Rural / a sua nova emoção. / Violãozinho bom danado / adormece até o dono. / Gente, sabe de uma coisa? / Vou já dormir, / tô com um sono!!! (BATISTA FILHO; ELIAS, 2003).

Os locutores despedem-se prometendo retornar no dia seguinte. Trabalho, diversão, companheirismo, prosa, reminiscências das festas religiosas e da cultura sertaneja constituem síntese sob o testemunho da fé em Deus e em Sant’Ana. Ouvir o radinho de pilha até o adormecer, com o dial fixo na Rádio Rural de Caicó, incorporara-se aos costumes e tornara-se novos hábitos dos sertanejos seridoenses.

Cumprindo o prometido, expressando a fibra, a coragem e as convicções do homem e da mulher seridoenses, e exaltando a sua persistência, nas primeiras horas da manhã, a Rádio Rural fazia ecoar sua voz nos sítios, fazendas, vilarejos e cidades. O *Sertão Bravio*, inicialmente na voz de José Evilásio de Souza, depois Yure, Batista Filho e outros abria as portas da programação radiofônica. *Sertão Bravio* era poesia, “[...] declamação de poesia com um fundo musical adequado [...] e aquela entonação do locutor, bem matuta, bem regional e cheia de emoção, porque a gente tinha que passar aquela emoção.” (MILITÃO NETO, 2007). Diga-se que a empatia que a Rádio, por seus locutores, buscava estabelecer com o público ouvinte, além da poesia, também tinha vez nessa emissão radiofônica a música regional.

Violeiros do Seridó nasceu junto com a Rádio Rural, ergueu-se entre todos por seu entretenimento e pelo cultivo de um gênero tipicamente sertanejo no rádio seridoense. Expressão da cultura local, dirigido particularmente ao homem rural, ninguém o esquece quando se refere aos principais programas da Rádio Rural de Caicó. Todos a ele se referem. Por isto tudo,

O programa *Violeiros do Seridó* era um programa [com o qual] a Rádio obtinha faturamento porque vinha muito aviso para a zona rural feito através [desse] programa. O cara quando mandava o aviso já dizia que queria [que fosse divulgado] no programa *Violeiros do Seridó*. Além disso, o programa *Violeiros do Seridó* tinha patrocínios. Então, esse era um programa muito importante. (ALMEIDA, 2007).

O violeiro Francisco Fernandes da Mota, conhecido pela alcunha “Chico Mota”, morando na cidade de São Bento (PB) e, de passagem por Caicó, enxergou como elemento novo da paisagem uma enorme antena. Sabendo que em breve entraria no ar a Emissora da diocese, tomou a iniciativa em companhia do também cantador da viola Chagas Aureliano, de falar com “os padres” sobre seus propósitos. Recebidos por padre Itan Pereira e por padre Ausônio Tércio, assim se apresentaram:

Nós somos violeiros, estamos recentemente chegados do Ceará onde estávamos cantando, substituindo outra dupla em Limoeiro do Norte e nós estamos para saber se a gente pode fundar um programa aqui, já que

é muito usual hoje as rádios terem um programa de violeiros. (MOTA, 2007).

Em face da preservação da cultura regional nordestina, a inserção desse programa na futura Emissora Rural teria sido de pronto reconhecida pelo padre Itan Pereira e referendada pelo padre Tércio. Antes, porém, de confirmar a cessão de *Violeiros do Seridó* o primeiro presbítero teria se certificado dos proponentes sua opção religiosa. “Brevemente a Rádio vai entrar no ar. Vocês são católicos? — Somos sim, senhor! Então, anotaram nosso nome e a dupla já ficou certa de vir cantar na Rádio.” (MOTA, 2007).

A indagação sobre o credo religioso daqueles que levariam suas mensagens poéticas pelos microfones da Rádio, indica a clara consciência do clero diocesano que aquela estação radiofônica tratava-se de uma obrada da diocese e, nessa condição, deveria manter-se fiel aos princípios educativos e formativos da Igreja Católica.

Tendo sido avisado dois dias antes que a Rádio seria inaugurada em 1º de maio daquele ano de 1963, como o outro companheiro estava viajando, Chico Mota nela se apresentou em companhia de Zé Soares e, posteriormente, ao lado de outros artistas da viola. Desde 1964, porém, estabeleceu-se uma sólida parceria com Cícero Nascimento e o *Luar do Sertão*.

Quando eu comecei, eu criei logo *Luar do Sertão* [como característica, fundo musical do programa]. E até hoje está do mesmo jeito. Não mudou nada. Nem a dupla [desde 1964] e nem a característica. E tem muita audiência. [...] É o mais velho programa de viola do mundo. Vai completar agora em primeiro de maio 44 anos. Foi fundado por mim e assinada por mim toda a documentação. (MOTA, 2007).

Luar do Sertão, referida pelo poeta popular e por ele escolhida como característica para o seu programa, expressa a fértil inspiração de seu autor, o Catulo da Paixão Cearense. Bucolismo, transfiguração da natureza e exaltação da vida campesina foram sentimentos a encontrar na melodiosa voz de Vicente Celestino uma execução harmônica a emoldurar, no âmbito da cultura sertaneja de raiz, repentes, improvisos e canções que passaram a desfilar em *Violeiros do Seridó*.

Ah que saudade / do luar da minha terra / lá na serra branquejando /
folhas secas pelo chão. / Este luar cá da cidade tão escuro / não tem
aquela saudade / Do luar lá do sertão. / Não há ó gente, ó não / luar como
este do sertão. / A gente fria / dessa terra sem poesia / não se importa com
esta lua / nem faz caso do luar. / [...] Ai quem me dera / que eu morresse
lá na serra / abraçado à minha terra / e dormindo de uma vez. / Ser
enterrado numa grotta pequenina / onde à tarde a surubina / chora a sua
viuvez. / Não há ó gente, ó não / luar como este do sertão. (CELESTINO,
V., 2007).

No aniversário dos 40 anos da Rádio Rural, a dupla de violeiros, composta pelo fundador Chico Mota e seu parceiro Nascimento (Figura 12), que a integraria logo depois, rememorando com suas afinadas e agudas violas os principais programas dessa Emissora, aí inclui suas próprias criações em sextilhas.

A Rádio que se conhece / pela longa permanência / contando com locutores / de larga experiência / em toda região / grande líder em audiência. / [...] Gerou no plano fecundo / o seu programa primeiro / trouxe as origens da arte / do cantador violeiro / mostrando as nossas raízes / do Nordeste brasileiro. (MOTA; NASCIMENTO, 2003).



Figura 12 — Chico Mota (1º à esquerda) com o parceiro histórico Cícero Nascimento, se apresenta nos estúdios da Rádio Rural de Caicó [2003]. [No centro o radialista Djalma Mota, filho daquele poeta popular]
Fonte — Acervo de Armando Azevedo

Preservando as raízes da cultura nordestina, *Violeiros do Seridó* teve grande receptividade e fomentou empatia com os milhares de fiéis ouvintes. Nos mais de 40 anos de sua existência mudou poucas vezes de horário, mas foi sempre apresentado pela manhã, no mais tardar às 8 hora. “*Violeiros do Seridó* era uma coisa impressionante. Era uma audiência generalizada, essa voz de Chico Mota e Cícero Nascimento que ainda até hoje ressoam por aí a fora, foi um programa líder em audiência na Rádio.” (PINHEIRO, 2007).

As raízes sertanejas cantadas e decantadas por *Violeiros do Seridó* também foram contempladas por outras emissões a exemplo de *Aquarela Nordestina*, *Paisagens do Sertão*, *Folclore Nordestino*. Tais programas priorizavam as manifestações da cultura regional, da “[...] música autêntica do Nordeste.” (RODRIGUES, 2007). Ou melhor, asseguravam a permanência no tempo da cultura nordestina de raiz.

Tratando-se de uma emissora de rádio confessadamente voltada para a “educação rural”, muito embora a esta não se tenha restringido, a Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural (ANCAR), órgão governamental destinado à assistência técnica dos camponeses, teve ainda nas ondas dessa Rádio o seu lugar de honra. Usando seus microfones pôde transmitir aos sertanejos, com *O Caminho Certo*, orientações técnicas e conhecimentos básicos capazes de ajudá-los a uma melhor convivência com as adversas condições geofísicas do semi-árido seridoense. Obter um maior e melhor rendimento, aliando menor custo de produção, por exemplo, eram exigências que se impunham à agricultura moderna. Os sertanejos não podiam ficar à margem da nova cultura agroindustrial.

Outras emissões radiofônicas como *Aquarela Nordestina*, *Paisagens do Sertão*, e *Folclore Nordestino* também primavam pela veiculação de músicas regionais, de poesias e de “poemas matutos” estimulando a preservação e o incremento da cultura sertaneja de raiz.

Registre-se ainda que na condição anunciada de uma “emissora de educação rural” e consoante a mais renovada doutrina social da Igreja Católica é compreensível o apoio da Rádio aos trabalhadores rurais. Logo que foi instalada ela abriu um espaço semanal em sua grade para o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caicó, dela contemporâneo, que criou e mantém *Em Marcha para o Campo*.

Na pessoa de Dom Manuel Tavares de Araújo e [sendo] Zé Rodrigues o primeiro presidente da FETARN [Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Norte], houve uma junção por causa da Emissora ser fundada e ter um desenvolvimento para o campo, como o nome já dizia. [...] A Direção da Emissora à época ofereceu um horário de meia hora de programa, gratuitamente. E a gente [...] ainda continua com o programa fornecido pela Diocese, e que a gente não paga. Passou de meia hora e hoje já estamos com cinquenta e cinco minutos de programa [semanal], de 11 h 5 min ao meio dia. É mais uma solidariedade da própria Direção da Emissora, hoje na pessoa do monsenhor Ausônio Tércio de Araújo que sempre está com a gente. [...] Além de todo o trabalho que a gente tem de mobilização, de educação na área sindical, a gente tem um veículo de comunicação em que todos os domingos a gente leva os recados, as notícias dos trabalhadores e é um programa que é ouvido em toda a região do Seridó, inclusive no Estado da Paraíba. É o programa *Em Marcha para o Campo*, cujo nome permanece desde sua fundação. (SILVA, J., 2007).

O investimento, sem imediato retorno financeiro, numa programação destinada a um público específico visando à formação e à educação organizacional dos sertanejos, indica o esforço da Rádio para se manter fiel ao compromisso inicialmente confessado de

ser a voz dos que não tinham voz, um canal para amplificar e fazer ouvir os reclamos dos agricultores.

Nesse módulo, a ênfase na veiculação de produções de cunho regional sugere que a Rádio Rural de Caicó esforçou-se em formar sertanejos orgulhosos de seus costumes e tradições, enfim, de sua cultura. Tal persistência além de ser compatível com os propósitos educativos dessa Emissora, também parece encontrar na defesa da tradição frente a novos elementos culturais exógenos introduzidos pelo próprio rádio, a sua justificação. Formar, portanto, um Homem que mesmo contactando e incorporando necessários valores e conteúdos da cultura universal continue valorizando a cultura autóctone de raiz integrava a missão educativa da Rádio.

Registre-se, porém, que para manter-se fiel a seus propósitos educativos-formativos, a Rádio Rural de Caicó teve que conviver com enormes dificuldades, dentre as quais, aquelas de ordem financeira. Veja-se que o desafio fundamental era: como prover recursos para manter a condição de Emissora de Educação? Como conciliar arrecadação de recursos e a seleção de anúncios publicitários, sem afetar a seriedade, a linha independente da programação radiofônica?

O certo é que a publicidade deu, em parte, sustentabilidade à Rádio Rural de Caicó, porém, os anúncios não se constituíam fonte de lucro, apenas de manutenção e, se contrariavam as convicções de seus dirigentes, não eram aceitos. Pode-se dizer que essa Emissora soube precaver-se da massificação ínsita à chamada indústria cultural tão denunciada pelos pensadores da Escola de Frankfurt.

Uma das integrantes da equipe da Rádio Rural na década de 1960 — no ano de 1968 exercia o cargo de secretária e em 1970, conforme anteriormente esclarecido, com Salatiel concebeu a *Quadrilha da Rural* — refere-se com propriedade à resistência dessa Emissora aos tentáculos da indústria cultural.

A sua premissa de veículo educador norteia a [Rádio] Rural de Caicó para um afastamento daquilo que os racionalistas críticos chamavam de indústria cultural, buscando, ao contrário, uma utopia de emancipação. [Louva-se nos que a conduzem] [...] a mágica de fazê-la sobreviver sem se vender ao poder econômico ou político; a proeza de fazê-la fiel a seu propósito de servir de meio de comunicação social mesmo durante a ditadura do regime militar; a façanha de fazê-la equilibrar-se entre as múltiplas incumbências de educar, de formar, de entreter desdobrando-se equitativamente entre as diversas faixas de ouvintes, de jovens e idosos, de crianças e adultos, rural e urbana. (NÓBREGA, 2003).

É pertinente observar que a Rádio Rural de Caicó ao identificar e selecionar jovens e talentosos estudantes para um complexo e audacioso trabalho técnico e tecnológico, constituiu-se, concomitantemente, para muitos jovens de Caicó e do Seridó que a integrariam, uma verdadeira “Escola” de formação profissional e humana, sobretudo, de vida. A esse respeito tem-se uma profusão de testemunhos.

Aldo Aires, locutor-colaborador, refere-se à função magisterial que o exercício de comunicação na Rádio Rural de Caicó representou para a sua vida pessoal.

A Emissora foi muito importante; uma professora. Eu considero a Emissora Rural como uma professora para mim e para todos nós que trabalhávamos lá. Nós desenvolvemos demais. Foi um colégio de aprendizado que eu tive. Eu mudei muito, como se diz, com a vida. Ganhei experiência; era meio introvertido e com a Emissora mudei. (AIRES, 2007).

Já para Getúlio Costa um dos integrantes da equipe fundadora, que no princípio inseriu-se no corpo funcional da Rádio como controlista e desde aí galgou várias funções chegando a ser um de seus destacados locutores, é incisivo:

Para mim a rádio Rural foi uma escola. Tudo o que eu sei, o que eu aprendi um dia foi através da Rádio Rural. Foi o meu primeiro trabalho, o meu primeiro emprego há quarenta e quatro anos. E para a Região desenvolveu o Seridó. Se você olhar, antes da Rádio Rural o Seridó era um e depois da Rádio Rural o Seridó é outra coisa. Tinha as escolas radiofônicas. Tinha notícias. Nessa época quase não havia televisão, o pessoal ouvia só o rádio. Eu acho que a Rádio Rural desenvolveu muito o Seridó. (COSTA, G., 2007).

O primeiro controlista, depois apresentador dos noticiários e por último diretor artístico dessa Rádio, Alcimar de Almeida, destaca o papel formativo por ela desempenhado na vida de sua pessoa, inclusive profissional, dotando-o também de uma visão pragmática da existência em dadas situações.

Para mim ela teve uma importância muito grande na formação da minha vida e na minha vida profissional. [...] Foi minha primeira atividade. No meu currículo, em ordem inversa a primeira atividade que figura é aquela declaração, que eu fui de controlista, locutor, até diretor artístico, que era o responsável pela programação. [...] Foi muito importante para mim; foi desafiador. Me levou a sair muito do mundo teórico para o mundo prático; me ajudou muito [...]. (ALMEIDA, 2007).

Referindo-se também ao papel formativo profissional e espiritual desempenhado pela Rádio Rural em sua vida profissional, Evaldo Nogueira que ingressou para o seu corpo funcional em 1976 e pela experiência aí granjeada trabalharia em outras emissora de rádio, inclusive em Natal, avalia que

A Rádio Rural ela foi uma pedra muito importante no alicerce da minha vida profissional, como também na minha vida religiosa. No sábado tinha o programa de Dom Manuel [Tavares] e eu gostava muito de estar lá no sábado à tarde e de ouvir. Meu pai era muito religioso e nos sábados, quando eu não vinha para Acari, ficava lá e ouvia o Dom Manuel. Foi uma passagem inicial de minha vida profissional muito importante. Ela me deu uma lição de responsabilidade, porque pela fase da minha vida e de idade, eu estava começando. Então me dedicava e a partir daí comecei a me identificar com a profissão do Rádio. Percebi que era aquilo que eu gostava de fazer e até hoje faço. Foi marcante. A Rádio Rural foi muito sólida na minha formação. [...] A Rádio foi para mim uma professora de vida, um professor profissional. Adquiri muita experiência em termos de redação, de entrevista, dos contatos que eu mantinha. (NOGUEIRA, 2007).

Reconhece e destaca, o antigo líder estudantil Salomão Pinheiro (Figura 13), o papel formativo amplo desempenhado pela Emissora em relação a si e a tantos outros jovens, convertendo-se em verdadeiro laboratório, em uma espécie de “Universidade” móvel que também plantava na Rádio Central de Moscou.



Figura 13 — Em aniversário comemorativo da Rádio Rural de Caicó, 2003 (da esquerda para a direita): Moacir Dantas, Getúlio Costa, padre Itan Pereira, Salomão Pinheiro, Juraci e Orlando Rodrigues [Caboré], [década de 1990]
Fonte — Acervo de Armando Azevedo

Outro líder estudantil, enxerga nesse canal do Vaticano — a Rádio Rural de Caicó — onde se tornou diretor pioneiro do radiojornalismo, um laboratório propício a moldar líderes cristãos. Nas palavras de Paulo Celestino,

A Emissora Rural de Caicó [...] foi uma espécie de laboratório. Até diria, de uma Universidade para a região orientando, formando muitos jovens hoje [...] bem sucedidos como José Gerônimo, Alcimar de Almeida, Salomão Pinheiro e outros. [...] Devo tudo isso à Diocese de Caicó,

particularmente, à Emissora de Caicó que me formou como formou muitos jovens [...]. A Igreja forjou, formou no seu trabalho abrangente, [...] também líderes. (CELESTINO, 2007).

Um dos que integrou o Departamento de Radiojornalismo já na década de 1970, José Bezerra, reitera a dimensão de “Universidade” em que a Rádio Rural de Caicó, com sua programação, desempenhou para muitos, inclusive para si. Vislumbrar novos horizontes, desenvolver senso de análise, fornecer elementos para aperfeiçoar uma visão crítica das mudanças econômicas e políticas teriam sido contributos formativos.

[A Rádio] também foi uma escola para muita gente e eu me considero um aluno dessa escola, uma escola para a vida. Eu costumo dizer que a Rádio Rural foi para mim a minha primeira Universidade porque foi aqui que o mundo começou a se abrir para mim. Eu comecei a enxergar o mundo de uma outra forma. (BEZERRA, 2003).

Nesse período de tempo compreendido entre 1963 e 1978, a Emissora de Educação Rural de Caicó concebeu, elaborou, reelaborou e levou ao ar transmissões radiofônicas, em grande parte condizentes com as orientações de Encíclicas Papais, da doutrina social da Igreja, do Decreto *Inter Mirifica* e da Instrução Pastoral *Communio et Progressio* que propõem a ampliação dos meios de comunicação social destinados à formação renovada religiosa, educacional, moral, técnica e artística do ser humano. Esses documentos dedicam especial atenção à qualidade da programação das Emissoras Católicas, no tocante a que seus ouvintes sejam portadores de uma formação imbuída de princípios morais cristãos, em suas apreciações, consentânea com premissas evangélicas e com a natureza humana a ser integralmente formada.

Na programação da Emissora Rural de Caicó, em suas interrelações com as orientações do Magistério Católico expressas nesses documentos, o ideal formativo de homem correspondia à implementação de um conjunto de vivências socioeducativas por meio do rádio dirigidas, prioritariamente, à população da zona rural do sertão seridoense disponibilizando-lhe, desse modo, uma ampla e autêntica educação radiofônica. Conforme esclarece Barbosa Filho (2003, p. 110), a “[...] ‘educação radiofônica’ não se restringe apenas às emissões especializadas que visam à alfabetização e à difusão de conhecimentos básicos.” Fundamentado em Kaplun (1978), esclarece ainda que tal expressão congloba todas as emissões

[...] que procuram a transmissão de valores, a promoção humana, o desenvolvimento integral do homem e da comunidade, as que se propõem a elevar o nível de consciência, estimular a reflexão e converter cada homem em agente ativo da transformação de seu meio natural, econômico e social [...]. (BARBOSA FILHO, 2003, p. 110).

Tal pluralidade também se manifesta nas palavras do jornalista e cantor paraibano Chico César (2007), nascido na zona rural em Catolé do Rocha antes da Rádio Rural de Caicó fazer o primeiro aniversário. Desde cedo seu ouvinte assíduo, inicialmente escutava a Emissora Rural de Caicó pelo rádio dos vizinhos. “Na minha primeira infância, ou seja, até os 7, 8 anos de idade. Não tínhamos rádio em casa, mas morávamos na zona rural e ouvíamos pelo rádio dos vizinhos, que sempre ouviam o rádio muito alto.” (CÉSAR, 2007). Recordando as veiculações sonoras da Rádio captadas do rádio dos vizinhos, refere-se aos *Violeiros [do Seridó]*, a um programa da jovem guarda e a outro de forró, atestando os gêneros diversificados que permeavam a grade programática dessa Emissora.

Ouvia o que os vizinhos ouviam. Logo cedo, por volta de 5 da manhã, programas de violeiros, cantando canções tristes e mandando recados sobre falecimentos, chegadas de filhos que voltavam de São Paulo, essas coisas. Também tinha um programa sobre a jovem guarda. Ao fim da tarde tinha um programa de forró: muito Jackson do Pandeiro, Marinês e sua gente, Gonzaga, Trio Nordestino, Azulão, Abdias, Os Três do Nordeste. (CÉSAR, 2007).

Acentua ainda Chico César a dimensão comunitária dessa estação radiofônica educativa, assumindo um verdadeiro ideal ou “espírito de compartilhamento”. A desvinculação de um grupo comercial ou político-partidário teria propiciado a essa Rádio a concepção e execução de uma programação mais livre e plural. A comunicação midiática aberta permitindo também a interatividade com o ouvinte pela transmissão de avisos, recados, mensagens entre os diferentes rincões sertanejos, quer rurícolas, que citadinos, alcançados pelas ondas sonoras da Rádio, nos termos desse artista paraibano, também testemunhava a dimensão comunitária e educativa da Emissora Rural de Caicó.

Penso que o rádio naquela época tanto pela informação aberta, no sentido de que o ouvinte gerava a notícia, mandava recado, de um sítio para outro, de uma localidade para outra, quanto pela variedade na programação, trazia a semente da rádio comunitária. Era esse o espírito, de compartilhamento. Acho que foi muito importante para a minha formação de menino da zona rural e acho bacana a rádio trazer esse lance de ruralidade no próprio nome. Isso nos inseria, nos tornava sujeitos, agentes. Claro que a base do homem vem daí, parte do artista também. Mais do que algo local (rio-grandense ou paraibano) tem algo muito forte do homem nordestino sertanejo como um todo, mas também do homem universal que vive afastado, mas se comunica, do seu desejo de estabelecer contato, de ter voz. Nesse sentido, penso que a rádio cumpria um papel muito importante. Essa e outras espalhadas pelo interior do Nordeste, com uma programação mais livre, menos jabazeira e menos ligada aos interesses de um grupo político como tem sido regra hoje em dia. (CÉSAR, 2007).

Abrigar aspectos ínsitos à cultura universal humanística, sem perder sua inserção na ambiência sertaneja local, foi marca bem visível na grade programática da Rádio Rural de Caicó. A “ruralidade”, marca inserta no seu nome, não se constituiu óbice para o seu transbordamento, propiciando aos sertanejos seridoenses uma integração com um mundo alargado, com valores imanentes, perenes — inobstante a contínua metamorfose — da cultura universal e universalizante.

Desempenhar, portanto, a função de Rádio-Escola pela veiculação das “aulas radiadas”, de “cursos à distância” e de “programas especiais” fazendo uso de um meio da moderna cultura tecnológica do rádio, ao lado de transmissões que contemplavam instrução religiosa, entretenimento, noticiário e cultura sertaneja, a Emissora Rural de Caicó reinvestiu reforçando e dilatando o aperfeiçoamento da formação religiosa, escolarizada, profissional, moral e artística de homens e mulheres sertanejos, conforme abordado no próximo capítulo.

Capítulo cinco

A cidadela educativa da Rádio-Escola Rural de Caicó (1963-1978)

Os trabalhos da Emissora e do MEB eram articulados. Para mim, a Emissora Rural de Caicó era a voz do MEB e sem este não podia haver a Emissora. (CELESTINO, 2007).

O MEB era, por assim dizer, o grupo de nobreza da Rádio. Eles eram nobres dentro da Rádio, mas eles produziram muito. (ALMEIDA, 2007).

Pensar a Emissora de Educação Rural de Caicó por sua dimensão formativa exige que se aborde o módulo Escola Radiofônica, a evidenciar sua cosmovisão de “sistema escolar” e de “ideal formativo de Homem”, concebido para abranger jovens adolescentes, homens e mulheres, destinatários preferenciais dessa Emissora educativa.

Evidentemente, para investigar a modalidade Escola Radiofônica de Caicó o exame da vasta documentação constante dos arquivos do MEB Nacional, em Brasília e, em parte, no Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (PROEDES), órgão vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi fundamental para perquirir os objetivos, inspirações, realizações, conflitos e percalços desse Movimento educativo de cunho popular. Nos termos de Vanilda Paiva (2003, p. 268), o MEB apresentou-se, sobretudo, como um “[...] movimento de cultura popular.” Enquanto, Cunha e Góes (2002, p. 26), vêem o MEB “[...] em ordem cronológica, [como] a terceira organização de cultura popular [...],” nos anos de 1960, ao lado do Movimento de Cultura Popular (Recife) e da Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler (Natal).

Registre-se, porém, desde logo, que a pesquisa de documentos produzidos pelo MEB, especialmente aqueles voltados para a fundamentação teórica de sua missão apresenta um complicador, qual seja, não raro os textos carecem de datas e, quase sempre, não revelam seus autores. A fim de superar tais omissões o investigador se obriga a extrair dos elementos textuais pistas que forneçam, senão uma certeza, pelo menos uma aproximação cronológica, o quê, evidentemente, nem sempre é possível.

À medida que abríamos, nos Arquivos do MEB em Brasília, ou no Laboratório de Documentação (LABORDOC) do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES Caicó), caixas abarrotadas de papéis assinalados pelas indeléveis intempéries dos anos, a esperar

de um pesquisador uma abordagem investigativa, o exame de documentos legais, correspondências, telegramas, avisos, relatórios, planos de trabalhos, apostilas, cartilhas e fotos, dentre outros, iam revelando uma história viva e pulsante compartilhada por muitos. Selecionar e concatenar os documentos pertinentes aos fins dessa investigação foi tarefa hercúlea, porém gratificante. Aliás, identificar, reunir, organizar, ordenar e desvelar o sentido dos documentos, conforme afirma Georges Duby, ocupa destacado papel no ofício do historiador. Trata-se de um

[...] excitante prazer de decifrar, que não passa na verdade de um jogo de paciência. Terminada a tarde, um punhado de dados, quase nada. Mas são exclusivamente nossos, de quem soube ir a seu encontro, e a caçada foi mais importante que o animal capturado. (DUBY, 1993, p. 28).

Na investigação científica, tanto a escassez, quanto a profusão de dados documentais, ambas exigem tratamento metodologicamente adequado da parte do pesquisador, especialmente dos historiadores e historiadores da educação. No decorrer da escrita da tese, documentos aparentemente irrelevantes, forneceram dados historiográficos iluminadores e sinalizadores dos ideais educativos que permeavam as Escolas Radiofônicas e outros programas de rádio abrigados na grade programática da Emissora Rural de Caicó. Tais dados consubstanciaram a urdidura textual. Tratou-se de vivência impar em nossa história acadêmica e profissional de pesquisador. O mestre Duby descrevendo sua experiência acadêmica se reportou a esse sentimento. Para ele, elaborar o texto como produto final de uma investigação histórico-científica requer precisão, arte e perícia. Lembra que,

Aquele tecido esgarçado, cheio de buracos, que eu remendava fio a fio na leitura dos textos em latim, era-me indispensável depositá-lo num suporte firme, neste outro documento, igualmente rico, de uma riqueza diferente é bem verdade, mas por sua vez sem lacuna de espécie alguma, exposto à luz do dia, vivaz — a paisagem: mais ou menos como se restaura numa tela os fragmentos de um afresco danificado, antes que virem poeira. (DUBY, 1993, p. 39-40).

A operação que culmina na produção da escrita historiográfica pelo pesquisador, seguindo tenazmente o fio e o tecido social condutores a orientar a tessitura textual constitui, para Michel de Certeau, a singularidade do texto histórico implicando:

[...] uma nova interpretação, o exercício de métodos novos, a elaboração de outras pertinências, um deslocamento da definição e do uso do documento, um modo de organização característico, etc. [e] enuncia uma operação que se situa num conjunto de práticas. Este aspecto é o primeiro. É o essencial numa pesquisa científica. Um estudo particular será definido pela relação que mantém com outros [...]. Cada resultado individual se inscreve numa rede cujos elementos dependem estritamente

uns dos outros e cuja combinação dinâmica forma a história num momento dado. (CERTEAU, 1982, p. 72).

Conforme antes visto, a Emissora de Caicó alteou-se como uma rádio educativa de catequese, de entretenimento, de jornalismo, difusora da cultura sertaneja e, outrossim, de uma Rádio-Escola, repartida em “aulas ou escolas radiofônicas” para a alfabetização de adolescentes, jovens e adultos, por sítios, povoados, vilas e outros lugares alcançados, sob a direção pedagógica do Movimento de Educação de Base (MEB).

Inaugurada a 1º de maio de 1963, as primeiras aulas transmitidas pela Rádio-Escola da Emissora Rural foram levadas ao ar pelo MEB em Caicó, no dia 1º de outubro desse mesmo ano de 1963.

Dois anos antes, a 21 de maio de 1961, por meio do Decreto nº 50.370 fora então assinado o convênio entre a Presidência da República (Jânio da Silva Quadros) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil fundando o Movimento de Educação de Base (MEB), enquanto órgão da CNBB, que se destinava a: “[...] **ministrar educação de base às populações das áreas subdesenvolvidas** do Norte, Nordeste e Centro Oeste do País, através de programas radiofônicos especiais com recepção organizada.” (DECRETO Nº 50.370, DE 21 DE MAIO DE 1961, fl. 1, grifo nosso).

Convênio de recíproca confiança entre as partes, o MEB lança-se com a missão de elevar, através das Escolas Radiofônicas, prioritariamente, as populações dessas ditas áreas subdesenvolvidas do país. A missão desse Movimento a ser assumida no âmbito das dioceses locais subsumia-se também àquela concepção de *aggiornamento* a que se propunha a Igreja Católica.

Pelo seu específico ritual de experiência-acontecimento — a Escola e aula Radiofônicas — evidentemente é evocada, ritualizada, no âmbito da historiografia educacional desde os tempos da projeção de veículos midiáticos abertos, como o rádio, em suas distintas tecnologias e dispositivos materiais. É exatamente por essa prerrogativa que revolveremos algumas das experiências-acontecimentos radiofônicos para além das já historicizadas nesse trabalho de tese, objetivando um fim, qual seja, conhecer fios de seus ideais formativos de Homem.

Lá, no início dos anos de 1970, um grupo de professores em Fortaleza (Ceará) decidiu testar um programa radiofônico — A Escola em sua Casa — o qual veicularia um curso de Agricultura, com a emissão de quarenta programas, incluindo inscrição de matrícula e de entrega de certificados para seus participantes. Assistido e discutido

diariamente por mais de trezentos grupos na zona rural do Ceará, que dado o seu sucesso educativo, segundo o professor Leuman Gomes (2006), concebedor desse curso, “[...] o MEB mandou participar de um curso de especialização em Rádio, Cinema e TV Educativos em Bogotá, Colômbia, juntamente com pessoas de mais de 30 países.”

Em 1970, tempos ditatoriais mais perversos, essa experiência radiofônica seria encerrada, mas antes, segundo Leuman, a metodologia do programa radiofônico fora repassada às equipes das dioceses de Mossoró e de Caicó, no Rio Grande do Norte.

A apropriação do rádio com propósitos educacionais revelou-se fenômeno transfronteiriço. Foi exatamente na Itália, sede territorial do Estado do Vaticano, que o educador, pedagogo e intelectual romano Mário Alighiero Manacorda, ao produzir no fim dos anos de 1980, sua obra *História da Educação: da antiguidade aos nossos dias*, conforme atesta Paolo Nosella, a escreveu “[...] numa linguagem viva, pois destinava-se a ser difundido através de uma série de transmissões radiofônicas da Rádio-Televisão Italiana, sob o título ‘A Escola nos séculos’.” (NOSELLA, 1989, p. 3). Conforme o próprio Manacorda (1989), foram doze as transmissões radiofônicas ‘através de textos’ que, levadas ao ar, comunicaram a milhares de rádio-ouvintes a história da educação escolar por séculos a fora.

Bem antes, porém, vislumbrando, igualmente, o poder de difusão, de disseminação e circulação de idéias, da ilustração, pelo alcance da tecnologia radiofônica, o filósofo francês Merleau-Ponty proferiu em Paris, em 1948, sete conferências pelo rádio que, nos termos de Coli (2006), logo foram publicadas, dado o enorme interesse despertado. Certamente, a clareza e a concisão requeridas pela linguagem do rádio, imprimiram leveza e despertaram interesses por tais conferências, numa área de regra hermética e pouco atrativa ao vulgo. Debruçando-se sobre aspectos fenomenológicos, Merleau-Ponty esmera-se em esclarecer suas concepções, realçando que “[...] o homem e o mundo estão em amálgama, em ‘quiasma’, em troca constante e inesgotável, em intercâmbio de contrários apenas aparentes.” (COLI, 2006, p. 9).

Há que se registrar ainda, no Brasil, nas décadas de 1930 e 1940, notadamente sob os auspícios dos postulados da pedagogia escolanovista, a difusão do ensino de História pelo rádio. Abrigada no seio do governo Getúlio Donelles Vargas, tratou-se de uma iniciativa do Serviço de Radiodifusão Educativa (SRE), do Ministério da Educação e Saúde Pública. A elevação do povo pela imersão numa concepção de vida mais harmoniosa, de civilidade, respeito e ordem emerge dos conteúdos veiculados. O rádio permitiria a quebra

do isolamento vivenciado por grande parte dos brasileiros. Noções de sociabilidade, de moralidade e civismo, de higiene, de combate ao álcool e outros vícios, a idéia de uma nação produtiva eram veiculadas naquelas transmissões.

O uso da tecnologia para atingir grupos sociais que se encontravam distantes da escolarização e da vida urbana industrial, bem como para submeter professores e alunos a processos de ensino/aprendizagem sob controle, mostrou-se muito menos um ‘recurso auxiliar de ensino’ do que instrumento de intervenção social. Pretendia-se [...] desfazer o perfil recreativo, de lazer e de informação do rádio para a construção de uma ‘escola sem professores’, na qual o professor fosse um mero aplicador de programas curriculares e subordinado aos sons do civismo e do patriotismo. (DÂNGELO, 1998, 176).

A hipótese mais plausível para aproximar os fios que unem essas experiências-acontecimentos radiofônicos em face de dados ideais formativos de Homem é de que a *paidéia* moderna seja indispensável chegar a todos os lugares, lares, indivíduos, instituições e grupos organizados. Desse modo, instaura no universo complexo da sociedade da educação e da formação continuadas ou contínuas, padrões de vida e de trabalhos modernos bem propícios à sociedade letrada, evidentemente expressos no *corpus* de conhecimentos humanísticos e na específica teia de socialização que a cada aula se ilustra, se ensina, se desenvolve com habilidades rigidamente pedagógicas.

Há ainda se recordar que a Carta Encíclica *Mater et Magistra* de João XXIII (1961) exalta o fomento da educação de base como veículo para o trabalhador galgar aptidões e habilitações profissionais mais elevadas ao lado de uma formação moral e religiosa. Repara o Sumo Pontífice nesse documento papal que a educação de base cristã deve ser integral, quer dizer, “[...] deve compreender a totalidade dos deveres. Há de, pois, fazer nascer e fortificar nas almas a consciência de terem de exercer cristãmente as atividades de natureza econômica e social.” (JOÃO XXIII, 2004a, p. 72).

Aprender um mínimo de conhecimentos culturais escolares do ler, escrever e contar, ao lado do domínio de habilidades profissionais, domésticas, artísticas, do cultivo de técnicas e emprego de novas tecnologias de produção, reprodução material, ao lado da compreensão mínima dos fenômenos naturais e das organizações sociais e sindicais, inclusive de suas formas de governo, da vivência de valores éticos e espirituais, do acesso aos empréstimos bancários, ao direito ao voto e à terra produtiva, compunham o amplo espectro da cosmovisão da educação de base.

Tais balizamentos são ainda reafirmados e condensados em um artigo laconicamente intitulado Movimento de Educação de Base, sem autoria explicitada.

Supomos, todavia, tratar-se de texto da lavra de Dom José Vicente Távora, então Arcebispo de Aracaju (SE), que o teria escrito no ano de 1961. De qualquer modo, identificamos que o articulista se empenha em relatar a experiência do Sistema Radioeducativo de Sergipe (SIRESE), na qualidade de “programa-piloto”, dizendo conhecê-la mais de perto, vez que fora desenvolvida sob sua direção.

Esmera-se ele em revelar os benefícios sociais e humanos da propugnada educação de base, que a reconhece de cunho popular, não só nos moldes das premissas concebidas pela UNESCO, mas, sobretudo, pelas dramáticas desigualdades regionais do Brasil, bem como pelas experiências pretéritas da educação radiofônica de Natal e de Sergipe, esta por ele gerenciada.

O nosso drama, todavia, não é só alfabetizar. Junto a isto, há urgência de muito mais. Há urgências gritantes de se abrirem aos nossos camponeses, operários e suas famílias as riquezas da educação de base, fundamental educação que chamaríamos de cultura popular, a qual tem a força de fazer o homem despertar para os seus próprios problemas, encontrar suas soluções, a defender sua saúde, a manter boas relações com seus semelhantes, a andar com seus próprios pés, a decidir dos seus destinos, buscar sua elevação cívica, moral, econômica, social e espiritual. É esta a Escola que temos de jogar no seio das populações camponesas e operárias através de seus métodos próprios, já experimentados, vitoriosos. Evidentemente, não falamos do tipo de escola tradicional, com um professor para um grupo de alunos. Seria impossível desta forma, hoje, no Brasil, atingir milhões de analfabetos. Vamos apelar para o Rádio, para as escolas radiofônicas. (TÁVORA, 1961, fl. 1-2).

As aulas da Escola Radiofônica eram concebidas como uma saída emergencial e racional para a socialização de uma educação a distância, especialmente pela minimalização dos custos atinentes ao empreendimento. Mas, sobretudo, pensada para a elevação cívica, moral, econômica, social e espiritual do homem sertanejo. Pelo ângulo de uma escolarização midiática, diz Afonso Scocuglia:

Certamente, uma campanha em massa de educação popular, qualquer que fosse, necessitava de milhares de professores, que não existiam, especialmente nas regiões mais atrasadas, como a nordestina. Desse modo crescia um consenso entre os interessados [na] disseminação da educação básica, no sentido de que só os ‘modernos meios de comunicação de massa’ podiam desempenhar a tarefa, especialmente nas vilas, nos povoados, nos sítios, nas fazendas [...]. (SCOCUGLIA, 2003, p. 25).

Todavia, a missão do Movimento de Educação de Base a ser assumida pelo Sistema Radioeducativo local, explicita-se nos primeiros documentos oficiais, em forma de Regulamento.

O Movimento de Educação de Base – MEB – instituído e organizado sob a responsabilidade do Episcopado Brasileiro, através da sua entidade representativa, a ‘Conferência Nacional dos Bispos do Brasil’ – CNBB –, tem como objetivo **ministrar educação de base às populações das áreas subdesenvolvidas do Norte, Nordeste e Centro Oeste do País**, através de programas radiofônicos especiais com recepção organizada. (REGULAMENTO, [1964], fl. 19, grifo nosso).

Descobre-se logo nos primeiros documentos que a designação “sistema” referia-se a uma estrutura local composta por uma equipe que contava com o suporte tecnológico comunicativo de uma Emissora de Rádio. Caberia a cada equipe implantar nas comunidades as Escolas Radiofônicas, dotá-las com o monitor e o material técnico mínimo necessário, incluindo a indispensabilidade do rádio receptor para transmitir as aulas diariamente e acompanhar o aprendizado dos alunos-ouvintes. Todo esse conjunto era identificado como um “Sistema Radioeducativo”, sob a gerência do MEB Nacional.

Nessa medida, o quê entender por “educação de base” enquanto expressão que dá nome ao próprio Movimento? O desenlace da interpretação remete para o texto legal da lavra do próprio MEB, segundo o qual: “Entende-se como educação de base o conjunto de ensinamentos destinados a promover a valorização do homem e o soerguimento das comunidades.” (REGULAMENTO, [1964], fl. 19).

A semântica do substantivo “base” comporta, no entanto, interpretação plural. Além do que é mínimo, pode ainda remeter àquilo que é primeiro, fundante, alicerce, sustentáculo. Explica Celso Beisiegel, que a educação de base fora propugnada pela UNESCO, desde sua constituição em novembro de 1945, sendo por ela considerada igualmente à “educação fundamental”, aí inserindo-se a alfabetização, porém ultrapassando-a.

Essa ‘educação fundamental’, votada a constituir-se em um fundo comum integrador de toda a humanidade, por isso mesmo implicava conteúdos amplos e flexíveis, de relação variável segundo as características peculiares dos diferentes agrupamentos. (BEISIEGEL, 2004, p. 91).

Conforme podemos observar por seus documentos comprobatórios, a educação de base a ser desenvolvida pelo MEB deveria ainda estar vigilante para livrar seus destinatários das ideologias incompatíveis com o “[...] espírito cristão da nacionalidade.” (PAIVA, 2003, p. 268). O Regimento Interno desse Movimento, no entanto, silenciaria sobre tal prevenção político-educativa. O documento acentua como tarefa primordial do MEB, segundo Paiva,

[...] oferecer uma educação de base que levasse ao camponês uma concepção de vida, tornando-o consciente de seus valores físicos,

espirituais, morais e cívicos; um estilo de vida que guiasse seu comportamento nas esferas pessoal, familiar e social; e uma mística de vida que atuasse como uma força interior que assegurasse dinamismo e entusiasmo no cumprimento dos seus deveres e no exercício de seus direitos. (PAIVA, 2003, p. 268 e 269).

Entretanto, amplo espectro visibilizado pelas Escolas Radiofônicas, proclamando a urgência de emancipação de seus destinatários, tornou-se solo fecundo para alargamentos teóricos, especialmente a partir da sementeira e dos frutos colhidos pelo MEB. Futuras elaborações com o fim de elucidar e fundamentar a missão desse Movimento ampliaram a abrangência compreensiva acerca da “educação de base”, a um só tempo, transcendendo as concepções da UNESCO e dilatando o alcance do texto legal. A discussão voltou-se, em dado momento, sobre os fins primordiais e últimos da própria educação escolar, máxime quando esta se proclamava “de base”.

Integrante e à época um dos teóricos do Movimento, Landim Filho (1983), julgava que a “educação de base” a ser disseminada com o apoio do rádio, não podia ser interpretada restritivamente, no sentido cronológico, de “primeiras instruções”, de “alfabetização”, do “mínimo indispensável”, ou mesmo de “educação fundamental”. Ela remeteria primordialmente àquela educação escolar requerida pela essência mesma da natureza humana. Atenta às potencialidades diversas do indivíduo, cujo escopo derradeiro é possibilitar progressivamente à pessoa viver humanamente, a se humanizar, essa educação é vista como sinônimo de conscientização. A ela cabe desenvolver

[...] uma formação que possibilita a realização das exigências de humanização sempre crescentes da pessoa humana, [...] uma educação integral, ou seja, uma formação que vise à pessoa enquanto todo harmonioso, com os seus múltiplos aspectos. (LANDIM FILHO, 1983, p. 177).

A reflexão desse concebedor remete a um subjacente ideal de Homem a ser forjado pela missão educativa do MEB. Nesta, a moldagem do ser humano, ancorada na conscientização, seria ínsita à natureza mesma da educação. Para Landim Filho (1983, p. 175), “[...] a educação como ‘Paidéia’, como ‘bildung’, enfim como formação da pessoa humana, ora tenta integrar o homem na sua ‘Pólis’ (educação grega), ora o desperta para o seu destino (visão cristã) [...]” perseguindo sempre, numa vertente ou noutra, a formação humana.

A noção de *paidéia* como cultura ou cultivo das habilidades e disposições intrínsecas à natureza humana, encontra-se (como já afirmado) presente nos pensadores gregos, notadamente em Platão, desejoso de erigir uma cidade harmoniosa, virtuosa. Nesta,

cada um ocuparia sua função humana de modo a compatibilizar o desenvolvimento da *polis* grega com o progresso da moldagem pessoal. A *paidéia christiana* queria bem mais. A integração aos destinos da *polis* pressupunha, conforme pregava Santo Agostinho, o reconhecimento filial de cada pessoa para com o Divino. A construção da cidade terrestre só encontraria seus fundamentos na edificação da definitiva *civitas Dei*. Formar-se corresponde a reencontrar a via que reconduz cada ser ao Criador. Seja numa concepção ou noutra, conforme esclarece Landim Filho (1983), a imprescindibilidade da formação educativa, nesses e noutros pensadores, se impõe definitivamente aos humanos.

No que concerne à educação de base proposta pelo MEB, estudiosos desse Movimento como Wanderley (1984), Paiva (2003) e Fávero (2006), são unânimes em apontar uma evolução conceitual oriunda de sua própria práxis formativa. Entendida inicialmente como aquele mínimo necessário, a educação de base em poucos anos passa a ser vista como a “[...] que compreendia conscientização e politização, valorização da cultura popular, instrumentação de comunidades, organização do povo, animação popular.” (WANDERLEY, 1984, p. 45).

Referindo-se a essa educação e a outras modalidades de luta popular assumidas por vários movimentos ou instituições que nesse campo se ombrearam na década de 1960, afirma Fávero (1983, p. 9), a centralidade assumida pela cultura popular: “[...] E ela subordinava outra: a educação popular. Nesse campo, tudo se refez e tudo se imaginou criar ou recriar, a partir da conscientização e da politização — ou seja, da organização das classes populares.”

Desde dezembro de 1962, com a realização do I Encontro de Coordenadores, a Equipe Nacional do Movimento concluiu pela necessidade de reinterpretar a educação a ser por ele desenvolvida,

[...] tomando por base a idéia de que a educação ‘deveria ser considerada como comunicação a serviço da transformação do mundo’ [e] [...] ser também um processo de conscientização que tornasse possível a transformação das mentalidades e das estruturas. (PAIVA, 2003, p. 269).

Por sua vez, Fávero (2006), também afirma ter sido este Encontro um cristalino divisor de águas. Nele o redirecionamento teórico do MEB corporificou a educação de base arrimando-se em quase dois anos de práxis educativa de viés popular. Nesse momento histórico de intenso intercâmbio com outros setores ligados à educação e à cultura popular, o MEB está convencido que a formação integral do Homem não será possível sem a

conscientização, procedimento pedagógico que deve ser, em parte, tributado ao personalismo de Emmanuel Mounier e de Jacques Maritain.

Referindo-se à predileção pela educação conscientizadora propugnada pelo Movimento, considera Maria Nobre Damasceno que,

De conformidade com a ótica do personalismo, não apenas a consciência determina o real, mas também, precede em termos temporais a ação. Daí a crença generalizada de que a educação conscientizadora deve anteceder à ação política. (DAMASCENO, 1990, p. 111).

Certo é que o Movimento passou, desde aquele I Encontro de Coordenadores, a defender que a educação para se constituir enquanto tal haveria que ser conscientizadora tanto do que a pessoa é na existencialidade histórica, quanto do que deveria ser. Em outras palavras, um documento do MEB explicita:

[...] o único modo possível de justificar a conscientização seria então partir daquilo que é anterior e que, por isso mesmo, funda a própria história, isto é, a pessoa na sua exigência de humanização. Ora, neste sentido, educação de base, isto é, educação que parte do que é fundamental, do que é primeiro, coincide com o próprio princípio da conscientização. Em última análise, uma conscientização válida é aquela que se preocupa com o homem no mundo, na sua dignidade de pessoa que transcende o mundo e cria um universo humano. (MEB EM CINCO ANOS, 1966, p. 13).

Educar e conscientizar por entrelaços eram para o MEB, desde então, explicitadas como dimensões correlatas e inseparáveis. Uma educação não conscientizadora soava como auto-contradição. Assim procedendo, o Movimento compartilhava com a concepção freireana enxergando a formação educativa de crianças, adolescentes, jovens, homens e mulheres como práxis libertadora. Esta pugnava por defesa de Freire como

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. [...] Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio 'eu', submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. (FREIRE, 2006, p. 97-98).

Problemáticas do porte da higiene, da habitação, da vida familiar e comunitária, do associativismo, de eleições, do treinamento profissional e do crescimento espiritual, dentre outros, inspiravam temas geradores, palavras chaves a serem didaticamente explorados junto aos destinatários da educação de base, em conjunto e articuladamente. As aprendizagens deveriam ser buscadas *pari passu* à conscientização e à libertação das pessoas oportunizando-as “[...] descobrir o valor próprio de cada homem; despertar para seus próprios problemas e provocar uma mudança da situação; buscar soluções,

caminhando por seus próprios pés; assumir responsabilidades no soerguimento de suas comunidades [...],” sem descuidar a animação de grupos e a valorização da cultura popular. (INSTRUÇÕES, [1964], fl. 2).

Sobremaneiramente, quaisquer que fossem os aportes, não só sucediam, mas se inseriam nas discussões acerca da educação escolar para todos os brasileiros, consentânea ao grau de desenvolvimento econômico e tecnológico da sociedade de então. Nesse contexto educacional, há muito vinha acentuando Anísio Teixeira o trabalho e a democracia como corolários fundantes da sociedade industrial, ou do mundo moderno. Neste,

[...] o indivíduo não é o ser mítico dos ‘direitos naturais’, saído puro das mãos de Deus e corrompido pelo pecado ou pela sociedade, mas o animal altamente evoluído, irrecorrivelmente candidato a homem, graças, justamente à sua educabilidade — estamos a procurar, sem romantismo, ver como devemos educá-lo para fazê-lo homem na plena significação social da palavra, ou seja *homem democrático*. (TEIXEIRA, 1977, p. 210, grifo do autor).

Investigando o pensamento educacional de Anísio Teixeira, asseveram Araújo, Mota e Brito (2001, p. 20), que a via para alcançar tal anelo, segundo esse educador, pressuporia “[...] uma educação pública, laica, e de qualidade [...]” única capaz de dar sustentabilidade à aspirada sociedade brasileira: moderna industrial e democrática. Portanto, o ideal de homem, de acordo com Anísio, a ser formado através da educação escolar trata-se de um ser humano livre (homem e mulher), tecnicamente competente e moralmente idôneo, apto a conviver na contemporaneidade de uma sociedade democrática, livre, plural e complexa.

Certamente, assim como esse educador brasileiro, a Equipe central do MEB também enxergava o quão longe estava de constituir-se moderna e, menos ainda democrática, uma Nação que relegava ao analfabetismo, que privava das condições mínimas exigidas pelo bem-viver, milhares de seus filhos e filhas. Era urgente que se libertassem. Os anseios do Movimento semeados nos postulados da doutrina social da Igreja, Dom Vicente Távora assim os explicava:

Nenhum progresso humano se pode fazer antes que o homem comece a promover o esclarecimento do seu próprio espírito. Daí se vê a grandeza que representa para nós, para os nossos camponeses, para os nossos operários das zonas mais obscuras, a libertação dessa nova escravatura: a escravatura da ignorância, da fome, da doença. (TÁVORA, [1961], fl. 1).

Para o MEB, a escravatura da fome, da doença, da ignorância são óbices materiais ao progresso e ao desenvolvimento humano completo, e, ainda para Teixeira (1977), à sua

histórica hominização. Perseguindo seus propósitos que, conforme esclarece Fávero (2006), foram sendo definidos e redefinidos durante o próprio desenvolvimento. Nessa direção, identificamos no MEB uma permanente busca identitária.

O MEB se constitui em um dos movimentos vivos da Igreja, em uma experiência comunitária nova, em uma eficácia testemunhada na formação de líderes, em uma tentativa de educação integral, que parte da vida e está imersa na realidade. (MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE: SUA ORIGEM..., 1965, fl. 1).

Esforço auto-analítico precedido por quatro anos de história educacional. Auto-intitular-se ou definir-se como “movimento vivo” remete à idéia de dinamicidade, de criatividade, de que o caminho faz-se ao caminhar, ou daquele “aprender-fazendo” referido bem antes por John Dewey.

Evidentemente que havia por parte de bispos congregados na CNBB, uma grande esperança no trabalho pedagógico do MEB. A rigor, dispunham de diretrizes de boa vontade, porém, nos moldes estruturais em que era proposto, a atuação desse Movimento tratava-se de algo inédito, em permanente construção e reconstrução. Os profissionais que eram convidados para trabalhar nos Sistemas Radioeducativos locais, fosse pelo bispo diocesano, fosse pelo vigário da paróquia, ou mesmo por algum padre, tinham pouca clareza de como proceder, do que deles era esperado. Assim foi com Maria Lúcia Moreira da Costa, integrante do MEB Pernambuco.

Nós não tínhamos aquele nível de interpretação. O que existia, basicamente, era uma vontade enorme de acertar e uma sensibilidade grande em relação aos problemas sociais. **Nessa época nós não tínhamos um projeto claro. A gente se entregava ao trabalho sem saber o que iria encontrar pela frente.** Queríamos aprender, descobrir, agir. À medida em que íamos desconfiando das coisas, questionando, experimentando, já começávamos a fazer as adaptações. (COSTA, A.; JACOUD; COSTA, B., 1986, p. 21, grifo nosso).

As palavras dessa ex-militante do Movimento em Pernambuco encontram arrimo em estudos analíticos sobre a história educacional do MEB. As investigações convergem quando abordam a precedência do fazer robustecendo, orientando e reorientando as sistematizações da educação de base em desenvolvimento, paulatinamente.

No todo, com exceções, as formulações teóricas do Movimento eram fragmentadas, difusas, heterogêneas, e a compreensão, por parte dos agentes das equipes, de termos-chave como o deste capítulo [conscientização], passava por várias mediações — sua formação, experiência anterior, tipo de engajamento, nível da equipe etc. Sem dúvida, o valor heurístico das atividades concretas realizadas e das idéias e pistas que o Movimento engendrou vieram muito mais da prática do que da elaboração teórica. (WANDERLEY, 1984, p. 114).

Elegendo algumas particularidades e explicitando o avizinhamento do MEB com outros movimentos assemelhados, diz Osmar Fávero, um dos concebedores integrante do Secretariado Nacional:

[...] havendo iniciado seus trabalhos com uma proposta [de educação de base] a rigor já superada, inclusive nos meios oficiais, o MEB, ao final de praticamente dois anos de experiência, no seu 1º Encontro Nacional de Coordenadores, realizado em Olinda, em dezembro de 1962, teve oportunidade de **rever os trabalhos realizados, sistematizar sua prática e sobretudo iniciar um processo de fundamentação dessa prática**. A partir daí, redefiniu seus objetivos e sua metodologia de ação, integrados em nova postura ideológica. Ombreou-se então com os outros movimentos de cultura popular e passou a dialogar com eles, principalmente após o 1º Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, realizado em Recife, em setembro de 1963. (FÁVERO, 2006, p. 55, grifo nosso).

Aliás, avizinhar-se, dialogar com outros Movimentos em voga, servir-se de aportes teóricos e de práxis consentâneos aos fins de uma autêntica formação humana, na concepção de Jacques Maritain, fazia-se indispensável. Isto porque, para esse filósofo cristão, a doutrina social da Igreja Católica não dispõe de todas as respostas à diversidade dos conflitos históricos. Para ele, pensar contrariamente,

Seria porém confundir o espiritual e o temporal imaginar que a doutrina comum da Igreja basta sozinha para resolver os conflitos da história temporal e para trazer as soluções temporais concretamente determinadas do que têm necessidade os homens *hic et nunc*. Sob este céu doutrinal, uma filosofia social e política, e elaborações práticas são necessárias. E acontece o mesmo no domínio da ação. (MARITAIN, 1962, p. 213).

Talvez, a carência de uma maior fundamentação ou planejamento homogêneos prévios, as idiossincrasias de pensamentos, ao lado da urgência de impulsionar a intervenção do MEB emprestando-lhe pregnância social e concreção histórica, rebatia nos momentos de recrutamento de suas equipes dirigentes quer estaduais, quer diocesanas. Marliete de Lira Pessoa, membro da Equipe de Nazaré de Mata (PE), recorda-se que era professora e participava da Juventude Independente Católica (JIC), razão pela qual,

Um belo dia, o padre Petronilo Pedrosa me convidou: ‘Você que já atua no jornal, não quer trabalhar também na Rádio? É um trabalho de educação de base com o homem do campo’ E, sem titubear, respondi: ‘Quero sim. Mas eu nunca vi um microfone de perto.’ O padre disse: ‘É o de menos. Você convida mais alguém e poderão fazer um treinamento nisso.’ [...] Em Nazaré fizemos um pequeno encontro. Entramos em contato com os termos-chave: monitor, script etc. Logo depois, já nos encontrávamos, Neide Veiga Vieira e eu, em Natal fazendo um estágio. Lá reviramos a estação radiofônica de cabeça para baixo. Obtivemos modelos de aula, fichas, esquemas de reuniões etc. Tivemos oportunidade de visitar Escolas Radiofônicas e de conversar com alunos e monitores.

[...] Com o tempo, fomos notando que a linha adotada pelo padre diferia radicalmente do pensamento e da linha de ação do MEB. (COSTA, A.; JACOUD; COSTA, B., 1986, p. 28).

Em semelhante situação, esclarece Rita Accioly Tesser, à época militante da Juventude Universitária Católica (JUC), como se deu o convite para compor a Equipe estadual do MEB Ceará.

Quando terminei o Curso [de Orientação Educacional], fui contratada para trabalhar no Estado. [...] A JUC havia marcado muito a vida da gente. Eu estava há uns seis meses nesse trabalho, quando o vigário-geral da Arquidiocese me procurou falando do MEB, dizendo que eu estava convidada a participar de um treinamento. Vocês vêem que todas as pessoas convidadas para esse treinamento tinham participado de Ação Católica, sobretudo de JUC: eu, Moreira, Aloylson, Juju, os Garcia etc., [da equipe do MEB Ceará]. (COSTA, A; JACOUD; COSTA, B., 1986, p. 29-30).

Vislumbra-se que, de empréstimo de experiências pretéritas no âmbito da educação escolar pelo rádio, ditas “vitoriosas”, especialmente as de Natal com o Serviço de Assistência Rural (SAR), e de Sergipe com o SIRESE, os bispos da CNBB que compunham o Conselho Diretor Nacional (CDN), colheram nos movimentos da Igreja, prioritariamente nos quadros da Ação Católica Brasileira, os educadores para coordenar e fazer funcionar o MEB. Osmar Fávero apresenta-se:

[...] fui membro do MEB, tendo pertencido ao secretariado nacional, no período de março de 1961, quando foi criado, até maio de 1966. Como um dos coordenadores nacionais, fui responsável pelo treinamento das equipes locais e, em boa parte, pelos aspectos metodológicos da ação educativa. Vindo da equipe Nacional da JUC e acumulando, pelo menos nos três primeiros anos, o secretariado da Ação Católica Brasileira e o secretariado nacional do MEB, vivi intensamente esse período fértil e conturbado, no início de minha vida profissional, recém-licenciado pela Faculdade Nacional de Filosofia, da então Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro). (FÁVERO, 2006, p.11-12).

5.1 Materialização do Movimento de Educação de Base pela mediação da Escola Radiofônica da Emissora Rural de Caicó

Sem dúvida alguma, a Rádio-Escola da Emissora de Educação Rural de Caicó é parte inclusa dessas obstinadas teorizações, posicionamentos e regulamentações enquanto integrada ao sistema de aulas em escolas radiofônicas cujo objeto pedagógico consagraria a educação de base em sentido amplo (conforme corroborado pelas teorizações anteriores) das populações campesinas e suburbanas.

No alvorecer do MEB Caicó, os programas a cargo desse Movimento resultavam da própria concepção inicial da constituição de uma Rádio direcionada à educação de homens e mulheres sertanejos, especialmente do meio rural. E mais, à medida que se tornou impossível a manutenção das Escolas Radiofônicas em sua concepção primeva, as emissões sonoras via rádio cresceram em índices expressivos, isto porque, conforme Santos (2007), para desenvolver a sua missão “[...] o rádio era o elemento mais forte.”

Esclarece o padre João Medeiros Filho (Figura 14), assessor técnico e posteriormente coordenador do MEB Caicó na década de 1970, que desde os primórdios da Emissora Rural, já havia

[...] uma parte [da programação] pré-determinada pela própria realidade, estrutura do MEB e o convênio [com o governo federal]. E também, até um aspecto moral: se a Rádio era de educação rural, se o MEB se propunha a isso, então tinha que haver muito bem o casamento. (MEDEIROS FILHO, 2007).



Figura 14 – Padre João Medeiros Filho, funcionários do MEB Caicó e comunitários. Realça-se a moda de tubinho [1972]
Fonte – Acervo de Osvaldo Oscar e Liquinha

Os laços entre o MEB local e a própria Rádio Rural apresentaram-se, desde cedo, indissociáveis. Para João Samuel de Araújo (2003), “A Emissora foi criada para poder viabilizar o trabalho que a Diocese pretendia realizar na área de educação de base. Por isso, naqueles tempos, a Emissora se confundia com o MEB e vice-versa.”

A programação radiofônica veiculada no âmbito da educação escolar de base por essa Emissora católica, reitere-se, integrou a experiência educativa acumulada pela Igreja Católica em vários países e nos mais diversos níveis, pelo emprego dos meios de comunicação social. Pelas transmissões da Rádio Rural, avalia Paulo Celestino que as aulas radiofônicas eram muito bem transmitidas sob a direção pedagógica do MEB, e os programas muito bem ouvidos.

E não eram por ter rádio cativo. O MEB distribuía os chamados rádios cativos, eram programados só para receber a programação da 'Rede Globo', da nossa querida Emissora Rural que era como a Rede Globo. Então, não era só por ser cativo não, porque quem não tinha rádio cativo ouvia e levava para aqueles fazendeiros, o pessoal dos sítios, levavam os rádios não cativos para o pessoal ouvir a programação da Emissora. O MEB tinha programas muito bem organizados, estudados, eram programas produzidos. (CELESTINO, 2007).

Vê-se que a escassez de escolas primárias na zona rural foi, em parte, suprida na Região do Seridó pelas transmissões da Emissora Rural, as quais também contribuiriam para a Sé Romana atestar o papel cada vez mais relevante dos *mass media* no vasto domínio da formação humana. Reconhece o magistério católico que o emprego desses meios,

Nas regiões com poucas possibilidades de escolarização oferecem vantagens sobre diversos aspectos: educação religiosa, formação de base, luta contra o analfabetismo, ensino de técnicas agrícolas, medicina, higiene e métodos de desenvolvimento comunitário. (COMMUNIO ET PROGRESSIO..., 2003, p. 98).

Percebe-se que as transmissões da Rádio Rural de Caicó, nelas inserido o módulo programático da Escola Radiofônica do MEB, vislumbravam antecipadamente as possibilidades e as vantagens emergenciais da educação escolar a distância da qual estavam privados milhares de sertanejos. Quando na região do Seridó a experiência da educação de base já ia longe, com ampla utilização das potencialidades educativas dos recursos tecnológicos de comunicação, notadamente do rádio, a Sé Apostólica reconheceria:

Os meios de comunicação com os seus rápidos progressos, vão abatendo barreiras que o espaço e o tempo levantaram entre os homens; apresentam-se, portanto, como fatores de proximidade e de comunhão. Graças a eles notícias e conhecimentos de toda a ordem circulam continuamente por toda a terra, permitindo aos homens seguir muito mais ativamente a vida do mundo de hoje. Graças também a eles, novas oportunidades surgiram para a divulgação do ensino a todos os níveis; novas oportunidades sobretudo para a luta contra o analfabetismo e para a instrução elementar ou educação permanente. (COMMUNIO ET PROGRESSIO..., 2003, p. 90).

A dimensão de uma educação de base, conscientizadora, libertadora, portanto já concebida e proposta pelo Movimento em nível nacional, permeou não só a concepção, mas também a práxis cotidiana do Sistema radioeducativo de Caicó. E as comunidades por ele assistidas davam sinais de assimilação dessa intenção pedagógica formativa. A realização de eventos paroquiais, especialmente as festas de padroeiros inseridas na abrangência das áreas cobertas pelas Escolas Radiofônicas, presencia manifestações explícitas que atestam, revelam e comunicam o desabrochar dessa proposta educativa recém-ofertada ao Seridó norte-rio-grandense, pelas ondas de sua Emissora de Educação Rural.

A Festa da Colheita, por exemplo, de iniciativa da paróquia da cidade seridoense Cruzeta, no ano 1964, em que foram implantadas as primeiras aulas radiofônicas nesse município, atestam a sua recepção. Raimundo Silva, que integrou o MEB Caicó, refere-se ao desfile em que uma faixa exibida pelos jovens alunos dessas Escolas reportava-se ao valor do homem pela formação conscientizadora. Nas palavras do supervisor/coordenador:

O MEB tinha algo mais que era ajudar as pessoas na conscientização. Eu me lembro que na área de Cruzeta, com a instalação das Escolas Radiofônicas, [na Festa da Colheita] houve um desfile muito bonito na cidade e tinha uma faixa ‘Nossa missão é ajudar você a tomar consciência’, era uma coisa mais ou menos assim, eu tenho essa fotografia. (SILVA, R. 2005).



Figura 15 — Em meio a outros alunos, estudantes das Escolas Radiofônicas exibem faixa: ‘O homem se promove na medida em que se conscientiza.’ Festa da Colheita, Cruzeta. (1964)

Fonte — Acervo de Osvaldo Oscar e Liquinha

Vê-se pela foto, que os estudantes-ouvintes das aulas radiofônicas, jovens adolescentes, se apresentavam perante a comunidade, ao lado dos que freqüentavam as

ditas escolas tradicionais, inclusive de crianças (Figura 15), exibindo convicções por aquelas difundidas em sintonia com o propósito fundante do MEB de “[...] contribuir, de modo decisivo, para o desenvolvimento **integral** do povo, numa perspectiva de **autopromoção** que leve a uma **transformação** decisiva de **mentalidade** e **estruturas** [...]” (INSTRUÇÕES, [1964], fl. 1, grifo nosso), que em fins de 1962, pretendeu-se por uma certa radicalização. As teorizações de Paulo Freire seriam uma das forças motriz dessa postura pedagógica.

A radicalização que implica no enraizamento que o homem faz na opção que fez, é positiva, porque preponderantemente crítica. Porque crítica e amorosa, humilde e comunicativa. O homem radical [...] não pretende impor a sua opção. Dialoga sobre ela. (FREIRE, 2006, p. 58).

A vinculação prévia a órgãos, a movimentos ou a pastorais da Igreja Católica, a exemplo do ocorrido com Fávero, se repetiu em vários Sistemas locais do MEB espalhados Brasil a fora. Em Caicó não foi diferente, como assistiremos.

As Escolas Radiofônicas — módulo programático da Emissora Rural de Caicó — para tanto, o bispo Dom Manuel Tavares, o padre Itan Pereira e, posteriormente, o padre Ausônio Tércio de Araújo lançaram-se à tarefa de observar, selecionar e integrar à sua Equipe os jovens mais capazes e, na medida do possível, engajados em trabalhos pastorais da Igreja. Medida idêntica evidenciou-se na seleção dos que comporiam a equipe do MEB. O motivo da escolha dos que constituiriam a primeira equipe do MEB Caicó, relata o Supervisor, e logo depois Coordenador, Raimundo Silva:

Foi Dom Tavares quem escolheu. Eu sei que João Samuel [primeiro coordenador] era um estudante de Caicó. Ele trabalhava na Caern, não sei se naquele tempo era esse o nome; Lourdinha Lima porque era estudante do curso pedagógico em Caicó e era muito atuante na Ação Católica. Zélia Gurgel que estudava também no colégio das irmãs do Amor Divino e era uma pessoa bem quista na cidade; e eu porque tinha sido seminarista e era da confiança de Dom Tavares. E tinha Iara Diniz que era do trabalho da contabilidade. Então, nós fomos escolhidos por ele, por Dom Tavares. Nós assim fomos treinados, passamos um mês em Ponta Negra [Natal]. Éramos treinados, observados, fazíamos testes com a psicóloga, alguns não eram aprovados. Da nossa equipe todos foram aprovados. (SILVA, R., 2005).

Zélia Gurgel, professora-radiofônica, corrobora as palavras de seu ex-colega de MEB. “Bem, eu tinha saído do internato do colégio das irmãs, o Colégio Santa Teresinha. E como a indicação do pessoal que participaria da equipe do MEB era da diocese, eu fui indicada. Depois a gente veio participar de um treinamento aqui em Natal.” (GURGEL; LIMA, 2007). Já a Supervisora Maria de Lourdes Lima esclarece:

Eu já trabalhava na Diocese com Dom Tavares; trabalhava na parte de catequese, já tinha um contato muito bom com a Igreja, era muito amiga de Dom Tavares. [...] Então, eu fui indicada porque já trabalhava lá. Eu vim também para [Natal] fazer o treinamento, porque esse treinamento era feito também por psicólogos. Tinha Osmar Fávero e Lourdinha Fávero. E eles avaliavam o nível da gente pela participação, pelo que a gente dizia. (GURGEL; LIMA, 2007).

A vinculação eclesial igualmente ocorrida atestada por outros que foram sendo integrados à equipe do MEB Caicó, no decorrer dos anos, com freqüentes substituições, especialmente porque, na quase totalidade tratava-se de jovens cujo futuro profissional estava em devir. Alguns saíam por aprovação em concursos públicos, outros, para cursar Universidade, na capital ou noutra centro urbano.

Reinaldo Ricardo dos Santos (Figura 16), que permaneceu na equipe do MEB Caicó até o ano de 1973, assumindo inclusive o cargo de coordenador, assim refere-se à sua admissão:

Eu entrei para o MEB em 1966 e a seleção para compor a equipe era observada a sua atuação na comunidade. Na época eu estava estudando muito. Eu havia recebido um convite para ensinar do Colégio Diocesano, já havia ensinado um ano, mas na quinta série e o convite era para ensinar o primeiro ano ginásial, na época. E eu me lembro bem que quem fez o convite foi Ítalo, Ítalo Gomes que era integrante da equipe estava, por sinal, deixando a equipe para cuidar de outros afazeres dele. E aí fez o convite. Eu era de movimento jovem, da Juventude Operária Católica [JOC] e isso teve um peso, pela coincidência de propósitos entre a JOC e o MEB. Um dos motivos fortes foi essa antecedência comunitária que eu tinha participação na JOC. [...] Como eu tinha esse envolvimento já há algum tempo com a JOC, então foi um dos critérios que pesou para irmos para lá. (SANTOS, R., 2007).



Figura 16 — Treinamento ministrado pelo MEB Caicó, na Fazenda Soledade, pertencente à Diocese. Junto ao quadro-negro o Coordenador Reinaldo Ricardo dos Santos, com boina tipo Che Guevara [1973]

Fonte — Acervo do LABORDOC, CERES Caicó, UFRN

Oswaldo Oscar de Araújo e sua esposa Maria Dantas de Araújo, Liquinha (Figura 17), Jurandir Cardoso, dentre outros, também corroboram suas afinidades eclesiais com os movimentos da Igreja local. Afirma Liquinha:

Eu entrei no MEB através de Raimundo Silva [hoje Padre Raimundo], e aquelas irmãs do Abrigo [de Caicó] também, já que a gente ficava ajudando lá pelo Abrigo, à Irmã Lúcia, mas a pessoa chave acredito que foi Raimundo. Foi em 1966. E a gente já tinha uma certa afinidade também com Dom Manuel Tavares. Mas também tinha uma votação na equipe. [...] Havia uma apreciação da equipe, dos candidatos. (ARAÚJO, D; ARAÚJO, O., 2007).



Figura 17 – Adeilce Gomes (esquerda) e Maria Dantas, Liquinha da Equipe do MEB Caicó [1966]

Fonte — Acervo de Maria Floripes

O esposo Osvaldo, então secretário da paróquia Igreja de São José de Caicó e integrante da Ação Católica esclarece os pré-requisitos para sua inclusão na Equipe do MEB local.

Eu entrei [para o MEB Caicó] em 02 de maio de 1966. Exatamente no lugar de Adeilce [Gomes], porque ela se casou no dia 20 de maio [com Ítalo], então, já garantiram a vaga. Zélia Costa ficou sendo coordenadora no lugar dela, mas eu fui para essa vaga que apareceu. Na época eu era secretário da paróquia de São José. Foi quando Padre João Medeiros instalou [a paróquia]. Eu também era do Abrigo. Eu morei fora um tempo, mas desde 1963 eu trabalhava no Abrigo. Então, João Medeiros me levou para a Secretaria Paroquial. Passei só quatro meses e em 02 de maio de 1966 fui para o MEB e de lá saí em 30 de abril de 1971. Foi quando fui trabalhar no Banco [do Brasil]. (ARAÚJO, D; ARAÚJO, O., 2007).

O vínculo com a Ação Católica, a exemplo de Reinaldo, também deu-se em relação a Jurandir Cardoso de Medeiros, ou simplesmente Didi.

Eu entrei para a equipe do MEB Caicó no final de 1968 para início de 1969, através de Zé Nilton [hoje falecido] que já trabalhava lá e morava em Cruzeta, onde eu também morava, e a convite de Dom Manuel Tavares. Anteriormente eu tinha tido uma experiência do Movimento de

Juventude Agrária Católica (JAC). [...] Aqui no Seridó, em algumas cidades como Cruzeta, Cerro Cora, Lagoa Nova, que eu me lembro bem. Era um trabalho ligado à Igreja, eram os padres quem coordenavam e Padre Ernesto [da Silva Espínola] criou uma equipe da qual eu tive a honra e o privilégio de participar, lá em Cruzeta. Então, esse trabalho da Ação Católica era um trabalho que era realizado com os jovens da zona rural. A gente trabalhava através do método ver, julgar e agir. E acredito que, talvez, por essa experiência [fui convidada]. Já tinha tido experiências também com Clube de Mães, Clube de Jovens, e uma história de vida de trabalho. (MEDEIROS, J. C., 2007).

Partícipes da Ação Católica, militantes católicos da JOC, da JAC e ainda de trabalhos assistenciais, o certo é que, selecionados e escolhidos pelo bispo diocesano, os que comporiam a primeira equipe do MEB Caicó, impulsionados pelo entusiasmo, pelo idealismo de desencadear no Seridó um programa educativo inédito, aprimoraram a capacitação. Na primeira quinzena de maio de 1963 permaneceram em Natal sendo treinados, conjuntamente com integrantes advindos de outras dioceses, dentre as quais a da “co-irmã” Mossoró.

Enquanto a comunidade caicoense e de todo o Seridó festejava em 1º de maio de 1963, a inauguração oficial da sua Emissora de Educação Rural, acontecimento impar na vida sertaneja de Caicó, os integrantes da Equipe local estudavam os fundamentos da educação de base; treinados, moldados para assumir no Seridó potiguar a missão educativa que a Igreja Diocesana lhes confiara e ainda inédita nessa Região — a propagação dessa educação.

Começou no Centro de Treinamento de Líderes [em Ponta Negra] um curso intensivo de 12 dias para equipes de educação de base do MEB com a direção da equipe nacional do Movimento de Educação de Base, que se deslocou a Natal especialmente com esse sentido. Participam do curso 7 elementos do MEB de Caicó e 6 de Mossoró além das equipes recém formadas nas áreas pilotos do Movimento da Arquidiocese de Natal. Vieram também para o curso as novas equipes do MEB do Maranhão, do Ceará e de Pernambuco. As aulas tiveram início no dia primeiro de maio, se estendendo até o dia 12 do corrente. Versam sobre os fundamentos da educação de base, possibilitando assim para os cursistas uma visão do importante trabalho que irão realizar nas diversas áreas subdesenvolvidas do Nordeste (EDUCAÇÃO DE BASE TREINA EQUIPE..., 1963, p. 6).

A Equipe pedagógica precursora, João Samuel de Araújo (Coordenador), Zélia Gurgel Soares (Professora-radiofônica), Raimundo Silva (Supervisor), Maria de Lourdes Lima (Supervisora), Adeilce Gomes (Supervisora) e Iara Diniz Gurgel (Contabilista). A essa Equipe precursora caberia a missão desbravadora de implantar as aulas radiofônicas ou radiadas (como assim chamadas), na Região do Seridó do Rio Grande do Norte.

Imbuída da incumbência de oferecer a homens e mulheres sertanejos, prioritariamente da zona rural, uma educação de base transformadora coadjuvada pela disponibilidade de um meio tecnológico de comunicação midiática, foi enviada a primeira correspondência para o MEB Nacional pelo MEB Sistema de Caicó, no dia 30 de maio de 1963. Assinada por João Samuel de Araújo, Coordenador, a carta atesta a euforia e a disposição da Equipe local para o trabalho e fora dirigida a Osmar [Fávero], componente da Equipe Nacional. “Osmar, conforme ficou planejado no estágio de Natal, iniciamos o nosso trabalho no dia 21 deste. Estamos fazendo o levantamento das primeiras áreas e **animados com o trabalho.**” (ARAÚJO, J. S., 1963, fl. 1, grifo nosso).



Figura 18 — Treinamento realizado em Natal com a presença da Equipe Nacional do MEB. Em pé, de plano, à direita, Osmar Fávero dirige-se a Zélia Gurgel. Sentado no degrau, Raimundo Silva. [Realça-se a moda feminina de lenço na cabeça e uso de bobes] (1966)
Fonte — Acervo de Lourdinha Lima

O empenho em desenvolver um trabalho educativo e formativo pelo investimento na promoção dos sertanejos era, digamos, auto-realizante. O treinamento em Natal, fora empolgante, assim como outros (Figura 18). Rememorar os trabalho iniciate do MEB Caicó, seu primeiro Coordenador confessa ser exercício de super-homem.

Relembrar o trabalho que iniciamos junto com Zélia [Gurgel], Raimundo, Adeilce, Lourdinha e Iara Diniz. Chamados hoje de anos dourados, aqueles momentos foram realmente de muitas felicidades. [...] Desde o momento que recebemos o treinamento adequado para desenvolvermos o nosso projeto, na verdade, uma verdadeira lavagem cerebral, no bom

sentido, toda Equipe se engajou num tipo de trabalho que fazia de cada um de nós um verdadeiro super-homem, visto não haver nenhum obstáculo que fosse considerado intransponível por qualquer membro da Equipe. (ARAÚJO, J. S., 2003).

A orientação pedagógica do MEB indicava que a instalação de cada Escola Radiofônica fosse precedida de um estudo prévio da área, identificando problemas humanos e existenciais das comunidades, incluído o credo religioso, os serviços ali disponíveis e as carências presentes.

Igualmente relevante seria levantar termos peculiares do linguajar das comunidades, aqueles mais presentes na fala dos seus habitantes, como sugeria o método Paulo Freire de alfabetização. Os registros permitiriam, *a posteriori*, ser inseridos no planejamento do conteúdo das aulas radiofônicas tornando-as mais atraentes e motivadoras, interligadas às vivências de seus alunos-ouvintes, numa espécie de investigação-ação, conforme se refere Wanderley.

O estudo de área foi propugnado como uma das fases indispensáveis na radicação das escolas radiofônicas no I Encontro de Coordenadores do MEB (Recife, dezembro de 1962), seguindo depois como meio básico para as demais atividades de animação popular. A sua definição estabelecia: ‘Estudo de área é o levantamento da situação e a interpretação das realidades econômica, política e religiosa de uma determinada área geográfica, visando conhecer as comunidades ali existentes para ajudá-las em seu desenvolvimento.’ [...] Objetivava, também, planejar racionalmente o trabalho, fundado nas condições do meio. Deveria ser preparado pelos supervisores e, aos poucos, de modo variável, incorporou a colaboração de pessoas das localidades, esboçando os primeiros passos na linha da investigação-ação. (WANDERLEY, 1984, p. 118).

Reporta-se Raimundo Silva à operacionalização desse trabalho de investigação-ação levado a cabo pelos supervisores no Sistema local, o qual precedia necessariamente a radicação das Escolas Radiofônicas.

No levantamento de área a gente olhava o nível de alfabetização do povo, a pobreza, a falta de assistência por parte dos organismos brasileiros, a falta de terra, ausência de sindicalismo, esses dados. Tinha toda uma programação nas cartilhas, ou então nas apostilas que a gente recebia, nós tínhamos um roteiro que não posso agora mais me recordar, mas havia todo um trabalho que a gente fazia. Fazíamos os relatórios e enviávamos para a equipe nacional. [A finalidade era] ver como trabalhar naquela comunidade e, ao mesmo tempo, colher subsídios tanto para os programas como para as aulas que não ficavam, digamos assim, só no alfabetizar, mas alfabetizava já levando para uma dimensão de conscientização. (SILVA, R., 2005).

Observa-se uma postura teórico-prática que denotava um claro esforço do MEB na apropriação de pressupostos teórico-metodológicos do “Método Paulo Freire” dirigido à alfabetização de adultos. As apropriações teóricas eram utilizadas na prática pedagógica, evidentemente, com as particularidades dos recursos técnicos empregados para as aulas radiofônicas. Incorporar, em princípio, as problemáticas existenciais dos aprendizes, trata-se de proposição chave da pedagogia freireana.

Este é um esforço que cabe realizar, [...] o esforço de propor aos indivíduos dimensões significativas de sua realidade, cuja análise crítica, lhes possibilite reconhecer a interação de suas partes. [...] Nesse sentido é que a investigação do tema gerador que se encontra contido no ‘universo temático mínimo’ (os temas geradores em interação), se realizada por meio de uma metodologia conscientizadora, além de nos possibilitar a sua apreensão, insere ou começa a inserir os homens numa forma crítica de pensarem o seu mundo. (FREIRE, 2005, p. 111-112).

5.2 A Escola Radiofônica e o exercício da escolarização ampliada

O primeiro contato da equipe do MEB Caicó com os materiais logísticos indispensáveis à Escola e às aulas radiadas (cartilhas, fios para antenas, lâmpadas a gás, pilhas e receptores) deu-se ao mesmo tempo com o trabalho de investigação nas áreas de quatro municípios da diocese: Jardim de Piranhas, São Fernando, São João do Sabugi, e a sede Caicó. Aquela equipe esforçou-se para no primeiro mês de atividade (maio de 1963) “levar ao ar” programas radiofônicos destinados a preparar as comunidades destinatárias a compreender, aceitar e articular-se no pretendido trabalho educativo. Em meio aos programas da Rádio Rural — veículo e suporte material da ilustração ideada — esclareceram pedagogicamente as finalidades e a metodologia radiofônica das Escolas.

Desde logo fez uso de outros instrumentos modernos de comunicação capazes de divulgar as concepções educativas do Movimento e de criar uma opinião pública favorável, especialmente no meio rural. Para tanto, a equipe fez publicar matérias no jornal “A Folha” almejando o despertar dos leitores para a atividade que seria desempenhada pelas Escolas Radiofônicas como veículo de alfabetização, de conscientização, de promoção, de orientação, enfim, de formação educativa pretendida para os sertanejos seridoenses.

Não se lê hoje uma revista ou um jornal que não traga nas primeiras páginas assuntos sobre estruturas erradas, apelos a uma renovação. [...] Mas, toma conhecimento de tudo isso os que sabem ler. E mais da metade da população de nosso país é analfabeta. Principalmente a maioria dos que vivem no campo, estão completamente alheios aos problemas do seu próprio meio, quanto mais do que vai pelo Brasil, pelo mundo. [...] Esses homens precisam compreender, melhorar de vida,

desenvolver-se, mas não sabem como orientar-se. (EDUCAR PARA MUDAR — MEB, 1963, p. 2).

Aliás, criar uma opinião pública insofismável, apta a orientar seguramente o Homem na vida com alteridades materiais e espirituais, seria uma das dimensões inerentes aos fins dos meios tecnológicos modernos de comunicação social. Trata-se de um veículo midiático reconhecido pela Igreja Católica, como caro à formação humana.

A opinião pública goza hoje de um peso e de uma autoridade extraordinários em todos os setores da vida humana, tanto pública quanto privada. É, pois, indispensável que todos os membros da sociedade cumpram estritamente seus deveres de justiça e de caridade no uso dos meios de comunicação social, a fim de que estejam a serviço da formação e manifestação de uma opinião pública correta [...]. (INTER MIRÍFICA..., 2003, p. 73).

O MEB Caicó, com tais publicações jornalísticas, propedeuticamente buscava inculcar na sociedade seridoense a imprescindibilidade da instrução escolar, permanentemente. Nesse desiderato estava, todavia, consciente não ser a escola, por si mesma, fator suficiente a implementar uma mudança de vida para melhoras palpáveis. Entretanto, a escolarização se constituiria mola propulsora a despertar nos sertanejos analfabetos ou semi-analfabetos a percepção e o desejo de promover-se, de renovar-se espiritual e materialmente. Incorporando retoricamente, nessa nova era de cultura cristã, o discurso contrário para em seguida rebatê-lo, alertava a Equipe do MEB local:

Mas não deixa de haver quem diga, não acredito que escola faça alguém mudar de vida. Na verdade, só pela escola é impossível essa mudança; mas é através dessas escolas que os homens do campo que vivem abandonados, **irão se esclarecendo e tomando consciência de seus direitos e obrigações como cidadãos brasileiros e filhos de Deus**. Com essa tomada de consciência sentirão a necessidade de se unirem, de fundarem cooperativas e também outras organizações que o levarão a uma promoção. (EDUCAR PARA MUDAR — MEB, 1963, p. 2, grifo nosso).

Aprender a ler, escrever e contar subsume-se a uma elevação global dos indivíduos enraizados em sua ambiência; principia uma visão alargada de vida existencial, de si e dos outros no coletivo. A tomada de consciência desembocaria necessariamente na percepção, por parte dos educandos, que só comunitariamente organizados tornar-se-ia possível uma intervenção eficaz nas condições socioeconômicas do seu viver humano.

Enxergar que a alfabetização protagonizada pela escola, por si só seria insuficiente, havia ainda a apreensão de que o modelo da “escola do rádio” atenderia a exigências particulares de uma experiência educativa singular. Por seu turno, não se tratava

de substituir as escolas estruturadas nos padrões tradicionalmente conhecidos. A Escola Radiofônica haveria suas especificidades metodológicas, pedagógicas e acima de tudo técnicas e tecnológicas. Por elas e por meio delas ter-se-ia

Um professor num microfone multiplicando-se por 10, 100 e 1000 outros professores, graças a uma rede radiofônica de recepção organizada, de imensa simplicidade, onde, em cada unidade, está um receptor e junto dele um modesto monitor, obedecendo às vozes de comando que vêm de longe, mas vêm redentoras, ensinando a ler, a escrever, a contar, ensinando elementos de agricultura, de educação sanitária, de higiene, de moral, de economia geral, de economia doméstica, de vida cívica e espiritual, dando a milhares de homens e mulheres, moços e adolescentes, a notícia do que vai pelo mundo, pelo seu país, pelo seu Estado, pelo seu Território, pelo seu meio e até pela sua casa. É claro que as Escolas Radiofônicas não pretendem substituir a escola primária. Elas são uma solução de massa para um problema que, encarado no seu todo, estava semeando desesperança e pânico. (TAVORA, [1961], fl. 2).

A rede radiofônica estruturada pela materialidade tecnológica interpelada por um(a) professor(a)-locutor(a), um monitor(a) e um receptor cativo — o rádio — dinamizaria a alfabetização de um contingente de adolescentes, jovens e adultos, urbanos e rurais. Para uma das ex-monitoras do Sistema de Caicó, as Escolas Radiofônicas, nesse âmbito cumpriram um imprescindível papel pedagógico, educativo, socializador, enfim, formador.

Antes mesmo de veiculação das aulas radiofônicas, programas específicos visando a um trabalho educativo sistematizado foram levados a cabo pelo Sistema local. *Conversando com o Sertanejo* tratou-se do primeiro deles, precedendo e inclusive preparando a instalação das Escolas Radiofônicas nas comunidades rurais. Enquanto fazia-se o levantamento de área, aguardava-se a chegada de equipamentos, e identificava-se comunidades que pudessem abrigar aquelas Escolas, a equipe do MEB servia-se da Rádio Rural, como antes frisado, para fazer a interlocução com seus futuros ouvintes, para esclarecer os objetivos educacionais a que se propunha. Lourdinha Lima, a primeira apresentadora desse programa, esclarece que sua didática privilegiava o diálogo com os membros de comunidades rurais dos municípios seridoenses.

Era um programa diretamente com eles, com músicas que a gente selecionava; tinham as músicas que eles gostavam e foi através desse programa que a gente fez, que a gente levantava dados da realidade; pedia para eles avaliarem como era que estava: — Mandem alguma coisa. — Como é que você está? — O quê quer que se coloque no programa? Era assim; a gente deixava eles bem donos da coisa, de dizer o que pensavam, o quê queriam. A gente fazia de tudo para eles se sentirem muito valorizados. Isso foi logo no início; tinha só esse programa [...]. (GURGEL; LIMA, 2007).

A Escola Radiofônica — módulo programático da Emissora Rural de Caicó — cumpria, portanto, função propedêutica, de interlocução com as comunidades rurais e com aqueles que viriam a ser os alunos das Escolas Radiofônicas. Infere-se que uma vez radicadas, e tendo de certo modo cumprido seu desiderato preparatório, esse módulo programático cedeu lugar a outras emissões dirigidas à clientela já vinculada a essas Escolas, a exemplo de *Conversa com Monitores e Alunos*, muito embora, em dado momento tenham coexistido.

Nessa missão pedagógica, na área do MEB Caicó, logo em 1963 foram radicadas 50 Escolas Radiofônicas nos quatro municípios selecionados (Jardim de Piranhas, São Fernando, São João do Sabugi e Caicó) matriculando 973 alunos, conforme relato do Livro de Atas da História da Rádio Rural de Caicó (1963). Em 1964, três novos municípios, a saber, Jucurutu, Cruzeta e Serra Negra do Norte, foram acrescentados à área de abrangência do Sistema local.

Com o módulo programático Escola Radiofônica, pelo contato da Equipe local do MEB com as comunidades rurais afloram grupos organizados. Inspirados pela proposta educativa do Movimento, em 1966 contabilizava-se 3 clubes de jovens e 3 times de futebol, como já vinha acontecendo em Natal e adjacências (FERRARI, 1968). Índices organizacionais que se tornariam mais expressivos à medida que o trabalho de animação de comunidades ganhou fôlego, com freqüente realização de eventos festivos (forrós), leilões e dramas (teatros), muitos dos quais para angariar recursos financeiros e fazer face à compra de material para a Escola, dentre os quais, pilhas para os rádios e gás para as lâmpadas.

Por tarefa dos integrantes do MEB Caicó, as comunidades recebiam o material básico, rádio cativo (Figura 19) e lampião a gás, mas, até para fugir ao mero, digamos, assistencialismo, naquele tempo já bastante criticado por Freire (2001), haveriam os alunos-ouvintes que prover condições técnicas e materiais para transmissão e recepção das aulas radiofônicas.

Então, não existiam verbas para isso [alimentação dos aparelhos]. Como é que eles faziam para comprar pilhas e gás? Escreviam [para os programas radiofônicos] dizendo os tipos de campanhas que eles faziam, porque já serviam de modelo para outros. E a gente divulgava como é que foi feito naquela comunidade. Eles faziam rifas. Faziam um forrozinho passando a fita; botava uma fita [de tecido] no ombro [dos presentes], aí cada um dava o que podia. Faziam campanhas assim. (MEDEIROS, J. C., 2007).

Pode-se presumir pelo trecho de uma carta enviada por um monitor e transcrito no Boletim Nacional do MEB, o esforço humano consciente que faziam as comunidades escolarizadas para manter suas Escolas Radiofônicas e prover-lhes as despesas de manutenção: “A turma está bem animada. Vamos rezar o mês de maio e no último dia faremos um leilão que será em benefício da escola. Já escolhemos um monitor auxiliar para fazer o trabalho comigo, e ainda substituir quando eu precisar viajar.” (BOLETIM DO MEB, 1965, p. 3).



Figura 19 – Bodega em uma comunidade rural. O rádio tornou-se presente no dia-a-dia dos sertanejos que por ele tiveram acesso à educação escolar de base, a informações e ao entretenimento [1966]

Fonte — Acervo do LABORDOC, CERES Caicó, UFRN

Ressalta-se que, ainda nos anos de 1960, o governo militar instalado no Brasil em 1964 criou inúmeras dificuldades para os movimentos de cunho popular, dentre os quais o MEB. O Sistema de Caicó, recém-iniciado e dependente da estrutura nacional desse Movimento sofreria as decorrências da mudança político-ideológica nacional.

Planejara a Equipe local radicar 100 novas Escolas Radiofônicas no ano de 1964. Correspondência dirigida a “Osmar e Equipe”, atesta tal aspiração. A carta esclarece: “Estudo de área: iniciamos este mês o estudo de área, visando à instalação de mais 100 escolas.” (GOMES, 1964, fl. 1). Por essa demanda requeria realizar cinco novos treinamentos de monitores. Sob auspícios do governo militar, outra missiva oriunda do Sistema Caicó, esta em fins de abril desse ano de 1964, embora silencie sobre a nova realidade política, porém, já reconhece a impossibilidade de alcançar a meta estipulada.

Assumimos com o MEB Nacional o compromisso de instalar 100 novas escolas este ano. Pedimos desculpas por falta de previsão. É impossível criar 100 novas escolas em um período de três meses, quando não dispomos de meios materiais e pessoais, pelo menos no momento, quando sabemos que só dispomos de 1 veículo e 5 elementos disponíveis para o trabalho. Era nosso pensamento instalarmos pelo menos 60 escolas. Nosso plano foi frustrado pelos motivos supramencionados. Talvez consigamos instalar 50 escolas. (SILVA, R., 1964, fl. 1).

A pretensão de dar seqüência ao módulo programático Escola Radiofônica a partir de 02 de maio desse ano, fora igualmente frustrada. Nova carta endereçada à Equipe Nacional, já em maio de 1964, faz alusão à crise político-militar de modo superficial, informando que algumas áreas teriam ficado ressentidas e que, com o bispo diocesano, estava sendo feito um trabalho de reanimação. A falta de material era o quê estava impedindo o reinício das aulas. Há ainda uma reclamação explícita pelo “silêncio do [MEB] Nacional”. (SILVA, R., 1964, fl. 1).

Na verdade, o MEB Caicó ainda não recebera novos receptores, lâmpadas, pilhas, enfim, a materialidade pedagógica usualmente necessária para o reinício dos trabalhos escolares em virtude da contensão temporária das verbas, situação direta do novo regime governamental vigente. A cobrança da equipe local foi respondida em tom de surpresa pelo Nacional. Osmar Fávero, subscritor da carta, reportando-se ao coordenador do Sistema de Caicó, espanta-se com o tom ameno dado à correspondência frente ao grave quadro político-administrativo nacional.

Prezado Raimundo e Equipe, somente hoje recebi sua carta de 22.4.64. Respondo-a. Há muito não consigo escrever-lhes por uma série de acontecimentos, todos sérios e absorventes. Principalmente estes dois últimos meses vivemos em um clima tal que até o tom calmo de sua carta, à margem de todos os problemas que nos afogam, assusta. Por incrível que pareça, sua carta foi a única carta ‘normal’ que recebi nesses dois meses. [...] Todos os nossos Sistemas, salvo algumas raríssimas exceções, estão parados. Algumas sedes foram invadidas e todo o seu equipamento apreendido. Há supervisores, monitores e líderes sindicais treinados por nós que estão presos. Talvez não possamos continuar o MEB por falta de dinheiro, [...] por falta de possibilidade de consegui-lo e porque temos sofrido toda sorte de pressões, quanto a objetivos, linhas e orientação. Nada nos adiantaria conseguir verba ao preço de comprometer o Movimento e a liberdade de orientação da própria Igreja, no caso. (FÁVERO, 1964, fl. 1).

Incertezas e perplexidades sobre a permanência ou não do Movimento estão evidenciadas pelo quadro de paralisações, prisões, censuras. Manter o Movimento de Educação de Base, não seria relevante caso tivesse que abrir mão da concepção traçada na linha de uma educação integral e libertadora das classes populares.

De posse desse alerta, a equipe local em face dos dissabores vivenciados com os acontecimentos, porém, tenta justificar o tom adotado na missiva anterior e assume-se por — NÃO CONHECER O MEDO...

Osmar e Equipe, [...] Quanto ao tom ‘normal’ da nossa carta, longe de ser alheamento à gravidade dos problemas, é fruto da paz decorrida da segurança que temos da autenticidade do trabalho que nos propomos fazer. Daí haver bonança na tempestade. As acusações não nos amedrontam de maneira alguma. **Não conhecemos o medo.** Mesmo assim não ficamos isentos de acusações mal fundadas. A sede do nosso Sistema como as emissões radiofônicas sofreram fiscalização por parte do Exército. Nossas portas continuam abertas para receber tais visitas. Asseguramos que o quê realmente parou nosso trabalho foi unicamente a falta de verbas. (SILVA, R., 1964b, fl. 1, grifo nosso).

As reminiscências desses acontecimentos estão bem presentes ainda hoje. Passados mais de quarenta anos, reitera Raimundo [Sérvulo da] Silva que à aparente atitude de indiferença e alheamento, subjazia a certeza de um trabalho educativo, formativo e cristão e, enquanto tal, livre de conotações subversivas, de advertências.

Quando estourou a Revolução [1964] nós estávamos em pleno levantamento de área de Serra Negra e não paramos o trabalho. O MEB Nacional até se admirou que enquanto outras equipes cessaram o trabalho nós continuamos o nosso levantamento de área como se não tivesse acontecido nada. Mas não era por alienação da nossa parte, nós sabíamos muito bem o que significava, mas porque nós sabíamos que não estávamos fazendo subversão. Estávamos fazendo um trabalho que a Igreja promovia no Brasil e em convênio com o governo federal, então nós tínhamos toda uma tranqüilidade para fazer esse trabalho. (SILVA, R., 2005).

Haveria de alguma maneira, correspondência entre acusações, restrições, fiscalizações e até perseguições e um trabalho comprometido, por isso eram recebidos com regozijo. Zélia Gurgel, conforme já apresentada, a primeira professora-radiofônica do Sistema, atesta esse sentimento em virtude da transmissão de uma aula tratando da cooperação entre as pessoas, abordando também problemas de aritmética que explicitavam relações assimétricas nas parcerias rurais. Toda a equipe local foi recambiada para o Batalhão do Exército a fim de explicar-se sobre o conteúdo ensinado a ser aprendido pelos camponeses.

A essência era que o trabalho dele [camponês] era explorado. E esta aula resultou que a equipe toda [do MEB Caicó] foi para o quartel do Exército, no camburão. Toda a equipe. Da professora-radiofônica até o motorista. [...] Todo mundo foi; entrou no camburão do Exército e foi. Não consegui saber se ele [Dom Manuel Tavares] fez alguma injunção, mas tenho quase certeza que fez. Mas ele não procurou mostrar à gente que ia fazer isso porque queria muito que a gente assumisse a responsabilidade dos atos, daquilo que a gente fazia e daquilo que a gente

dizia. Eu me lembro muito; é uma coisa que eu nunca esqueci; já faz bastante tempo, mas eu não esqueci as perguntas que eles [militares do Batalhão de Caicó] faziam: Quais eram os significados daquelas palavras que a gente tinha usado? Qual era o objetivo da gente? Onde queria chegar com aquela aula? E depois, eles faziam umas perguntas que para a gente atrapalhava um pouco. Eles perguntavam para a gente: Qual a sua idade cronológica e a sua idade psicológica? Sabe... essas coisas assim que a gente ficava um pouco no ar; ficava meio atordoada. E as mesmas perguntas que ele [o militar] fez para a gente, por exemplo, eu que era professora-radiofônica, [João] Samuel que era o coordenador, Lourdinha que era supervisora, ele fez para o motorista. E ele [o motorista] terminou dizendo que não sabia não. [...] Depois de ouvidos, fizeram os devidos registros lá e devolveram a gente. [...] O entusiasmo da gente era tão grande, que isso para a gente foi uma glória! Ao invés, como se diz, de ser um arraso, ir no camburão do Exército, pelo contrário! Aí foi que a gente achou que a gente estava no caminho certo; a gente estava fazendo muita coisa... Estava incomodando! (GURGEL; LIMA, 2007).

Há de perguntar-se se valia tanto entusiasmo se o Sistema local não dispunha de auto-sustentabilidade financeira? Sem as verbas indispensáveis ao adimplemento das despesas gerais, especialmente a folha de pagamento com pessoal, difícil seria prosseguir com as Escolas Radiofônicas cujas aulas eram transmitidas dos estúdios da Rádio Rural de Caicó. Elas dependiam do governo, na realidade, do MEC. As dificuldades financeiras abordadas por Fávero (1964), são referendadas por Monsenhor Tércio:

[...] em dado momento aí vem a Revolução. A Revolução está muito perto das emissoras e então, a ação da Emissora [Rural] começa a cair na qualidade do produto que a gente vai querer, porque vem, o próprio MEB entra em suspeita. Há uma vigilância muito grande e como o MEB é nacional, dependia demais do MEC e o MEC tinha a chave do dinheiro. E o MEC forçou uma mudança de tom, de foco para a alfabetização. (ARAÚJO, T., 2005).

Certo é que, no ano de 1966 ainda foram criadas 6 novas Escolas em toda área de atuação do Sistema Caicó. No ano seguinte 39 Escolas Radiofônicas ainda estão em plena atividade, instaladas em 6 dos 22 municípios pertencentes à diocese de Caicó. Estavam elas assim distribuídas: 6 em Caicó, 7 em Jucurutu, 9 em Cruzeta, 12 em São João do Sabugi, 4 em Jardim de Piranhas e apenas 1 em Serra Negra do Norte. (RELATÓRIO ANUAL DO MEB CAICÓ..., 1968, fl. 8).

Não há dúvidas de que as aulas radiofônicas implantadas destinavam-se especialmente a suprir demanda escolar “das pessoas mais maduras”, privadas da instrução formal na faixa etária compatível. Ao lado dessa destinação pedagógica, elas também seriam indutoras do interesse pela instrução primária geral, posto que, despertados pelo rádio para os necessários ensinamentos culturais, pais e mães de crianças reconheceriam cada vez mais o valor da escola primária dita regular e lutariam para que seus filhos a ela

passassem a ter acesso irrestrito. Se interessariam pela edificação de escolas onde inexistentes, e pela utilização eficaz das já em motriz atividade. Diríamos que essa era uma espécie de campanha da equipe local.

[Participei] como monitora. Aí, no fim a gente, eu, a esposa dele [refere-se a Expedito Jorge], era uma turma, e eu como monitora. Eu era do clube de jovens, era catequista, líder de comunidade. Forró, carnaval, tudo nós fazíamos. Quando a mocidade queria se movimentar, eu estava à frente. [...] Foi um primo meu, João Ageu de Medeiros que convidou. Espalhou-se a história do MEB, que é Movimento de Educação de Base. Meu primo veio, e não sei por que, ele deixou para eu participar disso. Porque **tinha umas pessoas meio maduras que sabiam pouco e precisavam se desenvolver**. Lá era uma comunidade, era um distrito, era a Palma [município de Caicó]. (MEDEIROS, F., 2007, grifo nosso).

5.3 Professores radiofônicos dos estúdios da Emissora de Educação Rural de Caicó

Em primeiro de outubro de 1963, a Rádio Rural de Caicó transmitia para centenas de alunos sua primeira aula radiofônica. O script devidamente preparado, a voz juvenil e vivaz da professora-radiofônica Zélia Gurgel transpunha as barreiras espaço-temporais do vasto Seridó potiguar se fazendo presente, simultaneamente, em várias comunidades rurais onde, grupos de alunos, — alguns, jamais haviam freqüentado uma escola —, sob a orientação do(a) monitor(a), ansiosamente recebiam os primeiros ensinamentos escolares.

Nos estúdios da Emissora, às 18h e 5 minutos, logo após a transmissão da “Ave-Maria”, semanalmente, de segunda à sexta-feira, cercada pelos artefatos tecnológicos de uma estação de rádio, que permitiam a multiplicação de sua voz, destendendo sua presença, ampliando a força comunicativa, a professora-radiofônica se esforçava ao máximo para estabelecer a interatividade com as turmas, com os alunos-ouvintes. Almejava-se que eles se sentissem, de fato, numa sala de aula, atentos para assimilar os ensinamentos ministrados. Saudosa por aquela experiência inédita, prelúdio de sua vida profissional, Zélia Gurgel — professora radiofônica, testemunha:

Nas visitas [às comunidades] a gente verificava que muita gente estava se alfabetizando, porque, além da comunicação da professora que procurava o máximo ser interativa com eles, conversando mesmo como se estivesse numa sala de aula, havia o monitor treinado. Então, a orientação era que quando terminasse o tempo da transmissão da aula o monitor continuasse com eles exercitando aquilo que tinha sido ensinado. (GURGEL; LIMA, 2007).

A efetiva Escola Radiofônica transmissora da aula radiada requeria os trabalhos imprescindíveis do controlista, função desempenhada por um funcionário da Rádio. De

posse de uma cópia do script a ser seguido pela professora-radiofônica, a esse profissional caberia executar as inserções sonoras constante de fundo-musical próprio dessas transmissões e das canções previamente selecionadas, em consonância com os assuntos abordados.

Na verdade, para que tais aulas radiadas fossem levadas ao ar, um considerável número de pessoas era acionado, desde a concepção até a execução final. Em se tratando da preparação das aulas, a professora-radiofônica discutia previamente a temática com toda a equipe local, tendo a preocupação de produzir e transmitir uma aula partindo de situações concretas, evitando conceitos abstratos e linguajar alheio ao vocabulário dos camponeses, clientela prioritária a ser atingida. “Eu que era professora-radiofônica, eu escrevia as aulas, mas essas aulas eram avaliadas por toda a equipe. Nenhuma aula saía só com o meu [entendimento], com a minha responsabilidade.” (GURGEL; LIMA, 2007). Trabalho docente de uma equipe pedagógica, ademais,

A equipe de supervisores se reunia e discutia. A gente tinha o roteiro e a partir dali a gente ia preparar [as aulas], ia ver questões bem ligadas ao dia-a-dia deles [alunos], à realidade. Muitas vezes a gente aproveitava, começava a aula até com um depoimento deles, aproveitava alguma informação, alguma coisa de carta, um acontecimento da comunidade e encima disso se desenvolvia toda a aula. (MEDEIROS, J. C., 2007).

Registra Osmar Fávero que primar por uma práxis educativa diferenciada das que até então haviam sido tentadas, integrava os propósitos do MEB desde seus primórdios.

A produção e a emissão das aulas e programas radiofônicos do MEB partiram da crítica da produção e emissão das aulas e programas do SIRENA. Em nenhum outro aspecto se percebe tão nitidamente, desde o início, a intenção de fazer diferente. [...] Não se tratava apenas de uma questão técnica, ou didática; os conteúdos deveriam ser outros; outra a metodologia; a linguagem totalmente mudada. (FÁVERO, 2006, p. 148).

No concernente à execução das aulas radiadas, além da professora-locutora e do sonoplasta controlista, nos transmissores da Emissora estava permanentemente vigilante um funcionário responsável para garantir o equipamento em pleno uso, inclusive acionando de imediato o diretor técnico da Rádio, quando identificasse algum defeito nas transmissões.

Inobstante incessantes buscas, debalde resultaram os esforços para localizar scripts das aulas radiadas levadas ao ar pela Rádio-Escola Rural de Caicó. Dado, porém, que diretrizes cuidando da elaboração e veiculação dessas aulas eram emanadas em âmbito nacional pelo MEB, que as equipes das três dioceses potiguares participavam de treinamentos comuns, e mais, que eram freqüentes reuniões e encontros em nível estadual

para planejamento conjunto das atividades, infere-se que, também no Sistema radioeducativo de Caicó, ressalvadas as adaptações locais, as aulas não destoavam do padrão adotado nas co-irmãs Rádios Rural de Natal e de Mossoró.

Os professores-locutores eram orientados a, quando da preparação e da apresentação das aulas radiofônicas, observarem os seguintes princípios:

Partir do próximo para o distante, do concreto para o abstrato; da vida real (concreta) para a vida ideal (abstrata); desenvolver a aula fazendo com que os alunos e os monitores participem ativamente da mesma; a emissão da aula deve sempre ser mais lenta do que acelerada, **mas sem ser monótona**; orientar convenientemente as tarefas do monitor; usar linguagem clara e simples para que monitores e alunos não percam uma só palavra da aula transmitida; orientar claramente os monitores e os alunos na realização dos exercícios; dar tempo suficiente para os exercícios escritos e orais; lembrar sempre ao monitor o material que deverá providenciar para a aula seguinte. (PROGRAMAS PARA AS AULAS RADIOFÔNICAS..., 1965, fl. 7).

Seguindo as orientações didático-pedagógicas indicadas pelo Nacional, todo script das aulas principiava por um cabeçalho constante de: número e título do programa, data, hora, introdução (anúncio), tudo grafado em letras de destaque no alto da página.

Numa aula transmitida pela Emissora de Educação Rural de Mossoró, em 18.10.1963, observados os requisitos informacionais do cabeçalho, a sua veiculação é nesses termos introduzida e desenvolvida:

Locutor — Neste horário a Emissora de Educação Rural leva ao ar...
 Técnica — Característica.
 Locutor — Aula Radiofônica na palavra da professora Socorro Fernandes.
 Técnica — Característica.
 Professora — Amigos, caros Monitores, meus alunos, boa noite. Façamos nossa prece inicial. Todos de pé.
 Técnica — MÚSICA LENTA
 Professora — Pai Nosso... (reza). Podem sentar.
 Técnica — MÚSICA LENTA
 Professora — O que vocês estão vendo? Uma casa. A casa é um objeto de cultura ou de natureza? Muito bem, a casa é um objeto de Cultura porque foi feita pelo homem. As coisas feitas pelo homem é objeto de cultura. As coisas feitas por Deus chamamos de objeto de natureza. De que é feita a casa? De tijolos. E o tijolo, de que é feito? De barro... E o barro é objeto de cultura ou de natureza? De natureza. Vamos dizer outros objetos de cultura feitos pelo barro: painéis, potes, o cacimbão. As coisas criadas pelo homem precisam ser valorizadas. Meus alunos, nós precisamos de casa para morar? Para que casa para morar? Muito bem! Para nos livrar de chuvas, de sol, das tempestades, dos animais ferozes e antes de tudo isto para o nosso repouso. Quem não precisa de casa? Os animais. E será, meus alunos, que todos os brasileiros têm casa para morar?

Técnica — MÚSICA LENTA

Professora — Família de Ca — ca co cu

— Família de Sa — sa se si so su

— Formação de outras palavras: bica, casa, côco, cubo.

— Apresentação das vogais

— Pedir para escrever as vogais

— Dever para casa

Técnica — MÚSICA LENTA

Professora — Aritmética

a) contas de diminuir — o que é?

b) ensinar a tirar

c) pedir para eles tirarem

ex: 4 5

- 1 - 2

Técnica — MÚSICA LENTA

Professora — Louvado seja... (AULA RADIOFÔNICA NA EMISSORA..., 1963, fl. 1).

Só após a recitação do Pai-Nosso, a professora-radiofônica passa a abordar o enredo da aula propriamente dito e previamente selecionado para a ocasião. Os conteúdos poderiam privilegiar a dimensão informativa, consistente na veiculação de idéias e conceitos que se queria transmitir, ou relevar parâmetros formativos pelo estímulo da mudança de hábitos, de atitudes e de conduta social que desejava conseguir de seus alunos-ouvintes.

Na aula em apreço a professora-locutora trata previamente da distinção entre objeto de cultura e objeto de natureza. É patente, no entanto, o evitamento do abstracionismo. Referir-se a entes palpáveis como casa, tijolo e barro favorecia a decodificação pelos alunos ouvintes e despertava-lhes o interesse discursivo. Habilmente, a professora ao situar a casa como objeto de cultura, porque feita pelo homem, e ao discutir sua finalidade, introduz questionamento de ordem político-sociológica: “E será, meus alunos, que todos os brasileiros têm casa para morar?” Estava dado o mote para a reflexão crítica coletiva dos alunos, sempre com o indispensável auxílio do monitor.

Acerca dos conteúdos das aulas radiadas, Jurandir Cardoso é enfática:

A gente trabalhava a questão de linguagem, de português, trabalhava matemática. Você olhando aqui [na cartilha] você vê. Trabalhava geografia, conhecimentos gerais. E também, uma dosagemzinha de conscientização, de informação. A gente também se baseava nos documentos da Igreja [Católica], na *Populorum Progressio* [de Paulo VI], na *Mater et Magistra* [de João XXIII]; tinha que ver essas Encíclicas e daí tirar alguma coisa para colocar também na aula. Sempre tinha situações-problemas nas comunidades que se colocava e se levava para o grupo, porque todas essas aulas tinha um questionamento que o grupo ia discutir ali, de acordo com a realidade deles. (MEDEIROS, J. C., 2007).

Numa indicação da forte homologia que permeava aquelas aulas nos diferentes Sistemas radioeducativos, observa-se os mesmos parâmetros introdutórios da aula radiada pela Emissora Rural de Mossoró, presentes em transmissão levada ao ar pela Rural de Natal a 1º.06.1964, inclusive com a fala inicial do locutor.

Locutor — A Emissora de Educação Rural neste horário apresenta...

Técnica —

Locutor — A aula radiofônica para a turma ‘C’ na palavra da professora Maria José Teixeira Peixoto.

Técnica —

Professora — Caros alunos, boa tarde. Iniciamos nossas atividades rezando o Pai Nosso.

Técnica —

Professora — Reza.

Técnica —

Professora — Meus alunos. Como vão vocês? Já receberam os livros? Hoje já iremos utilizá-los. Teremos primeiramente nossa mensagem dramatizada. Ouçamos agora.

Técnica — LP.....

Dramatização

Técnica —

Professora — Vamos fazer a pergunta que ajudará vocês na interpretação da mensagem.
É necessário todas as pessoas irem à escola? Por quê?

Técnica —

Professora — Vocês ficaram com uns exercícios para fazerem em casa. Vamos corrigi-los agora? Para isso vamos abrir o nosso caderno.

Técnica —

Professora — O exercício foi o seguinte.
Sublinhe os pronomes das sentenças:
Nós somos brasileiros.
Tu deves estudar para ajudar teu país.
Vós sois bons alunos.
Ele é o mais velho da família.
Elas lutam para sustentar a família.
Várias pessoas encontraram dificuldades nesse trabalho.
Como já estamos com 2 meses de aula vocês já devem estar ansiosos para saber alguma coisa sobre as revisões mensais que costumávamos fazer. Este ano tudo está diferente. Entraremos de férias no dia 20 de junho e terminará no dia 12 de julho. Só iremos fazer o teste semestral depois das férias, quando recomeçarmos o 2º semestre. Nós da turma C, como correspondemos à turma de admissão, portanto, nível do 4º e 5º ano precisamos revisar mais porque [melhora] os nossos conhecimentos. Portanto, na próxima semana iremos fazer revisão de tudo aquilo que já vimos da parte de linguagem, matemática e estudos sociais. Assim firmaremos mais os conhecimentos. Agora, vamos fazer uma leitura de um trecho da pág. 46.
Abram os livros. Vamos estudar? 4º ano.

Técnica —

Professora — Então, encontraram a leitura? Com título Cenas da Roça, não é? Vamos ler silenciosamente, depois faremos a leitura oral.

Técnica —

Professora — Agora vocês farão nova leitura consultando o vocabulário. Leitura oral.

Comentário da leitura.

Sobre o que nos fala a nossa leitura? Vimos que ela nos mostra a vida real do homem do campo, sem meios para poder cultivar a terra de modo que ela dê uma boa produção. Sabemos que o nosso Brasil é um país agrícola embora seja grande parte retardada de desenvolvimento da época, porque nos faltam as máquinas que servem para o maior rendimento do trabalho, cansando menos o homem. Os adubos também tornam a terra mais fértil para produzir. Outra coisa também de grande importância e que nos falta é a orientação para o homem poder aplicar de uma maneira correta os meios para uma boa produção. Para isso é necessário a educação do homem. Só por meio da educação o homem terá os conhecimentos precisos ao seu desenvolvimento e ao progresso da sociedade.

Técnica —

Professora — Agora, vocês farão nova leitura consultando o vocabulário e respondam o questionário porque amanhã faremos exercícios ainda relacionados com esse trecho de leitura.

Técnica —

Professora — Aula de Matemática.

Correção do dever de casa:

1 – Problema

No terreno de Raimunda a casa ocupa $\frac{3}{9}$, o galinheiro $\frac{1}{9}$, e sua horta $\frac{2}{9}$. Que fração de terreno ficou?

$$\frac{3}{9} + \frac{1}{9} + \frac{2}{9} = \frac{6}{9}$$

$$\frac{9}{9} - \frac{6}{9} = \frac{3}{9} \text{ é a fração livre do terreno}$$

(AULA RADIOFÔNICA NA EMISSORA..., In: MEDEIROS, C. C, 2005, p. 75,76).

A aula em tela é seqüenciada por mais dois problemas matemáticos. Note-se que, após o desenvolvimento da aula era comum no encerramento, à maneira como principiara, reavivar nos monitores e em seus alunos-ouvintes hábitos da religiosidade cristã, por meio de prece laudatória. “Professora: Louvado seja... [Nosso Senhor Jesus Cristo].” (AULA RADIOFÔNICA NA EMISSORA..., 1963, fl. 2). Antes, porém, de regra, a professora-locutora lembrava aos monitores os materiais a serem providenciados para a aula do dia seguinte, ao mesmo tempo que encorajava a todos para perseverarem na continuidade formativa.

De posse desses scripts trazidos à baila, é legítimo concluir que, na Rádio-Escola Rural de Caicó, as aulas radiadas, seguindo os elementos sugeridos nos materiais didáticos do MEB Nacional, assim eram anunciadas:

Locutor — Neste horário a Emissora de Educação Rural de Caicó leva ao ar...

Técnica — Característica.

Locutor — Aula Radiofônica na palavra da professora Zélia Gurgel.

Técnica — Característica.

Professora — Amigos, caros Monitores, meus alunos, boa noite. Começemos nossas atividades rezando. Todos de pé.

Técnica — MÚSICA LENTA

Professora — Pai Nosso... (reza). Podem sentar.

Técnica — MÚSICA LENTA

No que concerne aos conteúdos ministrados, além de noções de linguagem (leitura e escrita) e da matemática, os textos apresentados abordavam aspectos sociais e políticos, a chamada conscientização, corroborando aquelas informações prestadas por Jurandir Cardoso, Didi, para quem, além dos conteúdos tradicionais, as aulas radiadas sempre traziam uma dosagem de conscientização e de informação.

Não se restringia, no entanto, o magistério da professora-locutora no preparo e na transmissão das aulas pelo rádio. Era comum deslocar-se dos estúdios não apenas para sentir o alcance do seu ensinar, mas, sobretudo, para a retroalimentação de sua práxis magisterial envolvendo as fases presentes, desde o preparo até a efetiva veiculação das aulas.

As aulas eram transmitidas à noite e durante o dia a gente aproveitava também para fazer a supervisão e era uma coisa que interessava também muito à professora [radiofônica] que queria ver que retorno estava tendo as aulas, e também para a questão do linguajar que ela estava usando para ver se realmente estava sendo adequado, estava sendo inculturada pelos alunos. (GURGEL; LIMA, 2007).

Uma série de procedimentos haveria que ser observada relativamente às aulas do rádio. Para tanto, o MEB Nacional, nos treinamentos e nos materiais que fazia publicar insistia no planejamento prévio levando em consideração: o quê seria, como seria e quando seria ensinado, para ser apreendido (pelo monitor) e apreendido igualmente pelos estudantes espalhados pela zona rural do Seridó.

Além dos elementos pedagógicos a serem considerados no planejamento, preparação e execução de uma aula rotineira, tais como, objetivos, motivação inicial, desenvolvimento, recursos didáticos utilizados, e verificação da aprendizagem, numa aula radiofônica deveriam ser observados: “[...] técnica de ‘script’ radiofônico, seleção de

músicas e controle da parte musical, boa voz e vivacidade do professor locutor.” (PROGRAMAS PARA AS AULAS RADIOFÔNICAS..., 1965, fl. 6).

A responsabilidade docente em produzir aulas atraentes para o homem rural, aulas que abordassem a realidade existencial cotidiana dos alunos-ouvintes, que não se perdessem em devaneios conceituais abstratos estava sempre presente desde as primeiras transmissões pelos microfones da Rádio Rural de Caicó, e permaneceu mesmo quando destinadas a níveis diferenciados de aprendizes, ou com a mudança da professora locutora. Nessa abordagem, Maria Dantas, Liquinha, se pronuncia:

Eu entrei como professora radiofônica. No início, com a criação do MEB a professora era Zélia Gurgel. E isso já vinha, a programação. A gente teve essa orientação através dela, de Zélia Gurgel, Zélia e Lourdinha. Tinha outra menina também lá. Clotilde. Clotilde estava lá também e ela foi antes da gente. Quando eu cheguei foi ela que deu essa orientação como é que faziam as aulas, a parte técnica, o currículo, a programação que ia ser dada nessas aulas, e isso tudo uma orientação [do MEB] Nacional e a gente ia adaptando à nossa realidade, mas tinha essa orientação. [...] A gente preparava aquelas aulas. Nós tínhamos dois níveis de alfabetização: um de iniciação e outro de um nível já um pouco mais avançado. Então eu dava aula radiofônica, preparava todas as aulas dentro daquele contexto sócio econômico e cultural, mais para o agricultor. E tinha a parte de conhecimentos; era mais português e matemática na época, e aquela parte de conscientização do trabalho deles, de direitos humanos. Tinha o Estatuto da Terra na época que era muito em voga, e a gente trabalhava dentro dessa linha, sempre naquele contexto para ver a realidade do trabalhador numa tentativa de promoção humana. Não era só a leitura, a leitura pela leitura, mas era um trabalho de conscientização e de promoção. Que ele próprio, mediante seus esforços, e também da ajuda dos poderes públicos viesse a ter uma vida melhor. O que hoje a gente chama de qualidade de vida, mas na época era: uma vida digna. (ARAÚJO, M; ARAÚJO, O., 2007).

Já nas palavras de Raimundo Silva, supervisor da equipe pioneira, logo após à radiação de Escolas, as emissões das primeiras aulas radiadas, pouco tempo depois da inauguração da Rádio Rural de Caicó, deixaram eufóricos seus educandos aprendizes.

Então, nós tivemos as primeiras aulas no rádio com as nossas professoras Lourdinha e Zélia Gurgel e havia muita esperança no povo, sobretudo da zona rural, porque em cada comunidade era fundada uma escola, onde havia muita gente. Naquele tempo havia muita gente no campo, mais do que na cidade. Então, nós instalávamos a escola com quadro-negro, um rádio cativo e com as cartilhas que serviam para o monitor, geralmente era uma moça, alguns rapazes foram também, e os alunos. Todos tinham o material. (SILVA, R., 2005).

O cuidado para estabelecer e preservar a cadeia comunicativa a pressupor decodificação por parte do receptor ocupava lugar tenente no esforço das professoras-

locutoras, em consonância com as orientações do MEB Nacional. As aulas partiam dos textos propostos pelas cartilhas,

[...] mas, dentro da linguagem do povo. Era uma linguagem muito acessível, muito simples que as professoras usavam, nunca usavam palavras difíceis. Se tinha uma palavra mais complicada elas traduziam na hora da explicação. Cada sistema produzia suas próprias aulas, baseado naquele livro-texto aprovado pela equipe nacional e pelos bispos. (SILVA, R., 2005).

A efetividade ou não da comunicação a permear as aulas radiadas era aferida pelas constantes visitas que as professoras-locutoras, na companhia dos supervisores, realizavam à sede das escolas, além dos materiais produzidos pelos alunos e enviados para a divulgação no rádio.

Muitas vezes a gente deixava a aula gravada. Na época, poucas pessoas tinham gravador. Era um gravador grande, daqueles das carretas grandes que se dispunha [no MEB]. Lá tinham bem dois ou três e a gente gravava a aula. Tinham as pessoas da Emissora que a gente confiava no desempenho deles e faziam direitinho. Então, muitas vezes a gente assistia com eles [monitores e alunos] lá na escola, a aula. Tinham os encontros, tinham dias de estudos, tinham reuniões com os monitores ou animadores de comunidades. (MEDEIROS, J. C., 2007).

Assim, as noções de higiene pessoal e familiar, concomitantemente à operação do lúdico têm um lugar de destaque no módulo programático da Escola Radiofônica. Por exemplo, noções de higiene eram ensinadas com o apoio de cartilha.

Lembremos que para Mounier (1960), a comunicação eleva-se como a experiência fundamental do homem. Já para Freire (2001), o que faz a educação ser o quê é, é seu aspecto dialógico, sua dimensão comunicativa. Para este educador cristão, a educação “[...] tem de constituir-se na comunicação, no sentir comum uma realidade que não pode ser vista mecanicistamente compartimentada, [...] mas, na complexidade de seu permanente vir a ser.” (FREIRE, 2005, p. 117). Antes, porém, alertara Dewey (1979, p 4), que “Para a comunicação assegurar a participação em uma compreensão comum, necessitará assegurar análogas disposições, [...] modos análogos de reagir em face de uma atividade em perspectiva e dos meios a realizá-la.”

Averiguando a efetividade da comunicação pretendida, inexistia nas professoras-locutoras a preocupação se o aluno-ouvinte teria ou não sido aprovado. Refugiando aos trâmites avaliativos tradicionais, buscavam antes acompanhar e detectar o desenvolvimento do aprendiz, seu progresso global na apreciação dos conteúdos por elas veiculados e discutidos sob a orientação do monitor, em cada escola.

A gente ia fazendo as visitas e verificava com o monitor como era que os alunos estavam. Muitas vezes a gente ia na hora da aula mesma, e ficava lá, no momento da aula, tirava até algumas dúvidas que eles tivessem. E havia também os encontros com os monitores. Não lembro a frequência desses encontros, mas tinha. E eles colocavam como estavam suas turmas, os problemas, as necessidades. Isso a gente chamava de acompanhamento. (ARAÚJO, M; ARAÚJO, O., 2007).

A esse respeito merecem registro as declarações do ex-coordenador e professor-radiofônico da segunda fase do MEB Caicó, Reinaldo Ricardo dos Santos.

O que hoje, quase quarenta anos depois se fala tanto na participação avaliativa, já naquela época, não com essa consciência que se tem hoje, nem com esse conhecimento que se tem a respeito, até porque não havia muita coisa escrita sobre avaliação. Mas, as avaliações elas eram através de um instrumental de avaliação propriamente dito e através das cartas. Cartas que eles mandavam dando notícia da comunidade, dizendo quais os níveis de dificuldades que eles sentiam, quem estava interessado, quem tinha desistido. Nós avaliávamos o nível deles exatamente a partir daí. (SANTOS, 2007).

Nesta fase, a emissão de aulas já não ficava a cargo da única professora-radiofônica. Vários membros da equipe local passaram a ser responsáveis por conteúdos disciplinares diferenciados.

Nesse horário de 18 às 19h, de segunda a sexta, eram aulas. Havia lá o professor de Português, o professor de Matemática e de Ciências [Estudos] Sociais, dessas três disciplinas que compunham o *Primário Dinâmico*. Para cada uma matéria tinha um professor diferente. Eu era professor de Matemática pelo rádio. (SANTOS, 2007).

Vê-se que na parceria com a Rádio Rural de Caicó, as professoras e professores radiofônicos elaboraram e transmitiram aulas radiadas voltadas à valorização dos saberes acumulados pelos sertanejos seridoenses. A partir de tais saberes buscaram inseri-lhes em aprendizados escolares aptos à sua elevação como pessoa, enfim, como homens capazes de compreender e dialogar com os aspectos técnicos, axiológicos e culturais da sociedade moderna.

Noutra aula, a professora leu e os alunos ao pé do rádio acompanharam a seguinte lição oral:

Precisamos conseguir melhoria de verdade.
P'ra que todo brasileiro viva com dignidade.
Quer no campo ou na cidade, o homem, p'ra ter saúde,
precisa ter condição: haver fossa em cada casa,
haver iluminação,
só se beber água limpa e ter boa diversão. (MUTIRÃO, 1965a, p. 39).

A injustiça macula a vontade de Deus que deseja todos vivendo dignamente. A transformação do cotidiano injusto a que estavam submetidos muitos homens e mulheres, advertia a educação de base que permeava aquele material didático, haveria de passar pela correta escolha dos governantes, razão pela qual eleição e voto ocupariam destacado tema-gerador de uma das aulas transmitida. A professora-locutora lendo pausadamente a lição da cartilha levaria monitores e alunos a refletir acerca do direito ao voto, a tomar consciência da escolha dos representantes do povo.

Chegou o tempo de eleição [...]
 O povo deve escolher seus representantes.
 Muitos eleitores votam no candidato do patrão.
 Muitos votam a troco de sapato, roupa, remédio...
 Voto é consciência.
 Voto é liberdade. (VIVER É LUTAR..., 1964, p. 38 e 40).

O voto é coisa sagrada
 p'ra aquele que o compreende.
 Liberdade não se compra,
 consciência não se vende. (MUTIRÃO..., 1965a, p.35).

5.4 Aulas radiofônicas, seus monitores e alunos ouvintes

É bem verdade que os monitores, agentes da Escola Radiofônica, eram desprovidos de remuneração financeira e ainda deviam conseguir meios de prover minimamente o funcionamento das aulas radiadas. Expedito Jorge reconhece, porém, que os monitores não deixavam de ter ganhos, estes, porém, não eram pecuniários, e sim de ordem intelectual, cognitiva, permitindo inclusive acesso à Universidade.

Eu era monitor e aluno, mas também não ganhava nada; ganhava porque a gente estava aprendendo também. E foi uma aprendizagem tão boa que depois, inclusive, passei a fazer parte da equipe Regional [do MEB] daqui de Caicó. E teve muitas pessoas, muitos dos meus companheiros que também se promoveram. Teve deles que chegou até à Universidade. Com a escola radiofônica senti o interesse e continuou estudando e chegou a se formar nos bancos universitários; foi muito importante isso. (MEDEIROS, J., 2005).

A aprendizagem escolar, formadora e conscientizadora, também se revelou em atitudes de alunos e comunitários do Sistema Caicó. Aí, questionamentos também contraditaram práticas do Movimento consideradas incoerentes e discrepantes de sua filosofia, a exemplo da imposição do rádio receptor-cativo. Lembra Reinaldo Santos que,

Naquela época, o único rádio que existia [nas comunidades] era o rádio que o MEB fornecia. O MEB fornecia uma lâmpada [a gás] e um rádio. E muita gente questionou, alguns animadores de comunidade da época nos

questionavam muito dizendo o seguinte: Como vocês pregam liberdade e o rádio é cativo? Só pegava a Rádio Rural [de Caicó]. (SANTOS, 2007).

Inequivocamente, todavia, a despeito da sintonia cativa do receptor com o dial fixo na Rádio Rural de Caicó, a criatividade aliada à curiosidade de monitores e alunos, em certas comunidades descobriam maneiras de esquivar-se à imposição do MEB e captavam transmissões de outras estações de rádio. Zélia Gurgel e Lourdinha Lima dão testemunho dessa “esperteza” detectada durante reuniões de avaliação com as comunidades:

Eu tenho até fotos com os grupos avaliando o trabalho como era que estava, se o pessoal estava aprendendo, quem tirava da Rádio, quem não tirava. Porque o rádio era cativo, mas às vezes eles arranjavam um jeitinho... E era proibido. A gente fiscalizava isso aí. Eles conseguiam sintonizar outras emissoras. Eram sabidos demais. Era, mas desmantelavam o rádio. Adelson, que era o responsável pelos concertos dos rádios, que fazia manutenção, ele vivia cheio de rádio lá ajeitando, porque eles mexiam. [...] Porque nessa época eles não tinham outro rádio. Eles não tinham outro instrumento de comunicação. Então, eles só tinham o radiozinho cativo. Por isso esses tinham essa necessidade, essa curiosidade de captar outras emissoras. (GURGEL; LIMA, 2007).

Programas radiofônicos foram surgindo intentando um racional uso do meio técnico no preenchimento das demandas educacionais estritamente identificadas. *Conversando com Monitores e Alunos*, por exemplo, tratava-se de um programa com duração de uma hora, levado ao ar às 18h e 5 minutos, todos os sábados. Sua razão de ser eram as aulas radiadas veiculadas durante a semana, das quais figurava como uma espécie de desdobramento. Assumia ele, porém, um caráter predominantemente interativo e lúdico. Constituíam-se em um fórum vivo de diálogo entre a Rádio Rural, a equipe local do MEB, monitores e alunos.

Em seus relatos Zélia Gurgel e Lourdinha Lima, respectivamente primeira professora-radiofônica e supervisora do MEB Caicó, lembram que a partir das aulas radiadas e das visitas às comunidades,

[...] quando a gente começou a descobrir lideranças, músicos, pessoas que tocavam sanfona, aí apareceu outro programa, no sábado, só com as comunidades; pessoas que formaram grupo e vinham com os instrumentos todos. [...] Com suas poesias! Suas músicas! (GURGEL; LIMA, 2007).

Com suas criações lúdicas, poéticas, musicais, rítmicas, os monitores enviavam correspondências abordando os trabalhos assim desenvolvidos, bem ainda as dificuldades encontradas, mas parabenizando a equipe do MEB e, quase sempre, convidando os supervisores e demais membros para visitar *in loco* as escolas em suas comunidades. Os

alunos, por seu turno, regozijavam em poder dar testemunho da aprendizagem demonstrando seus primeiros escritos, cartas, poesias, versos. As cartas serviam inclusive para a equipe do MEB atestar o desenvolvimento dos alunos no tocante ao desenvolvimento da expressão escrita e no trato com o vocabulário.

Reunidos em torno do rádio, nas comunidades rurais, espalhados por sítios e fazendas do Seridó, alunos, monitores e suas famílias sintonizados na Rádio Rural de Caicó vibravam ouvindo a divulgação das mensagens por eles produzidas, escutando seus nomes anunciados e transmitidos para centenas de outras comunidades. Reitere-se que as cartas recebidas pela equipe local, assim funcionavam como termômetro da aprendizagem, do grau de desenvolvimento e de progresso alcançado pelos alunos subscritores.

Passados alguns anos, por volta de 1972, as emissões diárias do MEB Caicó, antes conhecidas simplesmente por Escola Radiofônica, tornaram-se um programa. Inicialmente com o título *Sua Casa, Sua Escola* e, posteriormente, *Aprenda em Sua Casa*. Nos dois programas os títulos enfatizam o reduto doméstico como *locus* propício a aprendizagens escolares, graças à tecnologia transfronteiriça do rádio.

Um outro desdobramento vivenciado pelo Sistema local, ainda conseqüência do trabalho educativo crítico desenvolvido, teria partido de um grupo de jovens, dentre os vários formados sob a chancela do Movimento. Técnicas de dinâmica de grupos exploradas pelo MEB local nas comunidades, antes mero escape para driblar a censura e manter acesa a chama, deu resultado surpreendente; os grupos de jovens se multiplicaram, mas também provocou o Sistema para uma auto-avaliação.

Começaram a surgir muitos grupos de jovens. E começaram a questionar. Até então a gente se achava o dono da verdade. Puros e donos da verdade. Agora imagine você se achar ideologicamente puro e dono da verdade! Era um negócio complicado. Mas quem desmistificou isso e bateu na carapuça da gente, que até criou vergonha na cara em função disso, foi um grupo de jovens de Cruzeta. Fazíamos umas programações e avisamos pelo rádio. [...] Desse grupo, a gente recebeu uma carta, uma correspondência que dizia assim: Se for para vocês virem para cá sem nenhuma coisa nova, que nos ajudem a pensar melhor, nem venham. E isso derrubou, a gente passou uma semana choramingando. Olha só o argumento que a gente usava: Isso não existe! Como é que esse pessoal é ingrato! Não sei mais o quê. Você sabe como é que é, a questão do purismo... E aí foi um momento forte. (SANTOS, 2007).

Não obstante dificuldades circunstanciais limitadoras de aportes formativos mais críticos, o trabalho do MEB não perdeu de toda a linha questionadora, mesmo na segunda fase vivenciada pelo Sistema, em que predominou a Madureza, Supletivo e outros cursos específicos como Primário Dinâmico.

A primeira metade do decênio de 1960 assistira ao apogeu das aulas radiofônicas no Seridó, porém, já para o final da década, consolidou-se o decréscimo. Um relatório produzido pelo Sistema local em 1970 ao fazer uma retrospectiva da atuação do MEB nessa região, no tocante à Escola Radiofônica e às aulas radiadas, enfoca esses dois tempos distintos. O apogeu teria sido o ano de 1965, inclusive com emissão de aulas diferenciadas para as turmas A e B. No ano seguinte, assiste-se à diminuição de seu alcance.

De 1966 em diante houve uma decaída no número das Escolas. Os motivos foram os mais diversos e dentre eles merecem realce: a) defeito técnico da Emissora que dificultava a sintonia nas comunidades mais distantes, desestimulando, inclusive, os alunos; b) mudança de monitores e alunos para outras localidades por falta de trabalho em sua comunidade; c) crises financeiras do Movimento, impedindo o acompanhamento na base dos grupos de Alfabetização, levando muitos a desistirem. Assim sendo, o número de alunos se tornou tão reduzido que não compensava destinar uma pessoa para produção e Emissão de aulas. (RELATÓRIO DAS ATIVIDADES RADIOFÔNICAS..., 1970, p. fl. 1).

Outras correspondências desse Sistema destinadas ao Nacional relacionam entre as causas do tempo findo: equipe local pequena, despreparo de monitores, dificuldade de acesso aos materiais necessários em tempo hábil (cartilhas, receptores, lâmpadas, pilhas), trabalho sazonal dos alunos nas atividades agrícolas, fatores climáticos (ora seca, ora chuva demais), tudo isso agravado pela contensão de verbas da parte do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Há que se considerar ainda que, após três anos, as “Escolas do Rádio” como eram popularmente chamadas, não mais detinham a aura dessa novidade. Já não empolgavam. Talvez, não teriam cumprido sua missão de oportunização da educação de base nas comunidades rurais do Seridó, para centena de homens e mulheres. Atente-se, porém, que a alfabetização quando atingida pelo aluno-aprendiz também propiciava que ele se afastasse da aula em face do objetivo-meta alcançado.

Referindo-se ao Sistema Rádio Educativo da Paraíba (SIREPA), Afonso Scocuglia identifica fatores análogos que dificultaram a continuidade dessa experiência naquele Estado.

Havia escolas rurais em que as condições climáticas locais impediam um bom funcionamento durante o ‘inverno’ (período das chuvas). Havia também a ausência de energia elétrica, que implicava o uso de lamparinas e pilhas, no caso do rádio. A disponibilidade e o interesse dos alunos pelas aulas noturnas, depois de um dia de trabalho pesado, dependiam de motivação própria. O interesse, especialmente, era permeado pelo encantamento do uso do rádio e pela atuação do monitor. (SCOCUGLIA, 2006, p. 171).

Inventário constante de Relatório sobre a atividade da educação de base desenvolvida pelo Sistema local no ano findo de 1967, atesta o interesse do MEB Caicó para identificar os fatores responsáveis pelo tempo findo da Escola Radiofônica e das aulas radiadas em sua área de abrangência. Refere-se o documento à realização de

[...] dois Encontros, sendo um em fevereiro e o outro em julho, que tiveram como objetivo, respectivamente: I – Avaliar o nível de desenvolvimento das comunidades; verificar a contribuição do MEB para a existência desse nível atual; necessidade e possibilidade das comunidades para 1968. II – Estudar com os Monitores **as causas da decadência das EERR [Escolas Radiofônicas]** [...]. (RELATÓRIO ANUAL DO MEB CAICÓ..., 1968, fl. 2, grifo nosso).

Desde 1966, portanto, a Escola Radiofônica do MEB Caicó começou a perder sua pujança. A partir de então, como antes notado, o Sistema passou a investir em outras experiências formativas, especialmente no chamado trabalho com as comunidades, ou, para usar o jargão oficial do Movimento, a “animação popular”, ou simplesmente ANPO. No ano de 1967, inobstante a perda de força das aulas radiadas, 10 novos “núcleos de trabalhos comunitários” foram criados pelo MEB Caicó. Neles, a educação de base desdobra-se.

Já se nota que uma parte da liderança despertou para os problemas de suas comunidades, havendo tentativa de resoluções para os mesmos. [...] Por exemplo: monitores assumem não só reuniões de Comitê, mas de Comunidade; participação ativa de líderes em Sindicatos, Clubes etc. [...] Nota-se uma maior consciência crítica dos fatos, despertar da vida em Grupo e aceitação maior de outros trabalhos. (RELATÓRIO ANUAL DO MEB CAICÓ..., 1968, fl. 4).

A perda de força da Escola Radiofônica e suas aulas radiadas não foi exclusividade do Sistema Caicó. Documento síntese do IV Encontro Nacional de Coordenadores, realizado no Rio de Janeiro entre 18 de outubro e 2 de novembro de 1966 já detectava o declínio generalizado de quase todas as Escolas. No evento, o MEB local fez-se representar por Adeilce Gomes (Figura 17). O item destinado à Escola Radiofônica reconhece:

Com exceção da Amazônia, o trabalho de EE.RR. está em crise. Esta constatação parte do fato de que, nos demais Sistemas, a E.R. tende a cair numericamente. Os motivos deste decréscimo numérico são diversos: a) falta de motivação das comunidades para o trabalho com EE.RR.; b) dificuldades das emissoras; c) dificuldades com o método de alfabetização; d) heterogeneidade de problemas na área de atuação do Sistema; e) dificuldade financeira para um melhor acompanhamento das escolas através da supervisão; f) a impossibilidade de se colocar, nas aulas, problemas vividos pelas comunidades, provocando, desta maneira, o desinteresse. Por outro lado, apesar da crise, foi o desenvolvimento da

E.R. nas comunidades que possibilitou a continuação do trabalho do MEB numa linha de Animação Popular. (IV ENCONTRO NACIONAL..., 1966, p. 6).

Vê-se, portanto, que o MEB Caicó inclui-se naqueles Sistemas nos quais as Escolas Radiofônicas estavam em crise, nacionalmente. Outros dados ratificam o fato, a exemplo de um “Questionário” datado de setembro de 1969. Nele, a resposta fornecida pela equipe local, ao tópico concernente a recursos técnicos empregados para as aulas radiofônicas, limita-se a esclarecer que “não tem”. (RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO LEVANTAMENTO..., 1969, fl. 2). Tais dados nos permitem, portanto, concluir que o ano de 1968 referenciou o eclipse da Escola Radiofônica na área do MEB Caicó. Esclareça-se, porém, que o fim dessa modalidade de ensino nos moldes inaugurais não implicou, no entanto, que o Sistema dessa cidade haja abdicado da educação via rádio. Ganharia esta, ao contrário, formatos novos e diversificados, e, dentro do possível, assumindo especificidades às vezes impostas pela conjuntura política, econômica e ideológica, perdurou por todo o período investigado.

Um dos ex-alunos das aulas da Escola do MEB, Cristino Jerônimo da Silva, que viria a ser presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caicó, narra que sua interlocução com o Movimento, em 1972, deu-se por acaso. Buscava informações sobre aposentadoria do FUNRURAL para seu pai, quando foi encaminhado por populares para a sede do MEB em Caicó. Atente-se que tal fato atesta o conhecimento dessa instituição educativa, pela população caicoense, como parceira dos trabalhadores e defensora dos seus direitos sociais. Na oportunidade, Expedito Jorge que o recebeu e o acompanhou até a sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, sugeriu-lhe a possibilidade de instruir-se valendo-se do material didático fornecido pelo MEB, e também por meio da Emissora de Educação Rural de Caicó.

Como na comunidade em que eu morava não tinha grupo [de pessoas], não tinha ninguém, aí eu tive que enfrentar, levar o material e estudava. [...] Nesse tempo lá em casa só éramos três, eu, papai e um irmão meu. A gente já tinha perdido a mãe e eu era quem fazia tudo, luta de roçado e de casa, tudo. Ainda mais com essa jornada de estudar. Esse estudo ele durou um ano e seis meses. Nesse tempo eu estudava e todos os meses eu vinha fazer as provas aqui em Caicó. Eu fazia na Ação Católica, que era [o prédio antigo da] Emissora de Educação Rural de Caicó, e depois teve um tempo que eu passei a fazer lá no Colégio Senador Guerra. E dentro desse intervalo eu tive muitos problemas, porque além da gente trabalhar na roça, plantava muito, colhia muito, mesmo de meia a gente tinha de tudo, não é como hoje. [...] Depois da plantação de vazantes a gente tinha um instrumento para não ficar trabalhando na diária, que era uma tropa de jumento construindo açudes. Era como a gente sobrevivia. E eu fui

obrigado a ir para o serviço de terra, mas mesmo assim à noite eu colocava uma caçamba, um caixãozinho em que a gente carregava a terra, botava uma lamparina com o pavio bem forte, com querosene, que já existia, e assim eu estudava à noite. E eu nunca perdi nenhuma prova. Eu vinha fazer as provas mensalmente em Caicó. (SILVA, C. J., 2007).

O esforço do aprendizado autodidata pelo exame do material fornecido pelo MEB, para esse ex-aluno, perdurou por todo um ano. No período letivo seguinte seu progresso escolar seria facilitado. Ele conseguiu ter consigo a companhia do “rádio professor” — sua “voz radiofônica de ouro”.

Quando foi para o segundo ano eu entendi de comprar um rádio. Aí eu fiz todo o sacrifício e comprei um rádio na loja A Sertaneja de Radir Pereira. Comprei à prestação, paguei, botei o rádio, aí à noite era mais fácil para mim porque eu ligava o rádio, rádio ABC, A Voz de Ouro, que eu chamo ele hoje “meu professor”. Ainda está lá em casa, em bom estado. Aí eles [os professores do MEB] passavam a fazer a leitura das aulas, das matérias e eu ouvia as aulas. Depois eles passavam os exercícios, e baseado no material eu respondia. E assim, com um ano e seis meses eu conclui a quinta série primária que nessa época quem tinha a quinta série primária era professor, hoje não é mais não. (SILVA, C. J., 2007).

O aprendizado sozinho, individual, sem a inserção formal na Escola Radiofônica da Emissora de Caicó, mesmo no período em que esta estava em plena ascensão, também era realidade. Um outro líder rural, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São João do Sabugi, revela como aprendeu com a ajuda de um cadernozinho e lápis, com as aulas radiadas:

Na época em que começaram as escolas do MEB [Caicó] em 1963, a gente possuía um rádio, lá no Sítio Pedrecal, possuía um radinho à pilha, daqueles rádios ABC, e eu comecei a ouvir pelo rádio o programa da Escola Radiofônica. E eu, naquela época, não tinha quem me ensinasse, mas eu pegava o cadernozinho e ia anotando. Minha mãe já tinha ensinado alguma coisa a mim, eu já sabia escrever o meu nome, e fui anotando alguma coisa repassada pela Escola Radiofônica, através da Emissora Rural de Caicó. E eu tenho o prazer de dizer, nesse momento, que eu tive a satisfação de aprender a ler e a escrever através desse programa. Era um programa todo dia; naquele horário, nós chegávamos do serviço e estava preparado para assistir àquela aula. Já que nós, naquela época, não tínhamos aulas, eram difíceis as escolas, não tinha escola no sítio, a gente só trabalhava, e por isso é que eu não sou formado. Se tivesse uma escola como tem hoje, eu, com certeza, tinha a minha formatura. Mas, mesmo assim, aprendi muito através da escola radiofônica do MEB, que nos ajudou bastante a quem realmente tinha interesse em aprender. (MORAES, 2007).

Por sua vez, registros documentais atestam que na segunda fase do MEB Caicó, já na década de 1970, não mais se fala de Escola Radiofônica e sim de Cursos Radiofônicos — novo módulo programático da Emissora de Educação Rural. Nesse momento em que

prevalecia a animação comunitária, esse Sistema dividiu a equipe em três setores, a saber: clube de jovens e esportes, clube de mães e sindicalismo, e grupalização. Logo depois, ainda em 1970, dada a limitação numérica de pessoal, os setores foram condensados em apenas dois. Manteve-se o de grupalização e fundiu-se os anteriores em um único setor, o de “integração e ação”. Tal repartição de funções aponta para um alargamento da área de atuação assumida por esse Sistema.

Nesse momento, há Cursos Radiofônicos transmitidos e há ainda cursos ministrados presencialmente, como datilografia, corte e costura, dentre outros, o que indica uma preparação formativa voltada para vida mais pragmática, cujo domínio permitiria aos destinatários conquistar oportunidades de trabalho e geração de renda. Formar homens e mulheres qualificados para as demandas emergentes na Região do Seridó e fora dela, sem abdicar da dimensão interrelacional do viver, nucleou, nesse tempo da Emissora de Educação Rural de Caicó, a práxis educativa do MEB.

5.5 Educação de base intermediada pelas lições das cartilhas *Viver é Lutar e Mutirão*

Seja pela tradição, seja pelas carências didático-pedagógica dos agentes ou mesmo pelas especificidades do sistema radiofônico, o certo é que, assim como outras instituições envolvidas com a educação popular de base, também o MEB discutiu a problemática dos materiais didáticos. A proposição de alfabetização generalizada, que começava a ser desenvolvida em Cuba apoiava-se na cartilha *Venceremos*. Produzida e adotada à luz do movimento revolucionário, a adoção da cartilha parecia sinalizar que o conteúdo aliando conscientização e alfabetização, bem como a maneira de explicitá-lo, seria mais utilitário do que a materialidade didática. Em síntese, percebeu-se que mais urgente não era discutir emprego ou não de uma cartilha, mas, muito mais, que cartilha adotar.

Refletindo acerca dos múltiplos propósitos e materialidades alusivas ao chamado livro didático, nos termos de Carlota Boto, a cartilha assume papel preponderante, haja vista a permanência acentuada desse compêndio escolar na história de cada aprendiz. Abordando a natureza etimológica, esclarece:

[...] poder-se-ia dizer que o termo cartilha constitui um desdobramento da palavra ‘cartinha’ que, por sua vez, era usada — em língua portuguesa — desde o princípio da Idade Moderna, para identificar aqueles textos impressos cujo propósito explícito seria o de ensinar a ler, escrever e contar. (BOTO, 2004, p. 494-495).

Na verdade, o emprego da cartilha *Viver é Lutar* (Figura 20), como texto de apoio às aulas radiofônicas não deixou de ser prejudicado, não tanto pela apreensão de parte desse material (3.000 exemplares, em 20 de fevereiro de 1964), no Estado da Guanabara a mando do então governador Carlos Lacerda, apesar da ampla repercussão na imprensa escrita, falada e televisiva nacional e internacional. Maior prejuízo traria a instauração do governo militar que dificultou a utilização desse material didático produzido especificamente para alfabetizar-conscientizar adolescentes e adultos.

Malgrado tais adversidades, exemplares dessa cartilha foram, no entanto, encontrados com agentes que integraram o Sistema, e sua utilização na área do MEB Caicó é atestada pela ex-professora-radiofônica Zélia Gurgel.

Pelo suporte desse produto cultural — o tradicional livro didático — concebia-se a imprescindibilidade da formação educativa para os sertanejos destinatários. Em consonância com educadores modernos como Comenius (2002), Montaigne (1980) e, mais recentemente, Teixeira (1977) e Freire (2003), o livro didático sintetiza, em parte, o entendimento de que só pela educação, notadamente a escolar, é possível ao Homem se esclarecer, se ilustrar, se promover social e humanamente, que ao longo da vida interfere na cotidiana sobrevivência.



Figura 20 — Capa da cartilha *Viver é Lutar* do MEB, empregada nas aulas radiadas pela Emissora Rural de Caicó. Ilustração: bonecos de barro do Mestre Vitalino. (1964)

Fonte — Acervo de Francisco Moraes

Haveria de alguma maneira, nas cartilhas *Viver é Lutar* e *Mutirão*, correspondência entre saberes culturais e postulados do personalismo cristão, bastante em voga nos primórdios do MEB, conforme anteriormente aludido. Postura teórico-filosófica, defende o personalismo que viver implica primordialmente superação ininterrupta do quietismo pelo envolvimento na historicidade existencial.

O amor é luta; a vida é luta contra a morte; a vida espiritual é luta contra a inércia material e o sono vital. A pessoa toma consciência de si própria, não no êxtase, mas numa luta de força. [...] Não a força bruta do poder ou da agressividade [...], mas a força humana, simultaneamente interior e eficaz, espiritual e manifesta. (MOUNIER, 1960, p. 98 e 99).

As Escolas do MEB percebiam as potencialidades do rádio a este aliando a difusão ampla dos ensinamentos encetados nas cartilhas constituindo-se para muitos uma oportunidade de despertar, de adquirir aprendizados úteis ao seu cotidiano. Os sertanejos e as sertanejas seridoenses, por suas inserções nos códigos escolares, tornar-se-iam aptos para decodificar livros, revistas, jornais enquanto fontes de ilustração auxiliares à correta compreensão de si e da realidade circundante. As lições de *Viver é Lutar* e de *Mutirão*, guardadas suas formas, exaltam o aprendizado de conteúdos escolares que se reverte em melhoria coletiva das condições existenciais.

Pedro [...] vinha de um treinamento.
Ele estava muito animado.
Tinha aprendido muita coisa.
Muita coisa para mudar a vida do povo. (VIVER É LUTAR..., 1964, p. 30).

Abrigando em sua programação o módulo Escola radiofônica, a Emissora Rural ampliou sua grade para programas formativos que privilegiavam a dimensão crítico-reflexiva do aprender e do aprender estudando. Pelos microfones dessa Rádio a professora-locutora enunciava as lições de *Viver é Lutar* e de *Mutirão*, e os monitores as discutiam e revisavam em cada aula ouvida. O entendimento do homem como ser vivo, dinâmico, submetido a um plano evolutivo, chamado a interagir na concretude da vida com a natureza, com os outros homens e com Deus, na condição de co-criador e co-responsável, permeavam os conteúdos escolares daquelas aulas.

Os ensinamentos escolares chaves que compunham o conjunto de lições dessas Cartilhas têm como fonte, além da doutrina social da Igreja, o entendimento de pensadores cristãos contemporâneos como Emmanuel Mounier, Jacques Maritain e Paulo Freire. De acordo com o segundo “[...] é vão afirmar a dignidade e a vocação da pessoa humana se se não trabalha em transformar condições que a oprimem, e em fazer de modo que ela possa

dignamente comer seu pão.” (MARITAIN, 1962, p. 75). Por seu turno, para Mounier (1960, p. 142), “[...] o personalismo cristão sublinhará contra o individualismo religioso o carácter comunitário [...] da fé e da vida cristã.”

Nessa mesma linha existencial, Paulo Freire reafirma o homem como ser aberto, permanentemente convidado a transcender a órbita vegetativa. Para ele, o existir é dinâmico. “Implica uma dialogação eterna do homem com o homem, do homem com a circunstância. Do homem com o seu Criador [...]. É nessa dialogação do homem em torno das sugestões e até com as sugestões que o faz histórico.” (FREIRE, 2001, p. 35).

A dimensão histórica e socializante do viver enfatizado por esses pensadores, requeria compromisso e envolvimento do cristão para construir um mundo que possibilitasse a cada homem viver dignamente, enfim, viver como Homem. Desse modo, tal vertente de pensamento mostra-se compatível com a socialização imprescindível ao processo formativo do homem cristão, também propalado por João XXIII em suas Encíclicas. Numa linguagem direta, *Viver é Lutar* condensa sinteticamente tais aspirações.

Eu vivo e luto.
Viver é lutar.
Eu vivo com a família.
Nossa vida é trabalho e luta.
Nosso trabalho é luta e vida [...]. (VIVER É LUTAR..., 1964, p. 2, 4, 6).

Dando guarida a tais proposições do cristianismo voltado ao coletivo, a Rádio Rural, em consonância com o MEB Caicó, estimava formar educativamente sertanejos que entendessem o trabalho individual e coletivo de homens, mulheres e até crianças como responsável direto pela manutenção da vida e pela construção do mundo. De tal indivíduo esperava-se que se tornasse capaz de perceber e a rejeitar todo trabalho empregado como instrumento de exploração e de escravização, passando a identificar e a exigir trabalho digno, entendido como tal, aquele que o permitisse viver em e com a família.

Pedro trabalha.
Sua mulher também trabalha.
Eles trabalham para sustentar a família.
O povo trabalha e vive com fome.
Zé é menino e já trabalha.
Trabalha porque precisa.
[...] O povo precisa de trabalho. (VIVER É LUTAR..., 1964, p. 8, 10, 12).

Eu vivo do trabalho.
O povo vive do trabalho.
Maneco e Donato trabalham na capina.
A comunidade vive do trabalho de todos. (MUTIRÃO..., 1965, p. 7).

O homem prepara a terra,
 corta a mata com o machado.
 Enfrenta o trabalho duro
 para fazer seu roçado.
 O homem trabalhador,
 filho de Deus criador,
 deixa o mundo melhorado. (MUTIRÃO..., 1965a, p. 5).

A ilustração propiciada da lição transmitida pelo suporte do módulo programático Escola Radiofônica pretendia instruir o camponês capacitando-o para a superação dos meios e das técnicas rudimentares de plantio. Seus destinatários deveriam despertar para o uso de novos artefatos agrícolas e de renovadas tecnologias em gestão. Tais propósitos seriam, possivelmente, melhor assimilados e fixados com o emprego do estilo cordelista, — entre os sertanejos simplesmente “versos” — recurso didático empregado pela cartilha *Mutirão* (Figura 21).

Usando só a enxada,
 sem trator e sem arado,
 a safra é muito pequena,
 o rendimento é mingüado.
 Mas quando a comunidade
 forma um povo organizado,
 a coisa vai indo e muda.
 Todo povo que se ajuda
 vive unido e melhorado. (MUTIRÃO..., 1965, p. 24).



Figura 21 — Capa da cartilha *Mutirão*, 1º livro. A ilustração realça a integração de homens e mulheres pela convivência e pelo trabalho. (1965)
 Fonte — Acervo de Francisco Moraes

O “mote” presente nos dois últimos versos e sucessivamente repetido nas estrofes subseqüentes remeteria o educando a compreender que o uso dos novos meios tecnológicos e o emprego de renovadas técnicas de plantio, apesar de necessárias, por si só seriam insuficientes. Formar os homens para a cooperação, para a mútua ajuda, nessas cartilhas, apresentava-se imprescindível o seu uso didático e escolar para aprender a viver melhor.

Vê-se que o investimento formativo na modernização dos instrumentos de cultivo agrícola e no mútuo auxílio levado a cabo pelas aulas radiofônicas da Emissora Rural, apoiada nas cartilhas epigrafadas, em certa medida logrou êxito. A iniciativa de “roças comunitárias”, que propunha plantar e cultivar a terra com vigor produtivo, agregou ao uso tradicional da enxada artefatos da tecnologia moderna e a cooperação, obtendo resultado de melhorias.

O quê que eram ‘roças comunitárias’? Era aquela agregação de agricultores em função de um projeto que eles estavam tendo. [...] Eu lembro que numa comunidade chamada ‘Mundo Novo’ havia um rapaz lá, Cícero. Ele era um cara muito engajado e havia um terreno lá, que era público, era do açude Mundo Novo, era um terreno público e estavam lá a família e a comunidade com muita dificuldade em relação a isso. E a gente [do MEB Caicó] se reuniu com eles, se reuniu com o Diretor da estação do Mundo Novo para conseguir um espaço lá, já próximo ao açude onde eles pudessem cultivar. E o açude, a instituição que cuidava dispunha de tratores. Em função disso eles se cotizavam e davam a metade do óleo e a gente foi lá e convenceu o tratorista a não cobrar nada. Ele quando fazia esse tipo de serviço ganhava uma gratificação, mas o motorista era da comunidade e não criou muita dificuldade com relação a isso não. **E essa experiência deu um excelente resultado em termo de produtividade; talvez 20 ou 30 vezes a mais, no mesmo espaço de terra.** Teve tudo isso; o cara se empolgou, o cara lá mesmo da estação se empolgou e ficou fornecendo até inseticidas para eles. Esse resultado aí foi o mais significativo que teve dentre as várias experiências. (SANTOS, 2007, grifo nosso).

Propagar e inculcar valores como: a união de todos, a cooperação, o mutirão, a organização comunitária, enfim, o trabalho humano colaborativo quer pelas lições sistematizadas nas cartilhas e diariamente transmitidas, quer por outras veiculações da grade programática subsumiam-se aos propósitos educativos da Rádio Rural.

Trabalho feito em conjunto
faz todo um povo crescer.
É importante na vida
lutar sem esmorecer! (MUTIRÃO..., 1965, p. 37).

A propagação de tais valores propiciou que o “mutirão” ultrapassasse o título de uma dessas cartilhas. Algumas comunidades que recepcionavam tais mensagens pela

Escola radiofônica, valeram-se dessa sugestiva experiência organizacional coletiva e colaborativa para a superação de obstáculos que dificultavam o bem-viver. Relata Reinaldo Santos:

Existe lá na sua terra [despertada pelo] livro *Mutirão*, na comunidade Tapera, assim bem pertinho de Jucurutu, uma obra de mutirão que resolveu um problema seríssimo que tinha ali, que era o desvio do Rio [Piranhas]. Há um riacho na divisão da fazenda Tapera com a outra, que o rio fazia a curva e eles tinham um motor. O rio na época não era perene e, quando dava essa perenidade, dava só de um lado do rio. Que é que eles fizeram? Em mutirão fizeram uma bica que tinha um riacho lá e eles fizeram uma bica atravessando esse riacho. Então, na curva do rio, eles fizeram uma parede lá e quando a água represou canalizou-se por essa bica. Essa água ficou sendo usada da comunidade até a cidade. A comunidade Tapera deve dar uns quatro a cinco quilômetros para a cidade. Então, dali até a cidade, todos aqueles sitiozinhos pequenos por ali ficaram sendo irrigados, dado esse trabalho de mutirão, e aí a gente fazia todo esse incentivo. Daí porque era subversivo nesse tempo *Mutirão*, porque organizava as pessoas. (SANTOS, 2007).

Um outro relato de mutirão, atestando o investimento das aulas radiofônicas na formação de jovens, homens e mulheres comprometidos com o bem comum coletivo, uma das máximas da moderna cultura cristã, conforme apontava Maritain (1962), foi transcrito em um Boletim editado pelo MEB Nacional. Aí, o trecho de uma carta escrita por um aluno informa: “Aqui já fizemos um mutirão. Um vizinho estava doente, juntou-se toda a turma de homens, todos os alunos da escola e foram trabalhar o dia todo. Terminaram toda a roça do companheiro.” (BOLETIM DO MEB, 1965, p. 3).

Trata-se aquele de Boletim cuja publicação foi retomada pelo Movimento após interrupção de quase dois anos. Em sua nova impressão, cada número, dentre outras matérias, destacaria a organização de um Sistema Radioeducativo. Uma Equipe do Nacional acabara de fazer a sua primeira visita ao MEB de Caicó e, certamente por isso, fez-se necessário apresentá-lo no Informativo. A visita de inspeção ou de aprendizagens pedagógicas com a “turma de Caicó” foi assim difundida:

Caicó (Rio Grande do Norte) recebeu, pela primeira vez, visita do Nacional. Aparecida esteve lá durante três dias, no início de novembro, trabalhando, refletindo, aprendendo com a turma de Caicó (e que turma!). O programa de trabalho começou com um levantamento bastante realista do MEB de Caicó e do MEB em geral, o que possibilitou conclusões e encaminhamento futuro de trabalho bem ao nível do que é necessário e do que é possível. Também participaram do encontro Nacional/Caicó, Marília, Erineide, Elviro e José Soares, da Equipe de Natal. Bom demais pra nós a ida a Caicó. (BOLETIM DO MEB, 1965, p. 2).

É até possível enxergar analiticamente um certo romantismo nesses experimentos estimulados pelo módulo programático Escola radiofônica da Emissora Rural, sob responsabilidade do MEB Caicó, quais sejam, roças comunitárias, mutirão, dentre outros. Não se pode negar, todavia, a disposição educativa de emprestar materialidade às propostas formativas aí veiculadas. A visão de “sistema escolar” e de formação humana emergem num pregnante paralelismo com o real; numa indissociável interrelação dos temas “levados ao ar” por ocasião das aulas, e o fazer cotidiano, revertendo em benefícios concretos para os comunitários.

Equilibrar espiritualidade e materialidade inseria-se nos anelos educativos desse módulo programático. As lições propostas nas cartilhas acentuavam serem imprescindíveis as condicionantes econômicas e sociais do existir, todavia, alertavam que o Homem transcende a dimensão somática. As condições materiais favoráveis para que o ser humano desenvolvesse suas potencialidades só teriam sentido se integradas acima de tudo às vivências espirituais.

As aulas do rádio transmitidas pela professora-locutora insistiam ser o homem em sua imanência parte da natureza, porém, a esta não se restringia. Por seu trabalho, por sua intervenção cada pessoa a transforma e a ultrapassa imprimindo-lhe um sentido novo. Nesse intento, o volume *Fundamentação* que acompanha *Viver é Lutar*, produzido para subsidiar a transmissão daquelas aulas, torna explícita tal compreensão.

Humanizar-se humanizando a natureza é, em última análise, o sentido da realização do ser humano em *sua existência temporal*, em sua existência no mundo. É preciso, no entanto, acentuar: a humanização do mundo, a negação da natureza, enquanto dado material, revela, no ser do homem, uma dimensão natural unida à sua alma espiritual que permite transcender o mundo e recriá-lo, pelo seu trabalho, em mundo humano. (FUNDAMENTAÇÃO..., 1964, p. 13, grifo do autor).

Tal entendimento coaduna-se com o entendimento de Teixeira (2001, p. 100), para quem a formação educativa trata-se de um processo “[...] pelo qual a natureza se transforma conscientemente, para melhor atingir os seus fins [...]. O portador dessa inteligência consciente é o homem e os seus meios de ação a experiência.” A novidade dessa intervenção pessoal sobre a natureza, na acepção das aulas radiofônicas, é que para se tornar propriamente humana requer-se uma consciência, uma intencionalidade, e esta, por seu turno, depende da formação educativa ou, como dizia Platão (1999), da *paideia*.

Tratando-se de uma “rádio católica” a Emissora de Educação Rural de Caicó, ao priorizar a abordagem das realidades materiais em concomitância com as espirituais,

almejava reforçar nos destinatários o seu pertencimento filial a Deus e, por conseguinte, a abertura à transcendência pela mediação dos semelhantes. Servindo-se das cartilhas do Movimento, a professora-locutora fixando as lições lia, relia e remetia à discussão:

Ao homem não basta comida.
 Não basta casa e salário.
 O homem precisa de Deus.
 Deus é Justiça e Amor.
 Deus quer Justiça entre os homens.
 Deus quer Amor entre os homens. (VIVER É LUTAR..., 1964, p 14).

Quando Deus criou o homem
 foi p'ra ser feliz e amar.
 Todos têm, pois, o dever
 de ao seu próximo ajudar.
 Mesmo quando um cidadão
 é de outra religião,
 nós devemos respeitar. (MUTIRÃO..., 1965a, p. 18).

Se para o homem viver feliz são necessárias condições favoráveis de vida, estas não se materializam simplesmente na abundância de posses. Homens, mulheres, jovens e adolescentes seridoenses a serem emergencialmente moldados pela educação radiofônica de base, se apropriariam de novos saberes escolares e usariam adequadamente os meios técnicos a seu alcance. Controlar as doenças investindo na prevenção se constituiria meio seguro para evitar enfermidades e melhor conservar a vida.

Lembra Jurandir Medeiros (2007) que, certamente coadjuvadas pelos ensinamentos das cartilhas, campanhas de instalação de fossas sanitárias, de aquisição de filtros para água potável foram realizadas em várias comunidades do MEB Caicó, valendo-se também dos microfones da Rádio Rural. Os hábitos de higiene pessoal e coletiva adviria também da concepção unitária do ser humano, composto indissociável a requerer o cuidado com o corpo, com a matéria, ao mesmo tempo que com o espírito, com a alma.

D'outra parte, lições de *Viver é Lutar* e de *Mutirão*, remetiam à concepção cristã da filiação divina acentuando o postulado de uma igualdade fundamental entre os homens, independente da profissão, do sexo, da faixa etária, do habitat, da opção religiosa e do grau de instrução. A formação humana levada a cabo pelas ondas do rádio amealhava as conseqüências silogísticas dessa premissa fundante no cristianismo: se todos são homens, são filhos e filhas de Deus, logo, são iguais. Então, donde viria a desigualdade? As lições escritas das cartilhas enunciam a aspiração de superar o fatalismo ou, como diria Freire (2001), o quietismo.

Pedro [...] vê que muita gente sofre injustiça.

E todos são homens.
São filhos de Deus.
Precisam viver como homens.
Precisam viver como filhos de Deus. (VIVER É LUTAR..., 1964, p. 24).

A formação educativa escolar de base, tendo por esteio e cidadela a Rádio Rural de Caicó, propalando uma visão mais lúcida e consciente da cidadania, revela-se na escrita de alunos e monitores do Sistema Caicó. Aquela atesta a intensidade com que o tema fora trabalhado e, de certo modo assimilado, objetivando mudar o perfil dos candidatos a serem eleitos e os métodos de suas escolhas. Competência, merecimento, qualificação, preparo e defesa dos interesses locais deviam ser os novos referenciais na escolha de candidatos pelos alunos-ouvintes daquela Rádio-Escola. Tais atributos deveriam sobrepor-se ao poderio político e até mesmo a favores, a relações de compadrio e de amizade comum.

Não devemos confundir
naquela oportunidade
o voto que é consciência
com favor ou amizade.
Dá o voto ao candidato
se ele merece, de fato
'Independência é liberdade'.

Não olhemos chefes políticos
mas, o candidato, a qualidade,
se o seu trabalho coincide
com nossas dificuldades.
O chefe é só na campanha
e o candidato fica, se ganha
'Independência é liberdade'. (MEDEIROS, J., 1966, fl. 1).

Reforçavam ainda as lições das cartilhas em apreço, ampliadas em seu alcance pelos microfones da Rádio Rural de Caicó, que o homem instruído na compreensão do valor e da força de seu voto não creditaria a solução das carências apenas aos gestores públicos, mas identificaria a indispensabilidade de reunir e somar, pelo associativismo, a força dos semelhantes. Sindicatos, cooperativas, clubes de mães foram exemplos dessas instituições organizativas propaladas pelas escolas radiofônicas e implementadas em várias comunidades do Sistema local.

Os camponeses [...] sentem que unidos podem agir [...].
Pedro e os companheiros querem fundar um sindicato.
Querem organizar sua classe.
Sindicato é união.
Sindicato é força. (VIVER É LUTAR..., 1964, p. 42).

Seu José sabe que o povo
precisa se organizar, que progresso, nesta vida,
sozinho não vai achar.

Reuniu seus companheiros,
p'ra um sindicato fundar.
Um sindicato decente
mostra o caminho da gente
p'ra justiça procurar. (MUTIRÃO..., 1965a, p. 28).

A gente do povoado
tem muito que trabalhar,
pois uma cooperativa
está pensando em fundar. (MUTIRÃO, 1965a, p. 42).

Xavier, Pedro e os companheiros [...]
Com escola, sindicato e cooperativa procuram organizar o povo [...].
Povo organizado é força. (VIVER É LUTAR..., 1964, p. 54).

Sindicatos, cooperativas, escolas, clubes e outras sociabilidades formativas e organizativas emergem tanto nas lições de *Viver é Lutar* quanto nas de *Mutirão* como mediações dialógicas instrumentais possibilitadoras de uma vida mais digna, conforme a específica natureza humana por sua filiação divina. Tais mediações, no entanto, conforme esclarece Freire (2001), não são dadas de pronto, mas brotam do conhecimento adquirido no processo formativo, são fruto de uma ação educativa intencionada. A Rádio-Escola Rural de Caicó, intencionalmente disponibilizando seus microfones para maior e mais rápido alcance daqueles postulados, acosta-se ao alcance desse pensador pernambucano.

Seqüenciando os anelos de disponibilizar um livro didático que permitisse aos alunos das aulas radiofônicas um aprendizado que não se dispersasse em abstrações e que mantivesse correlação com as raízes da cultura seridoense, a equipe local decidiu pela produção de sua própria cartilha, cujo título inspirou-se na costumeira assertiva popular: *Vivendo e Aprendendo*. A decisão do nome é informada ao Nacional através de correspondência. “O nome da Cartilha será Vivendo e Aprendendo. Que tal? É baseado no dito popular: É VIVENDO E APRENDENDO.” (SANTOS, 1970, fl. 1).

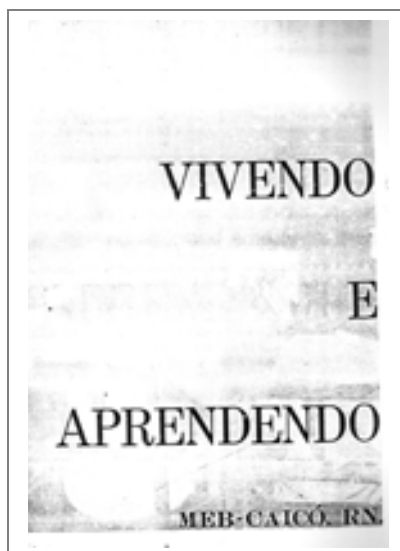


Figura 22 — Capa da cartilha produzida e editada pelo MEB de Caicó-RN (1970)

Fonte — Acervo LABORDOC, CERES Caicó, UFRN

Editada em 1970, tentando conciliar a função de ser apoio ao Supletivo Dinâmico, sem perder a linha crítico-reflexiva, *Vivendo e Aprendendo* (Figura 22), primaria por um linguajar repleto de termos usados na região do Seridó. Ao fim de cada lição, o monitor era orientado à fixação de atividades que abrangiam: interpretação, gramática, ditos populares, matemática e conhecimentos gerais. Este último tópico sempre se refere a realidades que compõem aspectos históricos ou geofísicos da paisagem do Seridó. Suas lições comprometidas com a educação de base, que à época era permitida disseminar, abordavam temas como: seca, relações de trabalho no campo, migração, produção, cooperação, vizinhança, higiene e saúde, dentre outros.

As aulas transmitidas pela radiofonia da Emissora Rural de Caicó, num primeiro momento da atuação do MEB, investiram na educação de base do sertanejo tendo por objetivo imediato sua alfabetização. Os materiais produzidos pelo Nacional e apropriados pelo Sistema de Caicó, como *Viver é Lutar e Mutirão*, aproveitavam o mote da alfabetização imprimindo-lhe um conteúdo formativo mais amplo, crítico. E, numa segunda fase, mesmo tendo esse Sistema (a exemplo dos demais) sido forçado a adotar com as aulas radiofônicas uma postura mais formal, transmitindo cursos supletivos e de suprimento, ainda assim, manteve aspectos integrantes da educação de base que iam além da mera alfabetização, superando inclusive nesse tema, a visão da UNESCO.

Enfim, o interesse pelo domínio da escrita e pela prática da leitura, motivado pela professora-locutora, o monitor orientador e os alunos-ouvintes, tudo intermediado pela Rádio-Escola, quer transmitindo as lições das cartilhas, quer levando ao ar programas especiais a elas conexos, constituiu-se fonte concreta de comunicação, de ilustração e de integração entre homens e mulheres sertanejos do Seridó potiguar, pelo Movimento de Educação de Base.

5.6 Decodificando saberes culturais em aprendizagens escolares

A primeira fase do MEB Caicó, que perdurou até por volta do ano de 1967, as aulas radiofônicas eram proferidas por uma professora-locutora, a partir dos estúdios da Emissora Rural e captadas pelos rádios com recepção cativa organizada, instalados em diferentes localidades, onde se haviam radicado as Escolas Radiofônicas. Tratava-se do chamado rádio cativo. Acompanhados pelo monitor, os alunos aprendiam a ler, a escrever e a contar partindo de problemas e situações culturais concretas que lhes eram sugeridas. A escolarização ou a educação de base, nessa fase, pretendia à luz de um ideal educativo de homem e de sociedade, ancorada nas vivências existenciais e materiais, conforme propunha Freire (2003), ser conscientizadora, lendo o mundo em conjunto com as aprendizagens escolares. Aliás, o ideal de homem almejado em diferentes estágios históricos e humanos, nunca

[...] é um esquema vazio, independente do espaço e do tempo. É uma forma viva que se desenvolve no solo de um povo e persiste através das mudanças históricas. Recolhe e aceita todas as transformações do seu destino e todas as fases do seu desenvolvimento histórico. (JAEGER, 2001, p. 15).

A abrangência dos temas geradores inspiradores dos conteúdos abordados pelas Escolas Radiofônicas é, pois, atestada por Expedito Jorge de Medeiros. Monitor e aluno da escola radicada na comunidade Badaruco, em Cruzeta (1965-1967), posteriormente membro da equipe do MEB Caicó (1970-1973), e até hoje assessor da Federação dos Trabalhadores da Agricultura no Estado do Rio Grande do Norte (FETARN). Por suas múltiplas vivências educacionais e educativas assegura os roteiros pedagógicos da educação de base, sob os auspícios da equipe local, chancelada pelo bispo diocesano.

Se discutia também as questões políticas, que realmente a Escola Radiofônica era uma escola que **procurava educar em todos os aspectos**. Não era só o aprender ler, escrever, nem contar. Se falava na educação econômica, na educação religiosa, na educação social, na

educação política e tal. Todos esses aspectos a gente discutia e tirava os encaminhamentos. (MEDEIROS, J., 2007, grifo nosso).

É indubitável, portanto, que o MEB Caicó, valendo-se, sobretudo, das ondas sonoras da Rádio Rural com o módulo programático Escola radiofônica, e da abertura por esta propiciada, primava por uma educação humana geral, segundo parâmetros do Movimento de Educação de Base. E o bispo Dom Manuel Tavares também sim. No segundo semestre de 1966, a geografia conceitual dos temas geradores emanaria pelos roteiros relativos a “[...] dignidade do ser humano, dignidade da mulher, valor do trabalho humano, função social do trabalho, instrumentos de ação sobre a natureza: de trabalho, de vida social, intelectual e espiritual.” (RELATÓRIO ANUAL DO MEB CAICÓ..., 1967, fl. 9).

Aquelas aulas radiofônicas abrangendo relevantes dimensões existenciais e materiais, transmitidas semanalmente, de segunda à sexta-feira, das 18h e 5 minutos até às 19 hora, destinadas prioritariamente aos sertanejos rurais, objetivando alfabetizá-los, instruí-los e educá-los, conforme previa o *Inter Mirifica* (2003, p. 73), reiterar-se, colocavam o rádio “[...] a serviço da formação e manifestação de uma opinião correta a respeito de todos e de tudo.”

Alfabetizar, dignificar, aprender estudando e aprender fazendo, conscientizar o homem e a mulher sertanejos a partir de uma educação escolar renovada, capazes de entender as teias interrelacionais que tecem a realidade social e nela intervir interacionalmente, constituiu-se fundamento e procedimento pedagógicos das Escolas Radiofônicas implantadas e geridas pelo MEB Caicó. A ativa intervenção dessas Escolas dependia, em grande parte, de recursos tecnológicos avançados ou já conhecidos, e providenciados, produzidos e remetidos pelo MEB Nacional aos Sistemas locais para subsidiar o trabalho docente dos professores-locutor, monitores e supervisores.

Tais recursos e materiais, além de reforçar e garantir a unidade do Movimento, se constituíam, notadamente no início, o principal suporte para as aulas radiofônicas. Os materiais didáticos que, numa primeira fase, mais deram suporte às atividades didáticas do MEB Caicó, tanto na preparação das aulas, quanto nas suas recepções foram as citadas cartilhas *Viver é Lutar e Mutirão*, esta editada em dois volumes. Posteriormente, no que chamamos de “segunda fase”, o Sistema local, conforme frisado, produziu sua própria cartilha *Vivendo e Aprendendo*.

Ressalte-se que os movimentos à época envolvidos com a educação popular empreendiam eminentemente desenvolver novas metodologias e roteiros didático-técnicos

diferenciados daqueles empregados na educação tradicional e, de regra, rotulada elitista. Destaca-se nesse contexto a experiência de educação de adultos nos moldes propostos por Paulo Freire que, por privilegiar o cotidiano e as problemáticas existenciais dos educandos, prescindia de cartilhas, por estas apresentarem conteúdos em si fechados e propiciar uma assimilação acrítica, não transformadora do homem e da mulher em sujeitos do aprendizado.

Dados esses balizamentos teóricos, a edição e o emprego de cartilhas para subsidiar o trabalho do Movimento, foi algo bastante debatido. A decisão favorável foi recomendada também naquele 1º Encontro Nacional de Coordenadores do MEB, realizado em Olinda (PE), no mês de dezembro de 1962. Lembra Osmar Fávero que, mesmo se conhecendo as restrições do educador Paulo Freire a esse tipo de compêndio escolar,

[...] considerou-se essencial o uso de ‘cartilhas’ para o meio rural, talvez por tradição, mas muito por exigência dos alunos, para os quais era importante ter o seu livro, e pelas especificidades do sistema radioeducativo. Esses textos de leitura foram considerados apoio imprescindível também porque os monitores, escolhidos nas comunidades, em geral não tinham nenhum preparo didático-pedagógico. (FÁVERO, 2006, p. 176).

5.7 MEB, Igreja Católica e Emissora Rural

Era intensiva a relação do MEB Caicó e da Rádio Rural com o sindicalismo, especialmente na zona rural. Tal postura não seria isolada, mas se inseria num direcionamento desse Movimento, conforme atesta Damasceno (1990, p. 99), “Em alguns Estados como Rio Grande do Norte, Pernambuco e Maranhão, a ação do pessoal do MEB extrapolou a esfera da educação sindical, passando a assessorar as equipes responsáveis pela fundação de sindicatos.”

A inequívoca e aberta oposição do magistério católico ao comunismo e ao materialismo histórico, não pode, todavia, ser o único fator explicativo do apoio da Igreja Católica seridoense, via MEB, aos sindicatos de trabalhadores rurais. As análises que esbarram nesse patamar, ainda que verdadeiras, como anteriormente referido, não recolhem por inteiro a riqueza de percepções tantas vezes historicamente conflitantes no seio da Igreja Católica mesma e do próprio MEB.

Estreitando, portanto, os laços dessa aproximação, a Emissora Rural de Caicó fez inserir, conforme antes visto, na sua grade o programa *Caminho Certo* (da ANCAR), além de disponibilizar semanalmente, sem ônus para o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de

Caicó, os estúdios da Rádio para a transmissão de *Em Marcha para o Campo*. Tal abertura, digamos, pedagógica, a um só tempo, aliava essa Rádio-Escola aos propósitos daquela entidade governamental voltada para o camponês, irmanava-se com o sindicalismo da classe trabalhadora e dilatava a abrangência da educação de base propiciada.

Seja como for, não se pode olvidar que a constituição da Escola e a veiculação das aulas radiofônicas elaboradas e levadas ao ar pela Equipe do Movimento de Educação de Base, Sistema de Caicó (RN), estritamente interligadas à grade programática a exemplo de *Conversando com o Sertanejo, Conversa com Monitores e Alunos, Correio Rural, Cultura e Alegria*, dentre outros, integravam a “educação escolar de base” que encontrou na Rádio Rural de Caicó nicho muitíssimo privilegiado.

Sempre a partir dos estúdios dessa Rádio, concomitantemente ao trabalho de assessoramento grupal, foram veiculados cursos diversificados, tais como: Educação Sanitária, Moral e Cívica, Cooperativismo, Higiene e Saúde, Sindicalismo, dentre diversos outros.

O Curso de Higiene e Saúde veiculado pelo MEB e incluído no módulo “educação escolar de base” da Rádio Rural de Caicó foi ao final condensado em folheto, pela Animadora do Grupo de Audiência da comunidade Cabaceiras. O cordel (Figura 23), relata dentre os assuntos abordados: prevenção de doenças como verminoses, gripes, poliomielite, tuberculose e febre tifóide, além de picadas de cobras e de outros insetos. O professor-locutor da Escola Radiofônica evocava os cuidados com a alimentação, higiene ambiental e vacinação como fatores fundamentais a uma vida saudável.

Eu vou falar pra vocês / Com toda minha atitude / O que aprendi no curso
/ De ‘Higiene e Saúde’. // Tome cuidado com gripe, / Procure se
alimentar / Por que não cuidando cedo / Pode a bronquite atacar. // [...]
Faça fossa em sua casa, / Traga-as com todos os cuidados / Que os
vermes na família / Já se chamam acabados. // [...] A tuberculose é grave
/ Mas se pode combater, / Indo a um hospital tomar / A vacina BCG. //
[...] Esse é o resumo do curso / De Higiene e Saúde / Que foi dado pelo
Rádio / Pra os velhos e pra juventude. (MEDEIROS, M. G., [1971], p. 1,
2, 3, 4).

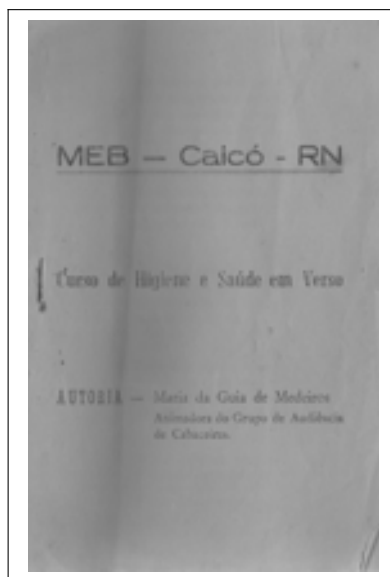


Figura 23 — Capa do resumo do curso de Higiene e Saúde veiculado pela Rádio Rural [1971]

Fonte — Acervo de Expedito Jorge de Medeiros

Ao ensinar, o Sistema Radioeducativo de Caicó estrutura-se em um sem número de aprendizagens culturais, sobretudo em cultivar, soerguer e visibilizar as manifestações da cultura popular. Atesta Raimundo Silva, na qualidade de ex-integrante da equipe local, o trabalho de reuniões, de encontro nas comunidades. Os violeiros materializavam com suas presenças, no tempo das escolas ou na extensão delas, suas canções e seus improvisos, expressões da genuína cultura popular no âmbito do sertão seridoense.

Às vezes os cantadores nos acompanhavam para o trabalho nas comunidades, sobretudo, para uma festividade numa escola. Havia todo um trabalho feito pelos monitores para chamar os vizinhos. Os cantadores faziam toda uma cantoria baseada nos temas de educação e conscientização do povo, sobretudo Chico Mota e Cícero do Nascimento. [...] Em Jardim de Piranhas, no sítio Batalha, eu me lembro, os cantadores iam, era uma multidão, naquela ocasião festiva, os cantadores **cantando temas que a gente dava nas cartilhas** ou motes que os monitores ofereciam com motivos da educação, da política, então eles faziam todo um trabalho educativo. (SILVA, R., 2005, grifo nosso).

As aprendizagens dos saberes eruditos, populares, da cultura sertaneja de raiz, não parecia ser para o MEB Caicó comungar com uma postura epistemológica que, conforme adverte Certeau (1995, p. 182), “[...] vê a cultura sob o aspecto de uma solidariedade com os ‘excluídos’.” Mais do que rejeitar a dicotomização hierárquica da inventividade humana, ou uma precedência do erudito, a valorização das produções autóctones, inconscientemente ou não, demonstrava perfilar-se com o entendimento de uma cultura

plural, nos termos reconhecidos por Certeau (1995), fugindo à compartimentalização e ao encastelamento conceituais e não-conceituais.

Foi a partir do seu âmago, compartilhando com a variedade de tempo do camponês seridoense, quando reunidos nos terreiros e alpendres dos sítios, que o MEB Caicó retroalimentou e difundiu suas noções de cultura e de tempo de vida nessa ambiência sertaneja rural. Este teria sido o lugar no qual e a partir do qual a equipe diocesana do MEB pôde melhor ilustrar especificidades de sua práxis educativa enquanto movimento popular. Mais uma vez, tais balizamentos nos remetem a Michel de Certeau. Para ele, referir-se à cultura no plural nos faz refletir sobre o *lócus* de onde nos reportamos. Desse modo:

Nada que pertença aos outros transpõe esse limite sem que nos chegue morto, pois nada que nos foge existe, inevitavelmente. A prática e a teoria da cultura ascendem à honradez quando renunciamos à pretensão de superar por generalidades o fosso que separa os lugares onde se enuncia uma vivência. (CERTEAU, 1995, p. 241).

Reconhecendo as vivências de homens e mulheres camponeses, lugares e tempos de manifestações, seus laços com a cultura local e universal, o MEB Caicó cimentou uma formação relativamente geral pela educação de base, almejando também promover a mudança coletiva de estruturas arcaicas em parte ainda vigentes. Nesse desiderato, conseguiu com enorme esforço sobreviver aos percalços advindos do golpe militar. Aliás, conforme acentua Wanderley (1984, p. 34), o “[...] MEB foi um Movimento histórico, vale frisar que, dentre os que atuaram no campo da cultura popular, foi ele o único a continuar depois de 1964 [...]”

Vê-se que a Escola e as aulas radiofônicas do MEB Caicó, com seu tempo escolar, com as transmissões da Rádio Rural e recebimento por um canal cativo, com material didático e pedagógico utilizado como suporte para uma educação escolar renovada, objetivando formar homens e mulheres no sertão seridoense, testemunharam, em certa medida, êxitos pretendidos. Um monitor integrante desse Sistema escreve radiante para a Equipe local: “Os alunos estão satisfeitos. Alguns estão encontrando grande facilidade nos Bancos e Cooperativas para fazerem seus negócios, por já serem alfabetizados.” (BOLETIM DO MEB, 1965, p. 3). O “professor-monitor” reporta-se, evidentemente, a aquisições culturais socializadas pela Escola Radiofônica da Emissora diocesana. Saudosamente, Maria Floripes de Medeiros, mais conhecida por “Mariquinha de Chico Miguel”, ex-monitora da Escola radicada na comunidade Palma, distrito de Caicó, corrobora o testemunho:

A minha [assistência] era tão boa e eu fazia com tanta atenção, que tinha deles que não sabia fazer o nome, nem votava porque não sabia assinar, e nem podia fazer qualquer trabalho [empréstimo] no banco. Quando terminou, todos os que ainda estão vivos fazem seus trabalhos, tudo aprendido [na Escola do] MEB. (MEDEIROS, F., 2007).

Nessa direção, a dedicação, a afabilidade, o zelo aludido por esta ex-monitora para com seus alunos-aprendizes, nos remete àquele amor pedagógico propugnado por Pestalozzi como uma das vigas mestras indispensáveis à elevação intelectual, moral e espiritual dos educandos. Em outras palavras, ao desenvolvimento pleno da pessoa humana. Educar, para esse pensador pedagogo, é muito mais que dotar indivíduos de uma profissão ou ajustá-los a padrões sociais; implica formar um homem moral e autônomo, razão porque o amor pedagógico faz-se imprescindível ao tempo do aluno-aprendiz.

Ocorre que, com o passar dos tempos e a maturação da práxis, a atividade educativa da Escola Radiofônica foi sendo relativizado face a outras possibilidades educativas percebidas e vivenciadas pelo MEB. Tempos outros de expansão da escola pública, gratuita, a Escola Radiofônica começou a perder força, mas também em vista do alcance atingido em cada comunidade pelas aulas radiadas.

Essas mudanças estruturais, entretanto, pouco afetaram o trabalho operacional da Equipe local do MEB, nos estúdios da Emissora Rural, continuando, por exemplo, o fortalecimento do sindicalismo junto aos trabalhadores rurais na Região do Seridó. Por mais que pareça contraditório, o enfraquecimento da Escola e das aulas Radiofônicas propriamente ditas fomentou dialeticamente a constituição de outras instâncias associativas. Documento elaborado pela Equipe Nacional corrobora tal observação e alteridades.

Não se pode deixar de lembrar que, como toda educação que não se esgota na instrução, a Escola Radiofônica não se esgota em si mesma: ela produz frutos na própria comunidade, criando outras atividades educativas (ex. clube de mães, clubes agrícolas, associações de moradores, clubes de jovens, cooperativas etc.). A Escola, desta forma, deve ser entendida dentro do conjunto maior das atividades e da vida de toda a comunidade camponesa. (ESCOLAS RADIOFÔNICAS DO MEB..., 1965, fl. 1).

5.8 O tempo escolar e o tempo cultural da educação de base do MEB

O tempo escolar de educação de base, que abrangeria dois ciclos, pelos menos (1º e 2º livros de leitura ou A e B), era um tempo simultaneamente de aulas “radiadas” para

recepção organizada, coletiva, mas tendo também interrelação com instituições bem próximas do camponês, como a Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural (ANCAR).

A missão do MEB, dirigida às Equipes locais, inscrevia-se no trabalho docente e também político-pedagógico de formar integralmente um homem que, compreendendo sua dignidade e confrontando-a com a ambiência em que estava inserido, se libertasse do assistencialismo “[...] que faz de quem recebe a assistência um objeto passivo [...]” (FREIRE, 2006, p. 65), se organizasse e lutasse pelo direito de ter escolas, de escolher pelo voto livre seus representantes políticos, de manter sindicatos e cooperativas profissionais. Deseja mais, um homem que compreendesse, vivesse e celebrasse com seus pares as conquistas coletivas, transformando-as em momentos festivos, oportunizando o fortalecimento dos seus laços culturais sertanejos.

Para esse tempo escolar de educação de base em Caicó, o MEB estabeleceu convênio com outras instituições que voltavam especial atenção ao homem rural, incluía a ANCAR, como antes frisado. Um intercâmbio extensivo também à programação da Rádio Rural, presumiu a oferta de cursos de atualização em Fruticultura, Hortaliças e Arte Culinária ou Alimentação bem singulares à territorialidade do mundo do trabalho dos sertanejos. (Figura 24).



Figura 24 – Curso sobre alimentação ministrado pela equipe da ANCAR em parceria com o MEB Caicó. Comunidade Palma (Caicó). A monitora Maria Floripes, no alto, terceira da esquerda para a direita. Realça-se o uso do lenço na cabeça quer como hábito de higiene, quer como moda feminina. (1966)
Fonte – Acervo de Maria Floripes

Preparar educativamente os sertanejos agricultores para o aproveitamento dos recursos naturais disponíveis na própria comunidade, com desdobramento em códigos reguladores aceitos e prescritos pelo mundo do trabalho capitalista, tratando-os devidamente, inseria-se nas metas das Escolas Radiofônicas. Almejava ainda a inserção dos sertanejos em diversos tempos sociais para melhor compreender e valorizar as manifestações ínsitas à sua cultura vivencial e conservação de suas raízes, pelo aperfeiçoamento dos seus artefatos técnicos, e pela celebração de suas festas. Esses tempos sociais seriam, como já atestado, temas geradores das aulas radiofônicas. Festejar é agradecer, irmanar-se, assinalar as vitórias e tudo o que de importante acontece na vida do povo. O tempo escolar seria um tempo de aprendizagens plurais, diversas, que abrangia o tempo da criação cultural, do trabalho coletivo e da preservação da cultura de raiz, conforme infere-se das mensagens abordadas nas aulas radiadas, tempo de aproveitamento criativo e colaborativo.

Pedro e seus companheiros fundaram um sindicato.
 Para comemorar, eles organizaram uma festa.
 São bonitas as festas e danças do povo:
 São João, carnaval; bumba-meu-boi, pastoril, reisado, maracatu,
 quadrilha, coco, capoeira, ciranda...
 O povo também faz rede, cesta, bolsa...
 A mulher rendeira faz renda.
 O finado Vitalino fazia bonecos de barro.
 Tudo isso é arte.
 A arte popular revela a alma do povo. (VIVER É LUTAR, 1964, p. 44 e 46).

Cantadores, violão, viola, coco e xaxado, maracatu e baião.
 No sertão tem muito artista, que inventa canção bonita,
 ou que trabalha com barro, fazendo boneco, jarro...
 O finado Vitalino, em Pernambuco nascido,
 fez tanto boneco lindo, que se tornou conhecido.
 Do sertão renda e bordados chegam a ser afamados.
 Tudo isso é coisa que dura, é o que se chama Cultura. (MUTIRÃO, 1965a, p.30).

A arte popular é cultura.
 Tudo que o homem inventa e faz é cultura:
 casa, roçado, sapato, fogão de barro...
 Estudando, o povo também faz cultura;
 aprende a conservar e melhorar seus costumes. (VIVER É LUTAR, 1964, p. 48).

Pode-se atestar que o cultivo da educação de base nesse tempo escolar propiciou, desde cedo, um entrelaçamento entre as atividades desenvolvidas pelo Sistema Caicó com o sindicalismo rural, não simplesmente pela preocupação de combater a linha sindical de

orientação comunista — fato indiscutível —, mas muito pela intenção de promover os sertanejos rurais do Seridó, naquela acepção proposta por Maritain (1962) e estimulada pelo Papa João XXIII. Além disso, as raízes operárias de quase todos os que acolhidos nos estúdios e instalações da Rádio Rural na parceria com o MEB, foram também responsáveis por essa proximidade sindicalista. Ex-coordenador e ex-professor-radiofônico, Reinaldo Santos, refere-se especialmente ao período pós-golpe militar.

Nós tínhamos uma relação muito forte de assessoramento, não da legislação. Nessa época foi muito forte o Estatuto da Terra. Esclarecer isso ao agricultor, a gente fez muito. E os sindicatos eles serviam como ponto de convergência das pessoas. Lá onde as pessoas se reuniam mais. Antes desses programas do governo federal: FUNRURAL, Estatuto da Terra etc., havia algumas instituições como o INDA (Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário) e o INCRA também que ainda persiste hoje. O INDA fazia muitos encontros, mas não tinha quem operacionalizasse. Então, havia três instituições que quando a gente, para sobreviver, a gente começou a negar aquele purismo ideológico: INDA, EMATER [na época ANCAR] e MEB. Essas três instituições começaram a se entrelaçar. Elas tinham o maior interesse porque a gente tinha maior penetração; o pessoal do MEB tinha mais penetração. Porque todas as pessoas, e isso é uma identificação interessante frisar, no MEB, todas as pessoas eram de origem humilde. No INDA e na EMATER eram os ‘doutores’. Nenhum de nós [no MEB] tinha curso superior, alguns, nem fundamental, na época, o primário. Ou só com o primário e às vezes nem com o primário, mas fazia parte da equipe. Por quê? Porque a idéia era que você compreendesse a realidade. Então, essa relação com o sindicalismo ela se dava numa relação de assessoramento. E lembro que antes do FUNRURAL e antes do INDA, a gente ia para uma reunião onde tinha dez sindicalizados, porque havia uma história de desativação de sindicatos muito forte no Rio Grande do Norte; a questão da interferência das Ligas Camponesas, o sindicalismo rural com origem na Igreja, aquela história toda. [...] Então, a nossa relação se dava como de assessoramento. E a gente tinha uma penetração muito grande em função da identificação de origem nossa. Dificilmente você encontrava uma pessoa da equipe [do MEB] aqui no Rio Grande do Norte que não tivesse origem rural. Especificamente, no nosso grupo de Caicó, era raríssimo. E mesmo aquelas que não tinham origem rural, elas tinham atuação em comunidades e tinham atuação principalmente em movimentos jovens: JAC e JOC. Nessas duas instituições: Juventude Agrária e Juventude Operária Católica. (SANTOS, 2007).

Na variedade de tempos sociais inscritos no trabalho docente da educação de base incluindo professores, supervisores e monitores daquela Escola Radiofônica se constituiu, em alguns casos, o despertar ou melhor semear, conservar aquelas iniciativas culturais concretas e crescentes. A sindicalização dos trabalhadores rurais, ao lado de mutirões, roças e farmácias comunitárias, seriam iniciativas interacionistas entre os homens e canais informativos entre homens e natureza, entre homens e religião católica incentivadas por todos a todos.

Nesse tempo de educação de base, tanto das aulas radiofônicas quanto dos cursos pelo rádio, os trabalhadores rurais encontraram na proposta formativa dessas emissões sonoras um reforço à organização da classe nos moldes de um sindicalismo moderno.

Nós organizamos as Escolas Radiofônicas principalmente nos lugares de mais fácil acesso, por exemplo, Jardim de Piranhas. Serra Negra não foi possível no começo, mas depois entrou para o programa, porque algumas pessoas recusavam com medo do sindicalismo. Teve patrões que quando nós fizemos o levantamento de área disseram que não queriam porque sabiam que ia dar em sindicato. Tinha gente que tinha medo das Escolas Radiofônicas por causa do sindicalismo e nós não negávamos que a educação de base levava o homem a tomar essas opções pela sindicalização, sobretudo. (SILVA, R., 2005).

[Na] primeira reunião que eu participei [na comunidade Badaruco, Cruzeta], Raimundo Silva já colocou a importância de fundar os sindicatos. Na escola também se discutia a importância da criação do sindicato que era a união da classe. (MEDEIROS, J., 2005).

Por seu turno, a aproximação entre educação de base e sindicalização, ou entre tempo escolar e tempo social, facilitaria a abertura à organização do camponês em sindicatos de trabalhadores e de trabalhadoras rurais para a união da classe operária. Em alguns municípios a mobilização foi tão forte, a exemplo de Cruzeta, que o Comitê Radiofônico passou a funcionar na sede do sindicato local.

Tal entrelace fora absolutamente essencial para ambas as instituições sociais. Para o Comitê porque passou a dispor de um lugar onde reunir semanalmente seus membros avaliando e discutindo o trabalho das Escolas Radiofônicas radicadas no município, e para a própria entidade sindical que, recebendo daquele uma ajuda monetária podia adimplir seus compromissos financeiros, naqueles tempos de boicote por parte do regime militar às organizações classistas populares. Recordar-se Expedito Jorge de Medeiros (2005), que tal fato político impediu, inclusive, que a sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais desse município fosse fechada, já que durante a ditadura militar o quadro de sócios reduziu-se drasticamente.

5.9 Tempo findo da Escola Radiofônica da Emissora de Educação Rural de Caicó

Presentes os objetivos desse capítulo, é suficiente esclarecer que, com o término da Escola Radiofônica e das aulas transmitidas houve um reordenamento dos agentes implicados nesse trabalho educativo. Os antigos “monitores”, antes uma espécie de extensão da professora-radiofônica para a recepção organizada dos conteúdos, cederão

lugar aos “animadores de comunidade”. Praticamente, depois de 1968, já não se encontra alusão à Escola Radiofônica. A Escola da Emissora de Caicó foi substituída por “cursos radiofônicos”. Nas comunidades, organizados em grupos, recebendo as instruções e as mensagens produzidas pela Equipe local e transmitidas pela Emissora Rural desde então prevaleciam os “Comitês Radiofônicos”.

Nem por isso a preparação desses animadores de comunidades inseridos em clubes de mães, grupos de jovens, times de futebol, grupos de evangelização, sindicatos, grupos de alfabetização, centros comunitários foi negligenciada pela equipe local. Os treinamentos investindo na formação desses líderes eram constantes e pulsantes. Atesta Maria Floripes:

Eu fiz muitos cursos. Depois, com cursos de evangelização que persistiam no Movimento de Educação de Base, ali no Seminário, onde é a fazenda do padre [refere-se à fazenda Soledade pertencente à Diocese de Caicó onde funciona desde 1981 o seminário diocesano]. Nós ficávamos internados, eu e várias outras pessoas. Aí eu participei todo o tempo, até a Escola se acabar e mesmo depois. Aí findou com a ANCAR, hoje EMATER. Eu fiz curso com Ezilda, uma moça daqui, aprendia culinária, tudo como a gente aproveitar alimentos, fazer pratos. Isso aí já era a ANCAR. (MEDEIROS, F., 2007).

Nesta, que chamamos segunda fase do Sistema, convênio com órgãos públicos apresentara-se como uma saída para o MEB Caicó superar as limitações orçamentárias. O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), antes veementemente combatido pelos que investiam na educação escolar de cunho popular, inclusive o MEB, se torna um de seus parceiros. O Sistema local, também como uma alternativa de angariar recursos e sobreviver, passou a treinar os monitores do MOBRAL para desempenharem função análoga à de professor, vez que exerciam o trabalho de alfabetização no modelo escolar presencial. Desta feita desaparece a figura do monitor voluntário. Todos passam a ser remunerados.

O MEB, em virtude das dificuldades financeiras, do corte de verbas pelo regime militar, valeu-se também da própria Sé Apostólica que, por meio do programa “Santa Infância”, destinou verbas para manutenção dos trabalhos educativos do MEB. “Alguns Sistemas sobreviveram por um programa do Vaticano, do Papado, chamado ‘Santa Infância’. Esse programa financiou o MEB por algum tempo, ele tinha para cada Sistema, na época, mil dólares. Disso aí era que a gente ia sobrevivendo.” (SANTOS, 2007).

Relatório produzido em janeiro de 1968 corrobora a existência da referida ajuda monetária destinada ao MEB Caicó pelo Vaticano. Um dos tópicos alude a uma reunião da

Equipe objetivando “[...] estudar com o Bispo [Dom Manuel Tavares] material a adquirir com a verba da Santa Infância.” (RELATÓRIO ANUAL DO MEB CAICÓ..., 1968, fl. 3).

O MEB Caicó, em sua fiel indissociabilidade com a Rádio Rural, sem abdicar da animação popular, da ação junto às comunidades, já não só rurais, mas agora também suburbanas, passou a ministrar em parceria com a Secretaria de Educação do Rio Grande do Norte e com apoio da Legião Brasileira de Assistência (LBA), cursos de suplência: “Supletivo Dinâmico” ou “Primário Dinâmico”. Tratava-se de um curso equivalente às quatro primeiras séries do então ensino primário.

O tempo básico de extensão do Curso Supletivo Dinâmico está distribuído em duas etapas, correspondente cada uma a cinco meses. Em relação ao tempo de permanência do aluno vai depender da experiência de vida, do nível de escolaridade e dos diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno. Ao término de cada bimestre o aluno será submetido a uma avaliação. [...] Em cada bimestre a carga horária é de 100 horas distribuídas em 2 horas/aula, de segunda a sexta-feira. A carga horária do curso na sua extensão (10 meses) é de 640 horas, incluindo programas radiofônicos especiais emitidos de segunda a sexta-feira com duração de 30 minutos cada. (INFORMAÇÃO SOBRE O PROGRAMA DE..., 1977, fl. 1).

Todos esses redirecionamentos pedagógicos na programação do MEB almejavam menos amoldar-se aos parâmetros propostos pelos MEC; eram antes maneiras de assegurar, a despeito das limitações conjunturais circunstancialmente impostas, a permanência ativa do Movimento nas dioceses onde atuava, inclusive no Seridó norte-rio-grandense. A esse respeito reporta-se um dos ex-coordenadores desse Sistema que,

A continuidade, em alguns momentos nos quais o clima, a conjuntura política ditatorial do momento não permitiam muita coisa, então a gente começava a criar situações outras para que se pudesse manter pelo menos a tocha acesa. E aí se partiu para cursos mais diversos, sobre cooperativismo, sindicalismo, higiene e saúde. Eu lembro que havia umas críticas pesadas em cima desse programa de higiene e saúde, porque diziam assim: o povo não tem nem o que comer, então para que higiene e saúde, para que fossa se o povo não tem nem o quê comer? Mas se mantinha aqueles contatos com a população rural; eram muito fortes. [...] No momento em que, nesse mesmo raciocínio, a coisa ia apertando do ponto de vista da censura e tal, então a gente criou na época, o que a gente chamou de ‘Primário Dinâmico’. O quê era ‘Primário Dinâmico’? Era um avanço à alfabetização. Então esse ‘Primário Dinâmico’ as aulas iam até a quarta série. (SANTOS, 2007).

Fica claro que em parceria com a Rádio Rural, o MEB Caicó, assistido tecnologicamente pelo suporte dessa Emissora educativa, estava obstinado a levar à frente sua missão formativa de elevação e promoção dos sertanejos seridoenses. Manter a chama acesa pelo contato permanente, fosse pelos treinamentos, pelos programas de rádio, ou

mesmo pelas reuniões nas comunidades, era indispensável. Tendo clareza de seus objetivos enquanto equipe, o Sistema local pautava-se pelas finalidades almejadas. Determinado a alcançá-las, lançava-se ao desafio de, mesmo nas adversidades, descobrir novas alternativas de sobrevivência, outras possibilidades de manter-se viva na missão perseguindo os fins propostos. Nesse sentido, lembra Certeau (1995, p. 43), que “Os desígnios que um grupo elabora traduz-se imediatamente por uma constelação de referências. Elas podem existir apenas para ele, não ser reconhecidas exteriormente. Nem por isso são menos reais e indispensáveis para que haja comunicação.”

A veiculação radiofônica de cursos supletivos, obviamente, destoava dos propósitos de uma educação conscientizadora e libertadora, na linha da politização, da construção de “[...] um ideal histórico concreto [...]” (MARITAIN, 1962, p. 205). Não integravam esses cursos as aspirações educativas fundantes do Movimento, pelo menos de seus militantes leigos. Nem por isso, tal instrução deixou de contribuir para a promoção de muitos sertanejos, que tiveram nos cursos do Primário Dinâmico e Madureza uma alavanca propulsora para sua vida acadêmica e futura preparação profissional.

A gente se sentia muito feliz porque alguns desses alunos distantes de Caicó, que era o centro pólo, alguns se tornaram médico, outros engenheiro etc. Eles fizeram exatamente assim: se alfabetizaram, fizeram o ‘Primário Dinâmico’ pelo Rádio e, em seguida, eles fizeram o que na época se chamava de ‘Madureza’, que depois foi chamado de CES e hoje é EJA, Educação de Jovens e Adultos. Um aluno nosso fez essas etapas todas e depois se submeteu a vestibular e hoje é médico. Pelo menos desse eu me lembro o nome: Manoel Álvares. Ele era de uma comunidade rural de Serra Negra do Norte, não lembro o nome da comunidade, mas era vizinha a outra chamada ‘Rolinha’. (SANTOS, 2007).

Aliás, destaque-se que certas atitudes vivenciadas no seio do Movimento, revelam que a dimensão crítica, cerne da educação geral propugnada, obtinha êxito. Nesse sentido, não eram raros questionamentos que punham em xeque práticas contraditórias do próprio MEB. Um relato apresentado é emblemático e dá testemunho da dialeticidade ínsita ao trabalho formativo na linha da conscientização. O caso narrado refere-se a um monitor do Sistema de Estância (SE) que, dirigindo-se à Equipe Nacional através de correspondência, afirma serem eles, os monitores, pessoas “exploradas pelo MEB.” (FÁVERO, 2006, p. 138). Enquanto os integrantes desse Movimento, inseridos nas equipes central, estaduais e locais recebiam seus salários, eles voluntários, não faziam jus a qualquer remuneração pelo indispensável trabalho prestado. Assim agindo, concluía o monitor sergipano, o MEB se tornava tão explorador quanto atitudes patronais que ensinara a combater.

5.10 Cursos radiofônicos e lições de deveres estudantis e de vida saudável

Cursos diversificados, de Madureza Supletivo, Primário Dinâmico dentre os outros ministrados pela Rádio Rural de Caicó almejando despertar os sertanejos para se organizarem em vidas associadas, o Cooperativismo também foi dever de ensinamento. Levado ao ar logo depois do curso de Higiene e Saúde, a primeira apostila do curso de Cooperativismo respaldado na experiência anterior em que a Animadora de Comunidade que resumiu em folheto o conteúdo do primeiro, sugere o mesmo para este.

Para o Curso de Cooperativismo foram preparadas apostilas destinadas a ser um auxílio para a assimilação dos conteúdos apresentados via módulo programático Cursos Radiofônicos. Repetindo a atitude pedagógica de fortalecer a interatividade e o diálogo entre a Equipe e os comunitários, parâmetro distintivo do MEB, na apresentação da primeira apostila desse curso, sugere o professor-radialista que após a leitura do material os alunos enviem suas opiniões, críticas e sugestões. Destacam-se dois lembretes de escrituras:

- 1) A sua carta, a sua comunicação é muito importante. Ela muito nós ajudará na elaboração das próximas aulas, das próximas apostilas. Aguardamos suas críticas e sugestões.
- 2) Mais uma vez lhe convidamos a fazer o resumo deste curso em versos. O melhor resumo será publicado num folheto. E vocês sabem que isso é mais uma forma de cooperação? (APOSTILA CURSO DE COOPERATIVISMO, 1972, p. 2).

Esforço constante de ler e escrever sempre, de traduzir a apresentação dos conteúdos em vivências e situações reais. Transformar em versos o curso recebido é apresentado como exemplo real do tema proposto, como atitude de cooperação, de união da classe trabalhadora, trata-se de um esforço compatível com uma educação escolar que considera o aprendiz também como sujeito do seu processo formativo. Não só produzir um folheto com os conteúdos apreendidos, mas, sobretudo, receber opiniões, críticas e sugestões durante a realização de cada curso, traduz um esforço aproximativo a uma educação compartilhada, dialógica transmitida, aprendida e escrita por eles e para eles.

Assim atuando pedagogicamente, a equipe do MEB Caicó acreditava que o material didático do curso poderia ser enriquecido pela contribuição de seus destinatários, enfim, de seus formandos. Para Freire (2005, p. 93), “Não há diálogo se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens.”

Certo é que, a condensação em versos dos conteúdos ministrados, seguida de publicação não ficou apenas na “cobrança”. A proposta inicial de publicar a melhor versão

foi aperfeiçoada. Muitos foram os resumos enviados ao fim do curso. A equipe resolveu, então, selecionar dentre as propostas recebidas alguns estrofes e a publicação (Figura 25) assumiu racionalmente a forma de coletânea colaborativa, nos moldes da instituição ensinada.

Fundaram a Cooperativa, / Primeira vez na História, / Isso foi dado nas aulas, / Pois gravamos na memória, / Surgiram as dificuldades, / Mas, foi bonita a vitória. / [...] No Brasil foi Pernambuco, / Com a primeira a criar, / Duzentas e setenta e uma, / Existem no Ceará, / No Rio Grande do Norte, / O número sofreu um corte, / Tudo isso tem que dar. / [...] Com as aulas transmitidas / Pela Emissora Rural, / Aprendemos o que é uma / Cooperativa local, / Ou, quando ela pode ser / De forma Regional. / Entre uma Cooperativa / E uma casa Comercial / A gente aprendeu que existe / Uma diferença total: / Cooperativa ver o Homem / E o comércio o Capital. / O Brasil estava dormindo / Mas agora despertou; / Com essas explicações, / O pessoal acordou / Vamos lembrar nosso Curso / Que tanto nos ensinou. / [...] Vamos gente, de mãos dadas / A Cooperação convém! / Não é só materialmente / Que se ajuda a alguém, / Às vezes, com um bate-papo / Nós cooperamos também. / Com o final deste Curso / Que foi dado pelo MEB, / Cresce a Cooperação, Todo mundo já percebe / Pelos esclarecimentos / Que a gente sempre recebe. (CURSO DE COOPERATIVISMO, 1972, p. 4, 6, 11, 12, 13).



Figura 25 — Capa do folheto ‘Curso de Cooperativismo’, resumo em versos (1972)
Fonte — Acervo de Expedito Jorge de Medeiros

A produção do folheto exemplificada nos versos, por exemplo — Vamos gente de mãos dadas, a cooperação convém —, dão testemunho do trabalho docente e educativo do MEB local utilizando-se, primordialmente, da tecnologia da Rádio Rural de Caicó. Por

eles, os cursos a distância permitiram ao MEB dotar os sertanejos de novos conhecimentos; despertá-los de certo modo a romper isolamentos, a se apropriarem de saberes culturais históricos, a perceber maneiras de viver diversas das centradas na célula familiar, e a também identificar entes institucionais com interesses diversos e comuns. Uns têm por fundamento o lucro, outros o próprio homem e o bem comum. Enfim, a educação de base radiofônica alargaria mais rapidamente as possibilidades educativas dos seridoenses em direção à vivência de formas associadas de trabalho, de educação e de lazer.

No seu afã de disseminar na abrangência de sua programação a educação escolar de base, a Rádio Rural abriu-se para uma espécie de revisão descontraída das aulas semanais em *Conversa com Monitores e Alunos*. Relatório enviado ao MEB Nacional presta conta dos trabalhos desenvolvidos pela equipe do MEB Caicó durante o ano de 1966, noticia que esse programa assumia a feição de um encontro com as comunidades rurais. Esclarece que se propunha a desenvolver comentários dialógicos sobre mensagem levada em aula semanal...

Fornecer elementos que possibilitem a formação de uma consciência crítica [pela abordagem dos] assuntos: comentários sobre a mensagem levada em aula durante cada semana, noticiário da semana, notícias e avisos do trabalho, sociais das comunidades e músicas. (RELATÓRIO ANUAL DO MEB CAICÓ..., 1967, fl. 10).

Por seu turno, o programa *Correio Rural*, com duração de 30 minutos e levado ao ar uma vez por semana, também sob a responsabilidade do MEB, constituiu-se em mais um momento de interação da equipe local com homens e mulheres do meio rural. Esclarece o Relatório do MEB Caicó (1967, p. 10), que seus objetivos seriam “Divulgar experiências para outras comunidades. Orientar no que for solicitado pelos líderes e valorizar suas iniciativas.” Almejando cumprir tal desiderato a produção do programa detinha-se nos relatos oriundos das comunidades e a si enviados por meio de correspondências escritas.

Abordava-se desde o emprego de técnicas para a solução de problemas relativos à agricultura incluindo o controle e o combate a certas pragas, o emprego de técnicas de plantio e cultivo, até à educação sanitária envolvendo a prevenção de doenças tropicais. O sucesso obtido por uma comunidade em quaisquer desses setores era levado ao ar pelo *Correio Rural* dando conhecimento às demais como forma de socialização das experiências exitosas.

O feitio do programa assumido por *Correio Rural* é assim memorado por Jurandir Cardoso:

Correio Rural era um programa assim: ele era noticioso e informativo. A gente dava notícias do trabalho, e a gente respondia também cartas. Escreviam para o programa, apresentavam questões, contavam experiências. Por exemplo, porque no tempo que usavam rádio cativo, eles recebiam o rádio e um lampião de gás. Então, não existiam verbas para isso. Como é que eles faziam para comprar pilhas e gás? Escreviam dizendo os tipos de campanhas que eles faziam, porque já serviam de modelo para outros. E a gente divulgava como é que foi feito naquela comunidade. (MEDEIROS, J. C., 2007).

Por seu turno, *Conversa com Monitores e Alunos* propiciava uma espécie de encontro da Rádio e de seu pessoal voltado para a educação escolar de base, em entrelaço com as comunidades. Tal feição encarnada por essa transmissão inspirou o próprio nome *Encontro com as Comunidades*. Apresentado aos sábados (Figura 26), quando a Escola Radiofônica, nos moldes primitivos, já declinava. Cartas para lá e cartas para alhures,

O [programa] *Encontro com as Comunidades* aí era aquela ruma de carta maior do mundo. Eles escreviam. A gente divulgava aniversários, casamentos, nascimentos e tinha também, às vezes, entrevista com uma pessoa de uma das comunidades, ao vivo. Uma vez, no *Encontro com as Comunidades* a gente fez um concurso de sanfoneiros, sanfoneiros da zona rural. Foi um movimento grande na Rádio. (MEDEIROS, J. C., 2007).



Figura 26 – Sanfoneiro se apresentando na cabine da Rádio Rural durante o programa *Encontro com as Comunidades*. Em pé: primeiro da esquerda, Expedito Jorge; primeira da direita (frente), Jurandir Cardoso, Didi [1970]
Fonte – Acervo do LABORDOC, CERES Caicó, UFRN

O novo título era compatível com o redirecionamento das atividades imprimido pelo MEB ao seu trabalho educativo, em que o foco tornara-se a “animação comunitária”.

Recorda Reinaldo Santos que, algum tempo depois, *Encontro com as Comunidades*, para não criar problemas com a censura, também teve seu título substituído.

A coisa foi apertando, apertando, e esse nome ‘Comunidade’ passou a ser subversivo. Então, a gente teve que manter mais ou menos a mesma estrutura, porém criar uma outra denominação; passou a ser chamado: *No Terreiro do Vizinho*. Era mais a valorização do folclore. Aqueles sanfoneiros que existiam na Região, os tocadores de fole, repentistas. A gente passava o dia de feira [em Caicó] que era o sábado, a gente ficava rodando na feira até encontrar aqueles repentistas, aqueles cantadores de viola e tal. E alguns valores [artísticos] que existiam nas próprias comunidades. Então, a gente chamava para fazer parte desse programa e através disso aí a gente ia jogando algumas mensagens. (SANTOS, 2007).

Entretanto, *No Terreiro do Vizinho*, levado ao ar no início da década de 1970, não teria comportado apenas uma mudança de nomenclatura. Foi muito além. Inovou nos conteúdos abordados e na assunção de formato dinâmico. É o que se infere de uma correspondência assinada por Jurandir Cardoso, dirigida ao professor Leuman do MEB Ceará — aquele responsável pelo programa *A Escola em Sua Casa*.

No sábado, o nosso programa é *No Terreiro do Vizinho*. Para você ter uma idéia da sua forma de apresentação e conteúdo estamos enviando o primeiro deles. A nova programação está pegando fogo aqui no Seridó. Temos vários depoimentos importantes como: ‘A Rádio nunca tinha apresentado um programa tão bom.’ ‘Desde que eu trabalho com o povo do MEB, esse é o melhor programa que já ouvi.’ ‘Olhe rapaz, se você tiver um aviso para botar na Rádio, é só botar nos programas do MEB, porque é *tiro de testa*.’ [...] ‘O que a gente não aprende direito no dia da aula, na reapresentação a gente aprende melhor, principalmente por causa dos exemplos.’ Esses e outros depoimentos ouvimos a todo instante. Somente numa comunidade disseram assim: ‘Esses programas, é o que o povo do MEB vê nas casas da gente e bota no rádio só pra mangar da gente.’ (MEDEIROS, J. C., 1971, fl. 1).

Não raro, esses programas apresentavam esquetes em metodologia própria de teatro, cujo texto era produzido pela própria Equipe local, a partir do que observavam e vivenciavam nas comunidades, daí a percepção dos comunitários identificando que “[...] esse programa é o quê o povo do MEB vê nas casas da gente [e] bota no rádio.” A técnica teatral tornava mais atraentes e mais acessíveis os conteúdos abordados.

Naquela equipe cada um representava um personagem. Eu lembro que até um dos personagens era Zé Bastin [que eu interpretava], e a gente chegava lá, Didi que é de Acari, hoje é da EMATER, era Dona Margarida. E era até interessante porque, quando havia aquele debate no rádio, e quando a gente chegava na comunidade o pessoal já nos tratava com aquele título do personagem, e era bastante interessante. (MEDEIROS, J., 2005).

Por volta de meados da década de 1970, *No Terreiro do Vizinho* viria a ser substituído por *Cultura e Alegria*, sob a responsabilidade do “Setor de Grupalização” do MEB Caicó. No script de um desses programas, ele se auto-proclama um “[...] abridor de caminhos, um descobridor, ao lado da juventude,” tendo como objetivos “[...] levar comunicação, carinho, amizade e alegria.” (PROGRAMA CULTURA E ALEGRIA, 1976, p. 1). Dividido em seis sub-módulos, esse programa passa a seguir uma seqüência prévia com o seguinte formato: Comunidades; Crônica do Dia; MEB no lar; Encontro com a juventude; MEB no campo; e Valores da comunidade.

Havia ainda um cuidado impar na elaboração dos chamados “programas especiais”. Estes eram produzidos por ocasião de datas ou acontecimentos festivos ou de comemorações especiais.

A gente fazia uns programas também, especiais. Por exemplo, Carnaval, São João, na festa da padroeira, o programa do Natal e esses programas a gente tinha uma atenção especial. Passávamos não sei quantos dias elaborando esses programas e preparando. Eram mais de um locutor, loc. 1, loc. 2, loc. 3 para fazer à altura, com músicas. Aí tinha que escolher aquelas músicas de fundo, aquele BG. Era tudo, tudo bem organizado; tinha um tratamento todo especial, além dos outros. (MEDEIROS, J. C., 2007).

Dedicando-se ao aprofundamento da cultura educativa dos sertanejos, apesar de no rádio predominar a comunicação unilateral, a interatividade foi uma das dimensões bastante explorada nos programas sob a responsabilidade da equipe do MEB Caicó, notadamente em *Conversa com Monitores e Alunos* e seus sucessores, e em *Correio Rural*. Os destinatários diretos dessas transmissões, além de escreverem para o programa, de terem suas mensagens divulgadas, não raro, dirigiam-se até a cidade e aí, diretamente dos estúdios, usavam pessoalmente os microfones da Rádio Rural para interagir com a Equipe local demonstrando suas habilidades e seus talentos, especialmente no campo da música e da poesia sertanejas.

Como tal, portanto, o ideal formativo de homem, tinha seus fundamentos na doutrina social da Igreja Católica, na cultura tecnológica de ordem dos veículos de comunicação social, nas formas de produção e trabalho, na cultura de raiz sertaneja e na educação de massa.

Pode-se reconhecer como o MEB Caicó servindo-se da radiodifusão na condição de suporte primordial às suas atividades educacionais, tornou para vários seridoenses aquele sonho de uma educação para todos por tantos acalentado, dentre os quais Anísio Teixeira (1968, 1999), uma possibilidade realística. Não obstante os acalorados embates,

desde a década de 1940, entre representantes ilustres da hierarquia católica brasileira e esse ilustre educador baiano de expressão nacional, em torno de concepções escolares e educativas, suas aspirações e as do MEB em muito convergiam. O fato de ter o MEB surgido nas entranhas da Igreja Católica que o acompanhou e o legitimou, além de ser de orientação católica a Rádio Rural de Caicó que abrigou o Sistema local, uns e outros comungaram com os ideais de Teixeira (1999), quando este defende uma educação universalizante e condizente com as demandas mediatas da sociedade industrial moderna, com relevo para a sociedade brasileira.

Aliás, as razões que fazem a práxis do MEB Caicó em interatividade com a Emissora Rural compatível com algumas idéias de Teixeira (1968), são praticamente as mesmas que a fazem convergir para alguns postulados deweyanos. Ao lado da modalidade educativa formal e destinada àqueles que por ela podiam pagar, apresenta-se outra informal, não para substituí-la, mas para complementá-la e até diversificá-la em seus métodos e fins sócio-educativos. É legítimo concluir que o rádio, e a Emissora de Educação Rural de Caicó, rápidos e abrangentes meios comunicativos midiáticos ofereceram, pela profusão dos assuntos veiculados, também a possibilidade de diversificar a cultura escolar seridoense aproximando-a, como propunha Freire (2001), dos lugares vitais e existenciais do cotidiano do povo brasileiro.

A educação de base em sentido amplo, propagada pela Escola Radiofônica da Emissora Rural de Caicó, tendo o MEB como formulador e executor de várias das suas transmissões, romperia os claustros escolares para adentrar, além das próprias escolas nos moldes comuns, inúmeros lares sertanejos pondo mais facilmente seus habitantes em contato com expressões da cultura midiática moderna. Aliás, para Teixeira (1968), uma cultura somente será verdadeiramente humana se possibilitar que a ela todos possam ter acesso irrestrito.

Por outro lado, a universalização do acesso à educação escolar era desde a Revolução Francesa pelo menos, vislumbrada por vários pensadores como viga mestra da sociedade democrática em permanente construção e reconstrução. A esse respeito reconhecia Jacques Maritain que, malgrado os despautérios cometidos no Velho Continente em nome dessa máxima, a democracia, notadamente durante a Segunda Grande Guerra da era moderna, nem por isso foi diminuída em sua essência axiológica. Para esse pensador francês e cristão católico,

O problema não é encontrar um nome novo para a democracia, e sim descobrir sua verdadeira essência e realizá-la. O problema é passar da

democracia burguesa, ressecada por suas hipocrisias e pela falta de seiva evangélica, a uma democracia inteiramente humana; da democracia falada, à democracia real. (MARITAIN, 1945, p. 38-39).

A Emissora de Educação Rural, amplamente utilizada pelo MEB Caicó, constituiu-se, portanto, veículo tecnológico edificante de democratização que, com o acesso à instrução escolar e não-escolar, ofertou aos sertanejos seridoenses possibilidades de ensaiar maneiras novas de expressar-se e de comunicar-se, inclusive no interior das escolas instaladas nos moldes costumeiros, no Seridó potiguar. Por esse lastro tecnológico, educacional e cristão foi que a professora Maria do Socorro da Costa presenciou nas escolas da região e em seu fazer pedagógico, hábitos comunicacionais propiciados pela presença regional da Rádio Rural de Caicó tornando-se um recurso didático diferenciado, um instrumento para o progresso dos aprendizes.

Eu comecei a trabalhar como professora em 1964. Então, eu me lembro que aqui no Seridó só pegava a Rádio Brejuí [de Currais Novos] que foi a primeira, e a de Caicó. Então, a [Rádio Rural] de Caicó passou a ser mais ouvida. Esse lastro também religioso, já que a nossa região é muito católica, e também culturalmente, porque a outra Rádio, a Brejuí, era muito comercial. Em termo de cultura eu sei até que foi criado aqui [em Acari] nas escolas, ‘Rádio Mirim’ do Grupo Escolar tal. Teve até quatro locutores da Rádio Rural: Batista Filho, Jerônimo, Zenaide e Evaldo [Nogueira]. E [também por] isso, como eles exerciam uma certa liderança aqui em Acari, por exemplo, então existia nas escolas, me lembro que na escola mais antiga daqui **existia: ZYB 4, Rádio Mirim do Grupo escolar Tomás de Araújo. Era uma influência da Rádio Rural de Caicó.** Eles faziam uma espécie de resumo. Tinha uma parte de notícias, tinha uma parte cultural, tinha uma parte de gincana. Quer dizer que isso desenvolveu muito. Foi uma época que aqui na região houve muitos encontros de confraternização. Antigamente se usava muito talco, então [a embalagem vazia] de talco era o microfone e os meninos começavam a se desinibir através desse talco. E eu me lembro que a base maior era a Rádio Rural de Caicó que era a mais ouvida aqui também. A Rádio Brejuí era a mais antiga, mas culturalmente falando não tinha a mesma expressão. Eu percebia isso. (COSTA, M., 2007, grifo nosso).

O relato da professora universitária Socorro Costa atesta insofismavelmente os elos de interatividade do MEB local com a Rádio Rural de Caicó. A programação educativa — módulo programático Escola Radiofônica —, incorporou-se na tecitura da própria instituição escolar dinamizando-a nos seus ditames comunicacionais. Seu relato é corroborado por Evaldo Nogueira, por ela citado, que se inclui como um dos protagonistas dessas “rádios mirins”, mais precisamente, rádio auditório.

Tinha a ‘Rádio Mirim’. Inclusive quando eu estudava lá na escola Tomás de Araújo tinha a ‘Rádio Mirim’, rádio auditório. Havia os auditórios e dali se fazia as transmissões imaginárias. Nós pegávamos uma vassoura, fazia o pedestal com a madeira e o talco de pó. Se não tivesse aquele

talquinho perfurado, não era um trabalho bem feito pelo microfone. Então tinham os shows de classes semanalmente. E começavam: — ‘Rádio Mirim transmitindo aqui da Escola Tomás de Araújo, show, não sei mais o quê. Vamos ao primeiro calouro.’ E ali, ficticiamente a gente fazia transmissões. Meu irmão às vezes pegava um tijolo pequeno e pegava uma pontinha de mato, colocava no ouvido e dizia que era a antena da Rádio. E ali começa aquela movimentação nos recreios de entrevistar fulano. E isso deu um incentivo a quem despertou para o rádio e quem não despertou fazia as outras escolas proporcionarem aquele momento artístico. (NOGUEIRA, 2007).

A réplica de uma rádio na escola, enquanto o arquétipo era a programação da Emissora Rural, propiciava aos aprendizes a elaboração de notícias, a incentivação de gincanas, de entrevistas, de eventos culturais. Enfim, era um estímulo ao relacionamento e ao desenvolvimento de padrões comunicativos interacionistas. O conhecimento de que quatro irmãos saíram do seu meio para trabalhar na Rádio Rural, alimentava sonhos, tornava-os palpáveis, propiciando aos alunos interesse e empenho na constituição do que ficou denominado “Rádios Mirins”.

É bem verdade que dadas as peculiaridades do rádio transmitindo de um estúdio, programações diversas para milhares de pessoas, a comunicação midiática parece ser tão somente de mão única. Há, porém, mecanismos de torná-lo interativo, dialógico, dando vez e voz ao receptor. Sustenta Freire (2001, p. 64), que “[...] a ‘diálogo’ implica uma mentalidade que não floresce em áreas fechadas, autarcizadas.” É o diálogo, para esse pensador pernambucano, condição de possibilidade fundante do tornar-se Homem, em sentido amplo.

Desde cedo, o MEB apropriou-se dessa dimensão dialógica intrínseca à educação escolar que respeita seus fins em consonância com a essência do ser-em-formação. É o que se conclui de textos produzidos por esse Movimento.

Se é a partir do conhecimento que o homem abarca a natureza, desvende seus segredos para poder transformá-la, a educação (formação humana) deve visar, primordialmente, o conhecimento. Não se pode esquecer, no entanto, que o conhecimento humano está integrado na totalidade de sua ação. A educação, por isso, visa ao homem todo, a todo o dinamismo de sua ação, de que o conhecimento é parte fundamental. [...] Se entendermos a educação como um processo global de realização humana, isto é, processo pelo qual o homem progride no conhecimento da natureza e dos outros homens, para comunicar-se com estes e transformar aquela em cultura, toda educação será, necessariamente, diálogo. (FUNDAMENTAÇÃO..., 1964, p. 14 e 15).

O diálogo torna-se imprescindível porque põe no mesmo patamar os dois pólos situados numa relação de horizontalidade, razão pela qual “Nutre-se do amor, da

humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica.” (FREIRE, 2006, p. 115). A formação educativa centrada no diálogo respeita a condição humana do indivíduo como sujeito da sua própria educação despertando suas atividades inatas em conexão com o meio. De acordo com John Dewey (1979, p. 78), “Toda educação forma o caráter, forma a personalidade mental e moral, mas a formação consiste na seleção e coordenação das atividades inatas, de modo que essas possam utilizar o material do ambiente social.”

É possível afirmar que o MEB Caicó encontrou na Rádio Rural veículo midiático propício a esse anelo relacional e, dentro do possível, executou os meios de viabilizá-lo. Na falta de outros recursos tecnológicos, além das correspondências exaustivamente postadas pelos ouvintes e respondidas pelos integrantes da equipe, estimuladores da comunicação, inúmeras vezes esse Sistema local converteu os estúdios da Emissora de Educação Rural de Caicó em canal interativo de conversação, abrindo seus microfones para ascensão de vozes sertanejas e universais.

Os procedimentos e sub-módulos interativos concernentes aos programas sob a responsabilidade do MEB, a atitude de abrir-se a críticas, de receber sugestões para reformulação e aperfeiçoamento de conteúdos, valendo-se da Rádio como canal midiático mediador, aproximam o Sistema local dos ideais formativos e educativos discutidos principalmente por Paulo Freire. Interação implica diálogo, abertura, aceitação do outro, elementos indispensáveis ao desenvolvimento completo de cada ser-em-formação, à apropriação histórica de sua subjetivação. Assevera Freire (2001, p. 51), que a educação requerida para o aperfeiçoamento do indivíduo enquanto ser humano em sua concretude historicamente situada devia voltar-se “[...] para o desenvolvimento e para a democracia, [razão pela qual] entre nós, tem que ser uma educação pelo diálogo. Uma educação pela participação, que desenvolva no homem brasileiro a sua criticidade.”

A Escola Radiofônica no geral, as aulas radiadas e, particularmente, as atividades programáticas do MEB Caicó convergiam em certa medida ao apontarem para a pretensão de formar um ser humano que, utilizando-se de procedimentos dialógicos contínuos e progressivos, desenvolvesse suas potencialidades inatas — às quais Dewey chama atividades —, transformasse, na condição de sujeito, seus conhecimentos empíricos em conhecimentos intencionados; que compreendendo a especificidade de sua condição humana, sua dignidade de filhos e filhas de Deus pudessem confrontar realidade e

idealidade, ser e dever-ser, condição imprescindível da ação sobre esta, objetivando torná-la adequada à sua dignidade de pessoa humana.

Registre-se que, na fase em que a instrução veiculada pela Escola Radiofônica em sintonia com as aulas radiadas, assumia um caráter mais formal, notadamente pela instrução supletiva, a recepção não era necessariamente organizada. Os alunos podiam captar individualmente as aulas em seus receptores e, periodicamente dirigirem-se a Caicó para a avaliação do aprendizado recebendo, ao final do curso, o Certificado competente.

Analicamente identificamos que a educação escolar de base propiciada pela Rádio Rural de Caicó, por meio de sua Escola Radiofônica do primeiro momento, e pelos Cursos radiofônicos da segunda fase, ambos inseridos em sua grade programática, complementado por outras emissões sonoras, deu-se em estreita sintonia com os objetivos do MEB Nacional. Fundamentou-se por um ideal de Homem a ser cultural e educacionalmente formado: pela inserção em aprendizagens escolares; na valorização da cultura sertaneja expressa nas festas e costumes populares; no domínio de novas técnicas agrícolas de plantio e de cultivo; no cuidado de si e da família por uma correta higiene preventiva; em sua organização pelo associativismo e vivência comunitária adequada à dignidade de filhos e filhas de Deus, pelo direito de votar como cidadão alfabetizado. Enfim, um ideal de homem culturalmente instruído, interligado ao seu meio rural e urbano, inter-relacionado com outras comunidades, capacitado a superar o assistencialismo e “caminhar com seus próprios pés” no mundo em permanente mudança, na condição de sujeito de seu devir histórico.

Desse modo, o imperativo primordial das atividades desenvolvidas pela Rádio Rural de Caicó, enquanto cidadela educativa inserindo na grade programática o módulo Escola Radiofônica, sob a coordenação do MEB local, além de ter permitido a muitos homens e mulheres o primeiro contato com as letras escritas e faladas, e, a tantos outros, o desenvolvimento de conhecimentos apropriados previamente de modo apenas incipiente, foi a integração entre as pessoas. O incremento da sociabilidade, o encurtamento de distâncias aproximando campo e cidade, abriu para visões de mundo que não apenas ofertaram aos sertanejos seridoenses elementos da moderna cultura comunicacional radiofônica, mas também material e espiritual, enfim, existencial, que os permitiu de certo modo, destes se apropriarem numa sociedade em um contínuo de expansão e de mudanças econômicas, sociais e culturais, outrossim, formativas.

Considerações finais

A história da educação brasileira no século XX perpassa a história das reformas educacionais escolares dos anos de 1920 norteadas por postulados da Pedagogia da Escola Nova. Por conseguinte, a história da educação escolar reformada nos Estados do Brasil atesta, outrossim, como as idéias pedagógicas agem sobre o desenvolvimento social, educacional, político, tecnológico, também religioso, enfim, formador do homem em suas dimensões intelectual, moral, profissional e afetiva. Obviamente, o ideal de formação conheceu no curso dos séculos definições, proposições, permanências e remodelações, razão pela qual remontamos à *paidéia* grega e avançamos para as *paidéias christiana e moderna* enquanto ideal educativo explícito discutido, a fim de identificarmos as pontes estabelecidas entre tais idealizações e seus desdobramentos na história da educação.

O educador e pensador Anísio Teixeira, e também Paulo Freire, foram uns dos que destacaram o relevante papel que as instituições comunitárias desempenham nas aprendizagens formativas gerais para as vivências e convivências escolares, culturais, técnicas, democráticas, na complexa sociedade industrial, tecnológica e midiática permanentemente em mudança.

Desde fins dos anos de 1940 e começo de 1950 assistiam os brasileiros à emergência das classes populares, organizadamente, fenômeno que se intensificou na década seguinte, convidando o país a assistir a efervescência de intensos movimentos populares na luta e no combate pela erradicação do analfabetismo, especialmente na região Nordeste do Brasil, produzindo movimentos de educação popular, tais como o Movimento de Cultura Popular (MCP), no Recife, a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, da prefeitura de Natal (RN), as 40 Horas de Angicos (RN), o Movimento de Educação de Base (MEB), da CNBB, e a Campanha de Educação Popular, do Estado da Paraíba (CEPLAR).

Tais movimentos de educação popular para vencer o desafio da “escola para todos”, politicamente não confundia escola e escolarização com prédio escolar; antes, conjugava a escolarização ou a educação de base a uma instituição educativa.

Foi na atmosfera política e cultural dos anos de 1950 e 1960 que a Igreja Católica, especialmente a do Rio Grande do Norte, pelo lastro dos movimentos sociais, fundou instituições educativas — dentre as quais emissoras de rádio rural — como veículo para a institucionalização da educação escolar e cultural, claramente destinada ao homem e à

mulher campesinos, respeitando as especificidades locais, mas intervindo na formação mental, profissional, comunitária e do credo religioso.

Premido por essas exigências educacionais populares e pelos postulados da doutrina social da Igreja Católica em confessado processo de *aggiornamento* foi que, na região do Seridó, o bispo Dom Manuel Tavares de Araújo, com o incentivo do então bispo auxiliar de Natal, Dom Eugênio de Araújo Sales e coadjuvado por um grupo de sacerdotes e de fiéis leigos, fundou e instalou a Emissora de Educação Rural de Caicó, uma Rádio-Escola naqueles sertões.

Vê-se que a Igreja Católica, por meio de seus intelectuais, fundamentados nos postulados da doutrina social desta instituição, incentivou e difundiu programas formativos de educação de base, valendo-se do amplo emprego dos meios tecnológicos de comunicação a distância, notadamente o rádio, visando a uma formação humano-cristã integrada pelo desenvolvimento das dimensões espiritual e corporal. Nesta, a superação do analfabetismo pelo cultivo da leitura, da escrita, pela resolução das operações fundamentais matemáticas, pela preservação da cultura de raiz e de práticas culturais universais fazia-se imprescindível.

Dom Manuel Tavares de Araújo compartilhava desse entendimento. No tempo de seu governo frente à diocese de Caicó, quando instalada a Rádio Rural, com propósitos educativos modernos, responderam por sua administração o padre Itan Pereira da Silva (1963 a 1964, 1966 a 1967) e o padre Ausônio Tércio de Araújo (1964 a 1965, e a partir de 1967). O primeiro foi o impulsionador, o propagador da idéia social de Dom Eugênio Sales; foi esteio intelectual norteador de uma *paidéia* cristã renovada, de inspiração maritainiana, pelo uso da tecnologia radiofônica no sertão do Seridó. O último foi o solidificador e o ampliador da Rádio Rural de Caicó como um veículo educativo sério, confiável, inovador e plural.

Examinando-se a grade de programação radiofônica levada ao ar pela Emissora de Educação Rural de Caicó, no período investigado, seja a partir dos registros documentais escritos, seja através das reminiscências de pessoas que dela participaram em dado período de sua história e das que continuaram, percebeu-se uma articulada aproximação dessa programação com as diretrizes emanadas do Magistério Católico sobre o uso dos meios de comunicação social. Destacam-se aqui aquelas diretrizes eclesiais pertinentes à formação humano-cristã. A programação referida tentou adequar-se às demandas sociais,

educativas e culturais da sociedade seridoense, em sua paulatina e crescente interação com as exigências da sociedade nacional industrial e tecnológica em permanente mutação.

Insistimos que, malgrado as dificuldades não apenas de instalar, mas, sobretudo, de operacionalizar e manter uma estação radiofônica furtando-se à lógica puramente comercial, foi tarefa hercúlea, desafiadora para a diocese de Caicó. De todo modo, a Rádio Rural manteve-se fiel aos propósitos de seus instituidores, constituindo-se instrumento informativo e formativo de homens, mulheres, jovens e crianças seridoenses, pela difusão de uma moderna cultura comunicacional que fosse consentânea com os ideais educativos cristãos em voga.

A diocese escolheu e reuniu uma equipe de jovens estudantes talentosos que foi capaz de, fiel aos propósitos e princípios cristãos, por em prática de maneira inovadora o moderno aparato tecnológico de rádio em seu poder. É pertinente não esquecer a observação que faz Certeau (1995), acerca dos *mass media*. Para ele, o que torna efetivamente modernos os meios de comunicação de massa não são suas possibilidades intrínsecas, mas o uso efetivo e criativo que a eles sejam dados quando postos a serviço de seus usuários. Dispondo de poucos recursos técnicos, mas suficientes para, aliados ao talento de uma aguerrida equipe humana, fazer rádio com qualidade, a Emissora Rural de Caicó inseriu e potencializou uma ampla e profícua ação cultural no sertão do Seridó valorizando elementos da cultura sertaneja, constituindo-se como instância de aprendizagens comunicacionais, escolares, e, para muitos jovens caicoenses, escola de vida profissional.

Na Rádio Rural de Caicó, ora tida por aqueles jovens que integravam sua equipe como “Escola”, ora como “Universidade”, como “laboratório”, como “alicerce” subjaz o trabalho imediato formativo de um corpo de concebedores e executores de sua grade programática que também “aprendiam-fazendo”. É impossível nos confrontarmos com depoimentos dos que viram e fizeram nascer a Rádio Rural, enfáticos quanto à formação humana adquirida, sobretudo, a partir da vivência, da operacionalização, do fazer rádio, sem que vislumbremos estreitas correlações com princípios, postulados e visão daquela pedagogia ativa e progressiva tão cara a educadores como Comenius (2002), Montaigne (1980), Pestalozzi (s.d.), Dewey (1979), Maritain (1962), Freire (2001), bem assim, ao padre Itan Pereira, ao padre Ausônio Tércio, e a seus desdobramentos.

Ainda que a Rádio Rural não seja uma escola formal, âmbito no qual aqueles teóricos pensavam e em algumas situações executavam, detecta-se na operacionalização

programática dessa Emissora, no seu dia-a-dia e vivências, posturas pedagógicas, consciente ou inconscientemente de algum modo próximas daquelas propostas por tais pensadores ao discutirem a formação educativa do Homem moderno.

A acolhida propiciada pela Rádio Rural a jovens estudantes talentosos, seus colaboradores e voluntários, ao lado de uma acentuada liberdade para o desenvolvimento do trabalho, a aproximam de Pestalozzi, quando este almeja o cultivo da afabilidade na escola, concomitante à atribuição de tarefas que despertem a liberdade e a responsabilidade de seus aprendizes. A instituição escolar é por este pensador compreendida como lugar de aprendizagens educativas e de iniciação num ofício ao indivíduo, bases indispensáveis para que a educação atinja a meta de formar integralmente cada aprendiz como indivíduo livre e independente para a vida em sociedade administrada.

Na Rádio Rural de Caicó, o pensar a programação fez-se simultaneamente acompanhado de vivências e de execuções múltiplas. Nela, o fazer assumia lugar preponderante como que remetendo à síntese pedagógica pestalozziana para a formação completa do aprendiz conglobando raciocínio, emoção e técnica, sem esquecer que a dimensão religiosa e humana era o seu substrato social.

Desde o seu primeiro esboço programático, a Emissora Rural foi lastreada por uma concepção educativa cristã, e isso é óbvio. Não é essa, portanto, a única dimensão que a faz próxima da compreensão maritainiana de formação humana. Firmando uma programação ampliada em sua grade e de conteúdo plural, a Rádio Rural buscou discutir e até a intervir nos problemas concretos da época, notadamente os que assolavam a Região.

Dirigia-se ela aos seridoenses como homens e mulheres reais, seres em evolução e insertos numa ambiência com efetivos problemas estruturais de toda espécie, incluindo a fome, a sede, e a ausência de educação escolar universalizante. Conforme compreendia Maritain (1968), contextualizar seus destinatários era pressuposto para o sucesso da prática educativa por ele defendida. A existencialidade dos sujeitos devia orientar os conteúdos e as formas de transmissão da mensagem. A confessionalidade religiosa, ainda que católica, para Maritain, não podia constituir-se preconceito, obstáculo ou estorvo para a discussão e o diálogo com a diversidade cultural e axiológica da sociedade moderna industrial e tecnológica.

A primeira Rádio de Caicó, ao proclamar-se como uma Emissora de Educação Rural, prioritariamente voltada aos camponeses sertanejos, na sua práxis comunicativo-

educativa, sem descurar os fins confessados de ser uma estação radiofônica destinada à educação dos rurícolas, foi muito além, transbordando em sua globalidade sócio-educativa.

A sua grade programática radiofônica, respaldada nas diretrizes de uma comunicação ampliada, aberta, dialógica e responsável, abrigou módulos dedicados: a emissões religiosas e catequéticas, a entretenimentos, ao radiojornalismo, à cultura sertaneja de raiz, e à educação escolar de base pela modalidade da Escola e das aulas radiofônicas, constituindo-se numa verdadeira Rádio-Escola.

Assim, essa estação radiofônica transcendeu a uma formação humano-cristã monolítica que pugna pelo desenvolvimento das dimensões humanas, espiritual e corporal, conjuntamente. A dimensão catequético-religiosa materializava-se nas transmissões da *Ave Maria* ou *Hora do Angelus*, *Presença para Servir*, *Reflexões do Dia*, *Mundo Bíblico*, *Cristo em Tudo*, *Uma Luz Brilha nas Trevas*, *Catequese pela Rural*, *Conversando sobre Deus*, além da *Missa Dominical*. Programas como *Bom Dia Seridó*, *Música através do Mundo*, *Show de Astros*, *Bom Dia Seridó Variedades*, *Atrações da Rural*, *Alegre Despertar*, *Distração Musical*, *Show da Manhã*, *Da Rural para Você*, *Festival Nordestino*, *Tangos Dentro da Noite*, *Ritmos da Juventude*, *Quem Manda é a Juventude*, *A Bossa é Nossa*, *Seleção Musical 'Alcimar de Almeida'*, *Forró pela Rural*, além de promoções como *A Mais Bela Voz do Seridó* e *A Rural na Quadrilha* asseguravam o entretenimento de seus ouvintes. O módulo radiojornalístico era composto por *Jornal Falado Rural*, *Jornal de Integração Regional*, *A Rural Informa*, *A Voz do Brasil*, *Rádio Repórter*, *A Crônica do Dia*, *Matutina Esportiva* cuja meta era fazer chegar aos ouvintes fatos jornalísticos precisos e indispensáveis, numa sociedade em que a interdependência entre as pessoas tornava-se crescente complexificando as teias das relações sociais. As tradições regionais eram fortalecidas por programas como *Sertão Bravio*, *Violeiros do Seridó*, *O Caminho Certo* [da ANCAR], *Em Marcha para o Campo*, *Aquarela Nordestina*, *Paisagens do Sertão* e *Folclore Nordestino*.

O módulo “escola radiofônica” confiado à equipe local do Movimento de Educação de Base (MEB), ocupava lugar não menos relevante na sua vasta programação. Por ele, reunidos em torno do rádio, em comunidades rurais do Seridó, milhares de pessoas tiveram acesso aos primeiros ensinamentos escolares, às primeiras letras, a noções de técnicas diferenciadas de plantio e de cultivo do solo, de saúde preventiva, de higiene e alimentação, de cooperativismo e de outras formas de vida associada. Tal Escola

Radiofônica foi esteio para o despertar de várias lideranças comunitárias, notadamente nos sindicatos de trabalhadores rurais.

À essa grade programática eclética e diversificada, estabelecida e executada pela Rádio Rural de Caicó, subsumia-se ideais educativos que sinalizavam para a formação de um Homem sertanejo multifacetado e pluridimensional que, se mantendo cristão católico, pudesse entender, dialogar e conviver com as demandas gerais de uma sociedade em progressiva mutação, cujos aportes já se faziam sentir no Seridó norte-rio-grandense igual maneira do mundo internacionalizado, globalizado.

Nessa direção, o nosso trabalho de tese traz a lume não somente a história de uma instituição educativa católica — A Emissora de Educação Rural de Caicó (1963-1978) —, mas nela perpassa de maneira explícita e implícita a história dos movimentos educacionais populares, a história da educação de base, a história do rádio como veículo de comunicação e de educação a distância, além de pressupostos e pilares da história da Igreja Católica na sua universalização e na particularidade de sua inserção regional no Rio Grande do Norte e no Seridó.

Por fim, este trabalho historiográfico soma-se, portanto, aos de Ferrari (1968), Wanderley (1984), Pinto (1989), Gê (1991), Oliveira (1992), Paiva (2003) e Fávero (2006) ao também abordar a educação de cunho popular e os anelos de instituições formativas a ela destinadas.

A tese ao investigar uma emissora de rádio educativa católica, contribui para ampliar o entendimento da práxis e das concepções que nortearam uma formação humano-cristã de cunho popular pelo uso dos meios tecnológicos de comunicação social, propiciada pela Igreja Católica, nas décadas de 1960 e 1970, na região do Seridó, ombreando-se a tantas outras experiências formativas que, pautadas por ideais educativos e inseridas numa ambiência histórico-social, mantêm seus vínculos universais.

Referências

Livros e capítulos de livros

AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**. Os hábitos e as virtudes, os dons do espírito santo, os vícios e os pecados, a lei antiga e a lei nova, a graça. Tradução Aldo Vannucchi e outros. São Paulo: Loyola, 2005. (v. IV).

_____. **Sobre o ensino (De magistro)**. Tradução Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ARAÚJO, Maria Marta de; MOTA, Carlos Guilherme; BRITTO, Jader de Medeiros. Anísio Teixeira, pensador radical. In: MONARCHA, Carlos. (Org.). **Anísio Teixeira: a obra de uma vida**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BARROS, Pe. Raimundo Caramuru de. **Brasil, uma igreja em renovação**: a experiência brasileira de planejamento pastoral. Petrópolis: Vozes, 1968.

BARBEIRO, Heródoto. Radiojornalismo cidadão. In: BARBOSA FILHO, André; PIOVESAN, Ângelo; BENETON, Rosana. (Orgs.). **Rádio**: sintonia do futuro. São Paulo: Paulinas, 2004.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Estado e educação popular**: um estudo sobre a educação de adultos. Brasília: Liber Livro, 2004.

BEREDAY, George Zygmunt Fijalkowski. **Método comparado em educação**. Tradução José de Sá Porto. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

BLOIS, Marlene M. Rádio educativo: uma escola de vida e de cidadania. In: BARBOSA FILHO, André; PIOVESAN, Ângelo; BENETON, Rosana. (Org.). **Rádio**: sintonia do futuro. São Paulo: Paulinas, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução Sérgio Miceli, Sílvia de Almeida Prado, Sônia Miceli e Wilson Campos. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet.** Tradução Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BURKE, Peter. **A escola dos annales 1929-1989: a revolução francesa da historiografia.** Tradução Nilo Odalia. São Paulo: UNESP, 1997.
- CABRAL, Sérgio. **A MPB na era do rádio.** 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- CALABRE, Lia. **A era do rádio.** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia.** Tradução Álvaro Lourencini. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A escritura da história.** Tradução Maria de Lourdes Menezes, Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- _____. **A cultura no plural.** Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995.
- COELHO, Marcelo. **Memórias de um forasteiro.** Natal: Grafpar, [1998?].
- COMENIUS, Jan Amós. **Didática magna.** Tradução Ivone Catilho Benedetti. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- COSTA, Maria Aída B.; JACOUD, Vera; COSTA, Beatriz. **MEB: uma história de muitos..** Petrópolis: Vozes, 1986. (Cadernos de educação popular, 10).
- CUNHA, Luiz Antônio; GÓES, Moacyr de. **O golpe na educação.** 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- DAMASCENO, Maria Nobre. **Pedagogia do engajamento: trabalho, prática educativa e consciência do campesinato.** Fortaleza: EUFC, 1990.
- DARIVA, Noemi. (Org.). **Comunicação social da igreja: documentos fundamentais.** São Paulo: Paulinas, 2003. (Comemorando os 40 anos do decreto Inter mirifica do Concílio Vaticano II sobre os meios de comunicação social 1963-2003).
- DELLA CAVA, Ralph. A igreja e os meios de comunicação no Brasil. In: PAIVA, Vanilda (Org.). **Catolicismo, educação e ciência.** São Paulo: Loyola, 1991.
- DEWEY, John. **Vida e educação.** Tradução Anísio S. Teixeira. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- _____. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação.** Tradução Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 4. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979.
- DUBY, Georges. **A história continua.** Tradução Clovis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

- GASPARIN, João Luiz. **Cômenio ou da arte de ensinar tudo a todos**. Campinas: Papyrus, 1994.
- FÁVERO, Osmar. **Cultura popular, educação popular**: memória dos anos 60. (Org.). Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- _____. Materiais didáticos para educação popular. In: PAIVA, Vanilda. (Org.). **Perspectivas e dilemas da educação popular**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- _____. **Uma pedagogia da educação popular**: análise da prática educativa do MEB — Movimento de Educação de Base (1961/1966). Campinas: Autores Associados, 2006.
- FERRARI, Alceu. **Igreja e desenvolvimento**. O movimento de Natal. Natal: Fundação José Augusto, 1968.
- FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cortez / Instituto Paulo Freire, 2001.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- GUTIERREZ, Exequiel R. **De Leão XIII a João Paulo II**: cem anos de doutrina social da igreja. São Paulo: Paulinas, 1995.
- JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. Tradução Artur M. Parreira. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- JAMBEIRO, Othon e outros. **Tempos de Vargas**. O rádio e o controle da informação. Salvador: EDUFBA, 2004.
- JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.
- KAPLUN, Mario. **Producción de programas de radio**: el guión — la realización. Quito: Ciespal, 1978.
- LAGRÉE, Michel. **Religião e tecnologia**: a bênção de prometeu. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002.
- LANDIM FILHO, Raul. Educação e conscientização. In: FÁVERO, Osmar. (Org.). **Cultura popular, educação popular**: memória dos anos 60. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- LIMA, José Ayrton de. **História do rádio no Rio Grande do Norte**. Natal: Coojornat, 1984.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação**: da antiguidade aos nossos dias. Tradução Caetano lo Monaco. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989

MARITAIN, Jacques. **Cristianismo e democracia**. Tradução Alceu Amoroso Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1945.

_____. **Humanismo integral**: uma visão nova da ordem cristã. Tradução Afrânio Coutinho. 4. ed. São Paulo: Dominus, 1962.

_____. **Rumos da educação**. Tradução Abadia de Nossa Senhora das Graças. 5. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1968.

MCLUNHAN, Marshall. **Os meios de comunicação** como extensão do homem. Tradução Décio Pignatari. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

MICELI, Sergio. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MONTAIGNE, Michel Eyquem de. **Ensaio**. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).

MONTEIRO, Cônego Geraldo Mendes. **Guia do monitor de escola radiofônica**. Leopoldina(MG): INGRA, 1962.

MONTERO, Paula. A igreja católica diante da modernidade brasileira. In: PAIVA, Vanilda (Org.). **Catolicismo, educação e ciência**. São Paulo: Loyola, 1991.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Desvendando a cidade**: Caicó em sua dinâmica espacial. Brasília: Senado Federal, 1999.

MOUNIER, Emmanuel. **O personalismo**. Tradução João Bénard da Costa. Lisboa: Moraes Editora, 1960.

_____. **Manifesto ao serviço do personalismo**. Tradução Antônio Ramos Rosa. Lisboa: Moraes Editora, 1967.

NOSELLA, Paolo. Ao leitor Brasileiro. In: MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação**: da antiguidade aos nossos dias. Tradução Caetano lo Monaco. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagem**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PAIVA, Vanilda (org.). **Catolicismo, educação e ciência**. São Paulo, Loyola, 1991.

_____. **História da educação popular no Brasil**: educação popular e educação de adultos. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **As muitas faces da história**. Nove entrevistas. São Paulo: UNESP, 2000.

PESSINATTI, Nivaldo Luiz. **Políticas de comunicação da igreja católica no Brasil**. São Paulo: Unisal; Petrópolis: Vozes, 1998.

PESTALOZZI, Johann Heinrich. **Como ensina Gertrudis a sus hijos**. Sistema de Bibliotecas e Informação, s.l, s.d.

PLATÃO. Leis e Epínomis. **Diálogos**. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980. (v. XII-XIII).

_____. **A república de Platão**. Tradução Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os pensadores).

PRESTES, Emília Maria da Trindade; MADEIRA, Vicente de Paulo Carvalho. **Contexto sócio-político e educação popular: o caso da cruzada ABC**. João Pessoa: Universitária, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. Tradução Roberto Leal Ferreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PUNTEL, Joana T. **A igreja e a democratização da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1994.

_____. **Cultura midiática e igreja: uma nova ambiência**. São Paulo: Paulinas, 2005.

SANTO AGOSTINHO, Bispo de Hipona. **Confissões**. Tradução Maria Luíza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã**. Tradução Irmã Nair de Assis Oliveira, csa e Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 2002.

SANTOS, José Gerônimo. Depoimentos. In: LIMA, José Ayrton de. **História do rádio no Rio Grande do Norte**. Natal: Coojornat, 1984.

SANTOS, Roberto Elísio dos. **As teorias da comunicação: da fala à internet**. São Paulo: Paulinas, 2003.

SCHMITT, Jean-Claude. A história dos marginais. In: LE GOFF, Jacques. (Org.). **A história nova**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **Educação de jovens e adultos: histórias e memórias da década de 60**. Campinas: Autores Associados; Brasília: Editora Plano, 2003.

_____. Rádio e educação popular no Brasil (1959-1967). In: SCOCUGLIA, Afonso Celso; MACHADO, Charliton José dos Santos. (Orgs.). **Pesquisa historiográfica da educação brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SOUZA, Aníbal Teixeira. **Os bispos do nordeste e as migrações internas**. Instituto Nacional de Colonização e Imigração: Rio de Janeiro, 1961.

SOUZA, Itamar de. (Coord.). **Caicó**. Natal: Fundação José Augusto; Centro de Pesquisa Juvenal Lamartine, 1982.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação é um direito**. São Paulo: Editora Nacional, 1968.

_____. **Educação e o mundo moderno**. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

_____. **Educação não é privilégio**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRN, 1999.

_____. **Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

WANDERLEY, Luiz Eduardo Waldemarin. **Educar para transformar: educação popular, igreja católica e política no movimento de educação de base**. Petrópolis: Vozes, 1984.

Teses, dissertações e monografias

ASSIS SOBRINHO, Sebastião Manoel de. **A educação embalada nas ondas do rádio**. 2004. 81 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2004.

BRITO, Paula Sônia de. **A luta do bispo Dom José de Medeiros Delgado por educação escolar para todos: Caicó-RN, 1941-1951**. 2004. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

DANTAS, Naiara Pereira. **O Seridó pelas ondas do rádio nos anos 60**. 2004. 60 f. Monografia (Graduação em História) – Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2004.

GÊ, Maria Zilda de Siqueira. **As escolas radiofônicas no projeto de comunicação social da Igreja Católica**. 1991. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1991.

MEDEIROS, Cacilda Cunha de. **O papel da escola radiofônica na transformação social de comunidades na Arquidiocese de Natal**. 2005. 98f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

MEDEIROS FILHO, João. **Les expériences radiophoniques d’alphabétisation au Brésil**. 2ème ed. 190f. Dissertation. (Maîtrise Communication Sociale) – Institut des Sciences Politiques et Sociales, Université Catholique de Louvain, Louvain, 1972.

NASCIMENTO, José Mateus do. **Vinde a mim os pequeninos**: práticas educativas da Diocese de Natal (1945-1955). 2004. 249 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

OLIVEIRA, Marlúcia de Paiva. **Igreja e renovação**: educação e sindicalismo no Rio Grande do Norte (1945-1964). 1992. 317 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

OLIVEIRA, Sidney José de. **Igreja católica e educação**: o Movimento de Educação de Base no sertão do Rio Grande do Norte. 2004. 51f. Monografia (Graduação em História) – Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2007.

PINHEIRO, Rossana Kess Brito de Souza. **Nas ondas cativas do rádio**: as escolas radiofônicas da Arquidiocese de Natal (1958-1960). 1999. 55 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999.

PINTO, Maria Lúcia Leite. **Escolas radiofônicas**: ação política e educativa da igreja católica no Rio Grande do Norte (1956-1961), 1989. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1989.

SILVA, Maria Medeiros Rocha da. **Igreja e educação de adultos em Natal**: análise a partir do jornal A Ordem (1935 – 1953). 1982. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1982.

SOUZA, José Nicolau de. **As lideranças comunitárias nos movimentos e educação popular em áreas rurais**: uma questão desvendada. 1988. 317 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1988.

Artigos em revistas

BOTO, Carlota. Aprendendo a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático. **Educação e Pesquisa**, São Paulo. v. 30, n. 3, p. 493-511, set./dez. 2004.

CARVALHO, Vicente Vitoriano Marques. As imagens no ‘método Paulo Freire’ na experiência de Angicos (RN), – 1963. **Educação em Questão**, Natal, v. 21, n. 7, p. 98-115, set./dez. 2004.

DÂNGELO, Newton. Ouvindo o Brasil: o ensino de história pelo rádio — década de 1930/40. **Revista Brasileira de História**, [São Paulo], v. 18, n 36, p. 161-184, 1998.

ERASMO, Desidério [de Roterdã]. De pueris. **Inter Meio**, Campo Grande, v. 2, n. 3, p. 1-60, 1966. (Tradução Luiz Feracine, encarte especial).

MEDEIROS FILHO, Padre João. Dom Tavares, o apóstolo. 3º Bispo de Caicó. **Revista da Diocese de Caicó**, Caicó, n 1, p. 9, out. 2006.

PAIVA, Marlúcia. Sociedade, educação e religião: o caso da ação educativa da Arquidiocese de Natal (1944-1964). **Educação em Questão**, Natal, v. 7, n.1 e 2, p. 107-123, jan./dez. 1997.

SILVA, Padre Itan Pereira da. Ave-Maria. **GDS e CDS em Revista**, Caicó, p. 28, 23 jul. 2005.

TEIXEIRA, Anísio. A longa revolução do nosso tempo. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 109, p. 11-26, jan./maio. 1968.

Artigos em jornais

BINGO DE JEEP E DE OUTROS PRÊMIOS. **A Folha**, Caicó, p. 1, 19 nov. 1960.

D. EUGÊNIO SALES À REPORTAGEM: a fome pode levar a população ao imprevisível. **A República**, Natal, p. 1, 28 mar. 1958.

D. EUGÊNIO SALES, fará ao Sr. Juscelino Kubitschek uma completa exposição da situação do Estado. **A República**, Natal, p. 1, 4 maio 1958.

COLI, Jorge. O ser no aparecer. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 9, 2 abr. 2006. (Caderno Mais).

CONCEDIDA AUTORIZAÇÃO PARA FUNCIONAMENTO DA EMISSORA DE EDUCAÇÃO RURAL. KUBITSCHKEK, Juscelino. [telegrama], 21 maio 1958. **A República**, Natal, p. 1, 22 maio. 1958.

EDUCAÇÃO DE BASE TREINA EQUIPE PARA TODO O ESTADO. **A Ordem**, Natal, p. 6, 6 maio 1963.

EDUCAR PARA MUDAR – MEB. **A Folha**, Caicó, p. 2, 13 jul. 1963.

_____. **A Folha**, Caicó, p. 2, 20 jul. 1963.

REPERCUTE O PROGRAMA EDUCATIVO DA EMISSORA RURAL. **A República**, Natal, p. 5, 03 jul. 1959.

EMISSORA DE EDUCAÇÃO RURAL. **A República**, Natal, p. 6, 16 mar. 1958.

EMISSORA RURAL COMO PARTE DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DE BASE. **A República**, Natal, p. 5, 14 jul. 1959.

MEDEIROS, Cônego José Mario de. Dom Manuel Tavares de Araújo. **Tribuna do Norte**, Natal, p. 4, 26 fev. 2006.

ÓTIMA INICIATIVA. **A Folha**, Caicó, p. 1, 22 jul. 1961.

PELA RÁDIO RURAL. **A Folha**, Caicó, p. 1, 5 ago. 1961.

_____. **A Folha**, Caicó, p. 6, 12 ago. 1961.

PERERIA, Padre Itan. A Rádio de Caicó (II). **A Folha**, Caicó, p. 1, 19 nov. 1960.

ROCHA, Dom Jaime Vieira. Dom Manuel Tavares de Araújo. **Notícias CNBB Nordeste 2**, Recife, p. 2, abr. 2006.

Livros e documentos da Emissora Rural de Caicó

ARAÚJO, Antenor Salvino de. **Depoimento**. Rádio Rural AM 830 – 40 anos: 1963-2003. Caicó, 2003. CD de áudio (60 min), estéreo.

ARAÚJO, Ausônio Tércio de. **Apresentação**. Rádio Rural AM 830 – 40 anos: 1963-2003. Caicó, 2003. 1 CD de áudio (60 min), estéreo.

ARAÚJO, João Samuel de. **Depoimento**. Rádio Rural AM 830 – 40 anos: 1963-2003. Caicó, 2003. CD de áudio (60 min), estéreo.

ARAÚJO, Dom Manuel Tavares de. **Depoimento**. Rádio Rural AM 830 – 40 anos: 1963-2003. Caicó, 2003. CD de áudio (60 min), estéreo.

BARROS, José Lucas de. **Depoimento**. Rádio Rural AM 830 – 40 anos: 1963-2003. Caicó, 2003. CD de áudio (60 min), estéreo.

BATISTA FILHO, João. **Depoimento**. Rádio Rural AM 830 – 40 anos: 1963-2003. Caicó, 2003. CD de áudio (60 min), estéreo.

BATISTA FILHO, João; ELIAS, Francisco. **Abertura da programação**. Rádio Rural AM 830 – 40 anos: 1963-2003. Caicó, 2003. CD de áudio (60 min), estéreo.

BEZERRA, José. **Depoimento**. Rádio Rural AM 830 – 40 anos: 1963-2003. Caicó, 2003. CD de áudio (60 min), estéreo.

CAICÓ. EMISSORA DE EDUCAÇÃO RURAL. **Livro de atas da história da Emissora de Educação Rural de Caicó**. Caicó, 1963. (Manuscrito).

_____. **ESTATUTOS DA FUNDAÇÃO EDUCACIONAL SANTANA**, Caicó, 06 set. 1979. (Datilografado).

ELIAS, Francisco. **Depoimento**. Rádio Rural AM 830 – 40 anos: 1963-2003. Caicó, 2003. CD de áudio (60 min), estéreo.

GERÔNCIO, José; GURGEL, Salomão; FLORENCIO, Pedro. **Jornal falado rural**. Caicó-RN, 1º maio 1965. (Datilografado) Edição especial, comemorativa ao segundo aniversário da Emissora de Educação Rural de Caicó.

MOTA, Chico; NASCIMENTO, Cícero. **Sextilhas**. Rádio Rural AM 830 – 40 anos: 1963-2003. Caicó, 2003. 1 CD de áudio (60 min), estéreo.

NÓBREGA, Ozede. **Depoimento**. Rádio Rural AM 830 – 40 anos: 1963-2003. Caicó, 2003. CD de áudio (60 min), estéreo.

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA EMISSORA RURAL DE CAICÓ NO ANO DE 1963, Caicó, 1963. (Datilografado).

SILVA, Itan Pereira da. **Livro de Atas da História da Emissora de Educação Rural de Caicó**. Caicó, 1963. (Manuscrito).

Documentos educacionais, eclesiásticos e oficiais da Igreja Católica

BISPOS DA AMÉRICA LATINA. **Conclusões de Medellín**. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

CÂMARA, Helder Dom. Discurso. In: ENCONTRO DOS BISPOS DO NORDESTE, 1., 1956, Campina Grande. **Anais...** Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1960.

CNBB. **Plano de emergência para a Igreja do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Dom Bosco, 1963.

COMMUNIO ET PROGRESSIO. Instrução pastoral sobre os meios de comunicação social. In: DARIVA, Noemi. (Org.). **Comunicação social da igreja**: documentos fundamentais. São Paulo: Paulinas, 2003. (Comemorando os 40 anos do decreto Inter mirifica do Concílio Vaticano II sobre os meios de comunicação social 1963-2003).

DIOCESE DE CAICÓ. **Meio século de fé**. Gráfica União: Natal, 1990.

CAICÓ. Departamento Diocesano de Ação Social – Caicó. **Diário Oficial [do] Estado do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 61, n. 36, p. 3, 14 fev. 1950.

EUGÊNIO, Dom. Administrador Apostólico de Natal; MANUEL, Dom. Bispo de Caicó; GENTIL, Dom. Bispo de Mossoró. Circular da Província Eclesiástica do Rio Grande do Norte – 1962. **Livro de Tombo da Diocese de Caicó**. Caicó, 30 jul. 1941. (Manuscrito).

GAUDIUM ET SPES. Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. In: **Vaticano II**: mensagens, discursos, documentos. Tradução Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 1998.

INTER MIRIFICA. Decreto sobre os meios de comunicação social (Concílio Vaticano II). In: DARIVA, Noemi. (Org.). **Comunicação social da igreja**: documentos fundamentais. São Paulo: Paulinas, 2003. (Comemorando os 40 anos do decreto Inter mirifica do Concílio Vaticano II sobre os meios de comunicação social 1963-2003).

JOÃO XXIII. Constituição apostólica *humanae salutis*. Convocação do concílio ecumênico Vaticano II. In: **Vaticano II**: mensagens, discursos, documentos. Tradução Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. **Pacem in Terris**: carta encíclica de sua santidade o Papa João XXIII sobre a paz de todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade. 6 ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. **Mater et Magistra**: carta encíclica de sua santidade o Papa João XXIII sobre a evolução da questão social à luz da doutrina cristã. 12 ed. São Paulo: Paulinas, 2004a.

LEÃO XIII. **Rerum Novarum**: carta encíclica de sua santidade o Papa Leão XIII sobre a condição dos operários. Tradução Manuel Alves da Silva S.J. 14 ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

MIRANDA PRORSUS: carta encíclica do Papa Pio XII sobre cinema, rádio e televisão. In: DARIVA, Noemi. (Org.). **Comunicação social da igreja**: documentos fundamentais.

São Paulo: Paulinas, 2003. (Comemorando os 40 anos do decreto Inter mirifica do Concílio Vaticano II sobre os meios de comunicação social 1963-2003).

PAULO VI, Papa. **Populorum progressio**: carta encíclica de sua santidade o Papa Paulo VI sobre o desenvolvimento dos povos. Tradução Tipografia Poliglota Vaticana. 12. ed. São Paulo: Paulinas, 1990.

PIO X, Papa. Pascendi dominici gregis: as doutrinas modernistas. **Documentos de Pio X e de Bento XV**. Tradução Darci L. Marin. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. Sacrorum antistitum: providências para combater o perigo do modernismo. **Documentos de Pio X e de Bento XV**. Tradução Darci L. Marin. São Paulo: Paulus, 2002.

PIO XI, Papa. **Quadragesimo Anno**: carta encíclica de sua santidade Pio XI sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem moral em conformidade com a lei evangélica. Tradução Tipografia Poliglota do Vaticano. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. Divini illius magistri: a educação cristã da juventude. **Documentos de Pio XI**. Tradução Darci Marin. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. Ad catholici sacerdotii: o sacerdócio católico. **Documentos de Pio XI**. Tradução Darci Marin. São Paulo: Paulus, 2004.

PIO XII, Papa. La solennità della pentecoste: 50º aniversário da Rerum novarum. **Documentos de Pio XII**. Tradução Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1998.

Documentos do MEB Nacional

MEB. BOLETIM DO MEB. Rio de Janeiro, p. 3, nov. 1965.

_____. ESCOLAS RADIOFÔNICAS DO MEB: notas sobre seus objetivos, sua programação e sobre o desenvolvimento dos alunos. Rio de Janeiro, 1965.

_____. FUNDAMENTAÇÃO. Rio de Janeiro, 1964. Textos complementares para fundamentação filosófica dos livros de leitura Saber para Viver e Viver é Lutar destinados aos professores-locutores e aos produtores de programas educativos do Movimento de Educação de Base.

_____. INSTRUÇÕES. **Documentos legais**. Apostila nº 1. Série A. Rio de Janeiro, [1964].

_____. IV ENCONTRO NACIONAL DE COORDENADORES DO MEB, de 18 out. a 02 nov., Rio de Janeiro, 1966.

- _____. MEB EM CINCO ANOS. 1961-1966. Rio de Janeiro, 1966. (Primeira parte).
- _____. MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE: SUA ORIGEM, SUA AÇÃO E SEU CONTEÚDO. Rio de Janeiro, 1965. (Datilografado).
- _____. MUTIRÃO: primeiro livro de leitura. Ilustração de Hildinha. Rio de Janeiro, 1965.
- _____. MUTIRÃO: segundo livro de leitura. Ilustração de Ziraldo. Rio de Janeiro, 1965a.
- _____. PROGRAMAS PARA AS ESCOLAS RADIOFÔNICAS DO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE, Rio de Janeiro, 1965. (Datilografado).
- _____. REGULAMENTO. **Documentos legais**. Apostila nº 1. Série A. Rio de Janeiro, [1964].
- TÁVORA, Dom José Vicente. **Movimento nacional de educação de base**. [Aracaju], 1961. (Datilografado).
- MEB. VIVER É LUTAR: 2º livro de leitura para adultos. Rio de Janeiro, 1964.

Documentos do MEB Caicó

- APOSTILA CURSO DE COOPERATIVISMO, **1ª Apostila**. Caicó, 1972. (Curso ministrado no período de 13 mar. a 13 de jul. 1972 pelo MEB Caicó, através da Rádio Rural. Fundo da Rádio Rural de Caicó sob a custódia do Laboratório de Documentação Histórica, CERES Caicó, UFRN, Caixa nº 25, datilografado).
- AULA RADIOFÔNICA NA EMISSORA DE EDUCAÇÃO RURAL DE MOSSORÓ, Mossoró (RN), 1963. Aula apresentada em 18.10.1963. (Datilografado).
- AULA RADIOFÔNICA NA EMISSORA DE EDUCAÇÃO RURAL DE NATAL, Natal, 1964. Aula apresentada em 1º.06.1964. In: MEDEIROS, Cacilda Cunha de. **O papel da escola radiofônica na transformação social de comunidades na Arquidiocese de Natal**. 2005. 98f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005. (Anexo 4).
- CURSO DE COOPERATIVISMO. **Resumo em versos**. Caicó-RN, 1972. (Curso ministrado pelo MEB Sistema de Caicó de 13 de mar. a 13 de jul. 1972, através da Rádio Rural e resumido por vários animadores de comunidades e publicado em forma de coletânea, datilografado).

INFORMAÇÃO SOBRE O PROGRAMA DE SUPLETIVO DINÂMICO, Caicó, 20 dez. 1977. Fundo da Rádio Rural de Caicó sob a custódia do Laboratório de Documentação Histórica (LABORDOC), CERES Caicó, UFRN. (Envelope nº 17, Caixa nº 30, datilografado).

MEDEIROS, Expedito Jorge de. **Independência é liberdade**. Cordel, Caicó, 1966. In: Planejamento e descrição das atividades do MEB em várias comunidades. Fundo da Rádio Rural de Caicó sob custódia do Laboratório de Documentação Histórica (LABORDOC), CERES Caicó / UFRN. (Caixa nº 27, documento datilografado).

MEDEIROS, Maria da Guia de. **Curso de higiene e saúde em verso**. Caicó, [1971]. (Material produzido a partir do curso de “Higiene e Saúde” veiculado pelo MEB Caicó pela Rádio Rural).

PROGRAMA CULTURA E ALEGRIA, Caicó, 4 dez. 1976. Documento datilografado em 04 laudas. Fundo da Rádio Rural de Caicó sob a custódia do Laboratório de Documentação Histórica (LABORDOC), CERES Caicó, UFRN. (Caixa nº 22).

RELATÓRIO ANUAL DO MEB CAICÓ 1966, Caicó, jan. 1967. Fundo da Rádio Rural de Caicó sob a custódia do Laboratório de Documentação Histórica (LABORDOC), CERES Caicó, UFRN. (Caixa nº 26, documento datilografado).

RELATÓRIO ANUAL DO MEB CAICÓ 1967, Caicó, 11 jan. 1968. Fundo da Rádio Rural de Caicó sob a custódia do Laboratório de Documentação Histórica (LABORDOC), CERES Caicó, UFRN. (Caixa nº 26, documento datilografado).

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES RADIOFÔNICAS DESENVOLVIDAS PELO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE — MEB — EM COLABORAÇÃO COM A EMISSORA DE EDUCAÇÃO RURAL LTDA., DE 1963 A 1970 (1º semestre), Caicó, 26 jun. 1970. Fundo da Rádio Rural de Caicó sob a custódia do Laboratório de Documentação Histórica (LABORDOC), CERES Caicó, UFRN. (Envelope nº 10, Caixa nº 30, documento datilografado).

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO DE LEVANTAMENTO DO SETOR DE PRODUÇÃO, Caicó, 15 set. 1969. Fundo da Rádio Rural de Caicó sob a custódia do Laboratório de Documentação Histórica (LABORDOC), CERES Caicó, UFRN. (Caixa nº 26, documento datilografado).

RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO DE SAÚDE, Caicó, 20 jun. 1972. Fundo da Rádio Rural de Caicó, sob a custódia do Laboratório de Documentação Histórica (LABORDOC),

CERES Caicó, UFRN. (Envelope nº 05, Caixa Correspondências, documento datilografado).

Correspondências

ARAÚJO, João Samuel de. **Carta**. Caicó, 30 maio 1963. Fundo da Rádio Rural de Caicó sob a custódia do Laboratório de Documentação Histórica, CERES Caicó, UFRN. (Envelope nº 01, Caixa Correspondências).

FÁVERO, Osmar. **Carta**. Rio de Janeiro, 12 maio 1964. Fundo da Rádio Rural de Caicó sob a custódia do Laboratório de Documentação Histórica, CERES Caicó, UFRN. (Envelope sem número, Caixa nº 31).

GOMES, Adeilce. **Carta**. Caicó, 13 fev. 1964. Fundo da Rádio Rural de Caicó sob a custódia do Laboratório de Documentação Histórica, CERES Caicó, UFRN. (Envelope nº 02, Caixa Correspondências).

MEDEIROS, Jurandir Cardoso de. **Carta**. Caicó, 23 ago. 1971. Fundo da Rádio Rural de Caicó sob a custódia do Laboratório de Documentação Histórica, CERES Caicó, UFRN. (Envelope nº 04, Caixa Correspondências. Manuscrito).

SALES, Eugênio de Araújo. Carta enviada a Cacilda e Aidil sobre as escolas radiofônicas. In: MEDEIROS, Cacilda Cunha de. **O papel da escola radiofônica na transformação social de comunidades na Arquidiocese de Natal**. 2005. 92 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

SANTOS, Reinaldo Ricardo dos. **Carta**. Caicó, 20 out. 1970. Fundo da Rádio Rural de Caicó sob a custódia do Laboratório de Documentação Histórica, CERES Caicó, UFRN. (Envelope nº 10, Caixa nº 30, documento datilografado).

SILVA, Raimundo. **Carta**. Caicó, 22 abr. 1964. Fundo da Rádio Rural de Caicó sob a custódia do Laboratório de Documentação Histórica, CERES Caicó, UFRN. (Envelope nº 02, Caixa Correspondências, documento datilografado).

_____. **Carta**. Caicó, 06 maio 1964a. Fundo da Rádio Rural de Caicó sob a custódia do Laboratório de Documentação Histórica, CERES Caicó, UFRN. (Envelope nº 02, Caixa Correspondências, documento datilografado).

_____. **Carta**. Caicó, 21 maio 1964b. Fundo da Rádio Rural de Caicó sob a custódia do Laboratório de Documentação Histórica, CERES Caicó, UFRN. (Envelope nº 02, Caixa Correspondências, documento datilografado).

Textos on line

Brasil. **Decreto nº 50.370, de 21 de março de 1961**. Dispõe sobre um programa de educação de base, e adota medidas necessárias à sua execução através de Escolas Radiofônicas nas áreas subdesenvolvidas do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do País a ser empreendida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Disponível em: www.senado.gov.br. Acesso em: 6. fev. 2005.

_____. **Decreto nº 1.240, de 25 de junho de 1962**. Outorga concessão à Emissora de Educação Rural Limitada para estabelecer uma estação radiofônica de onda média na cidade de Caicó, Estado do Rio Grande do Norte. Disponível em www.senado.gov/legislação. Acesso em: 17 maio 2007.

CASTRO, Ruy. **Roquete Pinto: o homem multidão**. Disponível em: www.radiomec.com.br/roquete_radio/texto.htm. Acesso em: 1º fev. 2005.

CÉSAR (Chico) Francisco. Entrevista por escrito sobre a Emissora de Educação Rural de Caicó. Mensagem recebida por mariolourencoadv@hotmail.com em 25 out. 2007.

CELESTINO, Vicente. **Luar do sertão**. Disponível em: [http:// vicente-celestino-musicas.lettras.terra.com.br/letras](http://vicente-celestino-musicas.lettras.terra.com.br/letras). Acesso em: 05 jul. 2007.

GOMES, Leuman. Comentários sobre programas radiofônicos do MEB Ceará. Mensagem recebida por martaujo@digi.com.br em 13 nov. 2006.

Fontes documentais construídas

AIRES, Aldo. **Relato oral sobre a Emissora de Educação Rural de Caicó e sua programação**. Caicó, 26 fev. 2007. 1 cassete sonoro (60 min).

ALMEIDA, Alcimar de. **Relato oral sobre a Emissora de Educação Rural de Caicó e sua programação**. Natal, 07 mar. 2007. 2 cassetes sonoros (120 min).

ARAÚJO, Ausônio Tércio de. **Relato oral sobre a Emissora de Educação Rural de Caicó.** Caicó, 21 out.2005. 1 cassete sonoro (60 min).

ARAÚJO, Maria Dantas de; ARAÚJO, Osvaldo Oscar. **Relato oral sobre as Escolas Radiofônicas e os programas do Movimento de Educação de Base (MEB), sistema de Caicó (RN).** Natal, 01 maio. 2007. 1 cassete sonoro (60 min).

AZEVEDO, Armando Augusto de. **Relato anotado sobre a Emissora de Educação Rural de Caicó.** Caicó, 20 abr. 2007.

CELESTINO, Paulo. **Relato oral sobre a Emissora de Educação Rural de Caicó e sua programação.** Natal, 03 mar. 2007. 2 cassetes sonoros (120 min).

COSTA, Getúlio. **Relato oral sobre a Emissora de Educação Rural de Caicó e sua programação.** Parelhas, 22 mar. 2007. 1 cassete sonoro (30 min).

COSTA, Maria Socorro Galvão da. **Relato oral sobre a Emissora de Educação Rural de Caicó.** Acari, 14 jun. 2007. 1 cassete sonoro (60 min).

COSTA, Salatiel da. **Relato oral sobre a Emissora de Educação Rural de Caicó e sua programação.** Acari, 14 jun. 2007. 1 cassete sonoro (60 min).

DAMÁSIO, Manoel. **Relato anotado sobre a Emissora de Educação Rural de Caicó.** Caicó, 20 abr. 2007.

DANTAS, Moacir Maurício. **Relato anotado sobre a Emissora de Educação Rural de Caicó.** Caicó, 20 abr. 2007.

GALVÃO, José Celestino. **Relato oral sobre a difusora serviço de publicidade a voz do Seridó e a Emissora de Educação Rural de Caicó.** Natal, 15 set. 2005. 1 cassete sonoro (60 min).

GURGEL, Zélia; LIMA, Maria de Lourdes. **Relato oral sobre as Escolas Radiofônicas e os programas do Movimento de Educação de Base (MEB), sistema de Caicó (RN).** Natal, 07 mar. 2007. 1 cassete sonoro (60 min).

MEDEIROS, Expedito Jorge de. **Relato oral sobre as escolas radiofônicas e os programas do Movimento de Educação de Base (MEB), sistema de Caicó (RN).** Caicó, 28 nov. 2005. 2 cassetes sonoros (90 min).

MEDEIROS, Jurandi Cardoso de. **Relato oral sobre as escolas radiofônicas e os programas do Movimento de Educação de Base (MEB), sistema de Caicó (RN).** Acari, 14 jun. 2007. 1 cassete sonoro (60 min).

MEDEIROS, Maria Floripes de. **Relato oral sobre as escolas radiofônicas do Movimento de Educação de Base (MEB), sistema de Caicó (RN)**. Caicó, 20 jun. 2007. 1 cassete sonoro (30 min).

MEDEIROS FILHO, João. **Relato oral sobre a Emissora de Educação Rural de Caicó e sua programação**. Natal, 02 mar. 2007. 1 cassete sonoro (60 min).

MILITÃO NETO, Pedro. **Relato oral sobre a Emissora de Educação Rural de Caicó e sua programação**. Caicó, 26 fev. 2007. 1 cassete sonoro (30 min).

MORAES, Sebastião Izidro de. **Relato oral sobre as escolas radiofônicas do Movimento de Educação de Base (MEB), Sistema de Caicó (RN)**. Ouro Branco, 29 ago. 2007. 1 cassete sonoro (30 min).

MOTA, Francisco Fernandes da. **Relato oral sobre a Emissora de Educação Rural de Caicó e o programa Violeiros do Seridó**. Caicó, 28 mar. 2007. 1 cassete sonoro (30 min).

NOGUEIRA, Evaldo. **Relato oral sobre a Emissora de Educação Rural de Caicó e sua programação**. Currais Novos, 11 jul. 2007. 1 cassete sonoro (30 min).

PINHEIRO, Salomão Gurgel. **Relato oral sobre a Emissora de Educação Rural de Caicó e sua programação**. Caicó, 01 mar. 2007. 1 cassete sonoro (60 min).

RODRIGUES, Orlando. **Relato oral sobre a Emissora de Educação Rural de Caicó e sua programação**. Caicó, 28 mar. 2007. 1 cassete sonoro (60 min).

SANTOS, Reinaldo Ricardo dos. **Relato oral sobre as Escolas Radiofônicas e sobre o Movimento de Educação de Base (MEB), Sistema de Caicó (RN)**. Santa Cruz, 18. maio 2007. 2 cassetes sonoros (120 min).

SILVA, Raimundo [Sérvulo da]. **Relato oral sobre as escolas radiofônicas e sobre o Movimento de Educação de Base (MEB), Sistema de Caicó (RN)**. Acari, 28 out. 2005. 1 cassete sonoro (60 min).

SILVA, Cristino Jerônimo da. **Relato oral sobre as escolas radiofônicas do Movimento de Educação de Base (MEB), Sistema de Caicó (RN) e da Emissora de Educação Rural de Caicó e sua programação**. Caicó, 20 jun. 2007. 1 cassete sonoro (30 min).



Senado Federal
Subsecretaria de Informações

Decreto Nº 1.240, DE 25 DE JUNHO DE 1962.

Outorga concessão à Emissora de Educação Rural Limitada, para estabelecer uma estação radiodifusora de onda média na cidade de Caicó. Estado do Rio Grande do Norte.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE MINISTROS, usando da atribuição que lhe confere o Art. 18, nº III, do Ato Adicional à Constituição Federal, constante da Emenda Constitucional nº 4,

Decreta:

Art. 1º Fica outorgada concessão à Emissora de Educação Rural Limitada, nos termos do art. 11 do Decreto número 24.655, de 11 de julho de 1934, para estabelecer, a título precário na cidade de Caicó, Estado do Rio Grande do Norte, sem direito a exclusividade, uma estação de radiodifusão em onda média, de acordo com as cláusulas que com este baixam, rubricadas pelo Ministro da Justiça e Negócios Interiores.

§ 1º A referida estação de radiodifusão e suas instalações complementares obedecerão às normas constantes do Decreto nº 31.835, de 21 de novembro de 1952.

§ 2º Dentro do prazo de sessenta (60) dias a contar da data da publicação deste Decreto no *Diário Oficial*, deverá ser assinado o contrato de concessão, sob pena de ficar sem efeito a presente outorga.

Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília - DF, em 25 de junho de 1962; 141º da Independência e 74º da República.

TANCREDO NEVES

Alfredo Nasser

Termo de Abertura

Será este livro de 200
fls. para a anotação da
História da Emissora Rural
de Caicó.

J. H. S. Pereira - Diretor
Caicó, 1 de Maio de 1963.

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE

Rua Otavio Lamartine- 603
Caicó- Rio Grande do Norte

30 de maio de 1963

Osnar,

Conforme ficou planejado no estágio de Natal, iniciamos o nosso trabalho no dia 21 deste. Estamos fazendo o levantamento das primeiras áreas e animados com o trabalho. No dia 21 telegrafamos pela western para você sobre o transporte para o nosso Serviço e até o momento não recebemos resposta. O Sr. Bispo Diocesano tem nos cedi- do o transporte das Obras Sociais da diocese para o nosso trabalho, mas não interessa como supunhamos, vender o referido transporte para o nosso sistema. Procuramos então cogitar do preço de uma Rural Willys 63, e na Agência local seria Cr\$ 2.000.000,00 (dois milhões de cruzei- ros até 1º de junho e com acrescimo de 15% a partir do dia 2. Aguardamos uma resposta sobre o caso em referencia.

Iara telegrafou tambem pela western, dizendo que poderia dar o expediente integral de 6 horas como o Meb exige.

Anexamos a esta o orçamento do equipamento a ser aqui confecciona- do, previsto no planejamento do estágio em Natal, conforme ficou combina- do. Da aludida relação consta tambem o equipamento que será remetido pelo Nacional. Junto ao gravador já em nosso poder, vieram apenas 2 fitas

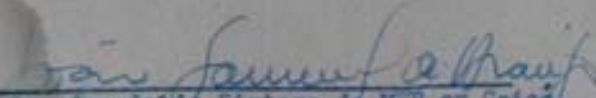
Juntamos tambem a esta, a discriminação das verbas para as despesas previstas, acrescentando apenas uma despesa não prevista no planejamento inicial, destinada a aquisição de ferramenta para a viatura.

Levamos ainda ao seu conhecimento que o motorista constante da rela- ção de pessoal iniciará o trabalho no dia 1º de junho próximo.

A Equipe toda iniciou o trabalho no dia estabelecido.

Pela atenção que nos for dispensada, somos agradecidos.

Desejando-lhe felicidades extensivas a Lourdinha, aqui fica aguardan- do as suas ordens,


Coordenador do Sistema do MEB em Caicó.